



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**MORTE NO JORNALISMO: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO DE  
OBITUÁRIOS DO JORNAL ZERO HORA**

Natalia Ribeiro

Lajeado, novembro de 2015

Natalia Ribeiro

**MORTE NO JORNALISMO: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO DE  
OBITUÁRIOS DO JORNAL ZERO HORA**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Ma. Rozana Ellwanger

Lajeado, novembro de 2015

Natalia Ribeiro

**MORTE NO JORNALISMO: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO DE  
OBITUÁRIOS DO JORNAL ZERO HORA**

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Profa Ma. Rozana Ellwanger– Orientador  
Centro Universitário UNIVATES

Profa. Dra. Jane Márcia Mazzarino  
Centro Universitário UNIVATES

Prof. Dr. Flávio Roberto Meurer  
Centro Universitário UNIVATES

Lajeado, novembro de 2015

Dedico este trabalho aos meus pais, Vanderlei e Neuza Ribeiro, e aos meus irmãos, Amanda e Natanael Ribeiro, que não medem esforços para auxiliar em minha formação pessoal e profissional.

## RESUMO

Esta monografia tem o objetivo principal de analisar a publicação de mortes no Jornal Zero Hora. O trabalho busca conceituar a morte e como as pessoas se relacionam com ela, além de verificar conceitos jornalísticos fundamentais para apurar de que forma a morte é noticiada. Para tanto, é realizada análise da rotina produtiva da seção de obituários. O trabalho também verifica as características dos textos e de que forma os leitores se relacionam com a publicação dos falecimentos. Utiliza-se predominantemente a pesquisa qualitativa, com pesquisa de campo, documental e bibliográfica. O tratamento dos dados, especialmente na análise dos textos e de entrevistas, ocorre pela análise textual. Os dados são coletados a partir de observação na seção de obituários nos dias 18, 19, 20 e 23 de agosto de 2015, e de entrevistas com os editores e as redatoras da seção, que permitem constatar que os textos geralmente são produzidos de maneira independente, seguindo regras fundamentais para textos informativos. A análise dos textos mostra ainda que homens e mulheres são tratados de maneiras diferentes: enquanto eles são destacados pelas suas profissões, elas são lembradas pelas atividades domésticas. A aplicação de 170 questionários com leitores escolhidos aleatoriamente em Lajeado e Porto Alegre permite conhecer o público que lê a seção, e mostra que pessoas nas faixas de 41 a 50 anos e 71 a 80 anos são as que mais acompanham os obituários de Zero Hora.

**Palavras-chave:** Morte. Jornalismo. Obituários. Zero Hora. Análise textual. Rotina produtiva. Pesquisa de recepção.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Discriminação da amostra por faixa etária .....	144
Gráfico 2 – Relação de pessoas que aprovam e desaprovam a publicação por faixa etária .....	147
Gráfico 3 – Relação entre a faixa etária dos entrevistados e o percentual que conhece a seção .....	149
Gráfico 4 – Dentre os que leem a seção, frequência com que o fazem .....	154
Gráfico 5 – Elemento que desperta a atenção dos leitores da seção .....	159
Gráfico 6 – O que os leitores da seção pensam ou sentem ao lê-la .....	162
Gráfico 7 – Posicionamento dos entrevistados sobre a publicação de sua morte...	167

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados.....	144
Tabela 2 – Entrevistados que aprovam a publicação de notícias de morte.....	146
Tabela 3 – Entrevistados que desaprovam a publicação de notícias de morte.....	146
Tabela 4 – Entrevistados que conhecem a seção de obituários de Zero Hora.....	148
Tabela 5 – Entrevistados que desconhecem a seção de obituários de Zero Hora..	148
Tabela 6 – Entrevistados que leem a seção com frequência.....	149
Tabela 7 – Entrevistados que não leem a seção com frequência.....	150
Tabela 8 – Amostra que lê a seção de obituários diariamente.....	150
Tabela 9 – Lê somente quando morre um famoso.....	151
Tabela 10 – Lê a seção uma vez na semana.....	151
Tabela 11 – Amostra que lê a seção três vezes por semana.....	152
Tabela 12 – Entrevistados que leem a seção somente ao fim de semana.....	152
Tabela 13 – Amostra que lê a seção pelo menos uma vez ao mês.....	153
Tabela 14 – Leitores que consideram o texto dos obituários de fácil compreensão	155
Tabela 15 – Entrevistados que consideram o texto de difícil compreensão.....	156
Tabela 16 – Leitores atraídos para os obituários através do título.....	156
Tabela 17 – Amostra atraída ao obituário pelo texto.....	157
Tabela 18 – Leitores atraídos pela foto do morto.....	157
Tabela 19 – Amostra atraída ao obituário pela sua localização no jornal.....	158
Tabela 20 – Entrevistados que já encaminharam mortes para serem publicadas na seção.....	160
Tabela 21 – Entrevistados que nunca encaminharam falecimentos à seção.....	160

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1 Problemas .....	10
1.2 Hipótese .....	10
1.3 Objetivos .....	12
1.4 Justificativa.....	13
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1 As fases da morte perante a sociedade ocidental.....	15
2.2 Ritos de morte na atualidade .....	20
2.3 A morte retratada através da escrita .....	24
2.4 Jornalismo e morte .....	26
2.5 Linguagem Jornalística .....	28
2.6 Normas para redação jornalística .....	29
2.7 Gêneros Jornalísticos.....	30
2.8 Os gêneros jornalísticos do século XVII ao XXI .....	35
2.9 Esmiuçando os gêneros jornalísticos .....	38
2.9.1 Gênero informativo: a base do jornalismo.....	39
2.9.2 Gênero Opinitivo: a liberdade de ideias no jornalismo.....	45
2.9.3 Gênero Interpretativo: o exercício da interpretação pelo jornalista e o leitor.....	54
2.9.4 Gênero Diversional: a informação como entretenimento .....	58
2.9.5 Gênero Utilitário: o jornalismo de serviço .....	61
<b>3 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E ROTINA PRODUTIVA NO JORNALISMO .....</b>	<b>64</b>
3.1 A redação de notícias de morte .....	68
3.2 Diante da morte dos outros.....	69
<b>4 MÉTODO.....</b>	<b>72</b>
4.1 Pesquisa qualitativa .....	73
4.2 Pesquisa quanto aos fins e ao meio.....	73
4.3 Rotina Produtiva.....	74
4.4 Entrevistas com os envolvidos no processo produtivo .....	76

4.5 Análise do produto.....	77
4.6 Pesquisa de recepção.....	79
5 Análise da rotina produtiva .....	81
5.1 Primeiro dia de observação: 18 de agosto de 2015, terça-feira .....	81
5.1.1 Morte a morte.....	87
5.2 Segundo dia de observação: 19 de agosto de 2015, quarta-feira .....	100
5.2.1 Morte a morte.....	101
5.3 Terceiro dia de observação: 20 de agosto de 2015, quinta-feira.....	115
5.3.1 Morte a morte.....	116
5.4 Quarto dia de observação: 23 de agosto de 2015, domingo .....	127
5.4.1 Morte a morte.....	129
6 ANÁLISE DE RECEPÇÃO .....	143
7 CONCLUSÃO .....	170
REFERÊNCIAS.....	179
ANEXOS .....	184
ANEXO A – Entrevista 1.....	185
ANEXO B – Entrevista 2.....	190
ANEXO C – Entrevista 3.....	195
ANEXO D – Entrevista 4.....	198
ANEXO E – Seção de obituários .....	204
APÊNDICES .....	209
APÊNDICE A – Questionário .....	210

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a publicação dos primeiros jornais, os veículos de mídia impressa reúnem informações do cotidiano, notícias que tratam de assuntos de interesse público e despertam a atenção do leitor. Além de informar, os folhetins priorizam conteúdos que garantem a empatia dos leitores. Para alcançar o interesse da comunidade, o jornal baseia as suas publicações em critérios de noticiabilidade.

Temas como trânsito, política, economia e entretenimento ocupam as páginas dos impressos. A morte, por sua vez, está entre os temas abordados pelos jornais. Situação corriqueira na vida das pessoas, ela, além de estar presente na editoria policial, aparece através das notas de falecimento.

As mortes estão no impresso desde o início da sua publicação. O assunto desperta o interesse dos leitores que, curiosos pela identidade dos falecidos, são atraídos pela seção dos obituários.

Os textos dessa categoria são multiformes: podem ter estilo literário, serem estritamente informativos ou até concisos, no formato de notas. As suas características podem depender de orientações dos familiares, desejos expressos pelo morto em vida ou escolhas dos jornalistas.

## 1.1 Problemas

As perguntas que norteiam esse estudo se voltam à publicação de falecimentos nos impressos, especialmente na seção de obituários do Jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Para tanto, questionamos como é a publicação dos obituários no Jornal Zero Hora: como é a rotina produtiva, no que tange à publicação desses materiais, quais são as características dos textos e o que os leitores pensam sobre sua publicação.

A pesquisa questiona a maneira como os textos são escritos e como cada material é produzido, verificando se os redatores se utilizam de alguma regra jornalística para escrever os textos.

Outra dúvida diz respeito à aprovação do material produzido para o obituário. Os textos, depois de prontos, passam pela aprovação daquele que encaminhou a nota de falecimento à redação?

O trabalho questiona ainda se o jornal tem pré-requisitos para publicar os obituários. Da mesma forma, pergunta se há um limite de falecimentos a serem publicados e, no caso de ultrapassar esse número, quais os critérios de seleção.

## 1.2 Hipótese

Para realizar a publicação dos registros de falecimentos na seção de obituários, os jornais dependem do auxílio dos familiares do falecido. Eles representam o elo entre o veículo de comunicação e o morto. As notas são encaminhadas por eles e isso pode ser feito através de telefone, e-mail, ou, ainda, pessoalmente. Além de comunicarem os redatores sobre a morte, os familiares colaboram com informações complementares, respondendo aos questionamentos feitos pelos jornalistas durante a elaboração do obituário.

Para redigir os textos a serem publicados na seção, os profissionais se utilizam das informações prestadas pelos familiares do falecido. Por se tratar da história de uma vida, os textos são carregados de personalidade. Apesar de contarem com aspectos muito particulares, os textos dos obituários geralmente

iniciam com o *Lead*, uma regra jornalística com a qual se procura responder seis perguntas: o que, quem, quando, porque, como e onde. Mas isso não é uma regra. Os textos podem iniciar de outra maneira e responderem os seis questionamentos ao longo dos parágrafos.

Depois de escritos, os textos são encaminhados à aprovação dos familiares. Eles devem autorizar a publicação. Caso contrário, o obituário deve ser reescrito de acordo com os apontamentos feitos pelos parentes do falecido.

Para serem publicados na seção de obituários, os registros de falecimentos devem obedecer a um pré-requisito, que trata do período de tempo em que a morte ocorreu. Serão publicados apenas os falecimentos encaminhados até um mês após o óbito.

Porém, como há um espaço limitado no jornal para a seção de obituários, o número de textos a serem publicados deve ser pensado de acordo com o espaço disponível. Para uma estimativa de quantas notícias produzirem, os redatores levam em consideração as mortes de maior relevância à sociedade. Dessa forma, serão priorizados os falecimentos de famosos. A partir dessa análise será avaliado o espaço que restou na seção. As notas que não forem incluídas na publicação serão reservadas para o dia seguinte.

A seção de obituários foi inserida nos jornais assim que as primeiras edições começaram a ser impressas. Da mesma forma que temas como economia, política e educação despertavam a atenção dos leitores, a morte aguçava a curiosidade das pessoas. Por esse motivo, os jornais iniciaram a publicação das notas de falecimento e também notícias de morte. Através delas a população tinha acesso aos fatos que circundavam a morte como, por exemplo, a sua causa, o nome dos familiares do morto, local e horário do velório e sepultamento.

Desta forma, parte-se da hipótese de que os jornalistas não buscam as matérias – pelo contrário, seu trabalho se baseia no recebimento de dados e depende da iniciativa dos leitores – e seus textos devem ser aprovados por familiares dos mortos antes da publicação. Com relação aos textos, acredita-se serem matérias informativas, seguindo a estrutura tradicional de pirâmide invertida. Tem-se ainda a hipótese de que por mais corriqueira que ela seja, a publicação de

notícias de morte no jornal comove os leitores, mesmo aqueles que não conheciam o falecido.

### **1.3 Objetivos**

O trabalho tem como objetivo geral apurar como transcorre a rotina produtiva da seção de obituários de Zero Hora, desde o recebimento até a publicação do falecimento.

Como objetivos específicos, o estudo apresenta os seguintes temas:

- a) Analisar como são escritos os textos da seção de obituários do jornal Zero Hora;
- b) Apurar como os textos são escritos e se são empregadas regras jornalísticas no processo de escrita;
- c) Verificar se o texto passa pela aprovação de algum familiar do falecido depois de escrita;
- d) Averiguar se há algum tipo de pré-requisito para que os textos de obituários sejam publicadas em Zero Hora;
- e) Apurar se há limite de espaço na seção de obituários para publicação dos textos;
- f) Elencar as principais características dos textos dos obituários;
- g) Verificar de que forma os leitores se relacionam com a publicação da morte nos obituários da Zero Hora.

Para isso, o trabalho acompanha o trabalho na seção de obituários do jornal Zero Hora nos dias 18, 19, 20 e 23 de agosto de 2015, analisa o material publicado nestas edições e verifica, através de questionários, como os leitores se relacionam com a seção.

#### 1.4 Justificativa

A morte, assim como a vida, é uma das únicas certezas da existência humana. A finitude é real. Porém, apesar de termos consciência de que não viveremos para sempre, a morte aguça curiosidade. A peculiaridade do tema motiva essa pesquisa, que trata a morte sob o olhar do jornalismo, ao abordar como são publicadas as notícias de morte no jornal Zero Hora.

A maioria das notícias publicadas em jornais tem caráter informativo e, por vezes, servem como notas de utilidade pública e prestação de serviço à comunidade. Com a morte não é diferente, pois se trata de um acontecimento social. As notas de falecimento publicadas em jornais informam sobre os óbitos ocorridos, data, horário e local do velório. O estudo mostra-se relevante por analisar o caráter informativo empregado nos obituários.

Além disso, ao tratar desse tema, aborda-se um “tabu” à sociedade. Alguns veículos de comunicação evitam trazer a morte em suas páginas, pois se trata de um assunto, por vezes, dramático.

Os estudos que tratam da morte como fator noticioso são escassos. Os trabalhos que se propõem a analisar a inserção dos obituários nos jornais ainda mais. Dessa forma, esse projeto contribui para a comunicação no que tange ao ineditismo e engrandece o material de pesquisa relacionado ao anúncio de mortes no impresso.

O jornalismo comporta vários gêneros, linguagens e categorias. Estudar o jornalismo e produzir material acadêmico estimula conhecimento sobre a área. A pesquisa sobre a inserção dos obituários nos jornais é relevante, pois aborda uma temática pouco difundida nos projetos de pesquisa, artigos acadêmicos e trabalhos de conclusão.

Nesse aspecto, é possível analisar os tipos de textos utilizados nas publicações, situação que, como citado anteriormente, aprofunda a pesquisa em uma área pouco explorada no jornalismo: a de publicações de falecimentos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para falar acerca da inserção das notícias que tratam sobre a morte nos jornais, é necessário inicialmente abordar o óbito. A relação do homem com a morte mudou ao longo do tempo. Passou de uma etapa de contemplação, quando as pessoas morriam em casa e eram rodeadas de pessoas durante a enfermidade, para um período em que muitos rejeitam o simples fato de falar sobre o falecimento.

A morte está para o homem assim como a vida. O fim da existência terrena é tão real quanto o nascimento. Para Guandalini (2010, p. 4) a morte ocupa “uma posição básica na existência da humanidade. O homem é o único ser vivo que pensa a sua existência, conseqüentemente, na sua morte”. Os humanos pensam sobre a morte, pois todos estão fadados à finitude. Kóvacs (2002, p. 2) entende que “entrelaçamos vida e morte durante todo o nosso processo de desenvolvimento vital”. Dessa forma, de acordo com Giacoia (2005, p. 13), “se considerado no inteiro conjunto da natureza, o homem é o único animal metafísico – e ele o é porque sua condição existencial lhe proporciona esse privilégio suspeito: o de ser o único animal que sabe por antecipação da própria morte”.

Apesar de ter conhecimento sobre a morte, o homem a observa como sendo um tabu. Portanto, compreender essa reação do próprio corpo é quase impossível. Sobre isso, Morin (1970) destaca que para o ser humano – mais do que às outras criaturas – a morte tem um peso crucial em todas as atividades que exerce. Segundo o autor, não há aquele que, em algum momento da sua vida, não tenha se questionado sobre a morte e com ela se preocupado. Isso acontece porque “o homem sofre para além do presente, nas dimensões do passado e do futuro, e se

pergunta pelo sentido de sua existência - exatamente porque sua única certeza é a de estar destinado a morrer” (GIACOIA 2005, p. 13).

Consciente daquilo que o espera, o homem se prepara durante toda a vida para enfrentar a morte. Ele está disposto a confrontar esse momento, pensando que “podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida” (ELIAS, 2001, p. 7).

Porém, mesmo conscientes de que a morte alcançará a todos aqueles que vivem, as pessoas desenvolvem formas de compreensão íntima e, portanto, particulares, para compreendê-la. Ariés (2003, p. 25) relata que “a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo. Aparece como acrônica. Entretanto, em certos momentos intervêm mudanças, frequentemente lentas, por vezes despercebidas”.

## **2.1 As fases da morte perante a sociedade ocidental**

A morte é um ritual de passagem que atinge a todos os seres, independentemente de seu gênero ou classe. Apesar de muitos temerem a morte, esse processo é irreversível. A constatação de que a finitude é real para todos fez com que as organizações sociais desenvolvessem meios próprios para enterrar os seus mortos. Os métodos variam de acordo com as crenças e costumes de cada povo. Sobre isso, Guandalini (2010, p. 5) entende que “apesar de os homens temerem a morte, eles encontravam maneiras peculiares de se relacionarem com ela”.

Antes de tratar sobre a incorporação da morte em cada grupo, faz-se necessário pensar que o falecimento tem sentidos que, por vezes, se assemelham entre as organizações. Sendo que as “idéias [sic] de morte e os rituais correspondentes tornam-se aspectos de socialização. Idéias [sic] e ritos comuns unem pessoas; no caso de serem divergentes, separam grupos” (ELIAS 2001, p. 12).

A morte é vista, antes de tudo, como transpasse, travessia, ultrapassagem de fronteira, de modo que os cerimoniais fúnebres e as diferentes formas de edificações, inscrições funerárias, toda a ideologia presente nas representações pictóricas e esculturais da morte - ainda que variando de acordo com o enquadramento cultural distinto em que se inscrevem na história dos povos -, assumem a mesma função social de partes integrantes de rituais de passagem (GIACCOIA, 2005, p. 14).

Cada grupo cultural, portanto, desenvolveu o seu próprio sistema fúnebre, sendo que os rituais de morte passaram a integrar a maior parte das organizações. Apesar de divergir, o sentido da morte não mudou para cada grupo. Giacoia (2005, p. 14) explica que:

Nas principais civilizações da antiguidade, e a despeito de suas diferenças essenciais quanto ao significado ético-religioso da morte, esta se apresenta sempre como um limiar intransponível, uma fronteira que delimita uma região de sombras definitivamente inacessível para os vivos.

Sendo assim, a imutabilidade do óbito atinge a qualquer organização social, pois a morte alcança a todos os seres.

A sociedade mesopotâmica, por exemplo, sepultava os seus mortos junto de objetos pessoais que tiveram algum significado em vida. Para esse grupo, a morte representava uma passagem e por isso, itens como roupas e comida eram enterrados junto do falecido.

Já os gregos tinham como objetivo estabelecer uma nova condição existencial dos defuntos. Para isso, seguiam o ritual de cremação dos corpos. Porém, o rito não era o mesmo para toda a população. Eram dois os tipos de ritos, para os mortos “comuns” e para os heróis. “Os primeiros eram cremados e enterrados coletivamente em valas, uma vez que eram vistos como simples mortais” (CAPUTO, 2008, p. 74).

Guandalini (2010) conta que no Antigo Egito, por volta de 1550 e 1070 a.C., o Livro dos Mortos era usado como forma de auxiliar as pessoas em sua passagem para um novo mundo. A intenção do grupo era de afastar qualquer perigo que o moribundo pudesse encontrar nessa trajetória. Os ensinamentos eram escritos em rolos de papiro e colocados junto às múmias. Os egípcios representam um dos povos mais preocupados com os ritos de morte, sendo que “foi justamente no Egito que esse enfoque de que a sorte dos mortos dependia do valor da conduta moral enquanto vivo ocorreu pela primeira vez na história da humanidade” (GUANDALINI, 2010, p. 7).

Assim como os povos, as religiões, que também integram a ideia de organizações sociais, têm diferentes formas de enterrar os seus mortos. Caputo (2008) conta que os hindus e os gregos tinham como costume incinerar os corpos. As cinzas eram “cuidadosamente guardadas como memória dos mortos” (GIACOIA, 2005, p. 16).

Apesar de práticas semelhantes, os grupos divergiam em seus objetivos. Enquanto os gregos cremavam os corpos com a intenção de guardar as cinzas e, conseqüentemente, as memórias daqueles que partiram, os hindus tinham como objetivo despojar a identidade do falecido através da cremação.

Nesse caso, as cinzas eram jogadas ao vento objetivando o traslado do corpo a um novo plano da existência.

O cadáver não era conservado com as marcas de sua identidade, personalidade e inserção social, mas completamente consumido pelo fogo, destruído até às [sic] cinzas, que eram lançadas ao vento, ou nas águas dos rios, sendo o morto despojado de todos os seus traços identitários (GIACOIA, 2005, p. 16).

Os cristãos, por sua vez, pensam na morte como uma passagem para uma nova dimensão espiritual. Esse pensamento se estende ainda aos judeus que creem na ressurreição. As crenças estabelecem o paraíso e o inferno como uma transposição dos atos em vida, além de ensinarem que os corpos permanecerão em sono profundo até a ressurreição ou retorno de Jesus Cristo à Terra. A partir da crença, os corpos são depositados em túmulos, onde devem permanecer até a volta do filho de Deus.

Caputo (2008, p. 75) explica que a sociedade ocidental tem as suas raízes na civilização grega, considerada como o berço do judaísmo e do cristianismo. As características do judaísmo e do cristianismo teriam exercido influência desde a Idade Média até a Idade Contemporânea. No livro *História da Morte no Ocidente*, Ariés (2003) determina quatro fases para o culto e estudo da morte perante a sociedade ocidental. São elas: “a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro e a morte interdita”.

Conforme Ariés (2003), a morte domada faz referência ao óbito anunciado no período medieval, em que o doente era advertido sobre quanto tempo de vida lhe

restava. O aviso era emitido através de signos naturais, e não premonições. A morte era aguardada no leito.

Nessa fase, o óbito se tornou uma cerimônia pública e organizada. A pessoa que estava desfalecida seria a responsável pela organização da cerimônia. Isso se tornava possível nos casos em que o moribundo era avisado previamente sobre o seu estado de saúde e acerca de quanto tempo de vida ainda o restava. Nessa fase a maioria das mortes era anunciada. A despedida tomava caráter de acontecimento público e transcorria no quarto do próprio enfermo.

Conscientes de que o fim estava próximo, alguns dos moribundos aproveitavam-se da ocasião para desculpar-se de alguma possível desavença. Parentes, vizinhos, amigos e até crianças participavam do ato. “Não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças” (ARIÉS, 2003, p. 34).

Apesar da proximidade com a morte, no período de óbito domado a população esboçava medo do contato com os mortos. Por isso, mantinham certa distância do leito de morte e construíam cemitérios em locais afastados dos grandes centros.

Ainda nessa fase, por intermédio de São João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla e representante da fé católica, os corpos passaram a ser enterrados nos pátios das igrejas. O modelo de sepultamento foi adotado por volta de 540 d. C. Os templos eram construídos especificadamente para esta finalidade, com a intenção de afastar os mortos do inferno. Caputo (2008, p. 76) conta que neste período “os corpos eram colocados somente com os sudários (sem caixão) em grandes valas, nas quais eram depositados vários cadáveres”.

Na morte de si mesmo, estabelecida por Ariés (2003) entre os séculos XV e XII, a civilização ocidental manteve determinados rituais relacionados à morte, porém, modificou outros. Nesse período o homem não cogitava evitar a morte, apenas a aceitava. Entre modificações, foram adotados símbolos que representassem o julgamento de Deus aos humanos. Os túmulos, por exemplo, contavam com imagens que reportavam ao livro de Apocalipse, que trata sobre o juízo final.

Os rituais de despedida dos mortos ganharam força através de alianças com a igreja. Mais do que nunca, as pessoas tinham zelo pelos relatos bíblicos que apontavam a finitude humana. A crença não era de vida após a morte, mas de uma conexão entre o falecimento e o final dos tempos. Para Caputo (2008) a morte tinha dois resultados nesse período: descida ao inferno, com a ideia de sofrimento eterno, ou a ascensão aos céus. O autor relata ainda que a crença dizia que o destino do morto dependeria da sua conduta antes da morte.

A morte do outro, por sua vez, é caracterizada pelo autor como um novo sentido à morte, constatado a partir do século XVIII. Nesse período, há a exaltação do óbito, acrescido de drama. A morte do outro passa a ser romântica, em um período em que a saudade do falecido e a dramatização pelo ocorrido se tornam o novo modo de culto à memória daquele que partiu. Guandalini (2010, p. 16) ressalta ainda que “o aspecto do sagrado estava inserido no contexto da época. A salvação depois da morte dependia da proximidade com lugares, objetos e indivíduos que representavam este aspecto”. Segundo o autor, isso explica a utilização de símbolos durante o ritual de passagem.

Outra diferenciação desse ciclo é a ligação estabelecida entre o erotismo e a morte. Tanto a literatura, quanto as músicas e demais manifestações de arte, representavam o óbito como espetáculo místico e sensual. As danças também se apropriaram dessa união. Apesar de novos entendimentos, quando comparado com as definições anteriores, o óbito permanecia sendo sentido pela família e domado no leito da morte. Agora, portanto, era pensado de maneira particular, estabelecendo assim uma ruptura no período histórico.

Por fim, “a morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÉS, 2003, p. 84). O processo de transformação no sentido da morte foi gradual, porém os humanos não perceberam o processo de mutação. A sociedade se habituou a tratar do falecimento com uma visão individualista, diferente do comportamento adotado na Idade Média.

O funeral é um símbolo do falecimento e está presente em diversas culturas. Agora a morte já não acontece em casa, mas em locais como hospitais e postos de saúde, uma série de mudanças relativas à morte que iniciou entre 1930 e 1950.

Ariés (2003, p. 86) diz que “não se sabe qual a verdadeira morte, aquela que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração”. O doente deixou de ser notificado sobre seus últimos dias de vida. Ele recebe o diagnóstico de uma doença e procura tratamento médico. Antes ele teria o seu fim terreno previsto e seria levado imediatamente ao leito de morte, uma das quatro fases para o culto e estudo da morte, apontadas por Ariés (2003).

Acerca do funeral, Guandalini (2010, p. 6) afirma que “ele marca a separação dos vivos dos mortos, mas muitas vezes isto não basta”. “As cerimônias fúnebres são, portanto, o memorial de passagem dos que deixaram a vida e adquiriram um novo status social: o estatuto que pertence à condição de morto” (GIACOIA, 2005, p. 14).

Assim como a maneira de enfrentar a morte, os funerais divergem em cada formação cultural. Os costumes adotados permitem distinguir os principais elementos aplicados perante a partida, que tiveram o seu perfil singular traçado a partir da forma como as diferentes sociedades assimilaram o falecimento. Por isso, esse processo tem significação e diferenciação cultural.

Logo, conclui-se que, independente do período em que transcorre, a manifestação do luto é também a revelação do destino humano. As particularidades da vida surgem no momento de dor. É nesse instante que são feitas referências simbólicas sobre a trajetória de vida daquele que faleceu.

## **2.2 Ritos de morte na atualidade**

As representações habituais da morte sofreram modificações com o passar dos anos. Conforme Ariés (2003), até meados do século XII o morto era levado diretamente ao sepulcro. O rosto era descoberto. Nesse processo, não havia contato com familiares, amigos e pessoas próximas.

Já no século XIII, o rosto do falecido era coberto e escondido dos olhares da comunidade. O corpo era resguardado através de tecidos e caixão de madeira e colocado diante do altar da Igreja Católica durante três missas. Essa prática foi

mantida durante pouco tempo, pois os religiosos reclamavam da exposição do cadáver na igreja.

A utilização de estátuas e símbolos durante os atos de encomendação do corpo foi presente até o início do século XVII.

Os dias atuais são marcados pelo materialismo e o racionalismo. O ritmo em que as pessoas conduzem as suas vidas as afastou do temor da morte, algo que era fortemente sentido em outros períodos da história da humanidade. A espiritualidade perdeu espaço entre os homens. As comunidades religiosas perderam fiéis, em comparação com décadas passadas.

Apesar de os homens perceberem que a morte está presente no contexto da vida humana, “nos dias atuais, a morte é algo do qual se teme e se faz tudo para que não aconteça” (GUANDALINI, 2010, p. 20). A finitude humana passou a ser negada. Essa negação está representada no receio que as pessoas têm em tratar sobre temas como velório e enterro.

Atitude que aponta o repúdio à morte nos dias atuais é a procura pelos médicos. Como em nenhum outro período da história, os humanos procuram o auxílio de especialistas para tratar, ou remediar, possíveis doenças. A intenção é evitar qualquer sofrimento e o possível óbito. Para Elias (2001, p. 56) este processo está ligado ao entendimento de que todos enfrentarão a morte, sendo que “a constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la mais e mais com ajuda da medicina e da previdência, e pela esperança de que isso talvez funcione”.

O ato de recorrer a cirurgiões plásticos também expressa o novo modo de enfrentar a morte. Ainda que superficialmente, os humanos procuram meios para disfarçar as imperfeições físicas. A intenção é manter-se jovem, eliminando a ideia de envelhecimento e o posterior fim de uma trajetória de vida. Acredita-se que a medicina tenha cura para todas as deficiências do corpo humano. As pessoas tentam adiar a própria morte física e isso acaba se tornando uma obsessão, que pode ter resultados negativos. “Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e nunca em condições tão propícias à solidão.” (ELIAS, 2001, p. 98).

Antes as pessoas eram avisadas sobre a morte que se aproximava. Por isso, tinham a sua disposição o tempo necessário para programar os atos fúnebres e desculpar-se por atitudes tomadas em vida. O número de mortes súbitas era quase inexistente, diferente do que acontece na atualidade. Guandalini (2010, p. 20) explica que, há cerca de cinco décadas, “a morte súbita era considerada desonrante, uma maldição, pois impedia o ato de arrependimento, como também privava o homem de se organizar e de presidir solenemente sua morte”.

Antes o processo que envolvia o luto levava dias para ser concluído. O corpo passava por diversas horas de velório. Depois era encaminhado em cortejo pela cidade em que nascera ou vivera o falecido. Os familiares adotavam símbolos, como roupas pretas, para simbolizar a dor pela perda do ente. O período, portanto, evidenciava “uma relação do homem com o sentimento diante da morte, assim, considerando que a morte era uma etapa a ser vivida por todos e que havia um espaço para sua compreensão e elaboração” (GUANDALINI, 2010, p. 21).

Hoje se observa uma ruptura destes costumes. Alguns casos apontam um deslocamento no local de morte, sendo que os doentes passam os seus últimos dias em quartos de hospitais, muitos sem a companhia de pessoas próximas. Por vezes a família contrata cuidadores e planos particulares de saúde para que profissionais tomem conta do moribundo. A morte se tornou solitária e impessoal.

Na nova concepção da morte, os rituais fúnebres também mudaram. Hoje as funerárias são encarregadas da maior parte das atividades pós-morte, entre elas a cerimônia do velório e a preparação do corpo. Algumas inclusive encaminham informações sobre o morto para que seja divulgado um obituário nos meios de comunicação.

O velório deixou de ser realizado na casa da família. Da mesma forma, o cortejo fúnebre não leva mais alguns dias. Agora ele é rápido. A cremação se tornou uma opção bastante utilizada em tempos atuais. Para alguns de seus adeptos, que manifestam em vida o desejo de realizá-la, a cremação inibe os atos fúnebres, classificados, para algumas pessoas, como momentos de dor aos familiares e amigos do morto.

Guandalini (2010, p. 24) entende que:

Todo o processo se torna praticamente instantâneo, durando o mínimo possível. Dá-se a impressão de que a família quer acabar logo com o sofrimento e esquecer o ocorrido. A morte e o luto não são vivenciados, são esquecidos e rejeitados. Não há espaço para o sofrimento.

Para o autor, a nova conjuntura em que a morte se apresenta banalizou o luto na sociedade atual.

A morte passou a ser tratada como algo instantâneo. Diferente do que acontecia em séculos passados, agora o falecimento se tornou um processo súbito, que é dissolvido rapidamente. A instantaneidade que a morte adquiriu na atualidade pode ser relacionada com o modo instantâneo em que o jornalismo é praticado. Seixas (2013) explica que a instantaneidade é categoria fundamental do jornalismo, pois as teorias que o cercam consideram o jornalismo uma forma de conhecimento sobre a realidade atual.

Percebe-se ainda uma banalização da morte, que pode ainda estar ligada com a forma como ela se apresenta além da sua presença cotidiana nos meios de comunicação. A cada dia a sociedade é exposta a milhares de mortes ocasionadas a partir de desastres naturais, tragédias e crimes.

Hoje as pessoas desejam que a morte seja rápida, instantânea. A reflexão e as despedidas não integram o ritual de morte desenhado pelos humanos da atualidade. Ainda em decorrência desse novo pensamento, a morte súbita, ou durante o sono, é desejada por muitos. Em geral, as pessoas têm medo de como transcorrerá a sua morte e temem que a dor faça parte desse processo. “A morte é vista apenas no sentido negativo, apenas como um fim do seu corpo físico” (GUANDALINI, 2010, p. 30).

O homem não mudou, mas sim a forma como ele vê a morte. Desejar que o seu próprio falecimento fosse instantâneo comporta aos humanos incorporar a essa etapa da vida o pensamento heroico, de uma passagem que, para os homens da atualidade, pode representar bravura.

Permito-me aqui insinuar que também nós, como herdeiros culturais dos antigos gregos, conservamos algum traço dessa morte heroica, dessa comprovação da excelência pela coragem diante da morte: permito-me aqui evocar a lembrança da morte de Ayrton Senna que, para além de toda exploração midiática, marcou um momento na história nacional em que nos sentimos, todos nós, um pouco identificados com o herói ceifado no melhor

de seus anos, mas cuja bravura o levou a ultrapassar os limites perante os quais recua, intimidada, a maioria dos mortais (GIACOIA, 2005, p. 17).

### 2.3 A morte retratada através da escrita

Além de se preocupar com os ritos de morte, como velório e o funeral, as comunidades ocidentais passaram a atentar para os escritos relacionados ao óbito. A inserção da escrita nos acontecimentos de morte pode ser vista como um meio para remediar a perda de um ente querido, assim como para suavizar a angústia causada pelo falecimento. Para Caputo (2008), as respostas para os mistérios da morte poderão ser procuradas na filosofia, nas religiões e na arte, entre elas, a escrita.

A utilização da escrita elucida-se de uma forma: os humanos têm na comunicação a explicação para os seus sentimentos, independente de quais sejam.

A comunicação por meio de línguas é uma característica exclusivamente humana, tanto quanto a exigência de sentido. Nenhuma outra coisa viva se comunica dessa maneira; nenhuma outra atribui sentidos aprendidos e específicos do grupo a padrões sensoriais igualmente aprendidos e também específicos do grupo, utilizados como meios de comunicação dominantes. (ELIAS, 2001, p. 63-64).

Os textos que relatam o óbito podem ser compostos de artigos como testamentos e mensagens em túmulos. Geralmente, a família<sup>1</sup> do morto é responsável pela redação das mensagens que alocadas junto da lápide do falecido.

O morto também participa do processo de construção da escrita. Ele pode redigir o texto do seu testamento, além de fazer indicações do que deseja que seja incluído em sua lápide.

Os testamentos tiveram caráter religioso até o começo do século XVIII, quando esses escritos apresentaram mudanças, ocasionadas pelo emprego de sentimento em meio ao texto. Essa fórmula é seguida até os dias atuais.

---

<sup>1</sup> Ariés (2003) defende a família como o grupo de pessoas que vive sob o mesmo teto. Isso exclui os parentes que moram em locais afastados. Filhos, amigos e servos, ou empregados, integram essa concepção familiar.

A primeira função dos registros dizia respeito à reflexão humana sobre a vida. O homem pensava e escrevia sobre a morte ainda em vida. Nesse período, a divisão de bens não era a finalidade do testamento.

A mudança aconteceu a partir da indiferença religiosa dos homens. Agora, a fé e a trajetória de vida do falecido não ganham espaço no documento. O que importa é a partilha de riquezas. Conforme Ariés (2003 p. 189), “o testamento é apenas o que continua sendo em nossos dias, um ato de direito privado para a partilha de bens do defunto”.

Guandalini (2010, p. 16) entende que “a posição social e financeira do indivíduo já influenciava inteiramente a maneira que enfrentavam a morte e a 'salvação’”. O autor defende a tese de que na segunda metade da Idade Média o testamento se tornou um contrato de salvação, em que o moribundo confessava a sua fé, reconhecia seus pecados e reconciliava-se com a comunidade. Além disso, determinava o local em que sua sepultura estaria localizada e demais detalhes do cortejo fúnebre. Desse modo, o testamento foi o instrumento religioso que permitiu conciliar as riquezas à salvação, conforme Guandalini (2010).

Outro símbolo relacionado à morte, que tem na escrita o seu principal elemento, é a lápide colocada sobre o túmulo. Inicialmente, eles eram monumentos raros, dignos somente de religiosos. Já por volta dos séculos XVI e XVII, a sepultura se tornou um direito de todos (ARIÉS, 2003). O local onde o mausoléu deveria ser colocado era descrito pelo próprio morto, em seu testamento.

A utilização de imagens e textos nos túmulos não era frequente. O costume surgiu junto da possibilidade de todos os mortos terem o seu próprio sepulcro. “Do século XIII ao XVII tornar-se-á um hábito cada vez mais frequente designar, por uma inscrição, uma imagem pintada ou um monumento, a imagem precisa da sepultura” (ARIÉS, 2003, p. 193).

A partir da possibilidade de a comunidade ter acesso aos túmulos, surgiram os chamados “jazigos de família”. Por volta de XIX e XX viram-se os primeiros monumentos desse tipo, na França. Como consequência, o culto à morte passou a ser centralizado na família. O falecido era levado ao descanso eterno junto daqueles que estiveram próximos em vida.

As famílias com maior poder aquisitivo passaram a construir as próprias capelas funerárias, hábito que não é mais seguido. Dessa forma, os mortos, que já haviam saído do estado de anonimato com os escritos em túmulos, eram agora amparados pelo sobrenome.

Em um mundo cambiante, em uma sociedade móvel, o jazigo tornou-se a verdadeira casa da família [...] Assim, o jazigo da família é talvez o único lugar que corresponde a uma concepção patriarcal da família, onde são reunidos sob o mesmo teto várias gerações e vários casais (ARIÉS, 2003, p. 198).

A escrita de textos em lápides permanece na atualidade. Porém, a forma como esse material é utilizado mudou com o passar dos anos. Hoje, as próprias funerárias, que geralmente são responsáveis por todos os atos de encomendação do corpo, desde o seu velório até o sepultamento, selecionam a mensagem a ser escrita no túmulo. Há, inclusive, diversos modelos prontos aguardando serem escolhidos.

A morte não deixou de acontecer e, como já dissemos, não poderia ser diferente, pois ela é imutável. O homem é que desenvolveu novos meios para lidar com a perda e isso também reflete sobre as mensagens póstumas a serem redigidas. Atualmente, “o que está escrito na pedra é uma mensagem muda dos mortos para quem quer que esteja vivo – um símbolo de um sentimento talvez ainda não articulado de que a única maneira pela qual uma pessoa morta vive é na memória dos vivos.” (ELIAS, 2001, p. 39). As mensagens não são mais carregadas de pessoalidade. Elas já não expressam com veracidade aquilo que os vivos pensam daquele que partiu. Ela é reproduzida e será replicada em um próximo óbito.

## **2.4 Jornalismo e morte**

A publicação de notícias em jornais estimula a venda da informação e a trata como produto. Esse processo, também conhecido como comunicação de massa, é definido por Medina (1988) como a utilização da atividade jornalística como mensagem urbana, seguida de inclusão comercial e industrial do fato noticiado.

A respeito da informação como produto comercial, Medina (1988, p. 16) lembra que “é preciso examinar o problema no seu enquadramento geral: informação jornalística como produto de comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana”.

A formação da indústria da informação tem como símbolo criação de agências de notícias e cadeias jornalísticas, ao fim do século XIX. A criação desses meios exigiu a profissionalização daquele que trabalha com a notícia, pois agora ela tomou o caráter de produto. Conforme Medina (1988, p. 19) “a preocupação é bem utilitária e os conhecimentos procuram reunir as constantes da experiência direta”.

Nesse período, centros de estudos dos Estados Unidos introduzem o Jornalismo como opção de cursos, ação que, com o passar dos anos, espalhou-se pelo mundo. Além de pensar sobre a construção da notícia, as faculdades americanas já tratavam o jornalismo como produto comercial. “A verdade de uma notícia, baluarte de um neoliberalismo (mercado livre de ideias) contemporâneo, se remete à fundamentação teórica da objetividade do acontecimento” (MEDINA, 1988, p. 20).

Além de contar com notícias que tratam de temas como economia, ecologia e cotidiano, as páginas dos jornais também dispõem de matérias que tratam sobre a morte. O assunto está evidenciado tanto na editoria policial como nas reportagens da categoria geral, que abordam o falecimento de anônimos e populares à sociedade.

A morte é o principal elemento textual da seção de obituários. O falecimento é o tema central das publicações e sem ele não haveria pauta para ocupar as páginas destinadas a essa subdivisão do jornal. Apesar de ser vista com repulsa por alguns leitores, a seção de obituários é valorizada por muitos. Grande parte dos veículos aposta em sua publicação, pois o assunto desperta o interesse público, seja pelo grau noticioso ou pela curiosidade que aguça.

Hoje o homem brinca com a morte. Por causar tanto medo, a morte foi banalizada pelo homem. Diariamente os meios de comunicação mostram diversas mortes, em consequência de guerra, desastres naturais, acidentes e fome. Esta constante exposição de acontecimentos faz com que a morte seja trivializada. Ela se tornou produto comercial, perdeu seu real sentido (GUANDALINI, 2010, p. 26).

Quando se trata de uma pessoa conhecida, a matéria geralmente desperta a atenção da maioria da comunidade. O interesse dos leitores pelo assunto motiva a sua publicação. Lage (2005, p. 83) destaca que “[...] a tendência dos jornalistas é considerar adequada a divulgação de informação [...] que haja ou possa haver interesse público”.

Apesar disso, noticiar a morte de alguém desconhecido também é importante, pois há um grupo de pessoas interessadas na publicação. Sendo assim, o falecimento dos anônimos também é notado, pois o morto havia mantido um círculo de amigos e familiares, que sentirão a sua perda.

## **2.5 Linguagem Jornalística**

O texto jornalístico deve seguir, conforme Andrade e Medeiros (1997), a regra primordial de narrar o fato de forma simples e rápida. Isso comporta a utilização de um vocabulário considerado de fácil compreensão aos leitores. Medina (2001, p. 51) conta que os jornais, “além de serem canais eficientes para transmissão de informação, servem também como prestadores de serviços, como suportes para publicidade e propaganda, entre outras utilidades; a fim de orientar os leitores”.

Beltrão (1976, p. 15) ressalta a importância da comunicação à sociedade e lembra que nenhuma atividade humana “responde tanto a uma necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo, pois é próprio da nossa natureza informa-se e informar”.

Já Erbolato (1984 apud ANDRADE; MEDEIROS, 1997, p. 95) ressalta que “os jornais devem ser lidos com rapidez e facilidade, especialmente levando-se em conta que, entre os leitores, há pessoas de todos os níveis de instrução”.

Ao redigir um texto, o jornalista dá preferência às expressões objetivas e que não expressem opinião. Para reforçar a sensação de imparcialidade evita-se a

narrativa em primeira pessoa, adotando linguagem impessoal. Esse método é utilizado apenas em artigos específicos de opinião. Textos de matérias e reportagens jornalísticas devem ser impessoais e escritos com informações atuais.

O texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos linguísticos pobres de valores referenciais, como as frases feitas da linguagem cartorária. Sua descrição não se pode limitar ao fornecimento de fórmulas rígidas, porque elas não dão conta da variedade de situações encontradas no mundo objetivo e tendem a envelhecer rapidamente. A questão teórica consiste em estabelecer princípios tão gerais que permitam a constante atualização da linguagem e relacionados com os objetivos, o modo e as condições de produção do texto (LAGE, 1986, p. 36).

No processo de produção da notícia, Lage (1986) destaca a participação de uma terceira pessoa, que serve como o referencial da matéria porque vivencia o fato noticiado. Nesse caso, há o jornalista, a fonte – um especialista na área – e a pessoa que convive com o tema. O terceiro elemento dá sentido à abordagem do tema. A exceção a essa regra, segundo o autor, ocorre nas crônicas e testemunhos, somente. Os obituários aparecem como um testemunho sobre a vida de alguém, e por isso esse texto não conta com a participação de uma terceira pessoa, já que em geral a única fonte para as informações sobre o falecido é um familiar.

## **2.6 Normas para redação jornalística**

Andrade e Medeiros (1997) listam como normas mais comuns para a redação nos jornais:

- Utilização de linguagem simples e acessível a pessoas de todos os níveis de escolaridade;
- Redação das notícias na ordem direta, seguindo o modelo sujeito, predicado e complemento da frase;
- Dar preferência a verbos na voz ativa;
- Evitar o uso de adjetivos e advérbios, a não ser que sejam necessários;
- Utilizar palavras do uso cotidiano das pessoas;

- Explicar o significado das siglas incluídas no texto, por extenso;
- Utilizar-se de simplicidade, leveza e coesão para redigir o texto;
- Evitar verbos auxiliares, bem como locuções adverbiais;
- Escrever frases curtas, com até 15 palavras.
- Evitar termos superlativos;
- Escrever textos menores, com mais informação;
- Evitar gírias e falsa literatura. Cuidado com ditados populares.

As normas, porém, não são fixas. Elas devem ser usadas como sugestões para a escrita de um texto jornalístico de qualidade, indiferente do gênero a que pertence.

A pirâmide invertida é o formato mais utilizado no texto jornalístico. De acordo com Andrade e Medeiros (1997), através desse, que é o mais tradicional estilo de escrita jornalística, devem ser apresentados os fatos principais da notícia, seguidos de fatos secundários ligados à introdução, informações de menor expressão e detalhes dispensáveis. Já no texto literário, o esquema é apresentado através dos principais detalhes na introdução, fatos de crescente importância, fatos culminantes e desenlace. Por fim, o sistema misto apresenta os fatos máximos da notícia seguidos de uma narração cronológica.

## **2.7 Gêneros Jornalísticos**

Com a consolidação do jornalismo, os temas de interesse público foram divididos em seções, visando suprir a necessidade de informação de cada leitor. Isso envolve assuntos como cidade, polícia, política, economia, educação e saúde, ciência e tecnologia, esportes, artes e espetáculos. Kotscho (2004) entende que os nomes das editorias podem variar de jornal para jornal, mas que geralmente os assuntos são divididos através desses temas. A utilização do jornalismo no cotidiano da população serve como uma ferramenta para apontar a qual classificação ele

pertence, pois “o principal elemento que fundamenta as classificações de gêneros no Brasil é a função/finalidade” (SEIXAS, 2013, p. 167).

Medina (2001, p. 50) diz que os gêneros servem para orientar os leitores a prestigiarem os jornais, além de auxiliarem na elaboração de um diálogo entre o periódico e o leitor. Para o autor “é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos dos jornais se modificam” (MEDINA, 2001, p. 50). Segundo ele, os gêneros também servem para identificar uma determinada intenção, seja de informar, opinar, interpretar ou divertir.

A classificação nasceu a partir de uma necessidade humana, já que as ciências

[...] naturais e humanas evidenciaram a necessidade prática da classificação. Ordenar para preservar e manipular. A mesma ordem que se pretendia estabelecer para os seres vivos, se buscava na observação dos dados concretos visíveis dos textos (SEIXAS, 2013, p. 20).

Para estabelecer o que são os gêneros jornalísticos é importante verificar como a sua separação foi feita ao longo da história. Acerca disso, Medina (2001) explica que:

[...] classificar gêneros já era uma atividade na Grécia antiga, onde Platão propôs uma classificação binária, entre gênero sério, que incluía a epopeia e a tragédia, e gênero burlesco, do qual faziam parte a comédia e a sátira. Posteriormente, o próprio Platão realizou uma nova classificação, agora em três modalidades, baseada na variação das relações entre literatura e realidade, à luz do conceito de *mimesis*, ou seja, da imitação: gênero mimético ou dramático (tragédia e comédia); gênero expositivo ou narrativo (ditirambo, noma, poesia lírica); e gênero misto, constituído pela associação das duas classificações anteriores (epopéia). Com isso, Platão lançou o fundamento da tripartida dos gêneros literários (MEDINA, 2001, p. 45).

Autores divergem acerca da divisão de gêneros jornalísticos no Brasil. Para Medina (2001), grande parte dos jornais brasileiros divide os gêneros jornalísticos em quatro grandes grupos: informativo, interpretativo, opinativo e entretenimento. E explica ainda que estão subdivididos em classificações de gêneros informativos, opinativos, utilitários ou prestadores de serviços, ilustrativos ou visuais, propaganda e entretenimento.

Medina (2001, p. 51) entende que “a classificação dos gêneros decorre das necessidades e das exigências dos leitores e, ao mesmo tempo, da organização e do desenvolvimento das empresas jornalísticas”. Enquanto isso, Seixas (2013, p. 38)

acredita que “todo gênero poderia conter sempre vários outros gêneros. Os gêneros seriam apenas as categorias propriamente literárias (próprias ao nível estético da literatura). [...] E os tipos seriam os ideais, [...] classes mais vastas e menos específicas”.

Já Melo e Assis (2010, p. 43) dividem o jornalismo em cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. O informativo e o opinativo teriam emergido nos séculos XVII e XIX e o interpretativo, diversional e utilitário no século XX. Para estabelecer a divisão de gêneros no jornalismo, os autores recorrem a princípios funcionais da escrita, como ações como ler e descrever, e explicam, ainda, que o gênero pode ser entendido como uma convenção social. Nesse trabalho de pesquisa, os obituários são “analisados a partir da classificação estabelecida” pelos autores Melo e Assis (2010).

A atividade do jornalismo acaba por reunir os gêneros responsáveis pela identidade dos produtos da imprensa, segundo Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 81). Assim como os materiais publicitários, que são desenvolvidos com o propósito de alcançar um público específico, os gêneros também são apontados como produtos do jornalismo, pois segmentam um público e produzem material voltado especialmente àquele grupo.

Assis (2010, p. 17), por sua vez, não descarta a divisão de gêneros no jornalismo, mas pensa que, por vezes, eles acabam se entrelaçando. O autor defende que as “categorias buscam tão-somente sinalizar a principal finalidade dos conteúdos jornalísticos, uma vez que as fronteiras entre informação, opinião, interpretação, diversão e serviço não são extremamente rígidas, a ponto de que um gênero possa ser considerado puro”.

Apesar de afirmar que os produtos jornalísticos são produzidos em gêneros, a fim de segmentar a produção, Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 81) declaram que “embora existam regras a serem cumpridas e preposições que servem para embasar a produção do jornalismo, os produtos gerados no dia a dia das redações ultrapassam padrões preestabelecidos”. Isso acontece, segundo os autores, pois “as estruturas do jornalismo não são extremamente rígidas, tais como são as de outras áreas, principalmente as das Ciências Exatas” (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p.

82). Isso acontece com os obituários, que podem apresentar características de mais de um gênero.

É através da classificação textual, como o processo de separação dos materiais produzidos em categorias, que as matérias jornalísticas são abordadas pelos veículos de comunicação. Para tanto, Melo e Assis (2010) ressaltam que os gêneros podem ser distinguidos por títulos genéricos, como a notícia, coluna e entrevista, entre outros. Já Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 27) entendem que “a finalidade é o principal critério de classificação de gêneros jornalísticos em toda tradição dos estudos de jornalismo”. Para os autores, o texto jornalístico seria dividido a partir de seu objetivo final, seja de informar, opinar ou entreter, entre outros.

Seixas (2009) afirma que a noção de gênero nasceu na Grécia Antiga, assim que Platão desenhou uma divisão da poesia, na obra intitulada como *II da República*. O livro, de acordo com a autora, apresenta uma divisão ao fazer comparativos entre os modelos mimético ou dramático; não mimético ou lírico; e misto ou épico.

Mesmo com a participação de Platão na criação do conceito de separação de gêneros, Seixas (2009) revela que foi Aristóteles o personagem responsável por desenvolver a primeira reflexão aprofundada sobre a existência de gêneros. As suas ideias foram expostas através do livro *I da Arte Retórica*. Apesar de Aristóteles expandir o método, foi a obra de Platão que se consagrou como referência em estudos dessa natureza. A separação de gêneros criada na Grécia Antiga ainda é fonte para “qualquer classificação ou sistematização de gêneros, seja na lingüística [sic] ou na mais recente análise do discurso” (SEIXAS, 2009, p. 17).

Seixas (2009, p. 1) defende que “o conhecimento mais profundo dos elementos que constituem os tipos mais frequentes de composições discursivas da atividade jornalística pode implicar em maior conhecimento sobre a própria prática”. Para a autora, é preciso que o jornalista conheça as competências que estão empregadas no processo produtivo da criação de uma notícia, desde a produção até a sua publicação.

Dessa maneira, a intenção que o jornalista tenta expressar através do seu texto explica a classificação que o material receberá. A redação que conta basicamente com informações seria incluída no gênero jornalístico informativo. Já o texto que apresenta dados de utilidade pública estaria encaixado no gênero utilitário.

Os gêneros jornalísticos, propriamente ditos, tiveram o seu nascimento acadêmico na Europa, por volta de 1950, com a criação de disciplinas específicas na Universidade de Navarra. O professor francês Jacques Kayser é apontado “como marco histórico, para a área, no âmbito da academia” (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 21).

Apesar de apontar Kayser como um dos primeiros estudiosos dos gêneros, Marques de Melo, Laurindo e Assis (2012) afirmam que os primeiros indícios de classificação das notícias estão incluídos nos períodos primários na história do jornalismo mundial.

No Brasil, os gêneros têm sido estudados desde 1960, a partir da trilogia de Luiz Beltrão: “*A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980)”, de acordo com Melo e Assis (2010, p. 44-45). Os gêneros informativo, interpretativo e opinativo eram considerados, na década de 1960, a base do jornalismo brasileiro. Para Seixas (2013, p. 166), no Brasil “os gêneros são herdeiros da retórica, da teoria da literatura, da linguística, da análise do discurso, dos estudos culturais”. Neste estudo, adota-se a classificação contemporânea de Melo, Laurindo e Assis (2012):

Se fizermos um breve exercício de análise factual, aí identificaremos os protótipos dos gêneros legitimados contemporaneamente: informativo (relato de grandes acontecimentos), opinativo (denúncias, críticas e libelos), interpretativo (mapas, cartas, relatórios), utilitário (tabelas e estatísticas de moedas, preços de mercadorias, movimento portuário), e diversional (informações literárias) (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 22).

Os autores afirmam ainda que o modelo de jornalismo predominante em um local é definido pela cultura nacional. A respeito disso, exemplificam através da utilização do jornalismo argumentativo nos países latinos. Ao mesmo tempo, relatam que “nas comunidades anglo-saxãs prevalece o jornalismo referencial, valorizando racionalmente o relato impessoal dos acontecimentos e só secundariamente

respaldando os comentários a respeito deles” (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 22).

Na atualidade figuram novos gêneros jornalísticos, em um processo que vai “reciclando os gêneros informativo e opinativo, e testemunhando o aparecimento de gêneros complementares” (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 22). Entre eles estão o gênero argumentativo e o referencial. Além de novas possibilidades à escrita jornalística, os gêneros já existentes têm sido intensificados a fim de produzir raízes profundas, segundo os autores.

Independentemente do período em que foi desenvolvido, o jornalismo é feito a partir de uma informação. Em qualquer gênero que se pretender seguir, a notícia precisa ser composta por um fato de expressão e ordem pública, obedecendo a critérios de noticiabilidade, como interesse público e factualidade.

Os gêneros jornalísticos devem ser considerados “como um ato comunicativo relativamente estável” (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 28). Por isso, devem seguir o seu principal objetivo, que implica em informar o leitor.

## **2.8 Os gêneros jornalísticos do século XVII ao XXI**

O jornalismo foi separado em categorias e coube à sociedade compreender a separação jornalística dos temas. Guerra (2003) conta que ele passou a ser entendido pela população a partir de um movimento construtor de civilização no século XVII. De acordo com o autor, esse modelo teria nascido na Europa, sendo que “firma-se como padrão de vida nas sociedades ocidentais no século XIX” (GUERRA, 2003, p. 1).

O autor também relata que este período corresponde à consolidação do Iluminismo. Um moderno programa de civilização, que consistia na “capacidade da razão, universalmente compartilhada entre os homens, através da qual qualquer indivíduo poderia discernir o verdadeiro do falso, o correto do incorreto.” (GUERRA, 2003, p. 2).

Para Guerra (2003), o jornalismo moderno, que teve as suas bases construídas no século XIX, teve origem em práticas adotadas a partir do século XVI, intensificadas com a chegada de XVII. Acerca desse período, o pesquisador destaca que

[...] na Itália, haviam os *menanti*, noticiaristas que organizavam para príncipes e negociantes serviços regulares de correspondências manuscritas, conhecidas como *avvisi*. [...] Ainda nesse período surgem as *gazettas*, folhas volantes impressas, que relatavam acontecimentos importantes como batalhas, festas, cerimônias fúnebres da nobreza e avisos. Com outra temática, o relato de fatos sobrenaturais, crimes, catástrofes e qualquer acontecimento extraordinário, surgem os *canards*, na França. E também os primeiros *libelos* que alimentavam polêmicas religiosas e políticas (GUERRA, 2003, p. 2).

Esses modelos textuais deram origem a estilos de textos jornalísticos adotados na atualidade. Entre eles, informativos, opinativos e utilitários.

Melo, Laurindo e Assis (2012) também apontam o surgimento de novos modelos jornalísticos neste período. Trata-se do jornalismo referencial, que teve início no século XVII. O modelo tem como função principal transmitir uma mensagem de caráter informativo. O conteúdo é concentrado naquele que fala, ou seja, a fonte. O autor desse texto não deve manifestar a sua opinião, adotando o discurso em terceira pessoa.

Os autores ressaltam ainda que, no mesmo período, o gênero informativo ocupava grande parte das páginas dos periódicos. Alguns aspectos da estrutura informativa já seriam dominados nesse século. Na época o registro dos acontecimentos era feito de duas formas: narrativa, com a contagem de histórias, e relatos jornalísticos, explorando a sucessão de fatos ocorridos recentemente.

Entre os séculos XVIII e XIX, ganha destaque o gênero argumentativo. É nesse período que esse tipo de jornalismo desponta em todo o mundo. É necessário ressaltar que nesse modelo está enraizado o gênero opinativo, segundo Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 22). A afirmação aponta que a classe opinativa, pouco utilizada em meados de XVII, desenvolveu-se em crescimento até o século XVIII. Ela criou forma, conteúdo, consistência e foi aprimorada para o argumentativo.

Nos países que têm o inglês como língua oficial (anglófonos), o jornalismo opinativo assume três formas estilísticas: o rótulo abrangente de comentário, o artigo

e o editorial. Já “entre os países que falam ou usam o francês como língua principal (fracófanos), lidera um jornalismo de caráter opinativo essencialmente panfletário”, de acordo com Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 23). Essas manifestações adotam duas características que as distinguem: podem ser anônimas ou autorais. Os autores contam que esse modelo de jornalismo chegou ao Brasil um século depois.

Foi no século XIX que o jornalismo recebeu espaço nas universidades, principalmente nos Estados Unidos e na França, segundo Traquina (2001). A evolução prosseguiu com o passar dos anos e no século XX os estudos sobre comunicação, que não eram muitos, foram ampliados nos centros de ensino. Opções de cursos, mestrados e doutorados em jornalismo e comunicação começaram a surgir.

Melo e Assis (2012) lembram que o século XX também abriu espaço para o desenvolvimento de gêneros complementares, não deixando de lado o predomínio das categorias fortalecidas durante os séculos anteriores. Entre os modelos complementares difundidos neste período, os autores destacam:

[...] o jornalismo analítico que se nutre do gênero interpretativo; o jornalismo de entretenimento, também rotulado como jornalismo literário, cuja seiva provém do gênero diversional; e o jornalismo de serviço, metamorfoseado pela volúpia do gênero utilitário (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 24).

O gênero interpretativo desenvolveu-se em meados do século XX, sendo cultivado durante a Segunda Guerra Mundial. Esse processo transcorreu num momento em que a população norte-americana se sentia prejudicada pela imprensa. Na época, os populares acreditavam não ter acesso à realidade dos acontecimentos, “em face da ausência de informações que permitissem a previsão do contato bélico”, durante a 2ª Guerra Mundial (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 24).

Ao término da guerra, em 1945, os formatos de análise e cronologia são fixados ao modelo de jornalismo aplicado nos Estados Unidos, sendo que, na Europa, especialmente na Espanha, desponta o tipo investigativo.

No século XXI, destaca-se o emprego da emoção nos textos jornalísticos. A legitimação do gênero diversional, que culminou com a utilização do sentimento, ocorreu ao fim do século XX, de acordo com Marques de Melo, Laurindo e Assis

(2012). Esse processo acontece no momento em que os materiais de entretenimento detinham a atenção do povo. Para manter o jornalismo vivo nesse período os profissionais encontraram forças na ousadia e no desejo de mudança.

Traquina (2001), por sua vez, sublinha o século XXI como um período em que os profissionais de mídia receberam poderes. O poder relatado pelo autor diz respeito à influência que os veículos de comunicação exercem sobre a população. O domínio dos comunicadores para com o povo é, segundo o autor, criticado por alguns cidadãos. O poder midiático se tornou claro no período e, como consequência da notoriedade, discutido entre a população. “[...] O propósito principal dos mídia era informar, mais que persuadir ou modificar comportamentos.” (TRAQUINA, 2001, p. 17).

Porém, para Traquina (2001, p. 13), o aparecimento do conceito de agendamento, ou *agenda-setting*, em um artigo acadêmico, no ano de 1972, “apontava claramente para uma ideia indubitavelmente mais tranquilizadora para a sociedade em geral acerca do poder dos mídia”. O autor entende que o fato de os jornalistas determinarem os assuntos que vão pautar o debate público fez com que os críticos passassem a vê-los como seres de poder limitado.

Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 24) sublinham ainda que “a passagem do século, que emoldura o neoliberalismo, ensejou oportunidade singular para o desenvolvimento do jornalismo instrumental ou de serviços, alavancada pelo gênero utilitário”. O gênero utilitário, apontado pelos autores como ferramenta que pode servir como tábua de salvação frente ao possível desaparecimento dos jornais, é composto de materiais para prestação de serviço, como os obituários, indicadores, campanhas de arrecadação e a coluna do ombudsman.

## **2.9 Esmiuçando os gêneros jornalísticos**

A fim de apresentar as categorias em que o jornalismo é representado, utiliza-se como referência os autores Assis e Marques de Melo. Para tanto, inicialmente são apresentados os cinco gêneros jornalísticos considerados por Melo e Assis (2010): informativo, opinativo, interpretativo, diversional e o utilitário. Os obituários

têm características que podem ser encontradas em cada gênero estabelecido pelos autores.

### **2.9.1 Gênero informativo: a base do jornalismo**

Sem informação não há notícia. Assis (2010, p. 18) entende que “a informação é a base do jornalismo. Portanto, é indiscutível a afirmação de que o primeiro gênero a figurar na imprensa mundial, já no século XVII, foi o informativo”. No modelo informativo, o debate ocorre a respeito do mito da objetividade das informações e persiste ao longo dos anos. O informativo nasce, portanto, a partir de uma construção histórica, junto da ascensão da burguesia ao poder e da abolição da censura às publicações jornalísticas.

O gênero informativo pressupõe objetividade e imparcialidade, e comporta valor notícia. Outra característica do texto informativo, “a instantaneidade, relação temporal entre ocorrência e publicação, é considerada elemento componente da lógica do jornalismo. Parte-se do pressuposto que as composições do gênero informativo (como notícia e reportagem) têm como matéria-prima sempre uma ocorrência” (ASSIS, 2010, p. 170-171).

Segundo Melo e Assis (2010), o gênero reúne nota, notícia, reportagem e entrevista. Para os autores, os termos notícia e nota se confundem no senso comum. Melo e Assis (2010) explicam que a nota e a notícia divergem somente na dimensão do texto, sendo que não seria possível imaginar a nota sem as características informativas que a notícia incorpora.

A partir de pesquisas no Dicionário Houaiss, os escritores classificam as duas categorias. A nota é definida por eles como uma notícia breve, concisa, voltada à publicação de informações rápidas, podendo corresponder a uma notícia curta, com até dez linhas. A nota consiste no “relato de acontecimento que está em processo de configuração. [...] trata-se de um furo, antecipação de um fato que pode gerar notícia” (MELO; ASSIS, 2010, p. 55).

A notícia, por sua vez, passa por um longo período de definições até relatar os fatos. As histórias contadas através da notícia podem tratar de acontecimentos

recentes e do passado, em qualquer local do mundo, podendo ainda ser divulgadas em diversos veículos, como jornais, revistas, rádios, internet e televisão. Para Lage (2002 p. 16), “do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Já Melo e Assis (2010, p. 55) entendem que se trata do

relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. Contém necessariamente respostas às perguntas de Quintiliano (QUE + QUEM + QUANDO + COMO + ONDE+ POR QUE), transformadas em fórmula jornalística (3Q + C0 + PQ). Narrado em “pirâmide invertida”, compõe-se de duas partes: “cabeça (Lead) e “corpo” (body)”. Privilegia o “clímax” (sensação) evitando a “cronologia” (nariz de cera).

Trata-se, portanto, de não narrar os fatos, mas expô-los à sociedade. Para Lage (2002) essa é uma das definições estruturais da notícia. O autor explica que o jornalista pode optar em como iniciar e terminar um texto dessa natureza. Isso acontece de forma arbitrária. Fala também que a notícia pode ser transcrita em partes e que os elementos abordados em cada etapa podem ser selecionados conforme o grau de importância estabelecido pelo autor. Os fatos podem ser transcritos com início, meio e fim, ou de maneira decrescente de importância. Ambos estão corretos, para Lage (2002). “Os eventos estarão ordenados não por sua sequência temporal, mas pelo interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na suposta perspectiva de quem ouve” (LAGE, 2002, p. 21).

O redator da notícia dificilmente é conhecido pelo leitor. O consumidor do texto produzido poderá não reconhecer o seu autor mesmo quando o material tem assinatura, “e o nome significará pouco ou nada para quem lê” (LAGE, 2002, p. 23). A irrelevância da identificação do autor do texto é visível nos obituários, que normalmente não são assinados. A impessoalidade do jornalista ainda pode ser influenciada pelo trabalho de edição. O texto poderá ser alterado a partir dessa análise, ao adquirir elementos que seguem o manual do veículo de comunicação. Apesar de não receber notoriedade pelo material produzido, cabe ao jornalista analisar se a informação tem importância ou desperta interesse ao ponto de ser publicada. Nos obituários, por exemplo, os jornalistas decidem quais mortes têm importância suficiente para serem noticiadas e, a exemplo de outros tipos de texto, elencam a informação que consideram mais interessante para o início do texto.

O *Lead* é conhecido como o primeiro parágrafo da notícia em jornais impressos. Apesar de estar colocado no início da notícia, é possível encontrar mais *Leads* ao longo do texto. Lage (2002, p. 27) explica que “o *lead* é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante”. Ele responde às perguntas o que, quem, quando, onde, como, por que e para quê<sup>2</sup>, e geralmente segue a ordem sujeito, predicado e circunstância. Além disso, Lage (2002) faz duas orientações: que inicie com a ideia central - ou principal - da notícia, e que não comece com verbo.

A respeito do *Lead*, Seixas (2013, p. 168) acredita que o “chamado texto informativo, considerado clássico do texto jornalístico, tem mais sequências argumentativas e explicativas do que normalmente se considera, pois, muitas vezes, o *Lead* traz uma síntese que viria no texto argumentativo clássico, como o artigo”.

Além do modelo clássico de *Lead*, abordado anteriormente, existem diversos tipos de *Leads* à disposição do redator. Há o *Lead* interpretativo, geralmente aplicado em noticiários especializados, sendo que na maioria dos casos “ocorre na cobertura de esportes, política, ciência e tecnologia” (LAGE, 2002, p. 36). Trata-se de uma interpretação sintética e óbvia dos fatos. Outro tipo é o *Lead* narrativo. Ele apresenta uma sequência narrativa de informações em poucas linhas e se pretende a encerrar com um fator surpresa.

Para Lage (2002, p. 47), “a distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto de texto”. Os autores Melo e Assis (2010) apontam a reportagem como um texto que contém o resultado de uma produção jornalística, elaborada a partir da coleta de informações sobre determinado tema. O material coletado deve ser transformado em noticiário e, depois de pronto, veiculado na imprensa.

Já Lage (2002) aponta que os dados devem ser organizados a partir de proposições conceituais, conhecidas como tópicos frasais, que irão determinar os parágrafos da reportagem. Lage (2002) destaca ainda que as reportagens pressupõem um nível mais elevado de planejamento. Dessa forma, “o estilo da reportagem é mais rígido do que o da notícia: varia com o veículo, o público, o

---

<sup>2</sup> Lage acrescenta o “para quê” nas perguntas do *Lead*, mas normalmente se considera apenas as seis primeiras perguntas citadas pelo autor.

assunto” (LAGE, 2002, p. 47). Por outro lado, Kotscho (2004, p. 14) afirma que “não existem fórmulas científicas no jornalismo, especialmente na reportagem: cada história é uma história, e merece um tratamento único”.

Ainda acerca da reportagem, Melo e Assis (2010) apontam que as especiais exigem um levantamento minucioso e amplo das informações. A reportagem dá ao profissional a possibilidade de explorar um fato recém-noticiado ou de trazer um fato inédito à tona. É um aprofundamento dos fatos que despertam o interesse público. A principal característica desse texto está na possibilidade de explorar a notícia com riqueza de detalhes. Ainda segundo os autores, a reportagem se trata de um relato amplificado de algum acontecimento que produziu impacto na sociedade. Mesmo “de autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe” (MELO; ASSIS, 2010, p. 55).

Assuntos de diversas áreas de interesse podem ser temas de reportagens. Mesmo integrando o gênero informativo, elas podem tratar de investigações, denúncias e levantamento de dados, por exemplo. Lage (2002, p. 48) entende que “de qualquer maneira, existe sempre alguma interpretação nas reportagens”. Para Kotscho (2004, p. 34), “o ramo da reportagem mais difícil e, talvez por isso mesmo, o mais fascinante é o das chamadas matérias investigativas”.

Independentemente do tema abordado na matéria, o ideal é que o redator participe de todo o processo de construção da reportagem, desde a pauta até a última etapa da edição, pois “o trabalho do repórter nunca termina no ponto final” (KOTSCHO, 2004, p. 35). As informações precisam ser checadas em sua totalidade e o profissional, antes de publicar o texto, deve ter total certeza sobre todas as informações colocadas na publicação.

Kotscho (2004) destaca que a reportagem investigativa pode ser elaborada a partir de um assunto que não é urgente e não tem prazo para ser concluída. Esses casos exigem extensos levantamentos, que podem envolver diversos setores de um mesmo veículo de comunicação.

À entrevista, Melo e Assis (2010) estabelecem a necessidade de encontros com as fontes. Os autores entendem que a entrevista é como uma reunião, em local combinado, para tratar de um assunto de interesse comum e que já é de

conhecimento mútuo. Nesse caso, a intenção do jornalista deve ser fazer esclarecimentos, avaliações e colher opiniões do entrevistado.

As informações coletadas são posteriormente organizadas e redigidas, a fim de serem divulgadas por veículos de comunicação. As entrevistas podem assumir modelos como o de exclusividade e pingue-pongue. A exclusiva precisa tratar de um assunto de grande repercussão e interesse público, com alguma personalidade ou especialista no tema. Além disso, “ela privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos” (MELO; ASSIS, 2010, p. 55).

O pingue-pongue, por sua vez, consiste em uma sessão de perguntas e respostas com o entrevistado. Também existe a possibilidade de elaborar perfis, o que para Kotscho (2004) requer conhecer a pessoa ou o lugar que será a principal fonte da matéria. É necessário que “se municie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem” (KOTSCHO, 2004, p. 42).

O início do trabalho de pesquisa consiste em preparar as perguntas a serem feitas e os pontos polêmicos a serem abordados durante o trabalho. Porém, além de munir-se para colher informações e traçar o perfil, o jornalista “deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria” (KOTSCHO, 2004, p. 42). No primeiro contato o repórter já deve deixar claro o que será tratado na entrevista. Pode-se dizer que o obituário se trata de um perfil, que trata da vida de alguém que já morreu. As fontes de informações a serem consultadas para a elaboração desse perfil são os amigos e os familiares do morto.

É relevante lembrar que no gênero informativo não deve haver manifestação de opinião. O profissional é responsável tão somente pela divulgação do fato, sem expor aquilo que pensa sobre o assunto. Assis (2010, p. 19) explica que, basicamente, quatro condições contribuem para que o texto informativo se distancie do opinativo: apresentação de várias versões de um mesmo fato e possibilidade de conflito entre elas; apresentação de provas que comprovam as afirmações; uso das aspas ao inserir a opinião do entrevistado e colocação das informações no formato pirâmide invertida.

Dessa forma, quando abordada através do gênero informativo, a morte deve ser tratada de maneira isenta e objetiva. Ao tratar sobre falecimento, Traquina (2005, p. 79) defende que “[...] onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para esta sociedade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão”.

A morte pode ser tratada tanto em textos opinativos quanto em informativos, como nota, notícia, reportagem ou entrevista. Nas notas, a morte vai ser abordada de maneira concisa e objetiva. Deve apresentar elementos básicos sobre o falecimento, como, de quem se trata, qual a sua idade, onde ocorreu a morte e em qual local e horário será velado e sepultado o corpo. A notícia, assim como ilustramos nesse capítulo, se utiliza de elementos da nota, porém com mais profundidade. Ela também pode comportar o obituário, em um texto que leva mais detalhes sobre a vida do falecido.

Ainda sobre a morte, a reportagem pode ser feita como uma forma de homenagear a trajetória do falecido. Geralmente é adota em caso de morte de uma pessoa conhecida no meio público. Ela também pode apresentar informações como a data do falecimento, o local onde o corpo será velado e sepultado, além do motivo que causou a morte. As entrevistas também podem abordar a temática. Isso pode ser feito no âmbito científico, como a explanação sobre uma doença que pode provocar o óbito – o que também pode ser adotado em reportagens – ou ainda entrevistar alguém ligado a uma pessoa falecida.

O perfil, classificação integrada ao gênero informativo, caracteriza o material que é publicado na seção de obituários. Isso pode ser afirmado a partir da observação de que muitos textos desse tipo se utilizam de informações sobre alguém para escrever uma história. Esse fato a ser narrado dá conta das atividades desempenhadas em vida, assim como as aptidões e paixões que teve o falecido.

### 2.9.2 Gênero Opinativo: a liberdade de ideias no jornalismo

Informação e opinião foram as primeiras categorias a ocuparem a função de gênero jornalístico no Brasil. De acordo com Assis (2010, p. 20), o opinativo foi “o segundo gênero predominante na esfera jornalística”, emergindo no século XVIII.

Os dois modelos de escrita jornalística sempre estiveram próximos e, por isso, são confundidos até hoje. Apesar de acreditarem que o gênero opinativo seja facilmente identificado nos textos, Marques de Melo e Assis (2010) ressaltam que, por vezes, o texto é confundido com o informativo. A justificativa dos escritores para pensarem assim é de que “os gêneros jornalísticos se complementam uns aos outros” (MELO; ASSIS, 2010, p. 56). Assis (2010, p. 21), por sua vez, defende que “diferentemente do jornalismo informativo – caracterizado pela objetividade –, os textos opinativos são fortemente relacionados a expressões subjetivas”.

A função de opinar é exercida por diferentes emissores de mensagens. Na comunicação não é diferente, pois a “opinião está presente no conteúdo de qualquer veículo de comunicação, de modo explícito ou não. O que comumente acontece é a camuflagem de posturas, crenças, valores e visões de mundo atrás do envelhecido discurso” (VIEIRA; SILVA; VELOSO, 2012, p. 5).

Ao tratar da inserção de opinião no jornalismo, Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 76) explicam que ela está presente desde as primeiras publicações das folhas volantes, impressos que deram origem aos periódicos. A informação e a opinião foram os primeiros gêneros a integrar os jornais. Um exemplo disso é o “Correio Braziliense, o primeiro jornal a circular no Brasil, que já contava com editorial”.

A opinião pode ser tratada como uma função psicológica do humano, que é formador de ideias. Para Tarde (2005), a opinião é representada através de um grupo lógico de juízos, que respondendo a problemas atualmente colocados, e acha-se reproduzido através de pessoas. Ao jornalista, o ato de opinar estaria imposto como um dever. Além de informações, a sociedade pede posicionamentos. É neste momento que o profissional se torna um formador de opinião. Para Melo, Laurindo e Assis (2012, p. 75), “a opinião se trata de um ato individual, anunciado em grande grupo”. Para Assis (2010), é possível emitir opinião em nome da instituição de comunicação. Ele defende que “a opinião emitida por múltiplas vozes, no entanto, é

uma característica dos veículos midiáticos enquanto instituições, fator que nem sempre figurou na trajetória da imprensa” (ASSIS, 2010, p. 20).

A partir dessa análise é possível afirmar que a opinião é somente aquilo que alguém pensa, ou a ideologia de uma empresa de comunicação, que pode alcançar um grupo e, dessa maneira, persuadir aquilo que considera como verdade. Assis (2010, p. 21) lembra que “o gênero opinativo atende mais do que à necessidade humana de se expressar: ele também subsidia, em larga medida, a formação da opinião pública”.

O gênero opinativo está consolidado no jornalismo. O fato é refletido a partir das colunas e quadros de opinião divulgados na imprensa. Esse material nem sempre é de autoria dos jornalistas. Em muitos casos, um profissional de outra área é quem responde pela assinatura do texto. Nesse caso, a persuasão empregada ao material está fundamentada no prestígio de quem escreve.

Um exemplo disso é a utilização de colunas médicas que, obviamente, têm mais credibilidade quando escritas por um profissional da área. Melo e Assis (2010) entendem que a consolidação do gênero opinativo é facilmente identificada, mas, apesar disso, ressaltam que, por vezes, o texto é confundido com o informativo. A justificativa dos escritores para pensar assim é que os gêneros jornalísticos se complementam.

O jornalismo brasileiro já nasceu com certa divisão estabelecida entre os dois gêneros.

De um lado, o pioneirismo de Hipólito da Costa, no *Correio Braziliense*, encampava a opinião e, mesmo sendo impresso do outro lado do atlântico, debatia a vida política e os destinos da colônia portuguesa. De outro lado, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que nasce sob o julgo do Estado e destina-se a poucas notícias de uma imprensa “áulica” e a divulgar os atos oficiais do governo português em terras brasileiras, possuía caráter mais informativo. (MELO; ASSIS, 2010, p. 96).

Melo e Assis (2010, p. 96) relatam ainda que, em nível internacional, a disputa que o informativo e o opinativo travavam por espaço nos jornais iniciou por volta do século XVIII, assim que o editor inglês Samuel Buckley decidiu separar as *news* (notícias) dos *comments* (comentários) no *Daily Courant* – o primeiro jornal diário

britânico. A partir desse momento, os textos começaram a ser classificados em gêneros. (ASPAS)

Já no Brasil, “a opinião prevaleceria durante o século XIX, declinando ao final do Império, mas permanecendo ainda com muita força até meados do século XX” (MELO; ASSIS, 2010, p. 97). Depois disso, os veículos nacionais passaram a trabalhar com uma ótica de mercado, em busca da sobrevivência através do capitalismo.

Para que exista opinião, faz-se necessário conhecer a informação. Por isso, para que exista manifestação jornalística de maneira opinativa, o material informativo precisa ser divulgado e consultado previamente pelo leitor. Além disso, Melo, Laurindo e Assis (2012) lembram que o jornalista emissor de opinião deve manter um compromisso ético e moral com a mensagem a ser transmitida aos receptores.

Acerca do gênero opinativo, Beltrão (1980) apud Melo e Assis (2010), afirma que comporta três categorias: do editor, do jornalista e do leitor. O editor pode expressar a sua opinião através do editorial e também pela seleção de matérias e textos a serem publicados no veículo de comunicação. Ao jornalista, cabe firmar uma opinião sobre as pautas que desenvolve, sejam elas informativas ou pertencentes a outro gênero jornalístico.

O profissional teria essa possibilidade somente com os materiais de sua autoria, no que tange a comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta e, ocasionalmente, o artigo. Já os leitores podem manifestar a sua opinião por meio de pronunciamentos oficiais, sejam feitos entre amigos ou publicados na internet, durante possíveis entrevistas concedidas sobre determinado tema ou em contato com a redação.

Além das categorias classificadas no gênero opinativo, Melo e Assis (2010) apontam que o modelo de texto emergiu de quatro núcleos: empresa, jornalista, colaborador e leitor. Os autores apontam oito formatos opinativos: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

O editorial, assim como está expresso em sua titulação, trata-se de um artigo utilizado pelos editores para expressar aquilo que pensam. O editorial é considerado a voz do jornal, pois se propõe a pregar a ideologia do veículo de comunicação. Através desse modelo, o editor, que por vezes é o responsável pela gerência do negócio, pode expressar a sua opinião.

O editorial, considerado a voz do jornal, poderá tratar do falecimento de alguma personalidade ou ainda de algum colaborador da empresa de comunicação. Cabe ao editor a decisão de homenagear alguém através do editorial. Através do artigo, os escritores têm a oportunidade de destacar a morte. Cabe também a eles a decisão de utilizar a temática no texto. Esse material passa pela aprovação do editor e conseqüentemente pela linha de publicações que o veículo adota.

O artigo, por sua vez, conta com características que se assemelham às do editorial, no que diz respeito ao estilo e à natureza das publicações. A diferença entre o editorial e o artigo está no grau de opinião empregado no texto. Os dois têm indícios opinativos, porém, enquanto o editorial expressa a opinião direta do editor e do veículo de comunicação, o artigo se limita a expor aquilo que pensam os escritores, filósofos, pensadores e especialistas em algum tema de interesse à comunidade.

Os autores dos artigos a serem publicados em jornais são descritos por Melo e Assis (2010, p. 102) como “articulistas”. A classe é geralmente integrada por pessoas de destaque na mídia, por isso a denominação. Eles servem como articuladores frente a temas relevantes para a opinião pública. Na maioria dos casos, os articuladores são convidados a desempenhar essa função.

Melo e Assis (2010, p. 102) relatam que “a estrutura do artigo comporta título, introdução, discussão/argumentação e conclusão”.

Dentro da classificação do artigo, Melo e Assis (2010) destacam a existência de duas divisões: o artigo e o ensaio. A diferença entre os textos é percebida na maneira como o tema é tratado e também pelo nível de argumentação que o texto carrega. Além disso, “enquanto o artigo contém julgamentos provisórios, o ensaio apresenta pontos de vista mais definidos e alicerçados com solidez, buscando fontes

que legitimam a sua credibilidade” (MELO; ASSIS, 2010, p. 102). Os artigos podem tratar de pontos de vista ou de temas científicos.

A resenha, ou crítica, é outra divisão do gênero opinativo. A resenha diz respeito à apreciação de uma obra e a emissão de opinião sobre o material analisado, como forma de orientar os interessados sobre determinado produto. Esse texto normalmente é escrito por jornalistas. Já a crítica aparece como uma forma textual para julgar determinado material, e leva a assinatura de críticos consagrados em algum tema. Um exemplo disso são os críticos musicais. Eles são especialistas na área, contratados especialmente para avaliar os materiais da indústria fonográfica.

A maneira como as resenhas e críticas são dispostas dependem do público alvo e do veículo que as publica. Ao se tratar de gênero opinativo, todos os materiais produzidos levam em conta o interesse do público e as ideologias da empresa de comunicação.

A resenha, que trata da apreciação de uma obra, poderá falar sobre a morte ao mencioná-la em alguma análise cultural. A mesma linha de pensamento se estende à crítica, que adota caráter opinativo no momento em que o especialista em determinado campo expõe a sua opinião.

A coluna, também citada como divisão do modelo opinativo, emergiu na imprensa norte-americana em meados do século XIX. Nessa época, os Estados Unidos passavam por uma fase de reformulação em seus periódicos, que abandonavam características doutrinárias para se tornarem informativos. O desejo de mudança se espalhou por todo o mundo.

A sociedade clamava por uma mudança estrutural, em que as matérias fossem analisadas pelos seus colaboradores. Dessa forma, começaram a emergir seções sob a responsabilidade de jornalistas, com o intento de superar a impessoalidade, o que gerou um jornal “de valor informativo e de vigor pessoal” (MELO; ASSIS, 2010, p. 103).

Melo e Assis (2010) constatam que a coluna é muito usada no jornalismo brasileiro. Os escritores relatam ainda que, tamanha a sua utilização no país, a coluna se aproxima de outras categorias em alguns momentos, podendo “abranger o comentário, a crônica e até a resenha” (MELO; ASSIS, 2010, p. 104). Além disso, é,

por vezes, composta por notas. Apesar de abranger ou outras categorias da escrita jornalística, a coluna deve seguir algumas normas: deve ser publicada com regularidade e levar a assinatura do responsável pelo texto, além de ser redigida de maneira mais pessoal quando comparada com textos informativos.

Portanto, como apontado anteriormente, a coluna está presente em diversos segmentos do jornalismo, desempenhando, em cada uma delas, a sua função. Dessa maneira, os autores a classificam como “uma categoria opinativa que pode aparecer de forma híbrida, por exemplo, na coluna social, em que, por vezes, aproxima-se da crônica e, por outro lado, é um noticiário de acontecimentos” (MELO; ASSIS, 2010, p. 104).

Nesse espaço o colunista, que usufrui de certa liberdade proporcionada pelo veículo para escolher o assunto a ser abordado, poderá escolher falar sobre a morte. O comentário assume posições que, por vezes, se assemelham à coluna. A abordagem da morte também se torna parecida com aquela adotada na coluna.

O surgimento do comentário é apontado por Melo e Assis (2010) como um ato de resposta ao editorial, que também está classificado no gênero opinativo. A intenção com o comentário seria de impedir o monopólio do editorial, “devido aos acordos e concessões ao estado, a grupos econômicos [...]”, que eram ofertados aos burgueses através do editorial (MELO; ASSIS, 2010, p. 104).

As ideologias das grandes empresas jornalísticas eram noticiadas através do editorial, assim como aquilo que pensavam os grupos que comandavam a economia do país. O monopólio estava situado na informação. Tornavam-se editorial apenas os temas que eram de interesse dos emissores da mensagem.

O comentário é de total responsabilidade daquele que o escreve. No Brasil, Melo e Assis (2010) contam que a exigência é de que o profissional tenha bagagem cultural e conhecimento de causa. Ele está apto a emitir suas ideologias, pois, perante a sociedade, é visto como um formador de opiniões. Os autores destacam ainda que os profissionais que se destacam na redação geralmente são convidados a escrever comentários.

Além de emitir opinião em suas páginas, os leitores interagem através de comentários em matérias publicadas nos portais e *fan pages* de empresas de comunicação. Nesse processo, qualquer texto, independente do gênero em que está inserido, carrega doses de opinião. São os leitores os responsáveis pelo caráter opinativo do material.

Seguindo a linha de textos opinativos, a crônica se dedica a transmitir ao leitor aquilo que pensa o seu autor. Nela está empregado o juízo de fatos e ideias, que são refletidas em sentido individual e coletivo. De acordo com Marques de Melo e Assis (2010, p. 104) “tem, em seu sentido tradicional, o relato de acontecimento de ordem cronológica (*kronos* = tempo), reportando-nos à atualidade, ao momento, ao instante”.

Em sua origem, a crônica se tratava de um texto de caráter histórico, segundo Marques de Melo e Assis. Era composta de narrações cronológicas de acontecimentos. A crônica passou a abordar outros temas com o passar dos anos, mas a influência do relato histórico permanece até hoje. Agora ela também adota outras características, entre elas a utilização de um “caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte de referência as informações coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares” (MELO; ASSIS, 2010, p. 105).

Gênero desenvolvido especialmente pelos escritores, “a crônica passa da história e da literatura para o jornalismo” (MELO; ASSIS, 2010, p. 105). Com essa mudança de posicionamento, a crônica também passou a ser escrita a partir de relatos do cotidiano. Os episódios ocorridos na vida do autor poderão ser descritos logo após terem acontecido, ou guardados para a posteridade. Esse campo abre espaço para materiais textuais de toda e qualquer natureza, que serão produzidos de acordo com os critérios adotados pelo cronista. No Brasil, as crônicas geralmente abordam temas do cotidiano, com intersecções literárias, e ou texto de posicionamento a partir de uma crítica social.

Emitir juízo sobre os fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos é o objetivo principal da crônica, de acordo com Melo e Assis (2010, p. 105). Geralmente escrita pelos jornalistas, a crônica poderá dar espaço à publicação

sobre morte ao tratar diretamente sobre o falecimento e ou a sua influência no cotidiano dos vivos – o quanto pensam na sua morte e a dor de perder alguém querido, por exemplo. “A metodologia a ser adotada é de responsabilidade do autor do texto”.

A charge e a caricatura são relatos de opinião ilustrados. Com desenhos, os chargistas e caricaturistas revelam o seu ponto de vista sobre algum tema. Tratando-se de jornalismo, Melo e Assis (2010) explicam que a caricatura expressa sentido mais profundo, pois motiva o leitor a desenvolver percepção rápida de opinião, conseguindo, ainda, o persuadir. Além da caricatura, a classe abrange o retrato humano, charge, a crítica humorística e a história em quadrinhos.

A carta, outro tipo de texto inserido no gênero opinativo brasileiro, é um material voltado especialmente à opinião do leitor. Segundo Melo e Assis (2010, p. 106), esse texto, que surgiu em meados do século XIX, se trata do primeiro formato jornalístico a possibilitar a expressão da audiência. Com ela “a população pode manifestar a sua opinião acerca de temas abordados na mídia, assim como sugerir temas a serem expandidos pelos veículos de comunicação”.

A carta pode ser bastante útil na elaboração de obituários. Muitos leitores a utilizam para encaminhar informações sobre o falecido ao jornal. O processo de colaboração estabelecido com a carta auxilia tanto na relação do jornalista com o familiar, como à produção do material. Por tratar-se de um texto carregado de personalidade, obter informações com alguém que conheceu o morto acrescenta qualidade ao texto.

A carta pode ser adotada em impressos e na televisão. No rádio, também é possível utilizá-la, porém como uma leitura apropriada ao meio. Na internet a sua utilização se manifesta através de comentários de leitores, espectadores e ouvintes junto às plataformas virtuais do veículo de comunicação. A ferramenta estimula o relacionamento entre o emissor e o receptor da mensagem jornalística.

A interatividade, bastante presente no atual cenário do jornalismo mundial, pode ter tido na carta a sua primeira manifestação.

A adoção de uma seção de cartas vai dar aos impressos, também, a oportunidade de conhecer o pensamento do seu público, e a evolução desse formato vai possibilitar o nascimento de inúmeras formas de interatividade nos mais diversos suportes midiáticos que, por suas características específicas, vai tornar o relacionamento cada vez mais próximo entre audiência e veículo de comunicação (MELO; ASSIS, 2010, p. 107).

O território ocupado pela carta nos jornais, rádio e televisão é democrático. Portanto, deve oferecer espaço a todos os interessados em participar do debate público. O anonimato, porém, é proibido nas cartas. É preciso que a comunidade revele a sua identidade.

Apesar da possibilidade de enviar cartas aos veículos de comunicação, atualmente os consumidores da informação têm investido em interação através da internet. Diversos são os mecanismos que possibilitam esse contato, como *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*. Dessa maneira, o gênero opinativo também está presente no jornalismo de internet.

Apesar de reconhecerem a utilização da internet no processo de emissão de mensagens pelo leitor, Melo e Assis (2010, p. 95) reconhecem que o gênero “sofre atualmente um processo evolutivo considerando, sobretudo, o novo jornalismo praticado nos suportes *on-line*”. Os humanos se tornaram propagadores da informação. A comunidade tem a sua disposição ferramentas que possibilitam se comunicar e atingir um grande número de leitores. Porém, para isso, não é necessário que sejam jornalistas e nem formadores de opinião.

Todos aqueles que estão inseridos no mundo virtual expressam a sua opinião, em um processo que ocorre de maneira particular. Os obituários, por exemplo, são escritos com a participação do leitor. A comunidade se tornou fundamental na elaboração dos registros de falecimento, pois possui conhecimentos suficientes sobre o falecido para auxiliar na redação de um texto que fala sobre ele.

O jornalismo precisou adequar-se à participação efetiva dos leitores no ambiente virtual. Melo e Assis (2010, p. 101) afirmam que “o discurso jornalístico vai se revestir de uma nova roupagem, a partir das peculiaridades impostas pelas condições de produção e dispersão da informação, pela relação dialógica entre emissor e receptor”.

A morte, objeto de estudo na pesquisa sobre obituários, pode ser abordada em todas as classes que integram o gênero opinativo: editorial, artigo, resenha ou crítica, coluna, comentário, crônica, charge, caricatura ou carta.

### **2.9.3 Gênero Interpretativo: o exercício da interpretação pelo jornalista e o leitor**

Interpretar é uma função que está incumbida ao jornalista e inserida no exercício da sua profissão. Beltrão (1976, p. 47) entende que “a interpretação é uma das características básicas do jornalismo, o que vale dizer uma atitude do ofício do agente da informação”. O profissional tem em suas mãos um fato que, aliado a acontecimentos, será desenvolvido a partir de suas percepções. Consiste no ato de informar, sem opinar, tratando-se da “análise preliminar de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, e transformá-los em matéria para a divulgação” (BELTRÃO, 1976, p. 47).

Assis explica o surgimento do gênero informativo ao dizer que “historicamente, a informação e a opinião são gêneros hegemônicos e que balizam o jornalismo. [...] Todavia, a partir de meados do século XX, emergiram outros três novos gêneros, considerados complementares. O primeiro deles [...] é o interpretativo” (ASSIS, 2010, p. 22).

Melo e Assis (2010) afirmam que o aprofundamento é uma das principais características dos textos jornalísticos interpretativos. Os temas são colhidos durante pesquisa documental ou junto das fontes e, diferente das matérias informativas, são produzidos com profundidade na análise. Beltrão (1976) justifica que interpretar consiste em analisar, de forma preliminar, ou submeter os dados colhidos a uma seleção crítica. A partir dessa afirmação, é possível dizer que a interpretação jornalística se trata da análise de informações e a sua reprodução, em forma de matéria. O material é produzido com profundidade no tema e publicado com a intenção de auxiliar no processo interpretativo dos leitores acerca do tema abordado.

Assis (2010, p. 24) sublinha que “um fato deve ser notado: a questão do gênero interpretativo ainda não foi completamente encerrada”. O autor justifica que,

embora o gênero se caracterize pelo aprofundamento, pela explicação e pela análise da informação, ele ainda necessita de aperfeiçoamento, pois os títulos atribuídos a ele geralmente divergem.

A interpretação jornalística vai além da apuração dos fatos para utilização em alguma matéria. “Consiste no ato de submeter os dados recolhidos no universo das ocorrências atuais a ideias atuantes a uma seleção crítica, a fim de proporcionar ao público os que são realmente significativos” (BELTRÃO, 1976, p. 12). A seleção das informações e a análise detalhada dos fatos é uma das imposições àqueles que se propõem a escrever um texto dessa natureza.

Para ser inserido na classificação de gêneros no Brasil, o interpretativo precisou integrar-se ao sistema de comunicação social. Beltrão (1976, p. 52) explica que esse processo consiste na relação que a população mantém com o meio de comunicação, seja através do meio impresso, sonoro ou do audiovisual. A população precisa acreditar na ideia empregada no texto, para assim interpretá-la. Já Melo e Assis (2010) acreditam que uma consonância na literatura deu origem ao gênero no país.

Entre outros fatores, Melo e Assis (2010) apontam o estabelecimento deste modelo de jornalismo com a criação do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil, na década de 1960. A partir desse período, as matérias eram encorpadas com dados permanentes, a título de documentação das notícias produzidas pelas redações.

Dessa forma deu-se início a uma era de jornalismo de análise e argumentação, que incorpora também a possibilidade de avaliar a notícia. Essas características influenciaram no desenvolvimento e criação do jornalismo interpretativo. As matérias desse gênero se tornaram “complemento do que foi ouvido no rádio e na televisão” (MELO; ASSIS, 2010, p. 109).

O processo de interpretação diverge do modelo tratado no capítulo anterior desta pesquisa: o gênero opinativo. O material interpretativo deve ser escrito sem a utilização de juízo próprio, apenas contando com o relato das informações, a fim de auxiliar no processo de interpretação daquele que tem acesso ao material divulgado. É preciso, portanto, manter um equilíbrio na escrita, a fim de não emitir opinião.

Se o jornalista ultrapassa os limites da busca do sentido das diferentes forças que atuam em uma situação, configurada em suas origens e em suas possíveis projeções, se submete os dados colhidos e o sentido encontrado a uma escala de valores própria, pessoal, estará em pleno domínio da opinião. Se, por outro lado, menospreza, camufla ou subtrai aspectos essenciais à exata compreensão do acontecimento ou destaca, apenas, aqueles de natureza impactual e facilmente perceptíveis, estará no campo da informação mutilada, superficial e/ou sensacionalista (BELTRÃO, 1976, p. 48).

Ainda sobre diferenças estabelecidas entre os gêneros opinativo e interpretativo, Beltrão (1976) lembra que a interpretação consiste em determinar o sentido de um fato a partir das forças que atuam sobre ele, enquanto que o outro modelo incorpora a valoração do fato e de seu sentido, além de expressar o que pensa sobre o acontecimento. Assis (2010) defende posicionamento semelhante ao declarar que o interpretativo representa o esforço de determinar o sentido de um fato a partir da rede de forças que atuam sobre ele, não o sentido ou o valor que os fatos têm, como no opinativo. Já Melo e Assis (2010) dizem que na interpretação há a busca pelo sentido das forças que atuam em algum fenômeno, ou pauta jornalística, enquanto que no gênero opinativo existe a necessidade de atribuir valores a esse sentido.

O jornalismo interpretativo só poderá ser executado a partir de informações. Para isso, forma-se uma parceria entre o gênero interpretativo e o informativo. Para que exista notícia, é preciso de informação. Portanto, para escrever um texto de caráter interpretativo, o jornalista necessita colher informações sobre o tema a que se propõe escrever. A partir dos relatos colhidos, o interpretativo “ênfatiza critérios de valoração específicos, mediante os quais identifica o objeto de maior importância e interesse para o seu público, trabalhando-o, então, exaustivamente” (BELTRÃO, 1976, p. 73).

O gênero interpretativo permite que as matérias sejam escritas de maneira individual ou coletiva. Já Beltrão (1976, p. 52) defende que “o jornalismo interpretativo deve ser resultado de um trabalho grupal coordenado”. A investigação é uma grande aliada na redação desse tipo de texto. Cabe, portanto, ao jornalista, captar, interpretar e codificar a mensagem, para depois emití-la. A mensagem interpretativa é “enriquecida de elementos que exigem múltiplos esforços e especialização de agentes” (BELTRÃO, 1976, p. 71). Porém, para transformar a notícia em reportagem interpretativa, Marques de Melo e Assis (2010) apontam três

necessidades: articular fatos que estão no presente e no passado; valorizar o humano como fato jornalístico e condutor do relato; e aproximar a informação jornalística da informação científica.

A partir dessas premissas, o texto produzido pelos jornalistas pode atingir duas esferas: reportagem interpretativa e reportagem em profundidade, de acordo com Melo e Assis (2010, p. 112-113). A reportagem interpretativa é definida pelos autores como um texto que conta com elementos como aprofundamento, antecedentes (temporais, espaciais e do fato), contextualização e humanização. Já a reportagem em profundidade é destacada por eles como um material que possui antecedentes textuais, projeção de futuro, prognóstico, informação íntegra e análise.

A publicação de textos interpretativos em jornais vai ao encontro das necessidades dos leitores da atualidade. Beltrão (1976, p. 55) entende que “a despeito dos motivos e pressões de ordem econômica, política, profissional, social e intelectual [...], alguns diários têm parcialmente praticado o gênero interpretativo”.

O jornalismo interpretativo está alocado, para alguns pesquisadores, como uma ponte que divide o gênero informativo e o opinativo. Alguns autores sequer estabelecem o tipo de texto a ser escrito nessa classificação.

Melo e Assis (2010 apud DIAS et al., 1998) citam quatro formatos que podem ser explorados quando a ideia é de produzir material interpretativo: a análise, o perfil, a enquete e cronologia. A morte poderá ser tratada em todos. A análise, que está baseada na avaliação dos materiais reunidos pelo jornalista, poderá, entre outros temas, analisar possíveis relatos de morte. Para isso, a matéria necessita tratar dessa temática. No perfil, é possível traçar a personalidade póstuma de alguém. Esse trabalho requer pesquisa e contato com pessoas próximas ao morto.

Já a enquete, que lança uma pergunta a fim de que a população interaja com respostas, poderá abordar a temática morte. Dessa maneira a passagem humana conseguirá ser incluída nesse texto. A cronologia, classificação em que são pesquisados dados cronológicos sobre algo ou alguém, poderá tratar sobre a morte em matérias que apresentem um histórico de guerras, doenças e catástrofes que vitimaram pessoas, por exemplo. Ainda está apta a apresentar um relato histórico sobre a vida de alguém reconhecido entre a sociedade.

#### 2.9.4 Gênero Diversional: a informação como entretenimento

Nem tudo aquilo que os jornais publicam é notícia. Alguns dos materiais inseridos nos periódicos têm como objetivo ofertar diversão a ser consumida nos momentos de lazer do leitor. Melo e Assis (2010, p. 141) entendem que essa realidade também atinge os programas jornalísticos em mídia eletrônica e digital. “Os conteúdos do gênero diversional não teriam a função primordial de informar sobre acontecimentos”.

Para Dejavite, foi no impresso que o entretenimento teve oportunidade para alcançar um maior número de pessoas, pois “ao que tudo indica, esse meio foi o primeiro portal por onde o entretenimento se difundiu em larga escala” (DEJAVITE, 2006, p. 56).

Assis acredita que o gênero diversional:

Corresponde a conteúdos destinados à distração do leitor, mas que, ao mesmo tempo, em nada deixam a desejar em termos de verossimilhança das informações e de seu conteúdo. Trata-se de um tipo de texto voltado à apreciação do público que tem a possibilidade de ocupar seu tempo livre com a leitura de tais relatos (ASSIS 2010, p. 27).

A função do gênero diversional “é proporcionar certa dose de diversão, ao mesmo tempo em que informa, distanciando-se dos demais gêneros por seu aspecto estrutural” (ASSIS, 2009, p. 3-4).

O texto desse gênero é apontado pelos autores Melo e Assis (2010) como fruto de um jornalismo de caráter complementar e emocional, que se propõe a resgatar assuntos que “poderiam ser considerados indiferentes ou desnecessários, tais como descrição de ambientes, de características das pessoas envolvidas, entre outros” (MELO; ASSIS, 2010, p, 141). Dejavite (2006), por sua vez, defende que essa categoria agrupa textos que tratam de temas como culinária, moda, saúde, bem-estar, beleza e notícias de celebridades, entre outros.

Assis (2010) acredita que o gênero diversional é o que mais contém controvérsia. O escritor entende que, dentre os gêneros jornalísticos estabelecidos pelos pesquisadores Melo e Assis (2003), este é modelo que proporciona a mais alta possibilidade de diferentes interpretações. “A própria terminologia voltada para o ‘divertimento’ parece, muitas vezes, não ser bem aceita ou bem interpretada”

(ASSIS, 2010, p. 25). Para Dejavite, compreender a proposta do gênero diversional também poderá ser uma tarefa contraditória. “A fronteira entre o jornalismo e entretenimento nunca foi nítida e a sobreposição é quase inevitável nos dias atuais. Nessa área, delimitar e distinguir o que significa entreter e informar não é tarefa fácil (se é que isso seja realmente possível)” (DEJAVITE, 2006, p. 72).

O modelo foge do parâmetro de informação e/ou opinião, adotado na maioria dos produtos jornalísticos. Enquanto Melo e Assis (2010) dizem que o gênero tem outro caráter e, por isso, uma tipologia diferente daquela que é aplicada no texto tradicional, Assis (2010, p. 25) o classifica como a “informação que diverte”. O que se pode perceber é que “projetar o jornalismo no campo do divertimento e do lazer é assumir que há produção e consumo” de uma informação que tem no verbo divertir a sua principal ação (ASSIS, 2009, p. 5).

A diversão empregada neste texto, antes relatada por Assis, não diz respeito à mesma sensação provocada pelos programas humorísticos. Nesta categoria o pesquisador inclui “seções de piadas, histórias em quadrinhos, entre outros formatos que não têm a obrigação de abordar assuntos diversos de maneira verossímil” (ASSIS, 2009, p. 5). No jornalismo, o divertimento corresponde ao ato de entreter o público com materiais que contenham teor agradável e certas doses de diversão.

Apesar de reconhecer a aplicação do gênero diversional nos meios impressos, Assis (2009) observa que

dentro das redações, pouco (ou quase nada) se fala sobre o gênero diversional; no dia a dia, jornalistas tendem a reduzir a classificação dos conteúdos produzidos por eles aos tradicionais formatos “nota”, “notícia” e “reportagem”. Entretanto, não é raro ouvir um editor solicitar ao repórter uma “reportagem mais elaborada”, um “texto mais atraente”, uma “abertura envolvente”, uma “matéria humanizada”. As muitas e possíveis nomenclaturas sugeridas pelos profissionais do mercado são vestígios de que realmente há determinados conteúdos com aspectos diferentes do gênero informativo (ASSIS, 2009, p. 10).

Acerca do desenvolvimento do modelo jornalístico no País, Ferreira lembra que o gênero diversional “é associado no Brasil ao jornalismo cultural e teria em sua contribuição ao esmiuçar detalhes de fatos cotidianos ou não que estão fora do alcance do conhecimento do cidadão” (FERREIRA, 2012, p. 13).

Melo e Assis (2010) explicam ainda que o gênero diversional emerge como reflexo de um fenômeno social datado: o período pós-guerra, conhecido também como era pós-industrial. Relatos dos escritores dão conta de que esse momento na história da humanidade, iniciado no século 20, teve como premissa a valorização do cotidiano, além do incentivo ao descanso do corpo e da mente.

Em algumas oportunidades, no Brasil o gênero diversional é chamado de jornalismo literário. Esse é um ponto de divergência entre pesquisadores brasileiros em comunicação. Assis (2010) admite a existência do impasse, mas adota o termo diversional, assim como Melo e Assis (2010), em obras sobre o estudo de gêneros no país. Assis também adota o diversional como gênero, e aponta ainda que ele “compreende relatos jornalísticos, elaborados com técnicas de redação e escrita comuns aos textos literários” (ASSIS, 2009, p. 6).

Acerca da ligação estabelecida por pesquisadores entre o modelo diversional e o texto literário, Assis (2009) declara que a conexão acontece, pois os dois são definidos de maneira semelhante: a partir da elaboração de técnicas narrativas literárias. O modelo diversional estaria mais voltado à redação de materiais jornalísticos a partir da sensibilidade, sem seguir, de maneira categórica, a aplicação de elementos como o *Lead*. Por fim, o autor esclarece que os traços literais presentes no texto diversional são reflexo dos recursos aplicados na elaboração do material textual. Assis acredita que os jornalistas estão aptos a redigirem tanto os materiais literários como aqueles de natureza diversional, além de incluir ambos no impresso como materiais informativos, pois a “verossimilhança dos relatos é, por isso, o que determina a essência do gênero diversional” (ASSIS, 2009, p. 14).

Devido às características de diversão e entretenimento, o texto diversional não trata comumente sobre falecimentos. Agora, se o objetivo do escritor está em satirizar a morte ou como a sociedade a vê, este poderá usufruir desse modelo textual. Caso contrário, a seção de obituários, objeto de pesquisa desse trabalho, não comportará materiais que contenham determinado tom de humor.

### 2.9.5 Gênero Utilitário: o jornalismo de serviço

O gênero utilitário tem na orientação ao leitor uma de suas tarefas principais. O texto é utilizado como um artigo de utilidade pública e procura sanar dúvidas cotidianas da comunidade. Ele inclusive “possui características próprias que o coloca como um gênero jornalístico independente” (MELO; ASSIS, 2010, p. 125). Essa característica do gênero se aplica aos obituários. Através desse texto o público tem acesso a informações sobre o local e data da morte e o horário do sepultamento.

Apesar de defender essa ideia, Melo e Assis (2010) admitem a possibilidade de o gênero utilitário ser confundido com o informativo. Sobre isso, os autores afirmam que há certa dificuldade em identificar o gênero, “isso porque o serviço pode aparecer como complemento de um material informativo ou embutir algumas características em formatos como a reportagem” (MELO; ASSIS, 2010, p. 139).

Apesar de terem diferentes utilidades, os gêneros jornalísticos parecem ter um objetivo em comum: prestar serviços ao leitor. Vaz entende que “vivemos em uma sociedade em que variadas opções são oferecidas aos consumidores, seja em termos de lazer e cultura ou ainda bens e serviços, os cidadãos necessitam cada vez mais de apoio e orientação para a tomada de decisões” (VAZ, 2011, p. 1).

Esse modelo jornalístico nasceu no século XX, segundo Marques de Melo e Assis (2010). Junto dele, também teriam sido desenvolvidos os gêneros interpretativo e o emocional, mais conhecido como diversional. Antecedendo esse período, os autores relatam a aparição do informativo no século XVII, seguido do opinativo, em XVIII.

As informações cedidas ao leitor pelo gênero utilitário poderão ser aproveitadas em diversos momentos. Alguns poderão necessitar delas para tomar decisões imediatas, enquanto outros poderão utilizá-las somente assim que precisarem de determinada informação.

Os serviços prestados através desse gênero são formados, de acordo com Assis (2010), por, pelo menos, três perspectivas diferentes. Entre elas estão as

seções especializadas, destinadas a cobrir as preocupações e necessidades práticas do dia a dia do cidadão; pelas informações de atualidade sobre numerosas questões consideradas de interesse geral, as quais são incorporadas pelas seções já indicadas; e pela incorporação da informação de serviço a textos mais convencionais [...], como elemento que enriquece tais matérias (ASSIS, 2010, p. 10).

Além de intitular o gênero como utilitário Melo e Assis (2010) também acreditam que ele pode ser conhecido como jornalismo de serviço. Os autores ainda relatam que textos dessa natureza podem ser encontrados em indicadores meteorológicos, matérias sobre economia e saúde, por exemplo. Segundo eles, no utilitário também haveria espaço para guias de serviços com indicações de atividades culturais.

Já Medina (2001) intitula a classificação como gênero utilitário ou prestador de serviço. O pesquisador acredita que essa categoria abranja textos como roteiro, obituário, indicadores, campanhas, ombudsman e educacional, no caso de testes e apostilas.

Atualmente, o gênero tem despertado mais a atenção dos jornalistas. Melo e Assis (2010) explicam que a notícia de utilidade foi incorporada à rotina de trabalho dos repórteres, pois agora os veículos de comunicação “não tratam os serviços apenas como meros registros. Cada vez mais nota-se uma ampliação deste espaço nos impressos, com o surgimento de suplementos exclusivos para este conteúdo. Há um trabalho de apuração, os jornalistas visitam os locais [...]” (MELO; ASSIS, 2010, p. 128).

Tratado por alguns autores como jornalismo de serviço, o utilitário é apontado por Medina (2011) como uma ferramenta para a divulgação dos obituários. Isso acontece, pois o texto abrange a prestação de serviços à comunidade.

Além de falar sobre a trajetória de vida e o legado deixado pelos falecidos, o texto dessa natureza aponta utilidades, como o local e horário dos atos de encomendação do corpo, a maneira como a morte se deu, e também o lugar em que o corpo será sepultado.

A classificação dos gêneros não é rígida porque “embora existam regras a serem cumpridas e preposições que servem para embasar a produção do jornalismo, os produtos gerados no dia a dia das redações ultrapassam padrões

preestabelecidos” (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 81). Segundo os autores, isso é possível, pois “as estruturas do jornalismo não são extremamente rígidas, tais como são as de outras áreas, principalmente as das Ciências Exatas” (MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p. 82).

### 3 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E ROTINA PRODUTIVA NO JORNALISMO

As notícias que chegam ao conhecimento da população são aquelas que o jornalista, ou o veículo em que ele trabalha, decidiu publicar. O material que é divulgado se torna assunto público, fazendo com que a atenção da comunidade se volte para o tema que os jornalistas e editores destacaram. Para intitular o profissional que decide aquilo que será publicado nos veículos de comunicação, foi criado o termo *Gatekeeper*. Kunczik (2002) explica que a expressão provém das obras de Kurt Lewin, elaboradas durante análises de processos de tomada de decisão individuais e, principalmente, em grupos.

O paradigma do *Gatekeeper*, desenvolvido na pesquisa de Lewin, inspirou o desenvolvimento da expressão *Newsmaking*, que se refere ao processo de produção da notícia.

O *Newsmaking* coleta dados na condição de “investigador presente no ambiente que é objecto [sic] de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, que através de conversas [...], ou verdadeiras entrevistas com pessoas que põem em prática os processos produtivos” (WOLF, 2001, p. 186). O trabalho de observação se aplica na profissão do jornalista, na organização de seu trabalho e no processo produtivo. Para o autor, o processo de *Newsmaking* é determinante para definir o que é notícia e o processo produtivo pelo qual a informação vai passar. “Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios, de relevância que definem a noticiabilidade [...] de cada acontecimento” (WOLF, 2001, p. 189).

A noticiabilidade, citada por Wolf (2001) como resultado da observação do *Newsmaking*, está relacionada ao processo de rotinização das práticas produtivas do jornalismo, que consiste em colher matéria prima a partir dos acontecimentos. As notícias são aquilo que os jornalistas definem como tal, mas a noticiabilidade é “a resposta que o órgão dá à questão que domina a atividade dos jornalistas: quais os factos [sic] quotidianos que são importantes?” (WOLF, 2001, p, 190). Para Kunczik (2002, p. 237) “a seleção de notícias equivale a restringir o volume de informações [...]. Não só se aceitam ou rejeitam as notícias, como as que são aceitas são processadas e, dessa forma, modificadas”.

Os interesses do veículo de comunicação influenciam no que vai ser noticiado. O espaço dedicado ao fato também será mensurado a partir do grau de importância estabelecido pela empresa. A seção de obituários tem local limitado no jornal, e é utilizada para publicar mortes que foram encaminhadas ao veículo e selecionadas por ele. Além disso, existem os fatos inesperados, que contemplam vários critérios de noticiabilidade e por isso precisam ser publicados, como o falecimento de famosos, que geralmente é mencionado na seção.

Para se tornar notícia, o fato precisa atender a uma série de exigências ou regras determinadas pelo *Gatekeeper*. O conjunto de normas foi denominado critérios de noticiabilidades. Wolf (2001) explica que a noticiabilidade é um critério fundamental para definir o valor notícia, defendido por ele de duas maneiras: como uma ferramenta complementar à seleção de informações e um critério de relevância espalhado ao longo de todo o processo de produção, presente na seleção de notícias e nos desdobramentos que ela poderá ter. Para o pesquisador, o valor notícia não permanece o mesmo. “Em geral, pode-se dizer que cada novo sector [sic], tema, argumento ou assunto que represente uma ampliação da esfera informativa, se torna regularmente noticiado, na medida em que se verifica um reajustamento e uma redefinição dos valores/notícia” (WOLF, 2001, p. 199).

A partir dos estudos de Kurt Lewin foi criada uma lista com os pressupostos que englobam os valores notícia fundamentais: características substantivas das notícias, critérios relativos ao produto informativo, ao público e à concorrência.

Se tratando das categorias expostas, a característica substantiva diz respeito à importância e ao interesse pela notícia, que pode ser determinada por quatro variáveis: grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento; interesse nacional sobre o tema; número de pessoas envolvidas no acontecimento; e a relevância da situação à evolução de outra pauta.

Na classificação que trata sobre o produto informativo, Wolf (2001) orienta que se deve procurar saber quão acessível é o acontecimento para o jornalista, quais as fontes que seriam utilizadas para abordar o assunto, se o tema já está estruturado e se o fato requer uma cobertura com grande utilização de equipamentos. O critério de produto analisa as restrições técnicas e operantes que os veículos de comunicação podem enfrentar.

No campo relativo ao meio de comunicação, os acontecimentos são analisados a partir do meio em que a notícia pretende ser explorada. Entra em análise a disponibilidade para deslocar um repórter e o acesso à fonte para falar sobre o tema. Nos acontecimentos veiculados em rádio e televisão também se deve levar em consideração a frequência do assunto, com preferência aos temas pontuais e que serão concluídos em pouco tempo.

Se tratando da análise de público, Wolf (2001) acredita que o jornalista está apto a decidir aquilo que é notícia, desde que imerso no mundo das informações e dotado de capacidade para discernir o que é importante para o seu público. Já na análise relativa à concorrência, é observada a relação entre os veículos de comunicação. Wolf (2001) chega à conclusão de que as empresas jornalísticas buscam sempre dar a notícia em primeira mão ou publicar pautas exclusivas. Para o autor, muitos veículos selecionam informações ao pensar que o concorrente poderá dar espaço para o mesmo tema.

Beltrão (1976) entende que, após a identificação do tema a ser explorado, as notícias de valor absoluto devem ser priorizadas pelos jornais. As matérias de valor absoluto são aquelas que se justificam por si mesmas, ou seja, notícias em que o valor é expresso através do tema que aborda e também pela sua relevância. Depois disso, o autor acredita que o jornalista deve levar em consideração critérios como proximidade no tempo, proximidade no espaço, número de pessoas envolvidas e

valor material e ideológico. As notícias de morte estão entre as publicações que se auto-justificam, pois tratam de um tema de interesse popular, além de informar sobre o passamento de alguém, seja ele famoso ou anônimo.

Já entre as características subsequentes, a proximidade temporal é apontada por Beltrão (1976) como a oportunidade de divulgação do fato a partir de sua data. São priorizados os acontecimentos que estão próximos de acontecer.

A partir da seleção dos assuntos que podem virar notícias, os veículos de comunicação estabelecem uma rotina à produção dos conteúdos. Kunczik (2002, p. 263-264) entende que “o consenso entre fontes de informação e jornalistas sobre o que seja 'objetivo', determina de modo decisivo o modo como se produz a notícia”. Para produzir as notícias, o autor explica que as redações podem separar os acontecimentos entre as categorias últimas notícias, notícias em desenvolvimento e notícias contínuas. A classificação facilita o trabalho dos jornalistas, que escolhem, a partir da seleção, o acontecimento que merece prioridade. Para Wolf (2001) as redações expõem o acontecimento a três fases: recolha, seleção e apresentação do assunto.

O autor explica que a fase de recolha do material é utilizada para dar forma ao jornal ou ao noticiário. É descrita de acordo com suas características gerais e depois analisada a partir das fontes. Na recolha são as notícias que procuram o jornalista, pois ela utiliza informações de assessorias de imprensa e agências de notícias. Tratando de obituários, pode-se abrir uma exceção aos falecimentos encaminhados aos jornais pelos familiares do morto. Na seleção, cabe ao profissional e ao veículo decidirem o assunto que será ampliado.

Como o interesse do público é um dos critérios de noticiabilidade essenciais no dia a dia do jornalista, cabe considerar o papel dos meios de comunicação no agendamento dos leitores. A Teoria da Agenda desenvolve “papel central aos veículos noticiosos por serem capazes de definir itens para a agenda pública” (MCCOMBS, 2009, p. 24). O agendamento tem amplo efeito de comunicação de massa, pois se trata de uma apresentação ao público de assuntos que precisam ser discutidos e que contribuem para a formação de opinião pública.

Temas competem para aparecer na agenda dos jornalistas e ganhar a atenção do público. Porém, os veículos de comunicação contam com espaço limitado à publicação dos acontecimentos. “O estreito limite no tamanho da agenda pública é explicado pelos limites dos recursos do público, limites que incluem tanto o tempo como a capacidade psicológica” (MCCOMBS, 2009, p. 68). Wolf (2001) estabelece três possibilidades de agendamento: intrapessoal, que corresponde aquilo que o indivíduo considera como tema importante; interpessoal, que atenua sobre os temas que o indivíduo fala ou discute com as pessoas; e a de opinião pública, que trata da importância que o indivíduo pensa que as pessoas atribuem a determinado tema.

### **3.1 A redação de notícias de morte**

Para escrever notícias que falam a respeito do falecimento de uma pessoa, é necessário levar em consideração os critérios jornalísticos abordados anteriormente.

A morte está entre os acontecimentos noticiados pelos veículos de comunicação.

O nascimento e a morte são por isso os acidentes-limite em relação aos quais todas as outras ocorrências se posicionam e se referem. Para o nascimento e para a morte não há explicação plausível porque não há sentido racional que os compreenda numa lógica causal, num antes e num depois. Por isso, a notícia é no mundo moderno o lado negativo da racionalidade, no sentido fotográfico deste termo. O racional é da ordem do previsível, da sucessão monótona das causas, regida por regularidades e por leis; o acontecimento é imprevisível; irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo (RODRIGUES, 1993, p. 129).

Entre as palavras privilegiadas no texto informativo, Andrade e Medeiros (1997) destacam os verbos fazer, dar, estar e ser. O vocabulário deve se adequar ao público que deseja atingir, sem esquecer-se da utilização de palavras de fácil compreensão. O número de linhas ou caracteres utilizados na notícia sobre morte pode ser definido pelo próprio veículo de comunicação.

A redação das notas de morte pode variar a cada texto, porém, conforme Erbolato (2004, p. 65), há uma regra para qualquer tipo de notícia: “deve responder

a seis perguntas clássicas: Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?”. Os questionamentos, que integram o *Lead*, devem compor a matéria jornalística.

Erbolato (2004) defende a percepção do profissional para a melhor escolha do modelo de redação e, para isso, apresenta duas opções: a notícia analítica, que procura responder a todas as perguntas do *Lead*, e a notícia sintética, que apenas esclarece às perguntas “Quem? Quê? Quando?” e “Onde?”. Além disso, lembra que há três sistemas de apresentação do texto: pirâmide invertida, forma literária ou sistema misto.

Qualquer um dos modelos apresentados pode ser aplicado nas notícias de morte. Porém, deve ser valorizado o elemento “quem”. Erbolato (2004) explica que para garantir a qualidade e alcançar os objetivos propostos pelo texto, é preciso valorizar determinado elemento do *Lead*. Tratando de morte, a pessoa é estabelecida como o principal componente da notícia. Ela deve receber atenção como valor notícia e elemento ativo da história a ser contada.

As notas que tratam sobre morte podem ainda contar com imagens. As fotos podem ou não ter legendas. Caso o jornal opte pela sua inclusão, é importante atentar para alguns detalhes, entre eles o texto. Ele deve ter poucas linhas e representar de forma clara a foto que o acompanha, sem mencionar alguma frase já citada no corpo da notícia.

Conforme Erbolato (2004, p. 76) “deve-se fugir à explicação do que obviamente já se vê no clichê, pois seria redundância [...] É uma legenda mais ampla, comportando título, mas sem abertura de parágrafos”. Além de ilustrar o impresso, essa notícia poderá ser recortada e guardada como lembrança da morte de alguém.

### **3.2 Diante da morte dos outros**

A vida conta com etapas. Há o nascer, viver e morrer. Apesar de o homem ter a certeza de que todos os seres vivos morrerão, aceitar a morte não é tarefa fácil. Nesse processo, desenvolve-se o luto.

O sentimento de luto está ligado a alguns fatores, entre eles o pesar pela morte de alguém próximo, tristeza pela perda e o comportamento adotado em sinal de comoção pela morte de uma pessoa.

Aqueles que se preocupam com os efeitos do luto têm de levar em consideração os muitos fatores possíveis quando tentam explicar as diferenças entre as respostas das pessoas a esse acontecimento. Não basta dizer que a perda de um objeto de amor causa pesar e deixar como está. O pesar do luto pode ser forte ou fraco, breve ou prolongado, imediato ou adiado. Seus aspectos podem ser distorcidos e os sintomas que geralmente causam poucos problemas tornam-se grandes fontes de sofrimento (PARKES, 1998, p. 145).

Dessa forma, entende-se que o luto é sentido de formas diferentes pelas pessoas. Alguns expressam dor pela perda, enquanto outros demoram mais a demonstrar tristeza. Isso, porém, não significa que não estejam enlutados. Cada um reage de uma forma diferente perante o processo de morte.

Assim como já exploramos nos capítulos anteriores, publicar a morte em jornais é uma realidade. As famílias, amigos e pessoas próximas adotam o anúncio como um ritual de passagem. A comoção de um momento considerado difícil, pois envolve a partida de alguém, é exposta no impresso. Enlutados, eles fazem com que a memória do falecido seja preservada e ainda anunciam a perda para toda a comunidade.

Apesar de a morte representar um momento triste aos próximos que acompanham o processo, esses ainda fazem questão de lembrar-se do passamento através dos jornais. E se não bastasse, anunciam ainda notas de agradecimento, convites para missas e notas de aniversário de morte.

Parkes (1998, p. 145) lembra que “nunca seremos capazes de entender em sua totalidade qualquer aspecto do comportamento humano, assim como não podemos esperar identificar os aspectos mais importantes da conduta resultante em todos os casos de luto”.

Apesar de contraditório, anunciar falecimentos à sociedade demonstra a dor das pessoas. Em relação a esse paradoxo, Parkes (1998, p. 199) pergunta: “[...] mesmo se acreditarmos que os rituais relacionados ao luto não têm qualquer valor para os mortos, será que não têm valor para os vivos?”.

O valor do anúncio e notícia de morte publicada no jornal impresso diz respeito ao culto e preservação da memória do falecido. Castells (1999, p. 481) afirma que “separando a morte da vida e criando sistema tecnológico para fazer que esta crença dure o suficiente, construímos a eternidade durante nossa existência”. Anunciar é lembrar, eternizar. Manter vivo, mesmo que na memória, aquele que já partiu da vida terrena.

## 4 MÉTODO

Os métodos adotados nesta pesquisa têm como objetivo possibilitar verificar como a morte é tratada na seção de obituários da Zero Hora. A análise pressupõe considerar os critérios que influenciam na forma como se dá a produção deste tipo de conteúdo, desde o seu recebimento até a sua publicação.

Para tanto, é realizada observação da rotina de produção da seção, bem como análise das características textuais e os critérios de noticiabilidade aplicados nos textos, além da aplicação de entrevistas com os jornalistas responsáveis pelo material.

A pesquisa também se propõe a conhecer as limitações da seção, com base na constatação de que os obituários têm espaço limitado no jornal. O estudo pretende verificar como o texto é disposto no jornal Zero Hora, apurando se algum falecimento recebe destaque entre os demais, questionando os motivos para a possível relevância dada ao caso.

Com o objetivo de conhecer os leitores da seção, o trabalho se propõe a pesquisar a opinião dos receptores. A pesquisa pretende conhecer o público que lê os textos, a sua faixa etária e o que mais desperta a sua atenção para a leitura dos obituários, entre outros temas.

#### **4.1 Pesquisa qualitativa**

O trabalho utiliza o método qualitativo para tratar da inserção de falecimentos no jornal Zero Hora, uma vez que não tem a intenção de obter resultados estatísticos e precisos, como é o caso do modelo quantitativo, mas sim procura compreender e interpretar a natureza de um fenômeno social. A escolha se justifica pelo fato de o estudo levar em consideração um assunto que está sempre em discussão na sociedade: a morte. Devido às características do tema, opta-se pela abordagem qualitativa, porque “além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p. 79).

O método qualitativo procura medir o grau de envolvimento de um grupo com algum tema, por isso os jornalistas que trabalham na seção participam dos levantamentos. Os entrevistados são incentivados a manifestar-se livremente sobre o assunto, já que as pesquisas qualitativas exprimem caráter exploratório e estimulam a emergência de aspectos subjetivos.

As opiniões dos jornalistas são levadas em consideração na avaliação da rotina produtiva da seção e na análise dos textos publicados. Creswell (2010) explica que no método qualitativo os pesquisadores coletam os dados no local em que os participantes vivenciam o assunto estudado. O pesquisador adota uma atitude crítica perante as situações apontadas durante a pesquisa, necessitando interpretar aquilo que ouve, lê e observa.

#### **4.2 Pesquisa quanto aos fins e ao meio**

Quanto aos fins, o trabalho é exploratório, pois tem como objetivo esclarecer conceitos a partir da formulação de problemas ou hipóteses, além de apurar informações sobre o objeto de estudo. Gil (2012) esclarece que a exploratória auxilia na caracterização de uma visão geral sobre o assunto, e que deve ser aplicada quando a intenção é conhecer mais sobre o tema. A pesquisa sobre obituários conta com o método exploratório para aproximar o pesquisador da temática que ele se propôs a analisar, já que o texto dessa seção é pouco explorado na academia. A

análise descritiva também é aplicada quanto aos fins, com a intenção de caracterizar a comunidade, já que tem “por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2012, p. 28).

Quanto aos meios, o estudo utiliza a pesquisa de campo, documental, bibliográfica e o estudo de caso. A análise documental ocorre através de um levantamento dos materiais elaborados pelo objeto de estudo, e que ainda não foram sujeitos ao tratamento analítico. O trabalho consiste em examinar os textos publicados na seção, reconhecendo que se tratam de documentos oficiais. A partir da avaliação textual, a pesquisa apura quais são os critérios do jornal para a redação dos materiais.

Com a bibliografia é feito um levantamento sobre como a sociedade se relaciona com a morte e alguns conceitos jornalísticos essenciais para se atingir os objetivos da pesquisa, como estrutura do texto e gêneros jornalísticos. Também é usada para embasar a análise, uma vez que a revisão bibliográfica sobre rotina produtiva, critérios de noticiabilidade e análise textual orienta a análise de dados. O trabalho ocorre com a descrição e observação de dados cronológicos. A análise se volta à rotina do trabalho, ao conteúdo publicado e à forma como os leitores recebem estas informações.

Com a ida campo, o trabalho vai analisar a rotina dos jornalistas, uma vez que eles produzem conteúdo à seção, além de fazer entrevistas com os profissionais. Gil (2012) lembra que o estudo de caso deve ser aplicado em pesquisas de caráter social, que atendam os seguintes objetivos: investigar situações da vida real cujos limites não estão definidos; descrever o contexto em que está sendo feita a investigação; e explicar as variáveis de determinado fenômeno. O estudo de caso analisa os obituários do jornal Zero Hora, desde a sua produção até a publicação.

### **4.3 Rotina Produtiva**

Para compreender como acontece o processo de recebimento, seleção e publicação dos falecimentos em Zero Hora, é necessário observar a rotina produtiva da seção de obituários. Parte-se da afirmação de que os veículos de comunicação

publicam os fatos que chegam ao conhecimento do jornalista ou da empresa. Assim, a participação de pessoas próximas ao morto é fundamental à publicação dos obituários. Eles são os responsáveis por informar o falecimento e repassar dados como o nome, idade, profissão, naturalidade e o motivo que levou ao óbito. Presenciar a rotina da seção é fundamental para entender como a seleção de notícias acontece.

Ao receber as informações, o profissional precisa decidir quais as mortes que serão publicadas. “A seleção de notícias equivale a restringir o volume de informações, o que significa a seleção de assuntos que alguém acha que merecem ser publicadas” (KUNCZIK, 2002, p. 266) – uma atividade dedicada aos cuidados do *gatekeeper*, figura citada anteriormente e que decide o que vai ou não ser divulgado.

A necessidade de manter impressões diárias faz com que os jornais organizem a produção de notícias, a fim de fazer com que os repórteres trabalhem com mais eficácia. Para Traquina (2012) as fontes são importantes nesse processo, pois alimentam o jornalista com informações. Por isso, o autor alerta que “na cultura jornalística, a relação entre fonte e jornalista é sagrada e manifesta na importância que a comunidade jornalística dá ao direito de sigilo profissional” (TRAQUINA, 2012, p. 192). Se tratando de obituários, a pesquisa verifica como transcorre a relação entre os jornalistas e as fontes.

Para otimizar a rotina de trabalho, Traquina (2012) estipula duas obrigatoriedades aos jornalistas: dominar a escrita e manter boas fontes. O autor ainda sugere criatividade, ordem e controle para que o trabalho seja produtivo. Além de seguir as atribuições da profissão, é importante lembrar aos jornalistas que eles devem atentar à linha editorial que o veículo adota, pois geralmente os veículos têm regras internas de publicação. Presenciar a rotina produtiva permite constatar quais critérios a Zero Hora adota para definir o que será divulgado.

Para conhecer a rotina, o estudo observa o trabalho da seção nos dias 18, 19, 20 e 23 de agosto de 2015, pois a observação é um instrumento que fornece grande volume de detalhes ao pesquisador, tendo como base a descrição e análise, fazendo-se valer de todos os cinco sentidos humanos. O trabalho adota quatro dias de observação, pois segundo o editor responsável pela seção, Ticiano Osório, a

rotina do setor não sofre alterações significativas ao longo de períodos variados, como o dia da semana ou a época do mês, como ocorre em outras editorias. No período escolhido para a análise, é possível averiguar como ocorre a produção dos obituários ao longo da semana, através da observação da rotina produtiva na terça, quarta e quinta-feira, e no domingo, quando a produção sofre alterações mais significativas devido ao regime de plantão adotado pelo jornal.

À pesquisa sobre obituários, cabe o modelo de observação simples, porque ele mantém o pesquisador alheio ao grupo que é observado, fazendo com que a espontaneidade do cotidiano seja analisada. Gil (2012) explica que a observação simples é voltada principalmente aos estudos qualitativos, sobretudo àqueles de caráter exploratório, como é o caso desse trabalho.

#### **4.4 Entrevistas com os envolvidos no processo produtivo**

A entrevista é a forma de interação escolhida para este trabalho, sendo aplicada com o objetivo de coletar dados pertinentes à investigação. Além disso, com essa ferramenta é possível obter informações sobre aquilo que os entrevistados sabem, fazem ou pretendem fazer, relatos que são relevantes para esta pesquisa.

Os entrevistados foram escolhidos a partir de sua relação com a seção de obituários, tratando-se dos jornalistas responsáveis pela redação dos textos e os editores que orientam as publicações do departamento, reconhecendo que eles representam o universo da seção.

Os editores responsáveis pela seção são Ticiano Osório e Pedro Moreira. Ticiano trabalha das 9h às 18h no jornal, sendo que Pedro exerce a função das 14h às 22h. Foram ouvidas também as estudantes de jornalismo Júlia Burg e Mariana Fritsch, responsáveis pela redação dos obituários. A redatora Júlia trabalha das 14h às 22h, mesmo horário que Mariana faz aos domingos, quando substitui Júlia. Mariana afirma ser a substituta de Júlia, que, segundo ela, seria a obituarista. Os editores Ticiano e Pedro fazem referência a Júlia como a redatora responsável pelos materiais publicados na seção.

Para aplicar as entrevistas, a pesquisa munuiu-se de informações sobre a seção, a fim de possuir informações suficientes para fundamentar a amostragem.

As entrevistas são realizadas presencial e individualmente, porque “a melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas” (RICHARDSON, 1999, p. 207). A entrevista é semi-estruturada, com um roteiro previamente elaborado, que pode ser alterado conforme os rumos da conversa.

Para reproduzir as respostas com precisão, o pesquisador registra as informações manualmente e com o auxílio de gravador. Depois disso, os dados coletados passam pela descrição e análise do pesquisador, incluídos em grupos com respostas semelhantes, unidas através de características parecidas. Os resultados mais frequentes são intitulados como respostas dominantes.

#### **4.5 Análise do produto**

Como produto, o trabalho analisa o texto produzido pelos jornalistas. A averiguação é aplicada com a intenção de compreender como o jornal Zero Hora anuncia a morte. Para tanto, a pesquisa utiliza a análise textual. As análises textuais são modos aplicados com a intenção de aprofundar o exame discursivo. Conforme Moraes (2007, p. 86), esse tipo de análise visa “atingir aprendizagens em forma de compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a uma comunicação do aprendido”.

O processo de análise textual ocorre através da desconstrução, seguido de reconstrução do conjunto de remateriais linguísticos. O material pesquisado recebe novos entendimentos – por isso a reconstrução, sendo revisado e posteriormente reescrito, processo que é entendido como reconstrução.

A análise não trata apenas da transmissão de informações, mas também mostra que a mensagem pode resultar em um processo em que o receptor codifica a mensagem que recebe. Os leitores têm a liberdade para interpretar o texto e imaginar detalhes da vida do falecido, em uma situação que destaca a importância desse texto para a sociedade, colocando-o como um canal de informação. Lago e

Benetti (2007) entendem que “se o discurso depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê” (2007, p. 108). Dessa forma, o leitor participa da construção da mensagem do obituário, pois interpreta esse material, fazendo-se valer da ideia de que “esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário” (2007, p. 109).

A análise textual avalia a estrutura do texto, entendendo que a produção do texto inicia a partir da coleta de dados na cultura e na sociedade. Para a análise são utilizadas as formações discursivas que o texto carrega. Além disso, o material representa um exercício de interpretação para o pesquisador, que tem como objetivo explicar a análise.

Lago e Benetti (2007) lembram que a interpretação é fundamental para compreender os conceitos relevantes ao discurso analisado. Sendo assim, a análise de discurso dessa pesquisa tem na interpretação uma ferramenta para a compreensão dos mecanismos do discurso jornalístico. Apesar disso, “a análise de discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação” (ORLANDI, 2003, p. 26).

A respeito de tipos de amostra, o estudo é por acessibilidade e tipicidade. Gil (2012) entende que amostragens em estudos exploratórios ou qualitativos, como é o caso dessa pesquisa, contam com amostragem por acessibilidade, já que não é necessário manter um alto nível de precisão. A amostragem não conta com rigor estatístico e, por isso, permite que o pesquisador selecione os elementos aos quais têm acesso. Para a análise, foram selecionados os textos publicados durante a semana em que a observação é feita, com a intenção de comparar o processo de produção com a publicação do obituário.

A amostragem por tipicidade tem pontos em comum com a de acessibilidade, pois seleciona um grupo de pessoas que mantém relação com o tema em estudo. Segundo Gil (2012), a diferença é que ela requer profundo conhecimento da população escolhida.

Os dados coletados na pesquisa são, portanto, tratados a partir da análise de textual, com o objetivo de aprofundar o exame discursivo. A análise textual

qualitativa é realizada de maneira rigorosa, para atingir sentidos até então não identificados no texto.

Os resultados anunciados partem da construção de categorias. As seções tratam da descrição, interpretação e compreensão do objeto de pesquisa, o texto do obituário. Por isso, desenvolve-se um sistema a partir do metatexto, com a divulgação de novas compreensões do texto analisado. As categorias do metatexto são divididas entre falas e citações de fragmentos retirados dos relatos dos jornalistas para analisar como os profissionais redigem os textos publicados na seção.

#### **4.6 Pesquisa de recepção**

O trabalho é predominantemente qualitativo. Porém, utiliza-se de algumas características do método quantitativo para apurar os dados coletados a partir da pesquisa de recepção dos obituários. Isso acontece porque “as questões da pesquisa quantitativa investigam as relações entre as variáveis que o investigador procura conhecer. São usadas frequentemente na pesquisa de ciências sociais e especialmente em estudos de levantamento” (CRESWELL, 2010, p. 165), como é o caso do levantamento com os receptores, aplicado neste estudo.

O trabalho usa o questionário, compreendendo que se trata de uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, [...] comportamento presente ou passado etc” (GIL, 2012, p. 121). A ferramenta aponta o que as pessoas sabem, esperam ou pensam da seção.

Apesar de o trabalho utilizar o método qualitativo, compreende-se a necessidade de conhecer o público que acompanha a seção, a fim de analisar a sua percepção sobre os obituários. Por isso, algumas características da pesquisa quantitativa são utilizadas, visto que “são estimativas numéricas dos valores da população baseados em dados coletados de amostras” (CRESWELL, 2010, p. 165), como acontece com o questionário aplicado neste estudo.

O questionário é aplicado nos dias 10 e 12 de agosto de 2015 na cidade de Lajeado, e nos dias 18, 19, 20 e 23 de agosto de 2015 em Porto Alegre, com pessoas abordadas aleatoriamente nas ruas das duas cidades. A pesquisa utiliza como base os dados do Instituto Veiculador de Comunicação (IVC), referentes a junho de 2015, para estabelecer a amostra. Segundo a entidade, a tiragem do jornal Zero Hora, de segunda a domingo, é de 170.972 exemplares. Decidiu-se aplicar o questionário com 0,01% da amostragem. Para tanto, 170 pessoas foram ouvidas, sendo 153 delas em Porto Alegre e 17 em Lajeado, visto que a circulação do jornal é maior na Capital do estado.

A data de aplicação do questionário coincide com o período de observação na seção e da análise dos textos publicados, com o objetivo de averiguar todo o processo de construção dos obituários, desde a coleta de dados, passando pela redação dos textos e culminando com a recepção do material pelos leitores.

Quanto à sua estrutura, o questionário é misto, pois apresenta perguntas fechadas e duas questões abertas. De acordo com Gil (2012), a fechada pede que os respondentes escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas em uma lista elaborada pelo pesquisador, e a aberta permite que os entrevistados opinem livremente sobre o tema da pesquisa.

No tratamento de dados, os relatos obtidos com a pesquisa fechada são separados em grupos, com a intenção de caracterizar aquilo que foi falado pelos entrevistados. Com isso é possível apontar o público atingido pela seção e aquilo que pensam sobre os obituários. Já as respostas abertas são organizadas separadamente, de acordo com o conteúdo das manifestações individuais.

## 5 ANÁLISE DA ROTINA PRODUTIVA

A análise da rotina produtiva apresenta os relatos da observação da seção de obituários, realizada nos dias 18, 19, 20 e 23 de agosto de 2015. Os dados são apresentados em conjunto com as falas dos editores Ticiano Osório e Pedro Moreira, e das redatoras Júlia Burg e Mariana Fritsch, durante entrevista. Além disso, são analisados os textos publicados, produzidos durante o período analisado.

### 5.1 Primeiro dia de observação: 18 de agosto de 2015, terça-feira

O primeiro dia de observação da seção de obituários da Zero Hora, localizada junto da editoria Sua Vida, na redação do Jornal, serve para esclarecer detalhes sobre o funcionamento do departamento, e mostrar como é a rotina de trabalho.

Durante a observação, é apresentado o sistema de compartilhamento em que ficam armazenados os textos utilizados na seção. A ferramenta, chamada de *News*, contém divisões para cada um dos jornais do Grupo RBS de Comunicação, além de separações específicas para cada editoria dos periódicos. Todas as pessoas que trabalham no Grupo RBS têm acesso ao sistema e aos conteúdos de todos os veículos. Nele também há divisões voltadas para a seção de obituários.

De acordo com o que foi observado, o espaço “*Obituários sobra*” abriga os textos enviados pelos familiares e amigos de falecidos, que ainda precisam de alguma edição, ou informações adicionais. Já durante entrevista, a estudante de jornalismo Mariana Fritsch, responsável pelos obituários de domingos a cada 15

dias, relata que também utiliza o espaço “*obit sobra*” para salvar todos os falecimentos em potencial, ou seja, aqueles que poderiam vir a ser publicados na seção, armazenados pela falta de contato com o familiar, a fim de confirmar informações, ou devido à falta de espaço. A prática não foi verificada durante a observação.

O “*Obituários*” reúne os textos escritos durante o dia e que poderão ser usados na próxima edição do jornal. Os textos são redigidos no próprio documento, já que Zero Hora não utiliza programas licenciados, como Word e BrOffice.

As fotos que chegam até a seção são salvas no *News*. Cada arquivo gera um código “Nica”, uma sequência de números. Essa combinação é encaminhada ao departamento de arte, que localiza a imagem no sistema e a trata, para que ela possa ser publicada no jornal.

As fotos publicadas na seção sofreram diversas modificações com o passar dos anos, de acordo com relatos durante as entrevistas. Segundo a estudante de jornalismo Júlia Burg, responsável pelos obituários de segunda a sexta-feira e em domingos alternados, o jornal provocou mudanças na maneira em que a foto é disposta na página, no que tange à localização da imagem junto ao texto. Hoje a imagem é colocada ao lado direito do obituário. Já o editor Ticiano Osório revela achar que “houve um tempo que não tinha as fotos”.

Durante a observação, percebe-se que junto da foto, no sistema online de arquivamento Nica, é salvo um breve histórico do morto, composto de informações encaminhadas pelo familiar ou amigo que deseja informar o falecimento.

A seção de obituários funciona das 14h às 22h, de segunda a sexta-feira, sendo que aos fins de semana abre apenas no domingo, no mesmo horário. Logo que a rotina de trabalho inicia, a estudante de jornalismo Júlia Burg verifica os falecimentos recebidos através do e-mail [obituarios@zerohora.com.br](mailto:obituarios@zerohora.com.br).

Durante entrevista, a estudante relata acreditar que “*a maioria, 90%, ou não vou te dar um número, pois não saberia dizer, mas [...] uma grande maioria dos obituários chegam por e-mail*”. Ela acredita que o e-mail seja a principal ferramenta utilizada pelas pessoas para informar a morte, apesar de destacar que alguns a

entregam em papel impresso, na recepção de Zero Hora, e que também recebe falecimentos através de agências de notícias e por meio de telefonemas.

Já a estudante de jornalismo Mariana, quando entrevistada, disse que eles geralmente chegam por *feed* de notícia, apesar de também destacar, nessa ordem, o e-mail, outros jornais do Grupo RBS e o contato telefônico. A afirmação indica uma mudança na forma como se dá o relacionamento com as fontes nos fins de semana, já que de segunda a sexta-feira a maior parte do material é recebida por email.

Quando não recebe óbitos, ou poucos são encaminhados ao endereço eletrônico, Júlia inicia uma procura no *News* pelos obituários que foram publicados recentemente em outros jornais do Grupo: Pioneiro, de Caxias do Sul, na Serra do Rio Grande do Sul, Diário de Santa Maria, na região Central do estado, e no Diário Catarinense, produzido e veiculado em Santa Catarina.

Ela também faz buscas em agências de notícias e no site do jornal, para verificar se alguma editoria publicou na internet alguma matéria que trate sobre a morte de algum famoso. Os falecimentos publicados no site de Zero Hora geralmente são escritos a partir de materiais encaminhados por agências de notícia.

A observação vai de acordo com os relatos de Júlia e Mariana durante as entrevistas. Ambas contam que, em caso de precisar de mais falecimentos, recorrem aos demais jornais do Grupo, agências de notícia e até mesmo o site de Zero Hora.

O número de obituários a serem publicados na seção é decidido conforme os anúncios publicitários que a página vai ter naquela edição. Isso envolve anúncios de morte, convites para velórios e missas, além de orações. Por vezes, alguns textos são produzidos, mas não são utilizados, sendo aproveitados no dia seguinte. O número de anúncios que vão ocupar a página destinada aos obituários é informado à redatora até 18h30, pelo setor comercial.

Em entrevista, Júlia conta que não há um número determinado de falecimentos a serem publicados no jornal, pois isso depende do volume de anúncios e do espaço que a seção vai ter no impresso. A fala da estudante vai ao encontro das observações. Ela também fala que, se preciso, algumas mortes serão arquivadas para o dia seguinte. Quando é preciso escolher, Júlia conta que prioriza

informações factuais como velório e missa em memória ao falecido. Já segundo Ticiano, a escolha das mortes a serem publicadas é um processo democrático, pois a única exigência é que a morte tenha acontecido há menos de um mês: “*Tirando aquela regra lá do um mês, acho que tem essa regra, né, de um mês de intervalo assim, a gente é democrático, a gente publica todo mundo, seja pobre, seja rico, ou seja famoso, ou seja anônimo*”

Os anúncios são encaminhados diretamente ao setor comercial do jornal. Cabe ao departamento negociar com o familiar os detalhes da publicação, como a data, localização na página, texto e valor a ser pago. Alguns anunciantes pedem que a seção de obituários escreva um texto sobre o falecido, e solicitam que ele seja divulgado na mesma edição em que o anúncio será publicado. Diferente do anúncio, o obituário não é cobrado.

O editor Pedro Moreira acredita que o obituário é gratuito, porque se trata de um espaço jornalístico, e “*não se mistura jornalismo com comercial*”. Júlia acha que acontece porque o anúncio já é cobrado. Ticiano conta que os leitores fazem confusão com a cobrança, devido ao fato de um ser cobrado e o outro não. Semelhante a Pedro, ele entende que, por se tratar de conteúdo jornalístico, ele não pode ser cobrado. A estudante Mariana relata que muitas pessoas não enviam textos para a seção, pois pensam que a publicação vai custar dinheiro. Revela ainda que, quando o obituário está redigido, alguns perguntam o valor a ser pago pelo trabalho.

A possibilidade de publicar os materiais (em anúncio pago ou como texto no obituário) na mesma edição é analisada junto de um dos editores responsáveis pela seção, Ticiano Osório. De acordo com Pedro, uma decisão como essa passa por ele e Ticiano e, em alguns casos, pela direção do Jornal. O único pré-requisito observado é de que a morte tenha acontecido há, no máximo, um mês. Mortes decorrentes de suicídios também são publicadas, desde que a causa não seja revelada.

Durante o trabalho de campo, verifica-se que de fato mortes ocorridas há mais de um mês são descartadas. Segundo o depoimento de Júlia, todos os obituários recebidos são publicados no Jornal, desde que eles tenham ocorrido nos

últimos 30 dias. Esse seria o único critério para a publicação. Ticiano relata conhecer o requisito, e o chama de regra.

Sobre padrão de texto, observa-se que Zero Hora utiliza regras para a redação jornalísticas. Uma delas diz que não se deve escrever faleceu, mas morreu. Da mesma forma, utilizam o termo marido ou mulher, jamais esposo ou esposa. A respeito de padrão, Mariana diz que refaz todos os textos de morte que são recebidos, para que eles fiquem com o “*padrão Zero Hora*”<sup>3</sup>.

Assim que verifica os textos encaminhados pelos familiares e ou amigos do morto, Júlia os copia no documento dos obituários do *News* e substitui palavras de acordo com aquilo que acha mais adequado para ser publicado em um jornal. A redatora inicia os textos com informações principais sobre o falecido, respondendo perguntas fundamentais do *Lead*, como quem, quando morreu e a data em que aconteceu o óbito. Geralmente os textos iniciam dessa forma, a não ser que haja alguma informação peculiar envolvendo o falecimento.

Em entrevista, Júlia fala que o jornal não impõe uma regra jornalística para a redação dos obituários. Segundo ela, desde que começou a trabalhar na seção, em 11 de maio de 2015, não foi instruída sobre qualquer regra, como a aplicação do *Lead*. Ela conta que o texto “*é bem livre*”, ressaltando que acaba “*seguindo um padrão de falar primeiro da morte, dar os dados principais do falecimento e depois contar um pouco da vida da pessoa*”. Apesar disso, afirma que não há regras e que, se houver tempo e criatividade, é possível escrever o obituário de outras maneiras.

Para Ticiano, também não há regras. O editor fala que a única exigência é de que os textos não iniciem sempre da mesma maneira. Ele entende que o obituário tem uma estrutura que precisa ser seguida, apesar de constatar que não há regras. Fala que não se pode começar pelo fim do texto, que a ordem de informações precisa ser seguida, indicando que o padrão pirâmide invertida é seguido na seção. Aponta também que informações sobre os familiares do morto sempre são inseridas no fim do texto.

---

<sup>3</sup> Apesar de não explicarem o que é o “Padrão Zero Hora”, Júlia e Mariana referem-se ao termo, tanto na entrevista quanto na observação. O termo se refere ao padrão textual que os jornalistas do jornal devem seguir para escrever as matérias.

Para Pedro, “*é um estilo, não é uma regra jornalística, nem uma norma jornalística*”, que abrange informações como o nome da pessoa, quando morreu, motivo da morte e idade, basicamente. Apesar do posicionamento, ele admite que em alguns casos “o *Lead* vai ser fulano de tal, morreu dia tal, tinha tantos anos”, revelando a possibilidade da utilização de um *Lead* tradicional, trazendo as informações mais importantes no início do texto. Depois, para ele, é possível seguir com o motivo da morte e o local da missa e sepultamento.

Semelhante ao relato de Júlia, Mariana conta que não foi orientada sobre regras a seguir durante a redação do texto. Por esse motivo, aplicou jornalismo literário em alguns textos e, como “*ninguém falou nada, pensei ‘tá, tá permitido’*. *Arrisquei, deu certo e foi permitido*”. Ela continua escrevendo os obituários dessa maneira.

Apesar de relatar a inexistência de regras, Mariana afirma que algumas perguntas precisam ser respondidas durante os textos, como quando a pessoa morreu, onde isso aconteceu, além de detalhes sobre o sepultamento e a missa de sétimo dia. Conta ainda que pessoas ligadas à seção elaboraram uma espécie de guia com perguntas a serem feitas durante o contato com o familiar. Segundo ela, trata-se de “*uma lista que vai até o dia que a pessoa nasceu, que muitas vezes não faz diferença*”. Observando o trabalho na redação, percebe-se que o guia não é usado com frequência pelas obituaristas, indicando que as estudantes de Jornalismo já incorporaram o processo de produção e sabem todas as informações que precisam constar nos textos da seção.

Quando as informações encaminhadas sobre a morte são escassas ou consideradas incompletas, Júlia faz contato com a pessoa que enviou o material. Vale ressaltar que, junto da seção, Zero Hora publica a seguinte nota: “As informações publicadas nesta edição são gratuitas e devem ser enviadas à Redação com nome, endereço, número da identidade do remetente e telefone para contato. E-mail: [obituário@zerohora.com.br](mailto:obituário@zerohora.com.br)”. Além daquilo que é solicitado, geralmente os remetentes encaminham detalhes sobre a trajetória de vida daquele que faleceu, bem como fotos do morto. O número do documento pessoal, solicitado na mensagem, não foi enviado nos e-mails que foram encaminhados à seção nos dias

em que foi realizada a observação. Em nenhum momento houve contato para questionar os remetentes acerca da identificação documental.

Júlia ressalta que na página do obituário está especificado que a publicação na seção é gratuita e que as mortes devem ser encaminhadas para o e-mail do departamento. A fala é comprovada durante a observação e também quando a página impressa do obituário é analisada.

Percebe-se, durante a observação, que os contatos telefônicos com os familiares servem, principalmente, para solicitar mais informações sobre o falecido. Dados como o nome, profissão, cidade natal e data e local de nascimento e morte sempre são questionados. Por mais que sejam enviadas informações suficientes sobre o ocorrido, Júlia contata o remetente.

Em entrevista, Júlia explica que liga para as pessoas quando é preciso apurar alguma informação, ou complementar o material que foi encaminhado para a seção, além de confirmar o nome do morto e das pessoas citadas pelo remetente. Porém, ela conta que a ligação não é obrigatória. Segundo ela, o Jornal já publicou textos enxutos por não ter conseguido contato com a pessoa que encaminhou o falecimento. O relato vai de acordo com o que foi visto durante a observação.

As particularidades da vida surgem no momento de dor. As referências simbólicas sobre a trajetória de vida daquele que faleceu são relatadas pelos familiares e transcritas na seção de obituários. Percebe-se que o obituário integra a sensação de luto dos familiares, já que o texto pode representar a tristeza dos parentes com a perda, bem como o respeito que eles tinham pelo falecido.

### **5.1.1 Morte a morte**

Por volta de 14h22min, logo no início da tarde do dia 18 de agosto, a redatora Júlia Burg é informada sobre o falecimento de Marisa Kley Pezzini por um dos colegas de redação. Ele é amigo da família da falecida e por e-mail solicita que ela escreva o obituário. Para isso, envia o endereço eletrônico do marido de Marisa.

Em entrevista, houve relatos de que as solicitações de publicação de morte podem surgir através de um colega de trabalho, ou serem enviadas para ele, que poderá transmitir o pedido à obituarista. Segundo o editor Pedro Moreira, eventualmente os falecimentos podem ser enviados diretamente para ele, ou para Ticiano, como para os demais colegas, independente da editoria em que trabalham, ou até da direção do Jornal.

Durante o contato com o familiar, a obituarista explica que recebeu a solicitação de um jornalista do Grupo RBS, que repassou o e-mail do viúvo. Júlia pergunta o nome da morta, a idade, o tempo em que esteve casada, nome dos seus filhos, há quanto tempo residia em Porto Alegre, os hobbies que tinha e a sua profissão.

Os questionamentos surgem durante a ligação, sem análise prévia do que deveria ser perguntado. Como o colega indicou o falecimento, o contato inicia sem qualquer informação sobre a morta. Durante a fala, a obituarista afirma que a publicação deve ser feita na edição do dia seguinte, 19 de agosto. Se isso não acontecer, ela se compromete a avisar a nova data ao familiar.

Ao finalizar a ligação, Júlia começa a organizar as informações repassadas pelo familiar. Depois de escrito, o texto não é encaminhado à aprovação do remetente.

O envio de obituários para aprovação dos familiares gera relatos divergentes entre os entrevistados. Júlia diz que não encaminha os textos aos remetentes. Conta que já encaminhou, mas que isso acontece somente quando a fonte solicita. Caso não peçam, o obituário é publicado sem a aprovação. Ela conta que:

*Muitas vezes acaba publicando sem encaminhar para o familiar, até porque muitas vezes os familiares querem mexer, claro, eles querem que o texto saia mais ou menos como eles mandaram, ou da forma como eles querem. Mas acontece deles não terem muita noção de como é o padrão do jornal e quererem interferir um pouco nisso, falarem que querem de tal maneira. Então muitas vezes a gente evita mostrar o texto antes para não dar esse tipo de problema.*

O editor Pedro afirma que o texto sempre passa pela aprovação do familiar, seja através do envio de e-mail ou da realização de uma ligação, procedimentos que seriam realizados pelas obituaristas. Mariana sustenta que encaminhar o material

para o familiar é uma regra, que foi ensinada a ela assim que passou a escrever para a seção. Conta que sempre faz o encaminhamento, seja por e-mail ou telefone. Caso não consiga contato com o remetente, e o obituário não teve mudanças significativas se comparado ao texto enviado, ela arrisca e o publica sem a aprovação. Se tiver obituários suficientes para ocupar a página da seção, Mariana prefere deixar o texto que não foi autorizado para a publicação do dia seguinte.

O texto sobre Marisa Kley Pezzini começa com o dia da sua morte e a idade que ela tinha quando isso aconteceu. Depois aparecem a sua cidade natal, Santa Maria, e o município que atualmente residia, Porto Alegre. No segundo parágrafo é citado o nome do marido e o período em que foram casados, assim como o nome dos filhos e do genro. Há uma foto da falecida junto da publicação. O bloco responde as perguntas o que, quando, quem e como, sendo que não se trata de um Lead tradicional, já que não informa onde e por que a morte aconteceu.

O terceiro parágrafo fala sobre a profissão que Marisa exerceu, de fiscal da Receita Federal. Apesar de Júlia não conversar com os colegas de trabalho da morta, apenas com o seu marido, ela escreve características que os colegas teriam atribuído à falecida. O texto traz adjetivos como amizade, coleguismo, ética, seriedade, conhecimento e capacidade no trabalho, relatos que, na verdade, foram feitos pelo esposo. O uso desses termos caracteriza opinião, mas como eles aparecem na fala do marido, de maneira parafraseada, o texto não deixa obrigatoriamente de ser informativo.

Durante ligação para o marido da falecida, Júlia questiona a idade, o tempo de casamento, o nome dos filhos, há quanto tempo residia em Porto Alegre, os hobbies de Marisa e a sua profissão. As respostas são incluídas nos dois primeiros parágrafos do obituário, seguindo com a profissão, que também foi questionada, no terceiro parágrafo do texto, o que aponta a utilização de pirâmide invertida.

O quarto parágrafo segue com os hobbies que Marisa tinha, de fazer tricô e crochê, assim como o seu gosto por caminhadas e viagens, ressaltando a sua alegria em veranejar em Balneário Camboriú (SC).

No quinto parágrafo o texto aponta que “batalhadora, conseguiu realizar muitos sonhos, segundo os familiares. Deixa diversos amigos e lembranças de sua

bondade”, adjetivos que aparecem com a intenção de expressar a personalidade de Marisa, mas que foram citados pelo marido, fonte de informação do obituário.

O obituário encerra no sexto parágrafo, que fala sobre uma missa de sétimo dia de morte, com o horário, local e endereço em que a celebração religiosa vai acontecer. A informação faz com que Marisa adquira um novo status perante a sociedade: de morta. Conforme os critérios de noticiabilidade, no que tange à relevância, a informação poderia ter sido incluída no início do texto, já que a celebração iria ocorrer no dia seguinte à publicação. Também poderia ser considerada informação essencial por se tratar de um dado importante para o público que lê o texto do obituário, pois esse pode se interessar em comparecer ao ato.

Júlia, em entrevista, revela que em muitos casos é possível informar a data da missa de sétimo dia, pois o falecimento geralmente é encaminhado antes de ter completado sete dias.

No mesmo dia, por volta das 15h, a obituarista Júlia recebe por e-mail dados sobre a morte de Paulo Nunes Gomes. As informações sobre o falecido são confirmadas com a esposa, que enviou o e-mail, por telefone. A partir do contato, a redatora consegue novos nomes de familiares, que são incluídos no obituário. Inicialmente, o nome da esposa era o único que havia sido informado. Júlia prepara o texto, que segue a organização encaminhada na mensagem, apenas inclui os novos nomes.

Em entrevista, Júlia conta que os dados enviados à seção são de responsabilidade do remetente. Sendo assim, caso algum nome seja enviado e publicado com a grafia errada, a responsabilidade é dele. Apesar disso, ela diz que sempre questiona dados essenciais, como o nome do morto e de seus parentes, durante o contato telefônico.

O texto publicado sofreu poucas mudanças, quando comparado ao material encaminhado pela esposa do falecido à seção. O obituário inicia com a profissão que Paulo Nunes Gomes exerceu, de advogado, o que mostra a relevância da atividade trabalhista na vida de Gomes. O trecho segue com o nome, data da morte,

idade e o local em que o óbito ocorreu. O cemitério em que seu corpo foi sepultado também é mencionado no primeiro parágrafo.

Já o segundo parágrafo fala sobre a sua cidade natal, Santiago, e a filiação do morto, além de contar que ele morou em Bento Gonçalves, onde atuou como sargento da Brigada Militar, e Porto Alegre, onde trabalhou como sargento da Justiça Militar. O parágrafo também conta que Gomes aposentou-se como oficial judicial. O bloco é basicamente ocupado pelos cargos que Gomes exerceu o que, mais uma vez, aponta a importância de suas funções para a família, que encaminhou o texto.

A formação universitária de Gomes aparece no terceiro parágrafo, assim como as atividades desempenhadas por ele enquanto advogado. O texto também conta com a informação de que ele fundou um escritório de advocacia e que nele trabalhou até dois anos antes de falecer.

O nome da esposa de Gomes, que encaminhou a morte ao jornal, aparece somente no quarto parágrafo, com declarações sobre o marido, em que ela diz que “era um homem dinâmico e correto. Gostava de praia, e fazia parte da maçonaria”. Apesar de ser a fonte de informações, a esposa recebe espaço somente quando o obituário encaminha-se para o fim, pois os dados anteriores foram considerados mais importantes. A maçonaria é apenas citada por ela como uma das atividades desempenhadas pelo marido. Não há uma explicação sobre a sociedade.

O texto encerra com os nomes dos familiares de Gomes, entre eles cunhados e sobrinhos, além da esposa, indo ao encontro da afirmação de Ticiano, de que o texto deve encerrar com o nome dos familiares do morto. Os nomes dos familiares foram obtidos a partir do contato com a sua mulher. Essa é a única informação que não havia sido encaminhada no e-mail. Percebe-se a utilização de pirâmide invertida, que apresenta, de maneira decrescente, as principais informações acerca da morte e também da vida de Gomes. O obituário de Gomes conta com uma foto do falecido.

Depois de escrever o obituário de Gomes, por volta das 15h35min do mesmo dia, Júlia verifica o e-mail da seção e constata uma mensagem que havia sido encaminhada às 15h20min, informando a morte de Pedro Mendes Ribeiro. A

obituarista faz contato com Leonardo, um dos filhos de Ribeiro, que enviou o falecimento, com a intenção de compreender a ligação que o morto mantinha com a maçonaria, citada no e-mail. O material recebido pelo jornal aponta os graus que ele teria galgado na sociedade secreta, bem como funções que teria desempenhado entre os seus seguidores.

Ao referir-se ao falecido no obituário, a redatora o chama pelo primeiro nome. Geralmente os textos jornalísticos adotam o sobrenome da fonte, assim que a citação é repetida. Isso demonstra uma intenção de pessoalidade no texto, que se torna menos formal. A redação do material é baseada no material encaminhado pelo familiar. Os parágrafos, inclusive, são iguais ao original. O que muda é a inclusão das características da personalidade de Pedro.

A ação de Júlia acontece em descompasso ao discurso de Mariana, que diz, em entrevista, sempre refazer todo o texto e que não costuma usar informações semelhantes às que foram enviadas. O relato é diferente da observação realizada junto ao obituário de Pedro Mendes Ribeiro, pois Júlia utiliza a maioria dos parágrafos que haviam sido encaminhados pelo familiar. Diferente do que diz Mariana, Júlia copia grande parte do material encaminhado através de e-mail.

O início do texto publicado sobre a morte de Pedro Menendez Ribeiro é igual ao material encaminhado pelo filho Leonardo, inclusive com as mesmas palavras e expressões utilizadas para contar a morte. Assim como a mensagem enviada por e-mail, o primeiro parágrafo fala sobre o dia em que ele morreu e o hospital em que estava internado. O trecho segue os padrões jornalísticos, porque responde as perguntas quando, quem morreu e onde o óbito aconteceu, através de um texto informativo e objetivo, já que o primeiro bloco é enxuto. Uma foto enviada pelo filho também é publicada. O segundo parágrafo segue com a data e o local de nascimento de Ribeiro, a cidade de Santana do Livramento, em que residiu durante toda a vida. Também cita que era casado e pai de dois filhos, junto do nome dos familiares mencionados.

O terceiro parágrafo fala sobre a relação do falecido com a maçonaria. Esse é o único trecho que foi modificado pela redatora. Ela incluiu explicações sobre a organização, que foram dadas pelo filho. O trecho aponta que:

Iniciado na maçonaria em 1994, na Loja Caridade Santanense, Pedro alcançou o grau de mestre maçom em 1997. Ocupou várias funções na administração da loja. Em 2010 e 2011, foi eleito venerável mestre – cargo de presidente da instituição. Ele ainda alcançou o 33º grau filosófico do Rito Escocês Antigo e Aceito, sequência de estudos da maçonaria.

Os relatos sobre a maçonaria apontam a intensidade do envolvimento de Ribeiro com a sociedade. Dificilmente os membros da maçonaria falam abertamente sobre a atividade. Além disso, os princípios do grupo são desconhecidos pela maioria das pessoas. Falar abertamente sobre o tema aponta a relação e a importância que a atividade tinha para o morto, e também cumpre o papel do jornalista de explicar assuntos pouco conhecidos pela população.

O quarto parágrafo fala sobre a profissão que ele exerceu, de contador e professor universitário. A relação de Ribeiro com a maçonaria aparece antes de sua profissão, e logo depois das informações principais sobre o óbito, como a data e local em que ocorreram, além da sua filiação, naturalidade e família, demonstrando a importância que o jornal dá aos relatos sobre a maçonaria, em vista da relevância que a própria família dá para o tema. A importância dada pelo jornal a esse aspecto da vida de Ribeiro também está relacionada aos critérios de noticiabilidade, no que tange à curiosidade, visto que muitos leitores podem ter interesse em conhecer mais sobre a maçonaria.

O texto encerra no quinto parágrafo com relatos sobre a personalidade de Ribeiro, de “marido amoroso e pai zeloso, tinha como característica a dedicação ao trabalho e ao estudo. Segundo os familiares, Pedro jamais levantava a voz e estava sempre disposto a ajudar quem precisasse”. As expressões mostram que Ribeiro tinha uma personalidade calma e que demonstrava amor com os familiares e a sua profissão. O trecho foi parafraseado, sendo que a fonte de informações desse obituário, o filho do morto, não é mencionada como sendo responsável pela fala. Não há informações sobre sepultamento e missa em homenagem ao morto.

O início do texto é organizado com informações que são essenciais para obituários: data e local da morte, nome do falecido, data de nascimento, local que morou e o nome dos parentes, seguindo com as atividades que desempenhou na maçonaria e a profissão que exerceu. Por conta disso, verifica-se novamente a utilização de pirâmide invertida.

Ao terminar de redigir o texto, Júlia verifica o e-mail da seção e percebe que não foram encaminhadas novas mortes. Ela avalia que os três falecimentos recebidos durante a tarde de 18 de agosto não são suficientes para ocupar a página do obituário. Por isso, já às 16h24min, decide procurar mortes que tenham sido publicadas no Diário de Santa Maria e no Pioneiro. Durante a busca ela encontra o obituário de Odette Rosa Skrebsky. Como os jornais têm padrões diferentes para a redação do texto, Júlia altera alguns trechos.

O material do Diário tem informações como nome, idade e data do falecimento, semelhante a um anúncio de morte, porém com foto. Ele não apresenta relatos como *hobbies* e o nome dos filhos. Por conta disso, a redatora liga para o responsável pela seção no Diário e pede o contato de quem enviou o falecimento de Odette.

Depois liga para a filha, que enviou o material, e faz perguntas sobre as atividades desenvolvidas pela mãe, assim como os seus gostos, o nome dos seus filhos, número de netos e bisnetos.

Mariana afirma que os jornais do Grupo RBS são os últimos meios em que ela procura falecimentos. Diz que a seção sempre prioriza os materiais enviados por e-mail, e que inspeciona as publicações de agências de notícias e do próprio site de Zero Hora antes de procurar nos jornais. Ela ainda diz que obituários de outros impressos são utilizados somente quando há espaço e ainda não tenham sido publicados no jornal porto-alegrense. Na data, Júlia decide utilizar o falecimento devido ao espaço disponível na seção. Diferente do que diz Mariana, ela procura obituários em jornais antes mesmo de verificar sites de agências de notícia e de Zero Hora. O procedimento adotado por Júlia com a morte de Odette é diferente do que Mariana relata fazer.

O primeiro parágrafo do obituário de Odette Rosa Skrebsky é igual ao que foi publicado no Diário de Santa Maria. A foto utilizada também é a mesma. O texto começa dizendo que ela era dona de casa, o que mostra que a informação é relevante na vida de Odette, já que foi destacada no início do obituário. O termo dona de casa remete à ideia de que a falecida gostava de desempenhar as atividades do lar, como cozinhar e passar roupas, por exemplo. Como ela faleceu

com 95 anos, a profissão com a qual se aposentou poderia ter sido destacada. Por conta disso, a relevância da expressão mostra que ela sentia prazer em desempenhar as atividades domésticas.

O material segue com o nome da falecida, a data da morte e a idade que ela tinha quando faleceu. Além disso, é apontado que Odette faleceu em decorrência de uma pneumonia, e que estava internada em um hospital de Santa Maria. Como se trata de uma doença conhecida pela população em geral, não foi necessário explicar do que se trata. Caso contrário, seria ideal esclarecer o que é a doença, porque as pessoas têm curiosidade para entender os termos que os veículos de comunicação noticiam.

O segundo parágrafo também é igual ao que foi publicado no outro jornal, e fala sobre o nome do marido, do qual era viúva há 39 anos, e com quem foi casada durante 30 anos, informações que reforçam a ideia de que a família era o mais importante para Odette. O trecho também associa a personalidade e a vida da morta ao marido, à formatação tradicional de família. O texto também menciona o nome dos três filhos que teve, além de citar a existência de sete netos e nove bisnetos.

O terceiro parágrafo fala, somente, que “a filha Rejane conta que a mãe adorava fazer tricô”. Ele serve como uma introdução para o quarto parágrafo, que inicia como uma fala da filha, que diz que

Ela fazia tricô sempre que podia. Até dois anos atrás, era mais constante. Depois, foi parando. Além do tricô, ela gostava muito de viajar. Aos 79 anos viajou para uma excursão para Jerusalém, para conhecer a Terra Santa. Quando voltou, não parava de contar da viagem. Ela adorou. Na minha adolescência, também viajamos muito juntas, e foram os melhores momentos que passei ao lado dela.

A fala retoma a ideia inicial da dona de casa, atribuída à falecida como alguém que vive junto da família e em prol dela. Outros aspectos da vida de Odette são ignorados no texto. O obituário passa a imagem de uma senhora que segue padrões de uma família tradicional e que mantém uma religião, já que foi visitar o local em que Jesus Cristo, símbolo do cristianismo, teria nascido.

Os relatos da filha são carregados de emoção e apontam a imagem que ela tem da mãe: alguém que gostava de tricotar e que tinha paixão por viajar. Quando a filha fala sobre os passeios com a mãe durante a adolescência, fica claro que esses

momentos foram especiais para ela. Além de citar as características da personalidade da falecida, o texto também mostra a relação de amizade, companheirismo e amor entre mãe e filha.

Assim como o terceiro parágrafo, o quinto trecho também serve como uma forma de introdução ao próximo bloco, pois diz que “aos olhos da filha, Odette era uma pessoa que gostava muito de passear, mas que também tinha gosto por ter a família por perto”.

A fala dá início a um novo parágrafo, o sexto e último, em que se apresenta uma série de falas da filha de Odette. O trecho inicia com o relato de que:

ela era uma mãe muito dedicada, companheira mesmo. Ajudou a criar todos os netos e era uma pessoa muito família. A vontade que ela tinha de viver era muito perceptível. Uma pessoa independente, que não gostava de ficar pedindo a ajuda dos outros. Estávamos sempre juntas. Ela era uma pessoa incrível, finaliza Rejane.

O texto termina com mais uma demonstração das características da mãe pela filha, que novamente apontam o bom relacionamento entre as duas. A filha diz que a mãe era independente, o que contradiz o resto de seus relatos, em que a imagem de Odette é sempre associada ao marido e aos filhos.

Percebe-se que informações básicas para a redação de obituários, como nome, idade, data de falecimento, profissão, nome do marido e filhos, entre outras, estão apresentadas nos dois primeiros parágrafos, que inclusive são idênticos ao material copiado do jornal de Santa Maria. As demais informações são complementares, por isso identifica-se, mais uma vez, o uso de pirâmide invertida.

Ao procurar obituários que tenham sido publicados em outros jornais do Grupo RBS, Júlia prioriza os que tenham foto. O registro feito de Odette já está salvo no sistema interno, o *News*, pois já foi utilizado. A foto é o critério utilizado para selecionar mortes publicadas nos outros veículos. Não é necessário que eles tenham alguma ligação com Porto Alegre ou a região Metropolitana do Rio Grande do Sul, mas que contem com imagem.

Em entrevista, a estudante Mariana confirma que os obituários que não têm foto são colocados como os últimos na publicação.

Júlia verifica os falecimentos salvos no “*Obit Sobre*”, um documento arquivado no *News*, o sistema de compartilhamento dos textos produzidos para os jornais do Grupo RBS, e encontra a morte de Anna Leopoldina Faes Peters. O falecimento foi encaminhado à seção há três dias, através de e-mail. Como não havia conseguido contato telefônico com o familiar que o encaminhou, a fim de confirmar as informações enviadas, Júlia acabou postergando a sua publicação.

Por volta das 17h, como há espaço na seção, ela tenta novamente e consegue contato com o familiar. Através dele, certifica-se sobre os dados fornecidos, além de questionar sobre o termo septicemia, usado para explicar a causa da morte. Pergunta sobre os hobbies de Anna, principalmente em relação à culinária. Ela também questiona o nome dos filhos da falecida. O parente não enviou foto. Questionado sobre a possibilidade de encaminhar alguma fotografia, ele disse que não tem retratos da falecida em boa resolução.

O obituário de Anna Leopoldina Faes Peters começa com a data da sua morte, nome, a causa do falecimento, local em que a morte ocorreu e a sua idade. O termo septicemia é colocado como o motivo do óbito, mas não há explicações sobre a doença. As seis perguntas do *Lead* – o que, quem, quando, onde, como e por que – são respondidas na introdução do texto e formam um *Lead* completo.

O segundo parágrafo fala sobre a data e o local de nascimento de Anna, que era natural de Gramado. O trecho também fala que “viúva de Júlio João Peters, dedicou sua vida à família – após criar os filhos, ajudou a cuidar dos netos”. A fala sobre a relação da morta com sua família, logo no segundo parágrafo, mostra que ela mantinha laços de companheirismo e dedicação com os parentes.

O terceiro parágrafo fala que “era exímia cozinheira e tinha prazer em servir pratos italianos. Com seus irmãos, falava o dialeto de Trento, idade da Itália de onde veio a família. Também dominava o alemão. Ela contava que havia aprendido o idioma com a avó materna, que a criou até os sete anos”.

Anna atualmente morava em Porto Alegre, mas nasceu em Gramado, na Serra do Rio Grande do Sul, informação que aponta a valorização da cultura italiana, predominante no local em que ela viveu durante anos, e que influencia em seu gosto

de servir pratos típicos do país. Os relatos a mostram como uma mulher tradicional, com características típicas da região da qual é natural.

O trecho aponta diversas características da falecida. A palavra *exímia* mostra que era ótima cozinheira, sendo que a fala prossegue ressaltando o seu apreço pela culinária da Itália. Os adjetivos empregados no material foram parafraseados pela redatora do obituário. A fonte da informação não é revelada no texto.

As frases do texto parecem estar interligadas, pois a Itália é mencionada como a nação natal da sua família na frase seguinte, o que inclusive pode explicar o gosto pela culinária do país. O texto segue com a afirmação de que ela falava um dileto italiano, bem como dominava o alemão, idioma aprendido com a avó, que auxiliou em sua criação.

As informações remetem para a imagem de uma senhora que mantinha a tradição familiar através da culinária e da fala do italiano e do alemão. Também demonstra características de uma pessoa próxima dos familiares, que sempre tentava agradá-los com um prato de comida.

O quarto parágrafo, e último, fala que Anna teve quatro filhos e cita os seus nomes, além de mencionar a existência de irmãos, genros, netos e bisneta. Percebe-se que todas as características apuradas sobre a falecida foram reunidas em um único parágrafo, o terceiro, mas que, assim como os demais obituários publicados na edição de 19 de agosto de 2015 de Zero Hora, o texto inicia com dois parágrafos de informações sobre a morte, o que configura pirâmide invertida. Não há foto junto ao obituário de Anna.

Com os textos redigidos, Júlia salva o material na ferramenta de compartilhamento. O espelho da página em que os obituários serão publicados estará disponível até as 18h. Ela espera para saber o número de anúncios de morte, missas e aniversários de falecimento que serão publicados no espaço.

O espaço que os anúncios ocupam varia a cada dia. Júlia relata que é preciso esperar e adequar o espaço de acordo com o número de comerciais na página. O relato da estudante vai de acordo com a observação. Já as demais entrevistas apresentam ideias diferentes. Ticiano limita-se em falar sobre a organização da

seção, justificando que o fechamento fica a cargo de Pedro. O editor Pedro afirma que a organização acontece a partir da relevância que o morto tem para a sociedade, sem citar a questão comercial. Para ele, quem é mais relevante será publicado primeiro, seguindo com mortos do Rio Grande do Sul e famosos que não são conhecidos ao ponto de receberem destaque em outras editorias. Mariana conta que prioriza o falecimento de famosos e os textos encaminhados para o e-mail da seção. Os falecimentos que tenham foto também são priorizados para os obituários.

Ao ter acesso ao documento, Júlia faz o pedido de diagramação e aguarda até que o setor receba a sua solicitação. Nenhum dos materiais produzidos durante o dia é encaminhado para a aprovação do remetente. Nenhum dos familiares solicitou que isso fosse feito.

Em todas as ligações feitas aos familiares para confirmar informações, a redatora avisa que o obituário será publicado no dia seguinte, 19 de agosto, e também relata que modificações no cronograma serão informadas ao remetente.

Depois de ter acesso à página com os anúncios, o que acontece por volta das 18h30, Júlia solicita que ela seja diagramada. Ela acompanha a evolução do pedido de diagramação através do e-mail [julia.burg@zerohora.com.br](mailto:julia.burg@zerohora.com.br), endereço pelo qual fez a solicitação. Os avisos são enviados ao endereço eletrônico em dois momentos: quando os diagramadores acessam a página reservada aos obituários e começam o trabalho e quando concluem. Durante o processo de inserção dos obituários na página, a redatora discute com os diagramadores qual a melhor maneira para distribuir o material na folha do jornal.

Depois de a página ser diagramada, Júlia percebe que todos os obituários produzidos serão publicados. A página é impressa em folha tipo A3 e encaminhada à leitura. O material passa pela verificação de dois editores: um de outro caderno, escolhido aleatoriamente, e Pedro de Oliveira, que, junto de Ticiano, é editor de Sua Vida.

Em entrevista, Ticiano esclarece que não lê a versão final do documento, pois não está na redação de Zero Hora quando acontece o fechamento do Jornal. Ele trabalha pela manhã, com a produção de Sua Vida, enquanto que Pedro faz o encerramento da editoria. Ao ser entrevistado, Pedro explica que participa da edição

dos conteúdos da seção, e que auxilia Júlia quando surge alguma dúvida. Além disso, ele ressalta que lê os obituários todos os dias, enquanto está na empresa.

Ao receber a página com as sugestões feitas pelos editores, Júlia faz as correções no programa *Adobe InDesign*, um *software* desenvolvido pela *Adobe Systems* para a edição, diagramação e organização de páginas. As fotos que acompanham os obituários são posteriormente arrastadas à página pelos funcionários do departamento de tratamento de imagens.

Depois de diagramada e corrigida, a página é encaminhada à leitura final, que é feita pela editora de capas do Jornal, Rosane Tremea. Rosane lê todo o conteúdo que será publicado em Zero Hora.

A decisão final é pela publicação dos cinco textos produzidos durante o dia de trabalho, pois há espaço disponível para isso. Somente o falecimento de Anna não tem foto. Por isso, ele é colocado como último na página. De acordo com estudante Mariana, sempre ficam por último as obituários que não tenham foto ou que sejam enxutos, com poucas informações. O relato vai de acordo com a observação do trabalho de Júlia.

## **5.2 Segundo dia de observação: 19 de agosto de 2015, quarta-feira**

O trabalho de Júlia inicia com a conferência dos falecimentos salvos no *News*, que poderão ser publicados nos próximos dias. Para isso, a redatora precisa contatar com o remetente, uma tarefa desempenhada ao longo do dia. Ainda no sistema de compartilhamento, ela procura falecimentos anunciados por agências de notícias ou publicados em alguma editoria de Zero Hora, no caso da morte de pessoas célebres.

Em entrevista, Júlia não relata manter uma rotina ao procurar mortes que tenham acontecido e que possam ser publicadas na seção. Já Mariana estabelece o seu método de trabalho: procura falecimentos na pasta *obit sobras* do *News*, *feed* de notícias, e-mail, site de Zero Hora e nos jornais do Grupo RBS.

Após verificar os falecimentos que poderiam ser divulgados, Júlia confere os textos recebidos através do e-mail da seção. As informações são salvas no *News*, assim como as fotos dos falecidos, nome e número de telefone do remetente.

Em alguns casos, ao vender anúncios de morte e missas de aniversário de falecimento, observa-se que o setor comercial oferta a publicação de um obituário, como se fosse uma cortesia pelo material divulgado. Quando a família do morto aceita a proposta, o departamento informa a redatora e repassa a ela algum meio de contato dos familiares, seja e-mail ou telefone. A seção sempre tenta publicar o obituário na mesma edição em que o anúncio será divulgado, caso esse seja o desejo dos parentes. O único pré-requisito é que a morte tenha ocorrido há, no máximo, um mês, mesma exigência adotada com todos os falecimentos recebidos pelas obituaristas.

O contato com o telefone informado pelo familiar é o método mais utilizado pela redatora para esclarecer detalhes sobre as mortes. Quando o número não é divulgado, ou o remetente não atende as ligações, Júlia retorna o e-mail que havia sido encaminhado. A mensagem virtual é, em grande parte dos casos, o primeiro sinal de comunicação do parente com Zero Hora.

### **5.2.1 Morte a morte**

Júlia recebeu os dados sobre a morte de Pasqualina Biamonte Rosito através de e-mail, encaminhado no dia anterior, 18 de agosto, quando o falecimento foi publicado no jornal como anúncio. O texto foi encaminhado à seção pela família de Pasqualina.

Com o material em mãos, Júlia liga para o familiar que contactou o setor de vendas, por volta das 14h20min. A intenção é perguntar a data em que deseja que o obituário seja publicado. Outros dados também são solicitados, como o nome do morto, a data em que ocorreu o falecimento, as cidades em que morou, os hobbies que tinha e os nomes dos familiares a serem citados.

Ao fim da ligação, Júlia questiona se há alguma informação em especial que o familiar deseja incluir no texto. Como o comercial já havia recebido uma foto para

incluir junto do anúncio de morte, a mesma imagem é aproveitada para o obituário. Júlia salva o *Nica* do retrato junto do texto salvo no *News*, para que o departamento de arte tenha acesso à imagem.

O obituário de Pasqualina Biamonte Rosito começa com a data da morte, seguindo pelo nome, idade e o hospital em que ela estava internada. Já o segundo parágrafo fala sobre os locais em que a falecida morou, ao citar Toranto Castello, na Itália, como local de nascimento, e o município de Morano Calabro, também na Itália, como a cidade em que ela passou a infância e a juventude. O trecho encerra com a chegada de Pasqualina ao Brasil: “no final de década de 1930, fugida da II Guerra, radicou-se em Porto Alegre”. Há uma foto de Pasqualina junto do obituário.

A menção do Brasil como refúgio para a falecida durante a Guerra mostra que, naquele período, os povos viam o país como um lugar seguro para viver. O Rio Grande do Sul, que também é mencionado no trecho, tem diversos registros de municípios colonizados por pessoas que fugiram de conflitos em seu país natal. A citação a Porto Alegre como destino, sem menções ao Brasil como destino recorrente de europeus no período, pode indicar o bairrismo de Zero Hora.

Percebe-se que os textos publicados na seção geralmente apresentam dados sobre o falecimento no primeiro parágrafo e os locais em que a pessoa viveu no segundo trecho, um padrão que é seguido no obituário de Pasqualina. Como são abordadas no início, as informações podem ser consideradas as mais relevantes para o texto, já que é escrito através de pirâmide invertida.

O terceiro parágrafo aborda mais detalhes sobre a vida de Pasqualina, começando com o ano em que casou e o nome do marido, que já é falecido, seguindo com o número e nome dos filhos, netos e bisnetos. Os nomes de todos os familiares são citados apenas quando o parente que encaminhou o e-mail solicita que a publicação seja feita, o que acontece com o obituário de Pasqualina.

O quarto parágrafo relata que:

Pasqualina é definida pelo neto Mário Antônio como uma pessoa bondosa, meiga e carinhosa. Convivia com os familiares diariamente, para quem dedicava amor incondicional e orientação. Sua maior felicidade era ver os familiares reunidos. Até alguns anos atrás, enquanto a saúde permitiu, tinha o costume de preparar comida italiana para recebê-los em sua casa.

O trecho reforça a imagem de dona de casa ligada às tradições, além de retomar a relação entre a cultura europeia e a gaúcha, já que ela morava aqui, mas preparava receitas da Itália para os familiares.

Os relatos do familiar seguem no quinto parágrafo, que diz “segundo o neto, a avó era devota da religião católica – orou para si e para a família até os últimos momentos de vida. Ele conta ainda que ela sempre estava de bem com a vida e que deixa um exemplo de dignidade e perseverança”.

Os dois trechos têm como intenção detalhar a personalidade da falecida. As expressões bondosa, meiga e carinhosa, atribuídas à Pasqualina pelo neto, mostram o sentimento de carinho e bondade que ele sentia ao estar próximo dela. Quando o neto diz que Pasqualina convivia com os familiares diariamente e a eles dedicava amor incondicional e orientação, revela que a avó estava sempre perto dos parentes, dando conselhos e os amando, independente do que tivessem feito. A fala do familiar também mostra que a avó não preparava mais comidas italianas para receber os parentes em sua casa, pois a idade já não a permitia. A religiosidade de Pasqualina também é contada pelo neto, que, em seu relato, revela que a avó rezava sempre pela família, além de falar que ela é um exemplo para os parentes.

O obituário encerra no sexto parágrafo, com informações sobre a missa de sétimo dia, como data, horário e local em que vai acontecer. Verifica-se a utilização de pirâmide invertida, pois as informações relevantes para a redação do texto estão incluídas nos dois primeiros parágrafos.

Um e-mail recebido durante a tarde da quarta-feira, dia 20 de agosto, pede que a morte de Pedro Menendez Ribeiro seja divulgada na seção de obituários. Porém, ela havia sido publicada na edição anterior, do dia 19 de agosto. Em resposta à mensagem eletrônica, Júlia comunica ao amigo do morto que a divulgação já havia sido feita.

Um amigo do Frei Zeferino Rosseti envia, por volta de 15h15min, um e-mail com informações sobre a morte do religioso, em um texto extenso e rico em detalhes, junto de uma foto. Como há muitas informações, Júlia organiza os dados, separando-os em parágrafos com temas em comum. A redatora liga para a pessoa que encaminhou o material, trata-se de um Frei que havia trabalhado com o falecido.

São averiguados os dados pessoais de Rosseti, assim como a data de nascimento e morte, locais onde morou e atividades que desempenhou em vida. Percebe-se que Júlia faz as mesmas perguntas a cada contato feito com remetentes de falecimentos, e que condizem com os relatos feitos por ela em entrevista, de confirmar as informações principais com o remetente. O texto enviado possuiu uma estrutura coerente e Júlia decide aproveitar a sua organização. Ela apenas inclui as informações cedidas pelo ex-colega do falecido e altera a ordem de alguns parágrafos.

Em entrevista, Júlia conta que geralmente os textos encaminhados à seção têm um formato semelhante ao material que é produzido à seção de obituários. Ela conta que, por vezes, é necessário “*tirar alguns excessos da família. [...] Às vezes o texto está [...] inadequado em relação ao nosso padrão*”. A fala vai de encontro ao que acontece com o material encaminhado sobre o Frei. Pouco é mudado e as ideias apenas são organizadas pela obituarista, a fim de deixá-lo com o padrão de texto seguido para a seção. Já Mariana tem uma posição diferente acerca do assunto. Ela admite que algumas pessoas encaminham textos muitos bons, mas diz que prefere refazer o obituário, pois assim sente-se mais segura com a publicação.

O obituário de frei Zeferino Rosseti, que conta com uma foto do falecido, inicia com a informação de que “foi sepultado ontem, no memorial dos Capuchinhos, em Caxias do Sul, o frei [...]”. A escolha pelo tema a ser abordado na primeira linha do texto mostra que o sepultamento é a principal informação, já que ocupa o início do primeiro parágrafo e atende ao critério de noticiabilidade atualidade. O texto segue com o nome do morto e uma explicação sobre como transcorreram os atos fúnebres: “após a celebração de despedida na Casa São Frei Pio, no convento Imaculada Conceição”, em que se percebe a importância dada pela redatora ao sepultamento do frei.

Os cristãos pensam na morte como uma passagem para uma nova dimensão espiritual, por isso a valorização dos ritos de passagem. A crença estabelece o paraíso e o inferno como uma transposição dos atos em vida, além de ensinar que os corpos permanecerão em sono profundo até a ressurreição ou retorno de Jesus Cristo à Terra. A morte é um ritual de passagem que atinge a todos os seres, independentemente de seu gênero ou classe. Segundo Guandalini (2010, p. 5)

“apesar de os homens temerem a morte, eles encontravam maneiras peculiares de se relacionarem com ela”.

O primeiro trecho também fala sobre a idade do falecido e a causa da sua morte, além de apontar que ele esteve internado durante três meses no Hospital Unimed, em Caxias do Sul. O parágrafo ainda explica que “frei Zeferino era irmão da Ordem dos Frades Menores Capuchinos havia 66 anos”. O bloco de texto é extenso e contém informações sobre diversos temas, que vão do sepultamento à vida religiosa de Rosseti.

O segundo parágrafo inicia com a sua filiação, conta o seu nome de batismo, Augusto Rosseti, e revela que teve 16 irmãos. A utilização do nome de batismo somente no segundo parágrafo demonstra a importância da religião na vida do Frei, uma constatação que é reconhecida e reafirmada pelo jornal: ao usar o nome religioso primeiro, o veículo reconhece sua importância em detrimento do “nome de verdade”. O obituário segue com explicações sobre a vida religiosa do frei, assim como acontece no primeiro trecho, ao dizer que “aos 22 anos, ingressou no convento dos Capuchinhos em Flores da Cunha, onde fez o noviciado. Em 1949, professou os votos religiosos, e assumiu o nome de Frei Zeferino Rosseti”. O parágrafo, que apresenta o nome oficial do frei, encerra com a adoção do nome religioso. Percebe-se que a religião é um aspecto importante na vida do frei, já que é citada tanto no primeiro como no segundo parágrafo.

Os termos religiosos empregados no texto não são explicados. Isso vai contra a regra jornalística de esclarecer termos que não são do domínio da população. Com esse posicionamento, o jornal demonstra acreditar que a maioria dos leitores tem ligação com a religião católica e compreende as expressões utilizadas pela igreja.

O terceiro parágrafo também apresenta relatos sobre a fé de Rosseti, pois fala que “a vida do religioso foi dedicada aos serviços na cozinha dos seminários – onde preparava refeições para quase 300 seminaristas –, nas hortas dos conventos, no cuidado de parreiras – onde também ensinava os seminaristas o trato com as uvas – e nas cantinas, como elaborador de vinhos”. As falas apontam a dedicação do falecido para com trabalhos desenvolvidos em prol da igreja.

No quarto parágrafo igualmente são feitos relatos sobre a dedicação do frei à vida religiosa, que contam sobre dois municípios em que ele morou e trabalhou, Veranópolis e Ipê, além das atividades que desempenhou nas cidades. Destaque para a sua dedicação com a “música e ao canto pastoral. Tocava teclado e dirigiu um coral de crianças. Na década de 1970, apresentou-se no programa *Missa pelo 10*, da então TV Difusora, na Capital”.

O quinto parágrafo relata que ele viveu e trabalhou em conventos em Garibaldi, Flores da Cunha, Ijuí e André da Rocha. Já o sexto trecho segue dizendo que “em 2005, passou a residir na Fraternidade São Maximiliano Kolbe, em Caxias. Desde 2012 cuidava da saúde na Casa São Frei Pio”. O sétimo parágrafo segue com “em 1999, celebrou o jubileu de ouro de vida religiosa”. O termo “jubileu de ouro” não é explicado durante o texto, o que indica que o jornal pensa que a maioria dos seus leitores conhece as expressões utilizadas na religião Católica. Aqueles que não conhecem o significado da expressão não conseguem entender a importância da celebração.

O texto sobre a morte foi encaminhado para a seção por um amigo do frei, que desempenha a mesma função na Igreja Católica. Isso pode explicar o motivo pelo qual recebem destaque somente informações religiosas, ou pode indicar o posicionamento de Zero Hora com relação aos leitores, ao pensar que a maioria deles cultiva a fé católica. O remetente é citado no oitavo parágrafo, quando diz que “segundo o frei Moacir Molon, Zeferino foi um religioso dedicado ao trabalho, e que tinha como características o carinho, a alegria e o bom humor. Dotado de simplicidade, também era conhecido pelo silêncio e pela oração”. Esse é o único trecho em que são citadas características que não tenham ligação com a vida religiosa do frei.

O material encaminhado para a seção era extenso, por isso Júlia separou os trechos através de assuntos semelhantes, com a intenção de reunir informações. Porém, o texto publicado parece falar somente sobre o mesmo tema: a trajetória religiosa do frei, por mais que a data e o local de sepultamento tenham sido destacados nos dois primeiros parágrafos. Avaliando-se que se trata de um obituário, é possível apontar a utilização de pirâmide invertida, já que os dados relevantes para o texto de morte foram incluídos nos trechos iniciais.

A morte de Ledy Goelzer Herculani é enviada à seção através de e-mail às 15h27min, assinado pelo filho da falecida, Newton. Como Júlia redigia o obituário do Frei quando foi encaminhado o falecimento, a mensagem é aberta às 15h50min. O texto é curto, por isso é preciso fazer contato com o familiar e, além de averiguar o conteúdo da mensagem, buscar mais informações sobre Ledy. Júlia confirma os dados, como faz em todas as ligações. No e-mail, o filho cita o comércio que a família mantém, o tratando como local de trabalho da falecida. Júlia pergunta o ramo do negócio e aproveita para questionar sobre os *hobbies* que Ledy mantinha.

Uma das falas de Júlia durante a entrevista condiz com essa observação. Ela conta que muitas vezes liga para os familiares a fim de apurar informações e deixar o texto mais completo, com a intenção de retratar melhor a vida da pessoa, como acontece com Ledy.

A causa da morte não é enviada no e-mail, sendo o motivo de mais uma pergunta. Júlia sempre interpela os familiares sobre a doença, mas publica a informação somente quando o remetente deseja. Durante a observação, ela diz que a maioria dos familiares não quer que o motivo seja divulgado.

A fala de Júlia difere do que foi dito por Mariana durante a entrevista. Mariana afirma que dificilmente as pessoas não querem divulgar a causa da morte. Relata lembrar apenas de um caso em que a pessoa não quis que o motivo do óbito fosse informado, pois não saberia ao certo o que ocasionou a morte.

O texto é organizado basicamente com as informações repassadas durante a ligação. Júlia inicia o material falando a data, local e motivo da morte. Segue com um histórico da falecida, junto de falas do filho, acerca de seus gostos e atividades preferidas. O escrito termina com a data em que ocorreu o sepultamento.

Júlia fala que não há regra para escrever o obituário, pois se trata de um texto livre e que pode ser mudado de acordo com a história da pessoa. Ela diz que costuma iniciar falando sobre a morte, continua com dados principais acerca do falecimento e termina o texto com a trajetória de vida da pessoa. Já Ticiano afirma que, devido a uma questão estrutural, as informações sobre os familiares que o morto deixa sempre são deixadas para o fim do texto, situação que não é observada com o obituário de Ledy.

O primeiro parágrafo do obituário de Ledy inicia dizendo que “a aposentada Ledy Goelzer Herculani morreu em 9 de agosto, aos 87 anos, no Hospital de Caridade de Santa Maria [...]”. Como a palavra aposentada recebe destaque, pode-se dizer que se trata de um aspecto relevante da vida de Ledy. O bloco encerra com a causa da sua morte. Também há uma foto da falecida. O termo aposentada remete a uma vida de trabalho, além de reforçar a ideia de que a falecida já tinha uma idade avançada, justificando porque não trabalha mais, ou que não consegue mais trabalhar.

O segundo parágrafo conta que a falecida nasceu em Santa Maria, em 1927, mas que mudou-se para Jaguari ainda criança. O terceiro parágrafo fala sobre o ano em que aconteceu o casamento de Ledy e o nome do seu esposo. Depois disso, diz que ao lado do companheiro ela trabalhou como comerciante em uma loja de tecidos e confecções. Diferente das outras mulheres, neste caso a vida profissional ganha o mesmo destaque que o casamento. Isso remete a personalidade e vida menos dependentes do marido. A ordem em que as informações são apresentadas no obituário mostra que as cidades em que a falecida residiu são mais importantes que os dados sobre a sua família e profissão.

O quarto parágrafo aponta os gostos e características de Ledy, pois o filho Newton, que encaminhou a morte, cita que “a mãe gostava de fazer crochê e era muito dedicada à família”, relatos que mostram a dedicação aos parentes e o apreço pela atividade, maneiras como o filho vê a mãe. A informação sobre o crochê remete à imagem de uma tradicional senhora de idade. O quinto parágrafo segue falando sobre a família da morta, ao dizer que era viúva desde 2005, além de citar os nomes dos seus cinco filhos e cinco netos. O quinto parágrafo encerra o texto dizendo o dia e o local em que ocorreu o sepultamento de Ledy. Verifica-se a utilização de pirâmide invertida no obituário.

Assim como os demais óbitos recebidos até as 15h50min do dia 19 de agosto, a morte de Rubem Buss é encaminhada à seção através de e-mail, já às 16h10min, por Marcos, filho do morto. O homem não aparece no texto como fonte de informação. O escrito é enxuto, por isso o contato telefônico é necessário. Antes da ligação, Júlia confirma na internet nomes de hospitais e de localidades informadas na mensagem eletrônica. A cidade em que a morte ocorreu e a

instituição em que o falecido havia estudado não foram encaminhadas. Para sanar as dúvidas, a redatora faz questionamentos sobre os dois itens. Durante a conversa, descobre que Buss era aposentado, um dado que não havia sido informado através da mensagem virtual.

Ao fim da ligação, ela negocia com o familiar as informações que ele deseja publicar no obituário. O filho pede que não seja incluído o seu nome e o de parentes, inclusive o da esposa do morto, assim como informações sobre a missa de sétimo dia. Júlia segue as orientações. Por conta das restrições, o texto é concluído com um número menor de caracteres. Trata-se de um registro biográfico de Buss, com relatos profissionais e traços da sua personalidade. Apesar de proibir a divulgação, o filho ressalta que o culto em memória está programado para acontecer na Igreja Episcopal Anglicana de Porto Alegre.

Durante entrevista, Júlia conta que, ao fazer contato com os familiares, escuta as suas recomendações e respeita os seus pedidos, inclusive quando pedem para que alguns detalhes não sejam publicados, assim como acontece com o falecimento de Buss. A fala está em sintonia com a observação, pois a redatora deixou de publicar informações a pedido do parente que informou o óbito.

O texto sobre a morte de Rubem Buss começa com a informação de que era médico, seguido da data em que ele morreu, a idade e a cidade em que o óbito aconteceu. A profissão em destaque aponta um aspecto considerado relevante pela redatora do material, assim como para a sociedade, que atribui características de riqueza, poder e relevância aos médicos. Além disso, normalmente no caso dos homens a profissão aparece primeiro. O segundo parágrafo fala sobre a naturalidade de Buss, da universidade em que se formou, e que “iniciou a carreira atuando como clínico-geral no município de Nova Bassano”. Como uma extensão do primeiro parágrafo, o trecho fala sobre a trajetória profissional do falecido.

De igual forma, o terceiro parágrafo segue com informações sobre as atividades desempenhadas por Buss enquanto médico, além de apontar hospitais em que ele atuou e dizer que “ainda foi coordenador e secretário da Saúde de Porto Alegre no final dos anos 1970. Aposentou-se aos 75 anos”. A palavra “ainda”, ao

citar cargos ocupados na administração pública, dá a ideia de que Buss desempenhou muitas funções em vida.

O texto chega ao fim no quarto parágrafo dizendo que “ele será lembrado pela competência, sensibilidade, humildade, dedicação e carinho com que exercia a profissão. Deixa ensinamentos a todos que o conheciam”. Apesar de afirmar qualidades de Buss que o farão ser lembrado, o trecho não é assinado. A fonte de informações é o seu filho, que preferiu não ser identificado no obituário. Mesmo assim, há um relato de admiração pelo morto. Uma foto do falecido, encaminhada pelo filho, integra o obituário.

As falas sobre a prática da medicina ocupam grande parte do texto, que inclusive inicia dizendo que o falecido exercia tal profissão. Por conta disso, observa-se a utilização de pirâmide invertida.

Ao terminar de escrever o obituário de Buss, às 16h38min, Júlia volta a conferir o e-mail da seção, à procura de uma nova morte, já que somente quatro foram redigidas até o momento. A seção poderá ter mais espaço para publicações.

Durante a procura, Júlia encontra uma postagem feita há cerca de duas horas no site de Zero Hora, na categoria notícias, que fala sobre o falecimento do músico Doudou N’diaye Rose<sup>4</sup>. Como não conhece o musicista, Júlia pergunta ao editor Ticiano a relevância de Rose no cenário mundial. Ele também não o conhece. Para decidir sobre a publicação, eles leem a notícia juntos. Por fim, decidem divulgar a morte, diante da notoriedade do músico.

Ticiano conta em entrevista que a sua participação junto da seção abrange a atividade de auxiliar Júlia a definir as pessoas que precisam ser contempladas com o obituário, como aconteceu com o músico. Ele e Pedro ressaltam que dúvidas devem ser tiradas com os editores.

---

<sup>4</sup> Doudou N’Diaye Rose foi um músico percussionista. Ele era conhecido como o “mestre da bateria africana”, devido à habilidade com que manuseava o sabar, um tipo de tambor tradicional no Senegal, seu país de origem. Durante a carreira, dividiu o palco com artistas como Miles Davis e The Rolling Stones. Desempenhou as funções de baterista, compositor e líder de uma orquestra com mais de 30 bateristas. Rede Angola, 2015.

A redatora copia o texto que foi postado no site e organiza os parágrafos, separando eles por assunto. Durante a observação, ela diz que não é preciso fazer mudanças significativas, pois “*o material já tem o padrão Zero Hora*”. A informação da morte é proveniente da agência de notícias AFP e foi ajustada para o site. Júlia apenas separa aquilo que vê como essencial para o obituário. Na Internet, apura nomes, locais e características do morto, que foram apontadas na notícia. Como o Jornal não dispõe de uma foto do músico no *News*, a obituarista busca imagens em sites de agências de notícias. Um dos retratos encontrados é selecionado e salvo no sistema, gerando um *Nica*, um número de identificação da imagem.

O obituário de Doudou N’diaye Rose inicia falando sobre a sua profissão, de músico e percussionista, já que é por essa atividade que ele recebe destaque na seção. Depois disso, ainda no primeiro parágrafo, o texto apresenta a informação de que ele foi classificado pela Unesco, em 2006, como “tesouro humano vivo”.

A indicação da Unesco pode servir para explicar a notoriedade do musicista no mundo, já que não está entre os artistas internacionais mais conhecidos pela população. O trecho segue dizendo o local em que ele morreu e a sua idade, conforme “informaram sua família e uma associação senegalesa”. O texto apresenta as fontes que informaram a morte, sem citar o nome do familiar e da organização, o que pode prejudicar a credibilidade da informação. Apesar de Júlia ter encontrado uma foto do músico na internet, a imagem do artista não é publicada, o que pode dificultar a sua identificação pelos leitores.

O parágrafo seguinte diz que “segundo a imprensa local, Doudou N’diaye Rose apareceu saudável na terça-feira no funeral de outro percussionista senegalês, Vieux Sing Faye”, com a intenção de apontar que ele não estava doente. O terceiro parágrafo aborda a data de nascimento do músico e etapas de seu envolvimento com a arte.

O quarto trecho antecede uma fala do músico. No texto não são mencionadas falas de parentes. O parágrafo diz que “em 2010, em entrevista, ele contou que precisou lutar contra seu pai, um contador, que rejeitava a ideia de ter um filho músico [...]”, sendo que segue no quinto e último bloco dizendo que

eu nunca quis tocar cegamente. Procurei os mais velhos para que eles me ensinassem a língua muito específica da percussão: como anunciar que há um incêndio florestal, quando uma cobra morde alguém, que a esposa que acaba de se casar entrou na residência marital e que seu marido é satisfeito com ela, explicou na época.

Todos os parágrafos do obituário falam sobre a relação de Doudou com a música, o que aponta que essa foi uma das principais atividades que ele desempenhou em vida. Como inicia com dados sobre o óbito, prosseguindo com informações sobre a profissão do músico, acredita-se que o texto seja escrito em pirâmide invertida. Em geral, o texto prioriza a informação mais atual e em seguida tenta justificar a publicação do obituário ao dedicar um grande espaço para explicar porque ele era importante.

Quando morre algum famoso, os responsáveis pela seção de obituários discutem com outras editorias o destaque que o falecimento merece receber. Por exemplo, quando falece algum artista, a editoria de entretenimento é consultada para saber se pretende elaborar um texto, ou se o material deve ser produzido pela seção de obituários. No caso do músico, a notícia é postada somente no site. Se não fosse o obituário, ela não estaria na edição impressa.

A observação e o relato da entrevista se complementam nesse caso. Na entrevista, Júlia conta que, em algumas oportunidades, outras editorias do jornal produzem obituários de pessoas célebres, mas acabam não publicando o material no impresso devido à falta de espaço. Nesse caso, a seção de obituários aproveita o texto e destaca a morte. É o que acontece com o músico Doudou. O material foi produzido pela editoria de entretenimento, que está ligada às atividades que ele desempenhou em vida, mas havia sido publicado somente no site.

Ticiano conta que já recebeu queixas de outras editorias quando a seção deixou de publicar a morte de alguma pessoa célebre. Ele acredita que isso tenha acontecido com a morte de Ornette Coleman, dia em que outro famoso também faleceu. Na oportunidade, *“o espaço que a gente tinha não era grande, e aí a gente resolveu valorizar um só e deixar para no jornal enterrar Ornette Coleman no outro dia”*. O editor afirma que há uma grande discussão para decidir o que vai para o online e o que será publicado no impresso. Para ele, *“importante o online não pode deixar de dar. Mas no papel, o papel é finito [...] Todas as notícias que são*

*publicadas no online não cabem em nenhum jornal do mundo [...] E a regra infelizmente se aplica também para a seção do obituário”.*

Por volta das 17h do dia 19 de agosto, o editor Ticiano alerta Júlia para a morte da atriz Yvonne Craig, conhecida como *Batgirl*. Ele leu sobre o falecimento em um portal de notícias. A redatora é orientada a procurar informações sobre a morte, além de uma imagem da artista, e escrever um obituário sobre ela. O editor diz à redatora acreditar que a morte é relevante, por tratar-se de uma pessoa conhecida, e que por isso precisa ser publicada na seção.

Júlia procura informações sobre o falecimento em sites de notícia. Reúne os dados e elabora um texto, além de arquivar uma foto da artista. Ela faz um breve resumo da vida da atriz, com o relato de alguns de seus trabalhos e informações consideradas essenciais para o obituário, como a doença que provocou o falecimento e o local e a data de nascimento e morte.

Em entrevista, Ticiano conta que, entre as atividades que ele desenvolve na editoria, está a de auxiliar Júlia com os falecimentos que chegam até a seção, e também com a morte de pessoas célebres, como acontece com o falecimento da *Batgirl*. Ele é o responsável por alertar a redatora acerca desses falecimentos e indicar a elaboração de um texto, devido à relevância da artista. Durante a fala, ele inclusive cita a morte da artista, para explicar a função que desempenha. Segundo Ticiano, também compete a ele dimensionar a importância que o óbito vai receber no impresso, se com página inteira ou somente uma coluna.

A primeira palavra mencionada no obituário de Yvonne Craig é atriz, o que aponta qual é o principal objetivo do texto: falar sobre a morte de uma artista. A matéria segue com a data, idade, cidade em que morreu e a causa do óbito. Uma foto da célebre foi publicada na seção.

O segundo trecho inicia falando sobre o trabalho que a tornou conhecida em todo o mundo, pois diz que “seu papel mais marcante foi o de *Batgirl* na série de TV *Batman* (1966 – 1968), um dos seriados de maior sucesso do mundo”, informação que pode auxiliar as pessoas a lembrarem do programa televisivo e, conseqüentemente, da atriz.

O terceiro parágrafo conta que ela tinha 30 anos quando começou a trabalhar na série, além de relatar que Yvonne nasceu nos Estados Unidos e que sua carreira começou como bailarina, sendo que chegou a integrar o Balé Russo de Montecarlo. A fala mostra que a televisão surgiu em sua vida depois de já ter trabalhado em outras áreas artísticas.

O trecho seguinte conta como ela ingressou na televisão, explicando que “a partir dos 20 anos, passou a interpretar pequenos papéis no cinema. Atuou ao lado de Elvis Presley nos filmes *Loiras, Morenas e Ruivas* (1963) e *Com Caipira Não se Brinca* (1964)”, relatos com os quais se pretende mostrar que ela já atuava no cinema antes de viver a *Batgirl* na televisão.

O quinto e último parágrafo conta sobre o término de suas atividades como atriz, ocorrido a partir de 1972, quando ela teria passado a trabalhar com o ramo de imóveis e se afastado da imprensa. No texto não há uma explicação para o desligamento das atividades de Yvonne.

Apesar de apresentar relatos sobre a vida artística da falecida, trata-se de um texto escrito a partir de pirâmide invertida, pois as informações sobre o óbito aparecem no início do texto. O restante do material serve como uma complementação para explicar a relevância da atriz no mundo televisivo.

Depois de produzir o texto da artista, Júlia pensa em como organizar os obituários na página. Ela prioriza os que tenham foto e deixa os falecimentos internacionais por último, devido ao fato de não serem pessoas conhecidas pela população em geral. A morte da *Batgirl* e do músico Doudou encerram a página, nessa ordem.

De acordo com Pedro, quando morre uma pessoa famosa, mas que não era conhecida o bastante para receber uma matéria, ou destaque, nos obituários, a prioridade é para as mortes de pessoas do Rio Grande do Sul, ou que tenham alguma ligação com o estado. No caso da *Batgirl*, o editor explica que “ela foi lá pro fim, porque o mais importante [...], se existe uma orientação, que primeiro se dá para as pessoas que entram em contato, as pessoas que são daqui”. A fala do editor reforça o posicionamento bairrista de Zero Hora, que consiste em priorizar as mortes

que tenham acontecido no Rio Grande do Sul, ou os óbitos de pessoas que nasceram no estado.

Os obituários produzidos são encaminhados para a diagramação, a partir da verificação do número de anúncios na página. A redatora percebe que há poucos anúncios na data e por isso diz acreditar que os seis textos redigidos serão publicados. Nenhum deles é encaminhado para a aprovação dos familiares. Assim como nos dias anteriores, Júlia garante aos remetentes que os textos serão publicados na edição do dia seguinte.

Assim que a página retorna da diagramação, a redatora organiza os obituários que foram colocados na folha. Para que as seis mortes sejam publicadas, é preciso fazer cortes em textos, já que há mais caracteres do que a folha comporta. Júlia não deixa somente uma palavra em uma linha. Ela dimensiona os espaçamentos na página e acomoda as palavras, para que os parágrafos tenham caracteres de maneira que ocupem toda a linha. Depois de organizar a maneira como os obituários estão dispostos na página, ela encaminha a folha à impressão e, posteriormente, às leituras, que são feitas por Pedro e outros dois editores: um escolhido de maneira aleatória e Rosane Tremea, editora de capas de Zero Hora.

### **5.3 Terceiro dia de observação: 20 de agosto de 2015, quinta-feira**

O trabalho de Júlia começa às 14h04min do dia 20 de agosto com a verificação do e-mail do obituário. Durante o processo, ela encontra o falecimento de Jaime Souza Barbosa, que foi encaminhado por e-mail em PDF. É preciso redigir o texto, pois o sistema de Zero Hora não permite copiar materiais nesse formato, trabalho que pode demandar mais tempo e dedicação da redatora. Júlia pretende publicar a morte somente se houver tempo suficiente para digitar os dados. Por isso, como foi encaminhado em PDF, o falecimento corre o risco de não ser publicado. Não há foto do falecido. Se não receber novas mortes, ela diz que vai publicar a morte na seção.

Durante a conferência, a redatora identifica um texto que contém um pedido de divulgação para uma data específica. Ela copia o material e o reserva no

“*Obituários sobra*”. O familiar que encaminhou a respectiva morte pede que Júlia confirme o recebimento por e-mail. A confirmação é enviada somente quando o remetente solicita.

A obituarista do Jornal Pioneiro encaminha para Júlia uma morte que havia sido publicada no veículo, devido à notoriedade que acredita que a falecida tem na Serra do Rio Grande do Sul. Ela era médica e por isso muitas pessoas poderiam a reconhecer no obituário. Trata-se do falecimento de Olga Dias Barreto.

O padrão das publicações do Pioneiro é diferente do modelo adotado em Zero Hora, semelhante ao que ocorre com o Diário de Santa Maria. Como não há muitas informações sobre a morte, Júlia arquiva o material no sistema do jornal. Ele vai ser publicado somente depois de um contato com algum familiar, com a intenção de obter novos relatos sobre o ocorrido. Durante a observação, verifica-se que a procura por mortes nos outros jornais do Grupo RBS é comum, enquanto que o envio de obituários para outros jornais, sem que tenha sido solicitado, não acontece com frequência.

Depois de receber a morte, o que acontece às 14h10min, Júlia confere publicações recentes do jornal O Pioneiro, Diário de Santa Maria e Diário Catarinense, a fim de conferir se alguma morte informada recentemente poderá ser utilizada em Zero Hora. Ela procura obituários que tenham sido publicados há, no máximo, sete dias. Alguns textos são copiados. Como já foram publicadas, as fotos estão salvas no *Nica*. Conforme a necessidade de publicações, a redatora pode recorrer às mortes copiadas dos jornais.

### **5.3.1 Morte a morte**

Ao arquivar as mortes que foram coletadas durante as buscas, Júlia se depara, por volta de 14h45min, com os falecimentos que foram reservados anteriormente, devido à falta de informações. Um deles é o de Fortunato Brum Oliveira. O material encaminhado há três dias não especifica a data em que a morte ocorreu, dado primordial para a publicação. Uma foto havia sido enviada junto do e-mail, que já está salva e possui um *Nica*, que está acoplado ao texto salvo. A

obituarista havia tentado o contato telefônico em diversas oportunidades, mas somente nesta tarde conseguiu falar com o genro do morto, que enviou o falecimento.

Durante a ligação, a redatora pergunta ao familiar sobre a data da morte, cidade onde o homem nasceu e morreu, além do nome completo do morto. No e-mail, o genro conta que o sogro almejava vê-lo formado. Por isso, a redatora pergunta em qual curso formou-se e se o falecido colaborou com a formação. Ao fim, ela questiona se há algo que ele deseja adicionar ao obituário. Ao contatar com familiares, Júlia sempre faz essa pergunta.

Em entrevista, Mariana relata que é possível fugir do texto convencional dos obituários, assim como conta que podem surgir fatos interessantes durante a ligação, como acontece com a morte de Oliveira.

Ele morreu em 9 de agosto, Dia dos Pais, quando ia ao encontro da filha e do genro para celebrar a data. Júlia inicia o obituário com a data da morte e um relato do como ela aconteceu. Depois segue com a explanação sobre a relação do falecido com o genro. Ela tem liberdade para escrever o texto. Não pede ajuda ou a opinião dos editores. O morto era divorciado. Como a relação com a ex-esposa não era agradável, o familiar pede que o relacionamento não seja informado.

Durante o texto, a redatora descreve a relação que sogro e genro mantinham, coletada através da ligação, além de cargos que Oliveira ocupou em vida. Relata ainda os traços da personalidade do falecido que serão lembrados pela família, com base nas informações de Marcelo. O texto encerra com a menção do culto em memória, que havia ocorrido há quatro dias.

Ticiano conta em entrevista que a seção procura manter uma visão respeitosa sobre a vida de quem morreu. O editor afirma que vê o obituário como uma homenagem, pois, segundo ele, somente as virtudes são enaltecidas quando a pessoa falece. O relato acompanha as decisões de Júlia para com a redação da morte de Oliveira, pois ela deixa de falar da relação do falecido com a esposa, que, segundo o genro, não era agradável, e enaltece as qualidades do homem. Dessa forma, o texto do obituário procura apenas enaltecer a personalidade do falecido,

sem destacar os seus defeitos e qualquer indício de arrependimento contado pelo familiar que informa a morte. O material tem caráter solitário e impessoal.

Assim como a maioria dos obituários produzidos no período de observação, a morte de Fortunato Brum Oliveira começa a ser retratada com a data em que aconteceu, 9 de agosto. Depois disso, o material aponta uma peculiaridade, que só é possível devido à história que cerca o falecimento de Oliveira. O trecho diz que ele morreu no Dia dos Pais, aponta seu nome completo e a sua idade, e na sequência conta que “ia para a casa da filha, Gisele Oliveira, e do genro, Marcelo Oliveira, em Pelotas, quando sofreu um infarto”.

O primeiro parágrafo, que é extenso, segue com as informações de que “ele chegou a ser socorrido no Hospital de Pronto Socorro do município, mas não resistiu. Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Boa Vista, junto à camiseta que a filha havia comprado para presentear-lo”. A frase que aponta a acolhida de Oliveira na casa de saúde mostra que a família acreditava que ele sobreviveria ao infarto. Atualmente, a morte já não acontece em casa, mas em locais como hospitais e postos de saúde, uma série de mudanças relativas à morte que iniciou entre 1930 e 1950. Ariés (2003) explica que o doente deixou de ser notificado sobre seus últimos dias de vida. Ele recebe o diagnóstico de uma doença e procura tratamento médico. Antes ele teria o seu fim terreno previsto e seria levado imediatamente ao leito de morte, uma das quatro fases para o culto e estudo da morte, apontadas pelo autor.

Já o trecho que faz menção da camiseta pode dar a entender que a filha estava o aguardando para fazer a entrega do presente, por mais que isso não tenha sido especificado no obituário.

O segundo parágrafo fala sobre a filiação de Oliveira e as atividades profissionais que desenvolveu em vida: mecânico, taxista e agora aposentado. O terceiro parágrafo aproveita a fala sobre a profissão do falecido para apresentar uma citação da fonte de informação do obituário, ao dizer que “o genro Marcelo, 42 anos, conta que trabalhou durante cinco anos com o sogro e que ele foi fundamental para sua formação no curso de Direito. Em 2012, quando Marcelo precisou abandonar o emprego para concluir os estudos, Fortunato o ajudou com os custos da mensalidade da faculdade, dos materiais, e com suas despesas domésticas”.

O trecho aponta o bom relacionamento entre sogro e genro, ao contar sobre o auxílio financeiro em prol da obtenção do diploma de advogado. O texto mostra amizade, companheirismo e gratidão do jovem para com Oliveira. Além do texto, o genro encaminhou uma foto do falecido, que foi publicada.

O quarto parágrafo apresenta a naturalidade do morto, de Pelotas, e conta que “foi presidente da Sociedade Esportiva Cultural Juventus, clube de futebol do município. Amante do esporte, jogava em campeonatos de futebol amador”, fala que revela uma das atividades que Oliveira gostava de praticar. O trecho pode ser considerado um relato dos *hobbies* do morto.

O quinto parágrafo retoma os relatos do genro, e diz que “o sogro deixa um legado de honestidade, bondade e perseverança”, percepções que Marcelo tem do falecido, e também diz que ficam enlutadas as netas. A filha de Oliveira não é citada no texto. Mesmo assim, o bloco dá a entender que as netas também mantinham um bom relacionamento com o falecido.

O obituário chega ao fim no sexto parágrafo, dizendo que foi celebrado um culto em memória do morto “no último dia 16, na Igreja Universal, em Pelotas”. Como a celebração já ocorreu, o trecho aponta apenas uma lembrança, não um convite de participação. Trata-se apenas de um registro do que aconteceu.

Apesar de contar com elementos que o diferenciam dos demais textos, como a morte ocorrida no Dia dos Pais, a camiseta enterrada junto ao corpo e o bom relacionamento entre sogro e genro, o obituário de Oliveira é escrito através de pirâmide invertida. Mesmo com relatos diferentes, os temas seguem uma ordem de apresentação dos temas, começando pelos principais fatos acerca do óbito, o que configura pirâmide invertida.

A morte de Armindo Birk é encaminhada pelo filho através de e-mail, por volta de 15h. Júlia vê o material assim que ele entra na caixa de entrada, já que está verificando mensagens no momento. O texto é extenso. As informações contidas na mensagem apontam que o falecido era casado, mas que também exercia a função de diácono na Igreja Católica. Júlia fica em dúvida sobre os relatos, já que não sabe se o cargo religioso permite que alguém mantenha uma família. Uma foto do morto, enviada junto do texto, é salva no *News*. Para esclarecer o relato, a redatora contata

com o filho. Ele explica que é possível que um diácono tenha esposa e filhos, relatando que, segundo as leis da Igreja Católica, somente os padres não podem unir-se em matrimônio.

Ela também pergunta ao filho sobre outros cargos que Birk teria ocupado em vida. O e-mail fala que ele presidiu diversas entidades, como time de futebol e associação de árbitros, entre outras. O parente confirma as informações. Júlia questiona os nomes das organizações citadas e, para se certificar da informação, confirma os dados em pesquisa na internet. O filho solicita que seja divulgada a data, horário e local da missa de sétimo dia.

Em entrevista, Ticiano e Pedro afirmam acreditar que o obituário é um texto jornalístico, pois trata de uma utilidade pública que informa a comunidade sobre um fato, nesse caso a morte de alguém. Mariana compartilha do posicionamento e diz que o obituário é um serviço, além de afirmar que as pessoas gostam de ler a seção. A divulgação do local e horário da missa em memória ao morto, solicitada pelo parente, aponta o caráter de utilidade pública e de serviço que o obituário representa, uma observação que vai de acordo com a fala dos entrevistados. Ainda sobre do pedido de divulgação, Júlia fala em entrevista que, durante contato com o remetente, sempre tenta deixar o familiar à vontade para revelar o que ele deseja que seja publicado. Ela admite que faz perguntas ao parente, mas salienta que ele é responsável por decidir o que será divulgado.

Ao encerrar a ligação, Júlia esboça dúvida em publicar as informações sobre a vida religiosa do morto. Mesmo que o filho tenha confirmado a possibilidade, ela fala com os editores e os questiona. Enquanto eles discutem o tema, a redatora prepara o texto. Observa-se que os editores interferem na redação do texto somente quando é feito algum questionamento.

Em entrevista, Ticiano e Pedro falam que a obituarista deve fazer perguntas e tirar dúvidas assim que surgirem. Ambos falam que auxiliam a estudante quando surgem os questionamentos, o que se observa no dia-a-dia da redação.

Durante a conversa, Ticiano e Pedro chegam à conclusão de que Júlia precisa refazer o contato, a fim de certificar-se sobre o diaconato. Apesar de já ter tratado o tema com o filho do morto, ela refaz a ligação e explica que as atribuições

de Birk provocam dúvidas na redação. O filho atesta a informação mais uma vez. Com a nova confirmação, os editores aprovam a publicação da vida religiosa no texto do obituário.

Os editores afirmam que participam do processo de construção do material e que auxiliam Júlia apenas quando ela tem alguma dúvida, o que vai ao encontro do que foi observado. A diferença entre os discursos é que Ticiano diz auxiliar na produção do obituário, tanto com a morte de famosos como com os materiais encaminhados por parentes e amigos. Pedro também afirma auxiliar sanando dúvidas, mas salienta que não trabalha com a produção, e sim com a edição do texto.

Como o texto está praticamente pronto, Júlia estuda como incluir trechos sobre a vida religiosa do falecido. Ela decide tratar sobre o tema ao longo do texto, já no terceiro parágrafo, constatando que não se trata da principal informação. Para isso, destaca o espírito de liderança e o envolvimento de Birk com a comunidade. O material segue com o relato das associações para as quais o morto havia se dedicado.

Os nomes dos familiares são deixados para o penúltimo capítulo. O obituário encerra com a informação solicitada pelo filho, com a data, horário e local da missa em memória de Birk.

Em entrevista, Júlia ressalta que tem liberdade para escrever o obituário, e que cabe a ela decidir como as informações serão organizadas, assim como acontece durante a observação.

O texto sobre a morte de Armindo Birk inicia com detalhes da sua personalidade. O trecho diz que “conhecido pelo espírito de liderança, o empresário Armindo Birk morreu em 13 de agosto, aos 80 anos”. O parágrafo segue contando que ele estava internado no Hospital Regina, em Novo Hamburgo, desde janeiro, e que sofria de Parkinson desde 2006. Como o material inicia com relatos sobre a liderança que o falecido exercia, percebe-se que a característica é um dos fatores mais importantes sobre a sua vida.

O segundo parágrafo conta a sua naturalidade, de Dois Irmãos, mas revela que se mudou para Novo Hamburgo aos cinco anos, além de falar que “durante 48 anos, dedicou-se à Comercial Birck, empresa em que era sócio-fundador”. O tópico estabelece uma linha do tempo imaginária do período em que Birk era criança, a sua mudança para a outra cidade, e o seu sucesso como comerciante.

O terceiro trecho fala sobre algumas atividades que Birk desempenhou em vida, pois diz que

atuante na comunidade, o empresário ocupou diversos cargos em paróquias locais. Na Paróquia Nossa Senhora da Piedade, onde exerceu o diaconato permanentepor (*sic*) 11 anos, foi ministro extraordinário da Comunhão Eucarística, presidente dos conselhos econômico e deliberativo, além de ter participado da Comissão de Ministérios da Liturgia e do coral da igreja, no qual cantou por 40 anos. Ele ainda foi administrador da Paróquia Nossa Senhora das Graças, em 2004, e coordenador dos ministros extraordinários da região de Novo Hamburgo.

O parágrafo mostra o envolvimento de Birk com a comunidade católica, além de contar sobre grupos que ele liderou no meio cristão. O parágrafo mostra que o espírito de liderança, citado no início do texto, também se estende para a vida religiosa do falecido. Todo o texto inserido no bloco foi encaminhado por e-mail pela família, recebendo apenas alguns adendos para explicar os cargos que ele ocupou.

O quarto parágrafo segue falando sobre presidências que Birk exerceu: do Esporte Clube Novo Hamburgo; da Liga Hamburguesa de Futebol Amador; Associação de Árbitros de Novo Hamburgo; Associação de Pais e Mestres do Colégio Marista Pio XII; e do Instituto dos Meninos Cantores de Novo Hamburgo.

O trecho revela mais áreas que receberam a dedicação de Birk, como o futebol e a educação, além da sua empresa e da igreja, que já haviam sido mencionadas. Percebe-se que o texto circunda em departamentos que foram chefiados pelo falecido. Uma foto de Birk foi publicada junto do material, o que pode fazer com que as pessoas o reconheçam, já que era conhecido na comunidade da cidade em que viveu.

A família de Birk é mencionada apenas no quinto parágrafo, com o nome de sua esposa, do único filho, Gerson, que encaminhou o falecimento à seção, e da neta. O texto diz que “ficará na lembrança da família a fé inabalável, o espírito de liderança, a bondade, a dedicação, a integridade e a disposição em ajudar” –

palavras ditas pelo filho, mas que também foram expressas nos demais parágrafos, em meio às atividades que Birk coordenou e desenvolveu. O fato de a família só aparecer no fim do texto pode dar a entender que não era prioridade na vida de Birk.

O sexto e último parágrafo fala que a missa de sétimo dia está marcada para o dia seguinte à publicação, 22 de agosto, além de apontar o local e o horário da celebração. O trecho final é um convite para que as pessoas participem do ato, servindo, portanto, como um serviço de utilidade pública.

Durante o obituário, percebe-se que a vida de Birk foi dedicada para tarefas de liderança em diferentes setores da sociedade. O material narra os momentos mais importantes da sua vivência a partir das atividades que coordenou ou ajudou a organizar. A família é, inclusive, citada apenas no penúltimo parágrafo. O texto é escrito através de pirâmide invertida, pois começa destacando o espírito de liderança de Birk e termina por esmiuçar os comandos que ele exerceu.

Semelhante ao que acontece com o falecimento de Olga Dias Barreto, a morte de Haroldo Pereira Santos é encaminhada pelo departamento de obituários do Jornal Pioneiro, às 15h25min. A morte foi publicada no veículo da Serra do estado como obituário, mas Júlia diz que, para alcançar o que chama de “padrão Zero Hora” para os textos informativos, o material precisa ser incrementado com mais informações. Por isso, ela liga para o neto de Silva, que encaminhou a morte ao Pioneiro. Ele diz que não pode falar ao telefone e pede que a redatora envie um e-mail com as suas dúvidas.

A situação observada vai ao encontro da entrevista com Júlia, pois ela relata que complementar o texto é um dos objetivos das ligações aos remetentes.

Júlia acata ao pedido, sendo que minutos depois o neto encaminha as respostas. Não há muitas informações na mensagem. Júlia escreve o obituário e atribui à falta de dados o motivo de o texto ser enxuto. Como uma foto de Haroldo já havia sido publicada, ela utiliza a mesma imagem.

Como o neto justifica falta de tempo, Júlia redige o obituário com as informações que dispõe. O diferencial entre o texto do Pioneiro e de Zero Hora é a organização dos parágrafos, o começo do material e as palavras que são utilizadas

no primeiro trecho, além da inclusão de uma fala do neto sobre a personalidade do avô. Ela finaliza o texto com o convite para uma missa em memória do falecido.

O texto publicado em Zero Hora sobre a morte de Haroldo Pereira Santos é curto, constatação que pode ser explicada pelo fato de o remetente, o neto do morto, dizer que não tinha tempo para conversar ao telefone e esclarecer as dúvidas da obituarista. Mesmo assim, ele encaminhou uma foto do morto, que foi publicada.

O primeiro parágrafo começa dizendo que “natural de Caxias do Sul, o agricultor Haroldo Pereira Santos admirava o canto dos pássaros e adorava trabalhar na horta”. Diferente da maioria dos textos publicados na seção, esse não fala a data da morte no trecho inicial, mas destaca a atividade profissional e um hobby do falecido.

Já o segundo parágrafo aponta a data e o local em que ele morreu, aos 60 anos, vítima de um infarto. O tópico conta ainda que ele havia se aposentado e mudado para Balneário Camboriú, em Santa Catarina, onde morreu. O bloco revela que ele já não residia no Rio Grande do Sul, e que estava desfrutando da aposentadoria em uma praia catarinense.

O terceiro trecho apresenta uma fala do familiar que informou a morte, e diz que “segundo o neto Francisco, o avô era uma pessoa batalhadora e atenciosa, que não media esforços para ajudar quem precisasse de auxílio. O neto afirma que ele deixará muita saudade”. A fala mostra que o neto admira o avô pelas suas características e pela disponibilidade que ele tinha para ajudar as pessoas que estavam a sua volta, sendo esse um marco da personalidade do falecido para Francisco. A redatora dos obituários não costuma incluir o sobrenome do familiar que passa as informações. Isso pode apontar que Zero Hora dá mais valor aos dados repassados do que à pessoa que informou a morte.

O obituário chega ao fim no quarto parágrafo, com uma mensagem dos parentes e amigos do morto, que “convidam para a missa em lembrança ao sétimo dia de falecimento de Haroldo, que será realizada hoje, às 21h, na Igreja da Luz, em Balneário Camboriú”. Apesar de a celebração acontecer fora do estado, o parente decide anunciar a realização do ato e Zero Hora segue o seu pedido. A publicação é feita mesmo que o jornal tenha maior circulação no Rio Grande do Sul.

Quanto à estrutura, percebe-se que o obituário de Santos não segue um padrão de texto jornalístico. Ele começa com falas sobre a profissão em que ele atuou e a sua paixão pelo canto dos pássaros, informações que não são complementadas ao longo do texto. Por isso, logo não se pode classificá-lo como sendo pirâmide invertida, já que cada parágrafo conta com um tema diferente e as informações mais relevantes, que atendem aos critérios de noticiabilidade tradicionais, não aparecem no início do texto.

A morte de Rosa Bortolini Cristofoli foi encaminhada ao jornal em 17 de agosto, com pedido de publicação na seção de obituários do dia 21 de agosto. Atenta à data, Júlia separa a morte às 16h15 para editá-la. Em e-mail, um dos filhos informa o falecimento, porém com dados limitados. Júlia contata-o através do telefone informado e pede que o familiar informe alguns dados como o local de nascimento e morte de Rosa, nome do marido, dos filhos, netos e bisnetos. Também questiona se a família prepara uma missa em homenagem à falecida e pede que ele envie uma foto. Por meio do telefone, o filho ainda informa a data e o local em que a missa em memória da mãe vai acontecer. Como não conhece a igreja citada pelo parente, Júlia pesquisa o seu nome na internet.

Depois da ligação, o filho envia uma imagem. O retrato corresponde a um anúncio colorido com foto, utilizado em um jornal para anunciar a morte da mãe. O departamento de arte tenta editar a imagem, mas avisa a Júlia que o retrato não tem qualidade suficiente para o impresso. A redatora refaz o contato e pede ao familiar que envie outra fotografia. Ele, porém, diz que não dispõe de uma nova foto. Com a negativa, o departamento diz que vai tentar usar o material encaminhado.

A morte de Rosa Bortolini Cristofoli começa a ser relatada a partir da data e local de morte, além da profissão, de dona de casa. Uma foto de Rosa foi publicada junto ao texto, que no primeiro parágrafo segue com informações sobre o cemitério em que seu corpo foi sepultado. O trecho responde as perguntas do Lead: o que, quem, como, onde, quando e por que, apresentando assim, desde o início, os principais dados acerca da morte.

O segundo parágrafo informa a data e o local de nascimento de Rosa, bem como a idade que tinha quando faleceu. O tópico segue falando que ela “trabalhou

como agricultora no distrito de Linha Alcântara e dedicava-se ao lar há 42 anos”. O bloco aponta para uma continuidade do primeiro trecho, ao apresentar informações relacionadas à história de vida da falecida.

O parágrafo três conta que ela era viúva de Delfino Cristofoli, e que deixa três filhos, seis netos e quatro bisnetos. Todos os nomes dos parentes são mencionados no texto.

No quarto e último parágrafo o obituário conta que uma missa em homenagem a Rosa será rezada no dia 26 de agosto, apontando ainda o local e o horário da celebração. O convite é uma oportunidade para que as pessoas participem do ato, já que faltam cinco dias para a sua realização. O texto é descrito em pirâmide invertida, pois apresenta os dados em ordem decrescente.

Júlia seleciona os falecimentos que tenham foto e os encaminha para a diagramação às 17h30min, sem qualquer aprovação dos remetentes. Assim como nos dias anteriores, ela garante aos familiares que o material será publicado no dia seguinte. Caso seja necessário incluir mais alguma morte, a fim de ocupar o espaço disponível na página dos obituários, ela pensa em utilizar o material encaminhado em PDF. Ao verificar o espelho de anúncios, Júlia acha que não será necessário digitar os dados do falecimento enviado no arquivo de texto. Entre as mortes com foto, está contabilizada a de Rosa, já que o departamento de arte comprometeu-se em ajustar a imagem.

Mariana sustenta que prioriza os obituários de famosos e os textos maiores, que tenham foto, nessa ordem.

A prioridade na edição é dos textos que tenham mais caracteres. Quando a página retorna diagramada, Júlia percebe que as mortes de Fortunato, Armindo, Haroldo e Rosa são suficientes, não havendo a necessidade de produzir mais textos. O material é organizado na página, com espaçamentos, inclusão e retirada de algumas palavras. Depois é encaminhado à impressão e posterior leitura. Júlia altera os obituários, de acordo com as indicações dos editores, e assim finaliza a seção.

#### 5.4 Quarto dia de observação: 23 de agosto de 2015, domingo

O domingo é um dia diferente na redação de Zero Hora, pois nem todos os jornalistas trabalham. Júlia folga a cada 15 dias e neste domingo ela não trabalha. Por conta disso, nas folgas a seção de obituários é produzida por Mariana Fritsch<sup>5</sup>, que também é estudante de jornalismo e ocupa uma das vagas de assistente de conteúdo da editoria Sua Vida.

No início da tarde, Mariana utiliza o e-mail do obituário, assim como Júlia faz durante a semana, e verifica as mortes recebidas. Ela percebe que somente dois falecimentos foram encaminhados. Mariana conta que é comum receber um número menor de mortes no domingo. Nos sábados, a seção não funciona. Portanto, os falecimentos encaminhados a partir da madrugada do sábado até as 14h do domingo são aproveitados para a edição de segunda-feira.

Durante o início da tarde de observação, a assistente de conteúdo conta que não vê problema em contatar familiares em domingos. Ela diz que durante as ligações percebe que os parentes ficam felizes em saber do interesse de Zero Hora em publicar o obituário. Ela diz que o seu único cuidado é com o tom de voz utilizado durante o contato. Relata que evita perguntar se está tudo bem e fala de maneira pausada, com cordialidade, pois entende que a morte de um ente querido é um momento difícil para os parentes.

Um relato semelhante é feito na entrevista. Durante a conversa, Mariana conta que *“a pessoa tá de luto, então eu sempre levo em consideração isso. Embora às vezes o familiar tenha morrido há um mês atrás, sempre considero, sabe, a pessoa tá de luto [...]. Eu tento sempre ser muito séria.”*

Durante a tarde, a redatora recorda de dois falecimentos que recentemente repercutiram em redes sociais. Tratam-se das mortes do humorista Willmutt e do

---

<sup>5</sup> Durante a pesquisa, depois da semana de análise, a estrutura da editoria Sua Vida foi alterada. Em e-mail, a então obituarista Júlia Burg explica que não faz mais parte da editoria, assim como o editor Pedro Moreira. Conforme as informações da estudante, Pedro foi deslocado para a editoria de Notícias, na função de editor. Já Júlia passou a ocupar o cargo de assistente digital do caderno PrOA. O editor Ticiano Osório permanece em Sua Vida. A vaga de Pedro passou a ser ocupada pela jornalista Maria Rita Horn, antes editora do Sua Vida para os conteúdos online. A função de obituarista agora é ocupada pela estudante Mariana Frisch, que substituíra Júlia nos fins de semana. No novo formato, as substituições da redatora aos domingos são feitas por Júlia.

irmão da cantora Elba Ramalho, Eracliton Nunes Ramalho. Ela confere se Júlia os publicou e, posteriormente a isso, procura informações sobre eles, já que as mortes não foram divulgadas na seção.

A ação representa o que Wolf (2001) afirma: o jornalista está apto a decidir aquilo que é notícia, desde que imerso no mundo das informações e conhecedor do seu público. Mariana corresponde aos apontamentos do autor, já que está atenta às mortes ocorridas e porque conhece o público que lê a seção.

Mariana conta que primeiro verifica a pasta “*obit sopra*” no *News*, seguindo pelo *feed* de notícias, site de Zero Hora, e-mail e depois os jornais do Grupo RBS. Durante a observação, percebe-se que a verificação inicia no endereço eletrônico da seção, seguindo pelo site do Jornal e depois pelos demais canais. A fala concedida durante a entrevista não é representada durante a observação do trabalho de Mariana.

A morte do humorista Willmutt foi publicada no site de Zero Hora, pela editoria de notícias. Mariana copia os dados. Faz o mesmo com o falecimento de Ramalho, sendo que esta notícia é copiada do portal de notícias G1, na Internet. Ela procura na rede uma foto dos dois mortos e as salva no *News*, sem citar os créditos da imagem.

Mariana fala em entrevista que salva no “*obit sopra*” os textos de falecimentos que retira da internet. Durante a tarde o mecanismo é adotado pela estudante, o que leva a uma coerência entre relato e prática.

Depois de separar textos sobre as mortes dos famosos, Mariana copia os obituários encaminhados por e-mail e os separa por temas, como carreira, filhos e doença. Para sua organização, ela anota no documento, junto de cada temática, possíveis perguntas a serem feitas ao familiar. Ao ligar para o parente, ela confere as perguntas na tela do computador e anota a resposta em um bloco de folhas em branco. O método de trabalho indica que Mariana não tem muita familiaridade com a escrita dos obituários, pelo menos em comparação com Júlia, que escreve a seção durante a semana. A constatação parte do fato de que Mariana prepara as perguntas a serem feitas ao familiar antes de contatar ele, enquanto a outra redatora não lista os questionamentos previamente.

### 5.4.1 Morte a morte

A morte de Cleiton Geovani Kurtz, conhecido nacionalmente pelo personagem Willmutt, ocorreu na sexta-feira, dia 22 de agosto. Como Júlia não havia publicado o falecimento, Mariana procura informações sobre ele, às 14h30min, pois entende que é uma morte relevante, de um célebre. A publicação da morte é articulada através da importância e o interesse do público pela notícia. Para decidir sobre a publicação, a obituarista também leva em consideração o fato de Kurtz ser cônsul do time de futebol Internacional, de Porto Alegre, na cidade de Marechal Cândido Rondon, no Paraná, em que vivia. O editor Ticiano está na redação neste domingo, mas ele não é questionado sobre a publicação.

Em entrevista, Ticiano diz que está à disposição para auxiliar na produção de conteúdos à seção, seja a morte de alguém célebre ou não. Apesar de o editor estar presente na redação, Mariana não o contata para falar sobre o falecimento do humorista. O texto é produzido sem o conhecimento do editor. Ele diz que, por vezes, alerta a obituarista Júlia sobre os falecimentos de famosos que precisam receber espaço na seção.

A morte foi informada aos leitores pela editoria de notícias do site de Zero Hora. Mariana copia o texto produzido pelos colegas e conta que não pretende realizar significativas mudanças no material, pois entende que o escrito *“já está no padrão que a empresa solicita”*.

O começo do texto é diferente daquele que foi publicado no site. A redatora é criativa e, apesar de tratar sobre morte, tenta contar a história de Kurt de uma maneira diferente. Como Willmutt geralmente vestia camisetas do Brasil em suas apresentações, o início faz referência à vestimenta do personagem, ao dizer que *“uma camiseta que lembra o uniforme da seleção brasileira era uma das características do figurino de Cleiton Geovani Kurtz, o Willmutt [...]”*. A redatora prioriza os detalhes que o humorista empregava no seu trabalho.

Mariana fala em entrevista que é adepta ao Jornalismo Literário. No caso do humorista, é claro o fato de ela tentar voltar o texto para uma linguagem literária. Por conta o escrito é produzido de uma maneira totalmente diferente do que Júlia costuma fazer. O relato de Mariana vai de acordo com a observação. O mesmo

acontece com as falas de Júlia e Ticiano, pois os dois dizem que o obituário é um texto livre, que pode ser adaptado. Existe certa diferença na entrevista de Pedro. O editor sustenta que existe um padrão, com informações principais que não podem deixar de ser abordadas. Apesar disso, ele admite que a seção tem espaço para mudanças.

Para obter mais informações sobre a vida do humorista, Mariana acessa a sua página na Internet, no endereço [www.willmutt.com.br](http://www.willmutt.com.br). No site ela confere informações sobre a vida e a carreira de Kurtz. Os dados são copiados, editados e anexados ao texto do obituário.

Durante a redação do obituário, Mariana conta que prefere escrever materiais com tons literários, diferentes dos que são produzidos por Júlia. Ela mantém frases publicadas no site do jornal e inclui dados coletados na página do humorista. O texto final tem poucas alterações quando comparado àquele que já havia sido noticiado.

O obituário de Cleiton Geovani Kurtz começa dizendo que “uma camiseta que lembra o uniforme da Seleção Brasileira era uma das características do figurino de Cleiton Geovani Kurtz, o Willmutt – nome dado ao seu personagem alemão – que morreu em 21 de agosto”. O início do texto apresenta uma caracterização do personagem, que, assim como a foto publicada, auxilia os leitores a identificarem o artista. Além disso, a descrição faz com que as pessoas que não o conheceram consigam imaginar o personagem. O trecho segue dizendo que ele era paranaense, tinha 39 anos, e que foi vítima de acidente de trânsito em Goiás, quando retornava de uma apresentação. A partir da fala o leitor pode imaginar que ele se deslocava de carro para ir aos shows.

O segundo parágrafo fala da naturalidade de Kurtz, de Marechal Cândido Rondon, e que a cidade era citada com frequência nos trotes telefônicos que o humorista aplicava. Ainda no segundo parágrafo, a redatora inclui a informação de que ele era cônsul do time de futebol Internacional em sua cidade, e que deixa esposa e filho. A fala serve como uma justificativa para que ele esteja na seção, já que aponta a sua ligação com o Rio Grande do Sul através do futebol. Além disso, o fato de os trotes do personagem serem conhecidos no estado fez com que ele recebesse espaço nos obituários.

Já o terceiro trecho conta que “o personagem de sotaque alemão carregado nasceu de uma brincadeira entre amigos. Mas, somente dois anos depois, a gravação do primeiro trote se tornou conhecida por meio da internet. O resultado foi um site próprio que já havia sido alimentado com mais de 200 trotes”. O obituário novamente se volta para contar sobre a atividade profissional de Kurtz. Esse trecho é utilizado especialmente para falar como os trotes tiveram início, além de apontar o número de gravações que podem ser encontradas no site oficial do personagem. As informações podem aguçar a curiosidade do leitor, a ponto de ele procurar pelo endereço eletrônico para ter acesso aos materiais.

O quarto parágrafo prossegue com relatos do trabalho de Kurtz. O tópico revela que o sucesso com os trotes fez com que ele passasse a fazer shows em todo o Brasil, bem como participado de programas de televisão em rede nacional.

O obituário de Kurtz apresenta muitas informações sobre o personagem Willmutt. Em decorrência disso, há mais relatos sobre a figura artística do que acerca do homem ao longo do texto. A sua vida é mencionada apenas através de relatos sobre a sua família e o time de futebol. Não há informações sobre sepultamento ou missa em memória ao morto. O texto deixa claro que o aspecto mais importante era o personagem, tanto que dados sobre a morte sequer são explorados ao longo do material, como acontece com a maioria dos obituários. O texto inicia com falas sobre o personagem, que são acentuadas durante o material e, por isso, percebe-se a utilização de pirâmide invertida.

A morte de Josephina Margarida Reckziegel é informada por e-mail pela irmã da falecida, Isabel, às 15h17min. Há muitas informações na mensagem. Por conta disso, Mariana separa os parágrafos de acordo com os temas em comum e anota no documento as perguntas a serem feitas à familiar.

Ao ligar, Mariana pergunta a cidade em que Josephina nasceu e morreu, a causa do falecimento, profissão, se casou, teve filhos e o número de sobrinhos. A redatora comenta com a irmã que a foto enviada está em baixa resolução e pede que, se possível, encaminhe outra ao e-mail da seção.

Durante o contato, Mariana não faz uso do guia de perguntas aos familiares, que, segundo ela, em entrevista, foi desenvolvido pela seção para auxiliar durante

os contatos. Ela faz as perguntas que vê como necessárias para escrever o obituário, mostrando certa familiaridade com a função, apesar de optar por preparar previamente perguntas, como citado anteriormente.

Assim que a ligação é finalizada, os dados relatados, copiados em um papel, são transcritos no computador. Durante o processo, a redatora percebe que há a necessidade de averiguar mais dados com a familiar. Por conta disso ela refaz o contato. Durante a segunda ligação, esclarece a localização da casa de praia da falecida, citada no e-mail, bem como o motivo do apelido “Véia Fuca”, atribuído à Josephina.

Antes de encerrar a ligação, ela diz a Isabel que o texto, assim que pronto, será encaminhado para a sua aprovação. Mariana pede que a irmã leia o material e confirme os dados através de e-mail. A irmã da morta aproveita para dizer que não dispõe de outra foto de Josephina. Pergunto à redatora se ela encaminha todos os falecimentos para conferência, e ela responde que sim. Ainda durante a observação, Mariana diz que se o familiar não responde a mensagem, ela liga para ele e faz a leitura pelo telefone.

A maneira como Mariana confirma os dados inseridos no obituário com o familiar aponta certa insegurança da redatora. Ainda mais quando comparada com Júlia, que não se preocupa em ter a aprovação dos familiares.

O relato durante a observação, assim como a fala de Mariana com a irmã da falecida, é comprovada na entrevista. Em todos os momentos a redatora sustenta que os textos são encaminhados à aprovação. Na entrevista, ela também cita as ligações como meio para confirmar a publicação, dizendo que adota o método em algumas ocasiões. Apesar de afirmar a necessidade de leitura do texto, a estudante diz que alguns materiais já foram publicados sem aprovação, em casos em que o material estava enxuto e que o texto não teve mudanças significativas, quando comparado ao enviado.

Pedro, em entrevista, diz que é comum que confirmações sejam feitas e também salienta a ligação como ferramenta para garantir a aprovação do material. Júlia e Ticiano têm opiniões diferentes. Júlia, inclusive, diz em entrevista que se

encaminhar o texto para o familiar ele tende a solicitar muitas mudanças, que poderiam ser contrárias ao texto que Zero Hora publica.

Mariana inicia o texto com uma cantiga popular cantada pelos sobrinhos da falecida durante os atos de encomendação do corpo, que antecedem o sepultamento. O método adotado pela redatora contraria uma das normas para a redação de textos jornalísticos, estipulada por Andrade e Medeiros (1997), pois os autores pedem para evitar gírias e falsa literatura, além de ter cuidado com ditados populares.

Quando possível, Mariana prefere escrever obituários literários. A possibilidade é mensurada de acordo com a história contada pelo familiar. Como a morte de Josephina apresenta elementos diferentes do comum, a redatora escreve um texto que foge do modelo convencional, com as informações ordenadas no formato de pirâmide invertida.

Assis (2009) declara que há ligação entre o gênero diversional e o texto literário, justificando que os dois são definidos de maneira semelhante: a partir da elaboração de técnicas narrativas literárias. A partir da fala do autor, a ação de Mariana pode fazer com que os textos sejam classificados como diversionais, e não mais informativo, como acontece com os obituários produzidos por Júlia.

Durante a edição do texto, Mariana prefere colocar o máximo de informações possíveis, como endereços ou siglas. Durante a observação, a redatora diz que adota o sistema pensando na edição que o texto terá ao fim do dia, relatando que “*se for preciso tirar algo, será aquilo*”. Ela lê o texto e faz algumas correções. Depois disso, o encaminha à irmã da falecida para leitura, que retorna o contato em ligação, dizendo que aprova a publicação, emocionada com o material produzido pela obituarista.

O texto sobre a morte de Josephina Margarida Reckziegel é extenso, pois a irmã da falecida encaminhou muitas informações para a seção, mas não conta com foto. Ele começa dizendo que “a cantiga popular *Alecrim Dourado* foi cantada pelos 12 sobrinhos de Josephina Margarida Reckziegel antes do seu sepultamento, que ocorreu em 20 de agosto, no Cemitério São João, em Porto Alegre”.

O começo desse obituário é diferente dos demais analisados durante a pesquisa, pois menciona uma cantiga para começar a contar a história de vida da falecida. Isso é possível porque não existem fórmulas rígidas no jornalismo. Cada história é única e recebe um tratamento diferente.

O primeiro parágrafo segue contando que ela era solteira, que os familiares a conheciam como Tia Marga, e que ajudou a cuidar dos filhos dos irmãos, inclusive os ensinando “músicas e versos que foram lembrados com carinho durante o sepultamento”. O fato de os parentes prestarem a homenagem mostra o amor pela tia, que muitas vezes dedicou seu tempo aos familiares. O trecho mostra que havia um bom relacionamento entre os membros da família. Quando o texto diz que Josephina era solteira, pode-se imaginar que ela nunca foi casada e que não teve filhos, fato que pode explicar o motivo pelo qual tratava os sobrinhos como se fossem seus filhos.

O segundo parágrafo conta a data da sua morte, que aconteceu um dia depois de seu aniversário de 89 anos. Também fala que ela estava internada no hospital, e que a morte foi decorrente de complicações com septicemia e pneumonia bacteriana. A menção sobre a data de aniversário e de morte pode provocar sentimento de pena, ou compaixão, em quem lê o obituário.

O terceiro parágrafo fala de sua filiação e naturalidade, que é de Venâncio Aires. Há uma menção no texto para a familiar que informou a morte. O material diz que “de acordo com a irmã Isabel Reckziegel – a única que ainda vive entre os 12 filhos do casal -, Josephina passou por problemas de depressão após a morte da mãe, com a qual tinha uma relação muito íntima e afetuosa”. Ao fim, a irmã admite que o apoio da família foi essencial para que ela seguisse em frente. Os relatos mostram a preocupação da irmã com Josephina e, novamente, mostra que os familiares possuíam laços íntimos.

O quarto parágrafo apresenta uma citação da irmã, e diz que “ela sempre conseguia se levantar e enfrentar os problemas. Era uma pessoa inteligente e perspicaz que amava a vida”. Percebe-se que o trecho anterior serve como uma introdução ao quarto parágrafo. O bloco revela que a irmã via a falecida como

alguém determinada a vencer os seus medos e desafios, por mais que no bloco anterior ela tenha dito que o apoio da família foi necessário após a morte da mãe.

O quinto trecho fala sobre a formação acadêmica de Josephina, em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs). Conta sobre os locais em que ela trabalhou e as funções que exerceu, como professora e assistente social, atividades que foram desempenhadas com muito entusiasmo, segundo a irmã.

O sexto parágrafo retoma a opinião da irmã da falecida, que diz que a música era uma de suas atividades preferidas. Ela cantava e tocava instrumentos, como violão, piano e gaita de boca – fala que pode explicar o motivo pelo qual os sobrinhos decidiram a homenagear através da música. O tópico ainda diz que a casa de praia proporcionava bons momentos para a falecida, relato que mostra que Josephina gostava de estar no litoral.

O sétimo parágrafo prossegue falando da praia, apresentando a sua localização, em Rondinha, e as brincadeiras que lá aconteciam: “um detalhe projetado pelos sobrinhos em homenagem ao apelido de Josephina dava boas-vindas a quem visitasse a residência. ‘A casa da Véia Fuca’ foi escrito na porta da entrada”.

O parágrafo seguinte, oitavo, segue falando sobre o apelido. Nele a irmã explica que Véia Fuca foi uma personagem inventada por Josephina para assustar as crianças quando não se comportassem.

Quando se fala em “as crianças”, o leitor pode pensar que se trata dos sobrinhos da falecida, já que não há uma explicação sobre de quem se fala. O bloco mostra a relação de amizade entre os parentes, que pareciam estar juntos com frequência, até nas férias de verão.

O nono parágrafo conta que “além da irmã e dos sobrinhos, Josephina deixa 24 sobrinhos-netos e cinco sobrinhos-bisnetos”. Como os familiares são mencionados, imagina-se que eles mantinham um relacionamento próximo da falecida.

O obituário chega ao fim no décimo parágrafo com informações sobre a missa de sétimo dia de falecimento, que vai ocorrer em cinco dias, em 26 de agosto. Também aponta o local e o horário em que a celebração será feita. O trecho serve como um convite para a participação dos interessados.

O texto inicia falando sobre os sobrinhos e, ao longo do material, muito se fala sobre a relação de Josephina com eles. Por conta disso, acredita-se que tenha sido utilizada a pirâmide invertida.

A morte de Sônia Etalaine Souto da Silva é recebida através de e-mail às 15h30min, junto de uma foto. Mariana lê às 15h47min o material encaminhado e, antes de contatar com o familiar que o enviou, o genro da falecida, novamente escreve possíveis perguntas a serem feitas. Uma delas é sobre o nome completo de Sônia, já que o sobrenome não foi informado na mensagem.

Durante a ligação, a redatora questiona o nome da falecida, a causa da morte, profissão, o que gostava de fazer nas horas vagas e nome dos filhos e dos netos.

Na entrevista, Júlia diz que sempre tenta confirmar dados do falecido em contato, principalmente o nome. Mariana, durante a observação, também parece se preocupar com os detalhes sobre o morto.

O falecimento é recente, pois ocorreu na madrugada do domingo. Por isso, Mariana mantém cuidado ao falar com o genro, evitando fazer muitas perguntas e o tratando com simpatia. A observação condiz com a entrevista, pois nela Mariana salienta que durante as ligações mantém a seriedade, por entender que a pessoa está em um processo de luto.

Em entrevista, Júlia conta que os textos geralmente são encaminhados à seção alguns dias depois da morte, o que contradiz a atitude do genro de Sônia. As famílias que encaminham os dados logo que o falecimento acontece podem estar querendo livrar-se da dor provocada pela morte. “Todo o processo se torna praticamente instantâneo, durando o mínimo possível. Dá-se a impressão de que a família quer acabar logo com o sofrimento e esquecer o ocorrido. A morte e o luto

não são vivenciados, são esquecidos e rejeitados. Não há espaço para o sofrimento” (GUANDALINI, 2010, p. 24).

A redatora começa a escrever o texto e percebe que precisa confirmar novas informações com o genro de Sônia. Ela refaz a ligação e pergunta os nomes dos irmãos da falecida e se haverá missa de sétimo dia. Com os dados em mãos, ela escreve o texto.

Ela inicia o texto com o nome, data e local da morte e a profissão. Os parágrafos seguem com relatos da personalidade da falecida, junto de falas do genro. Os nomes dos parentes são deixados para o fim, assim como o local e data do velório e a informação de que o corpo vai ser cremado. Ao encerrar a escrita, ela encaminha o texto à leitura do genro, através do e-mail da seção. Ele rapidamente retorna a mensagem confirmando os dados e permitindo que a publicação seja feita.

Diferente dos obituários produzidos anteriormente, a morte de Sônia não é tratada com um texto literário. Mariana apenas reúne as informações e organiza o texto junto das falas do parente. Júlia fala sobre isso na entrevista, e diz que, quando há tempo, criatividade e uma boa história pra contar, é possível escrever um obituário diferente. O posicionamento de Mariana para com os dados coletados sobre a morte de Sônia vai de acordo com a entrevista.

O texto sobre o falecimento de Sônia Etalaine Souto da Silva começa como a grande maioria dos materiais acompanhados durante a semana de observação: “morreu ontem, às 5h, Sônia Etalaine Souto da Silva, aos 77 anos”. O parágrafo segue dizendo a causa da morte, que era aposentada na profissão de contadora e que estava internada há um mês no Hospital Militar de área de Porto Alegre. Como não há nenhum fato peculiar na morte de Sônia, a redatora começa o obituário da maneira tradicional.

O segundo parágrafo fala sobre sua naturalidade, de São Gabriel, e conta que ela mudou-se para a capital do estado depois do falecimento do esposo, com a intenção de ficar mais perto dos três filhos, que inclusive têm os nomes mencionados. O trecho é escrito como uma continuação do primeiro, já que narra fatos sobre a história de vida da falecida.

O terceiro bloco apresenta uma fala do genro, que informou o falecimento à seção, e que também encaminhou uma foto da falecida. O trecho diz que “a dona de casa gostava de passear com a família e ir ao shopping. No entanto as atividades que mais lhe agradavam eram realizadas dentro de casa: Sônia adorava cozinhar e se dedicar às tarefas do lar”. O quarto parágrafo também segue com uma fala do genro, que diz “ela era caseira e também muito ligada à família. Sônia também tinha uma vastidão de amigos [...]. Era uma mulher muito querida e admirada por todos”.

Os blocos mostram que Sônia gostava de ficar em casa e que cultivava muitos amigos, os quais procurava agradar, assim como fazia com a família, com o preparo de refeições. Fica claro que ela era calma e que gostava de compartilhar momentos com os parentes, principalmente em casa. O bloco também fala que era dona de casa. No início do obituário, cita que era aposentada. A fala sobre os cuidados do lar ressalta o seu gosto pelas atividades domésticas.

O parágrafo seguinte diz que, além dos filhos, ela deixa dois irmãos e três netos, e cita o nome dos parentes. O texto chega ao fim no sexto parágrafo, com a informação de que o velório de Sônia ocorreu no dia anterior à publicação, 23 de agosto, assim como a cremação do corpo, relato que serve apenas como um registro, já que não será mais possível aos conhecidos participar dos atos fúnebres. Como o texto segue uma linha decrescente de apresentação da morte, acredita-se que se trate de pirâmide invertida.

O falecimento de Olga Dias Barreto foi encontrado em publicações recentes do Jornal Pioneiro, por volta de 16h05min, durante buscas pela palavra morte no News. Mariana copia o texto publicado no veículo e faz alterações em sua escrita. A justificativa, mais uma vez, é deixar o material no “padrão Zero Hora”. Como não dispõe do contato do familiar que encaminhou a morte, a redatora decide publicar o texto somente com as alterações que foram feitas. A foto que havia sido publicada no jornal também foi aproveitada.

Além de não ter a aprovação do remetente, esse obituário não contará com qualquer ligação para apurar os dados, uma possibilidade que não é abordada em qualquer uma das entrevistas e que também não é vista durante o período de observação da rotina produtiva.

A morte de Olga Dias Barreto, que é publicada junto de uma foto, consiste em um texto enxuto, já que não foi possível conversar com algum familiar da falecida. O material inicia falando o nome da falecida, e que ela morreu em 13 de agosto, aos 80 anos.

O início do texto aponta que a redatora segue uma das normas para redação apontadas por Andrade e Medeiros (1997), que orientam os jornalistas a redigir o material em ordem direta, seguindo o modelo sujeito, predicado e complemento da frase, método que é adotado com o obituário de Olga.

O primeiro parágrafo do texto, que contém foto, também conta o motivo da morte, um infarto, e o local em que o óbito ocorreu, a casa de Olga, em Veranópolis. O bloco segue dizendo que ela era viúva e natural de Caxias do Sul. Também fala que foi casada durante 50 anos e que teve duas filhas e dois netos, que têm os nomes revelados.

O segundo parágrafo conta que Olga era médica aposentada, por motivos de doença. Nesse caso, a profissão, apesar de relevante, aparece apenas no segundo trecho, ao contrário do caso Rubem Buss, acompanhado em 19 de agosto, em que a profissão (médico) é a primeira informação do obituário. A estrutura do texto pode indicar que a vida profissional é mais valorizada por Zero Hora em se tratando de homens, enquanto nas mortes de mulheres a família é priorizada. O trecho ainda fala sobre a filiação de Olga, que os pais já são falecidos, e que ambos “valorizavam os investimentos feitos na educação da filha e sempre tiveram muito orgulho da profissão que Olga escolheu”. Não há o registro do autor da fala, já que o material foi copiado de um jornal do Grupo RBS e não houve contato com algum familiar. Por conta disso, a credibilidade do relato pode ser questionada por algum leitor.

O texto termina no terceiro parágrafo, dizendo que a missa já ocorreu. Apesar de curto, o obituário de Olga apresenta as informações de maneira organizada e decrescente, o que leva a acreditar na utilização de pirâmide invertida.

Durante a observação, Mariana explica que a retirada de falecimento de outros veículos do Grupo RBS é algo comum, principalmente aos domingos, devido ao baixo número de mortes encaminhadas à seção neste dia. Ela conta, inclusive,

que em algumas oportunidades o obituário para a edição de segunda-feira foi totalmente produzido com mortes copiadas de outros jornais do Grupo.

As informações sobre a morte do irmão de Elba Ramalho, Eracliton Nunes Ramalho, são pesquisadas em portais de notícias e também na conta que a cantora mantém no Instagram, a partir das 16h30min. Zero Hora também recebeu a notícia do falecimento através da agência de notícias Folha Press. Mariana reúne o material recebido aos dados pesquisados para redigir o texto.

O obituário de Eracliton Nunes Ramalho começa com uma frase da irmã do morto, a cantora Elba Ramalho, publicada no *Instagram*. O texto diz “te amo, ‘doutorzinho’, e vou te amar sempre. Só não me peça pra não chorar, escreveu Elba Ramalho na legenda de uma foto [...]”. Como se trata da morte do irmão de uma pessoa célebre, uma fala do famoso logo no início do texto atrai a atenção do leitor e justifica a publicação da morte de alguém que não era da região ou conhecido pela grande população.

O primeiro parágrafo segue fazendo menção à mensagem da artista, que diz “acabo de perder um irmão, esse jovem da foto, com esse sorriso estampado no rosto e o coração do tamanho do mundo”. O relato demonstra o profundo sentimento de Elba para com a morte do irmão. Apesar de a mensagem falar sobre uma foto, que havia sido postada na rede social, não há imagem de Eracliton no obituário de Zero Hora.

O segundo parágrafo conta o que aconteceu com Eracliton. O bloco diz que ele foi internado depois de ter sido atropelado, que passou por cirurgia, mas que não resistiu. O trecho também conta que ele tinha 62 anos e que era cirurgião dentista. O trecho serve como uma explicação sobre como ocorreu a morte do homem. Explicações desse tipo não foram verificadas durante os dias de observação. Isso pode ter acontecido devido à ligação do morto com a cantora.

Como não há fonte de informação, o terceiro e último parágrafo diz que “segundo a funerária São João Batista, de João Pessoa, o corpo de Eracliton foi velado na tarde do sábado”, dia 22 de agosto. A redatora não contata a funerária, apenas copia a informação de portais de notícias. Isso prejudica a credibilidade do

texto, já que Mariana não confirma os dados com a empresa e os publica sem ter certeza sobre a data em que o corpo foi velado.

Como o obituário inicia com a fala de Elba, situação que não se repete no segundo e terceiro trecho, não se acredita na utilização de pirâmide invertida, como acontece com a maioria dos textos. Não há uma regra jornalística aplicada na redação do material. Percebe-se que Zero Hora optou em começar o texto dessa maneira porque a morte era importante apenas devido à ligação do falecido com a cantora.

Durante as entrevistas, tanto as estudantes como os editores não mencionam redes sociais como sendo fontes de informação. Na observação verifica-se que as páginas são utilizadas para tal finalidade, como acontece com as mortes de Ramalho e Kurtz, o Willmutt, escolhidas para publicação por Mariana a partir da repercussão nas redes sociais.

Como não dispõe de um grande número de informações, Mariana decide iniciar o texto com uma fala da cantora, publicada na rede social. Ela inclusive cita no obituário o *Instagram* como fonte de informação. Depois disso, narra como aconteceu a morte do irmão da famosa. O texto é curto devido à falta de informações. Os quatro sites de notícias pesquisados traziam os mesmos relatos acerca do falecimento.

Depois de redigir os textos, Mariana os encaminha para a diagramação. Ela não segue uma ordem de colocação dos materiais na página e inicia a edição com a morte do humorista Willmutt, seguida de Sônia, Josephina, Olga e Eracliton. Durante contato com os familiares, Mariana não garantiu a data em que o obituário seria publicado.

A ordem de colocação dos obituários na página diverge durante as entrevistas. Júlia diz que organiza a página de acordo com o número de anúncios e não estipula o que tem prioridade. Ticiano fala que o assunto deve ser tratado com Pedro, pois ele participa do fechamento do Jornal. Pedro diz que há uma ordem pré-estabelecida para a disposição dos materiais. Segundo ele, pessoas célebres e muito relevantes recebem matéria. Quando não acontece isso, a prioridade é para a morte de gaúchos.

Quanto aos famosos que não são reconhecidos pela maioria da população, Pedro fala que eles vão para fim da página. Já Mariana, em entrevista, diz que a prioridade é para os famosos, seguindo com o que foi encaminhado por e-mail. Ela ressalta que prioriza “*os mais famosinhos, os obituários maiorzinhos, com foto, com os mais relevantes, até com a história mais bonita*”.

Quando a folha do obituário retorna diagramada, Mariana diminui os espaços entre as palavras e retira alguns trechos do texto, já que o material teve sobras. Logo depois, a página passa pelas três leituras. Na sequência ela corrige os erros apontados pelos editores e fecha a página.

## 6 ANÁLISE DE RECEPÇÃO

A análise de recepção apresenta levantamentos coletados a partir da aplicação de 170 questionários nas cidades de Lajeado e Porto Alegre. De acordo com o *Dicionário da Análise de Discurso* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), o receptor é a pessoa que recebe, registra e decodifica a mensagem recebida pelo emissor. Para conhecer a sua percepção dos textos, o estudo questiona os entrevistados sobre temas como a publicação de morte em jornais, se conhecem a seção de obituários de Zero Hora e se desejam que a sua morte seja publicada no jornal, entre outras.

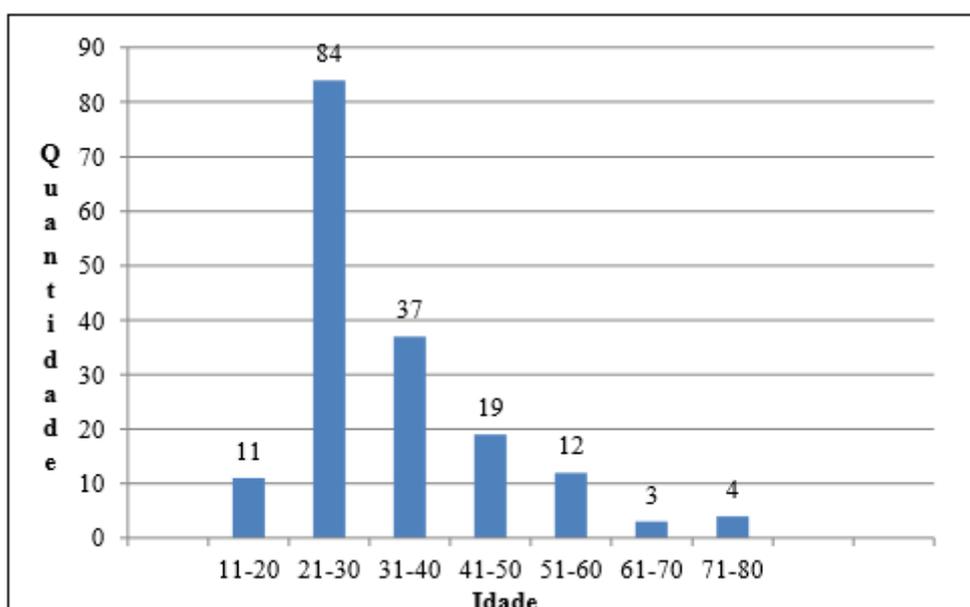
O levantamento representa os dados apontados pela primeira pergunta “Qual a sua idade?”, e separa os entrevistados por quantidade e idade. Percebe-se que a maior amostra está concentrada entre 21 e 30 anos, pois é o grupo que reúne o maior número de participantes. Não há entrevistados nas faixas de 0 a 10, 81 e 90 e 91 e 100. Os questionamentos constam no questionário A, nos anexos do trabalho. As questões 10, 11 e 12 são apresentadas no início da análise a fim de caracterizar a amostra.

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados

Idade	Número	Percentual
11-20	11	6,5%
21-30	84	49,4%
31-40	37	21,8%
41-50	19	11,2%
51-60	12	7,1%
61-70	3	1,8%
71-80	4	2,4%
Total	170	

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 1 – Discriminação da amostra por faixa etária



Fonte: elaborado pela autora.

A faixa de 21 a 30 anos predomina em diversos levantamentos, entre eles o número de entrevistados, de pessoas que conhecem e leem a seção e que aprovam a publicação de notícias de morte. Isso acontece porque a faixa etária tem o maior número de entrevistados, com 84 na amostra de 170 pessoas.

O levantamento feito através da questão 10 “Você é assinante do jornal?” apura quantos entrevistados, na amostra de 170 pessoas, assinam o jornal.

A) Sim: 31

B) Não: 139

Constata-se que, entre os entrevistados, 18,2% assinam o jornal. O restante, 81,8%, não assina. O levantamento aponta que, entre as 69 pessoas que dizem ler a seção, 9 (13%) leem todos os dias. Já entre as que assinam o jornal, 7 (22%) fazem a leitura diariamente. O dado aponta que a leitura assídua é mais comum entre os assinantes de Zero Hora.

A simulação a partir da questão 11 “Os não assinantes têm acesso ao jornal? Como?” aponta se as pessoas que não assinam o jornal (139) conseguem acessar o conteúdo de outras maneiras. O levantamento mostra o número e percentual em cada resposta.

- A) Acessa eventualmente, através de outros meios - 91 – 65,5%
- B) Compra em banca com frequência: 13 – 9,4%
- C) Compra em banca sem frequência: 32 – 23%
- D) Lê no trabalho: 3 – 2,2%

Percebe-se que, entre as pessoas que não assinam o jornal (139), a maioria delas, ou 91 (65,5%), acessa o jornal eventualmente, através de outros meios. O levantamento também aponta que 32 pessoas (23%) compram em banca sem frequência, que 13 (9,4%) compram em banca com frequência e que 3 (2,2%) leem no trabalho. Por fim, 18 pessoas (13%) dizem ter acesso ao jornal de maneiras diversas, como na casa de amigos ou parentes.

O levantamento 12 pergunta aos assinantes “Com qual frequência lê a seção?” e aponta a regularidade em que os assinantes de Zero Hora leem a seção.

- A) Não lê com frequência: 8 – 25,8%
- B) Todos os dias: 7 – 22,6%
- C) Pelo menos uma vez por semana: 5 – 16,1%
- D) Pelo menos três vezes por semana: 1 – 3,2%
- E) Uma vez ao mês: 6 – 19,4%

F) Somente quando morre algum famoso: 4 – 12, 9%

Verifica-se que, assim que somados os percentuais, os entrevistados que assinam o jornal leem os obituários com frequência, já que apenas 25,8% da amostra de assinantes diz não ler de maneira regular.

A pergunta 2 questiona se “Você aprova ou desaprova a publicação de morte em jornais?”. O levantamento leva em consideração a amostra, de 170 pessoas, para saber quantos são favoráveis e contrários à publicação de notícias de morte. Os entrevistados estão separados pela faixa etária.

A) Aprova

Tabela 2 – Entrevistados que aprovam a publicação de notícias de morte

Idade	Número	Porcentagem Transversal
11-20	8	72,7%
21-30	68	81%
31-40	30	81,1%
41-50	15	79%
51-60	9	75%
61-70	2	66,7%
71-80	3	75%
Total	136 – 80%	

Fonte: elaborada pela autora.

B) Desaprova

Tabela 3 – Entrevistados que desaprova a publicação de notícias de morte

Idade	Número	Porcentagem Transversal
11-20	3	27,3%
21-30	16	19%
31-40	7	18,9%
41-50	4	21%
51-60	3	25%
61-70	1	33,3%
71-80	1	25%
Total	34 – 20%	

Fonte: elaborada pela autora.

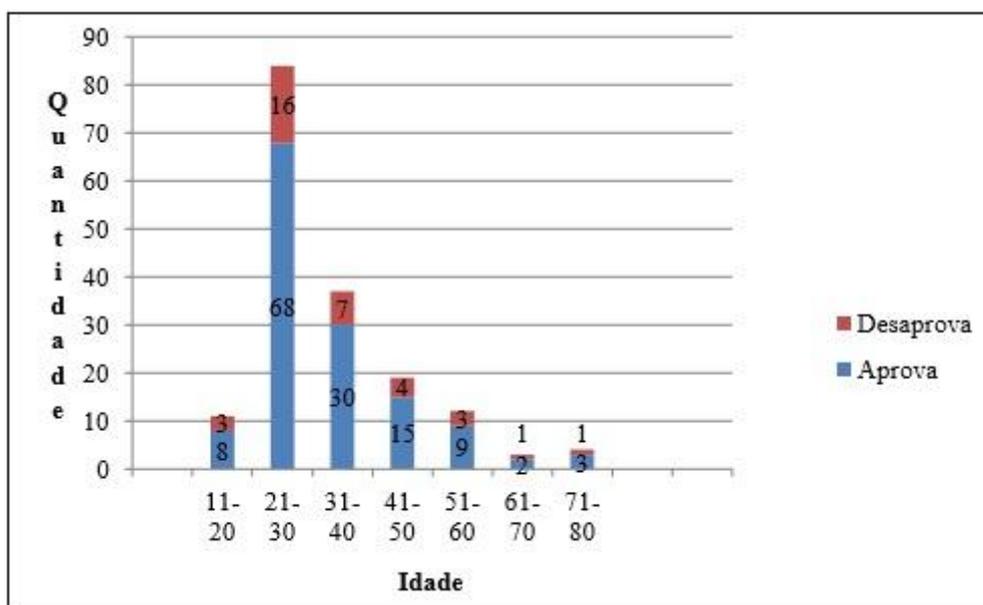
O Gráfico 2 leva em consideração o número de pessoas que aprovam e desaprova a publicação de notícias de morte. Os grupos estão separados por

cores: azul para os favoráveis e vermelho para os desfavoráveis à reprodução do material. Percebe-se que o “aprovo” predomina em todas as faixas de idade.

Do total da amostra, de 170 pessoas, 136 (80%) aprovam e 34 (20%) desaprovam a publicação de notícias de morte em jornais. A diferença é maior na faixa de 20 a 30 anos, em que 68 pessoas dizem sim e 16 não.

A partir da porcentagem transversal, percebe-se que as pessoas na faixa de 31 a 40 anos são as que mais aprovam a publicação de notícias de morte em jornais, já que 81,1% dessa amostra se diz favorável à publicação, enquanto que 18,9% do grupo é desfavorável. A faixa de 21 a 30 anos está próxima desse resultado, pois 81% do grupo aprova esse tipo de publicação, enquanto que 19% a desaprova.

Gráfico 2 – Relação de pessoas que aprovam e desaprovam a publicação por faixa etária



Fonte: elaborado pela autora.

A questão 3 “Você já ouviu falar da seção de obituários do jornal Zero Hora?” apura quais entrevistados conhecem os obituários de Zero Hora. O número aponta o dado absoluto, enquanto que o percentual transversal revela o percentagem dentro de cada faixa etária. O levantamento transversal utiliza os dados de cada grupo, nesse caso a idade, para estipular o percentual dentro daquela categoria.

## A) Conhecem

Tabela 4 – Entrevistados que conhecem a seção de obituários de Zero Hora

Idade	Número	Percentual	Transversal
11-20	9	7,6%	81,8%
21-30	59	49,6%	70,2%
31-40	24	20,2%	69,4%
41-50	16	13,4%	84,2%
51-60	6	5%	50%
61-70	2	1,7%	66,7%
71-80	3	2,5%	75%
Total	119	70%	

Fonte: elaborada pela autora.

## B) Não conhecem

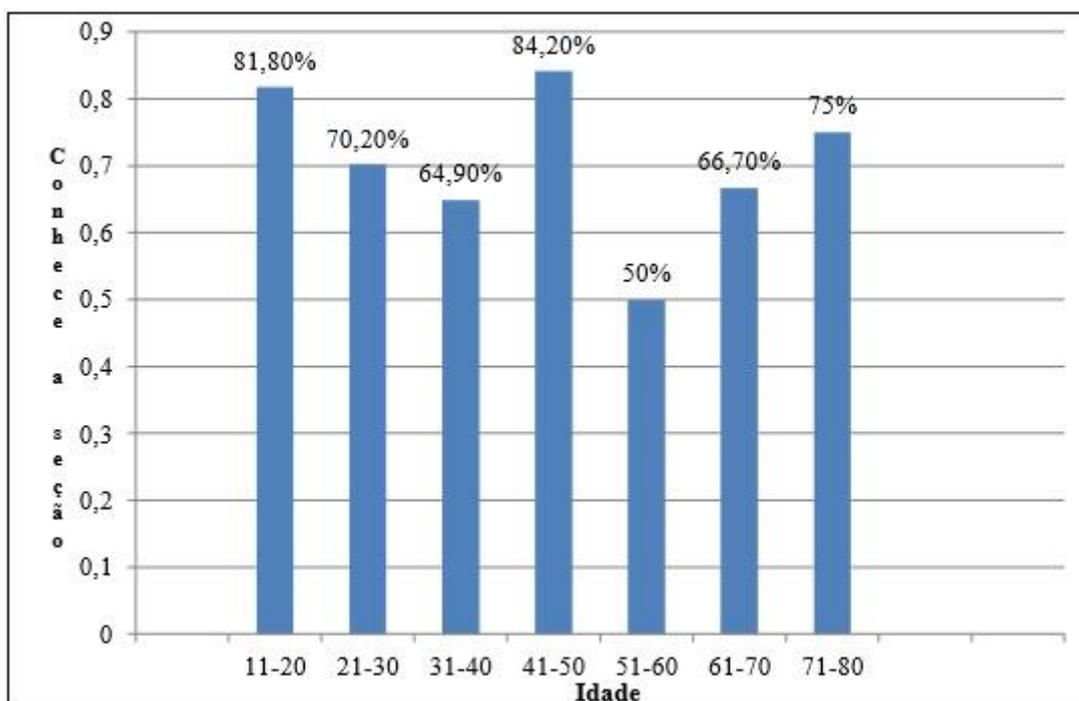
Tabela 5 – Entrevistados que desconhecem a seção de obituários de Zero Hora

Idade	Número	Percentual	Transversal
11-20	2	3,9%	18,2%
21-30	25	49%	29,8%
31-40	13	25,5%	30,6%
41-50	3	5,9%	15,8%
51-60	6	11,8%	50%
61-70	1	3,2%	33,3%
71-80	1	3,2%	25%
Total	51	30%	

Fonte: elaborada pela autora.

O Gráfico 3 aponta o percentual de leitores, dentro de cada faixa etária, que conhecem a seção. O número representa 70% do total da amostra de 170 pessoas. O fato demonstra a curiosidade dos leitores com a morte, já que a seção chama a atenção do grupo. Guandalini (2010, p. 5) diz que “apesar de os homens temerem a morte, eles encontravam maneiras peculiares de se relacionarem com ela”, e a leitura dos obituários é uma delas, já que o assunto desperta o interesse público, seja pelo grau noticioso ou pela curiosidade que aguça no leitor. A respeito disso, Lage (2005, p. 83) destaca que “[...] a tendência dos jornalistas é considerar adequada a divulgação de informação de que se tem certeza, desde que haja ou possa haver interesse público”.

Gráfico 3 – Relação entre a faixa etária dos entrevistados e o percentual que conhece a seção



Fonte: elaborado pela autora.

Levando em consideração a amostra de 119 pessoas que disseram conhecer a seção, a questão número 4 “Em caso afirmativo: Você lê a seção com certa frequência?” apura quantos deles a leem frequentemente. A tabela apresenta o número absoluto e o transversal, que apura a porcentagem de entrevistados em cada faixa etária.

A) Sim

Tabela 6 – Entrevistados que leem a seção com frequência

Idade	Número	Porcentagem transversal
11-20	6	66,7%
21-30	24	40,7%
31-40	16	66,7%
41-50	15	93,8%
51-60	5	83,4%
61-70	0	0%
71-80	3	100%
Total	69	

Fonte: elaborada pela autora.

## B) Não

Tabela 7 – Entrevistados que não leem a seção com frequência

Idade	Número	Porcentagem transversal
11-20	3	33,3%
21-30	34	59,3%
31-40	21	33,3%%
41-50	1	6,2%
51-60	1	16,6%%
61-70	2	0%
71-80	0	0%
Total	50	

Fonte: elaborada pela autora.

Com o levantamento, percebe-se que, entre os que conhecem a seção, 119 pessoas, 58% da amostra (69 entrevistados) afirma que a lê com frequência. O restante, 42% (52 pessoas), não lê os obituários do jornal regularmente.

O questionamento 5 “Em caso afirmativo: Com qual frequência?” apura com qual frequência as 69 pessoas que afirmam lerem a seção regularmente acompanham a seção dos obituários. As opções são todos os dias, somente quando morre algum famoso, pelo menos três vezes por semana, pelo menos uma vez por semana, somente no fim de semana, somente aos domingos e pelo menos uma vez por mês. Os dados são divididos de acordo com a faixa etária dos entrevistados.

## A) Todos os dias

Tabela 8 – Amostra que lê a seção de obituários diariamente

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	1	16,7%
21-30	2	8,3%
31-40	1	6,3%
41-50	4	26,7%
51-60	0	0%
61-70	0	0%
71-80	1	33,3%
Total	9	13%

Fonte: elaborada pela autora.

Verifica-se que, do total de leitores, 13% leem a seção todos os dias. O grupo de 41 a 50 anos lidera o levantamento, já que quatro pessoas dessa faixa etária disseram ler os obituários todos os dias. O levantamento transversal também

amostra a liderança do grupo, com 26,7% da amostra. A constatação pode apontar o temor dos leitores, que percebem a morte como algo real e que pessoas da sua idade morrem com frequência.

#### B) Somente quando morre algum famoso

Tabela 9 – Lê somente quando morre um famoso

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	0	0%
21-30	7	29,2%
31-40	5	31,3%
41-50	1	6,7%
51-60	3	60%
61-70	0	0%
71-80	1	33,3%
Total	17	24,6%

Fonte: elaborada pela autora.

Percebe-se que, do total de leitores, 24,6% leem a seção somente quando morre algum famoso. A partir do percentual transversal, verifica-se que a faixa de 51 a 60 anos lidera o levantamento, o que pode mostrar que os integrantes desse grupo conhecem os célebres que morreram, visto que alguns têm idades próximas dos falecidos ou já ouviram falar sobre eles em algum momento da vida. O número confirma o critério de noticiabilidade que trata sobre a importância da pessoa, que acaba provocando o interesse no leitor. Também aponta o critério de empatia, em que a pessoa se identifica com o personagem, devido à sua importância para a sociedade.

#### C) Pelo menos uma vez por semana

Tabela 10 – Lê a seção uma vez na semana

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	1	16,7%
21-30	4	16,7%
31-40	3	18,8%
41-50	3	20%
51-60	1	20%
61-70	0	0%
71-80	1	33,3%
Total	13	18,8%

Fonte: elaborada pela autora.

O levantamento mostra que, do total de leitores, 18,8% leem a seção uma vez por semana, principalmente o grupo de 71 a 80 anos, com 33,3% da amostra, segundo aponta o percentual transversal. Isso pode acontecer porque o grupo tem o costume de ler o jornal, mas não o faz com frequência.

Pelo menos três vezes por semana

Tabela 11 – Amostra que lê a seção três vezes por semana

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	0	0%
21-30	0	0%
31-40	0	0%
41-50	1	6,7%
51-60	0	0%
61-70	0	0%
71-80	0	0%
Total	1	1,5%

Fonte: elaborada pela autora.

Verifica-se que, do total de leitores, apenas um (1,5% da amostra) lê a seção três vezes por semana. O número aponta que a leitura dos obituários três vezes por semana não é adotada como um hábito pelos entrevistados.

D) Somente ao fim de semana

Tabela 12 – Entrevistados que leem a seção somente ao fim de semana

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	0	0%
21-30	4	16,7%
31-40	2	12,5%
41-50	2	13,3%
51-60	0	0%
61-70	0	0%
71-80	0	0%
Total	10	14,5%

Fonte: elaborada pela autora.

Percebe-se que, do total de leitores, 14,5% leem a seção somente ao fim de semana. A maioria deles está localizada na faixa que vai de 21 a 30 anos, fato que reforça a ideia de que, entre pessoas jovens, não é comum o hábito de ler jornal diariamente. Além disso, o material publicado no fim de semana pode chamar a atenção dos jovens, já que no fim de semana o jornal tem edições com mais

características de revista, com mais reportagens, a exemplo do caderno Donna, o que pode influenciar na quantidade de jovens lendo o jornal.

#### E) Somente aos domingos

O levantamento mostra que nenhum dos leitores lê a seção no domingo, o que pode apontar que os grupos evitam ler notícias de morte nesse dia. O fato de a amostra não ler o jornal no período pode ser explicado também porque a edição é entregue às bancas e aos assinantes na tarde do sábado, o que reflete o hábito de ler o impresso assim que ele é entregue. Apesar da internet, o jornal ainda tem como característica dar notícias do dia, de maneira factual, sendo um produto jornalístico temporal, que vale para a data em que foi publicado, e que logo se torna anacrônico.

#### F) Pelo menos uma vez ao mês

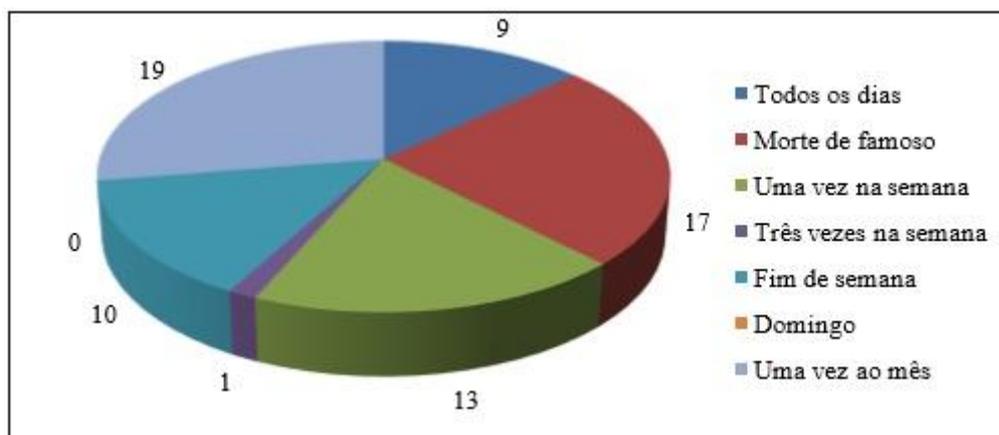
Tabela 13 – Amostra que lê a seção pelo menos uma vez ao mês

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	5	83,3%
21-30	7	29,2%
31-40	5	31,3%
41-50	4	26,7%
51-60	1	20%
61-70	0	0%
71-80	0	0%
Total	19	27,5%

Fonte: elaborada pela autora.

Percebe-se que, do total de leitores, 27,5% leem a seção uma vez ao mês. Esse é o maior percentual apontado no levantamento, sendo que o maior número de pessoas está concentrado entre 11 e 20 anos. O percentual transversal confirma isso porque mostra que 83,3% do grupo lê a seção com a frequência questionada. Essa faixa etária conta com seis pessoas que leem a seção frequentemente, sendo que cinco a faz uma vez ao mês. O dado revela que os entrevistados não têm o costume de ler a seção com frequência, e que deixam a atividade em segundo plano, para ser realizada quando há tempo disponível. Também revela que o grupo, que é formado por pessoas mais jovens, não está preocupado com a morte, visto que lê a seção pela menos uma vez ao mês.

Gráfico 4 – Dentre os que leem a seção, frequência com que o fazem



Fonte: elaborado pela autora.

O Gráfico 4 reúne a amostra de pessoas que diz ler o jornal com frequência, que é de 69, e os divide por meio de cores para expressar a regularidade com a qual os entrevistados leem a seção de obituários de Zero Hora.

O levantamento aponta que a maioria dos entrevistados, 19 pessoas, lê a seção uma vez ao mês, mostrando que grande parte dos leitores não mantém um hábito de leitura com a categoria. Quando diz que lê os obituários uma vez ao mês, a amostra não estipula um dia para que isso aconteça, e demonstra não ter costume de ler esse trecho do jornal. Já o grupo “lê três vezes por semana” recebe apenas uma indicação, sendo a resposta menos citada pelos entrevistados, reforçando a percepção de que a maior parte da população não tem o hábito de ler obituários com frequência.

Com a porcentagem transversal, é possível conhecer os dados dentro de cada faixa de idade, ferramenta que esclarece que o grupo que lidera os questionamentos é o de 41 a 50 anos, que representa 19 pessoas (11,2%). Em algumas questões também há destaque para os entrevistados de 71 a 80 anos, que somam quatro pessoas, ou 2,4% da amostra.

Entre as que aprovam a publicação de notícias de morte, estão 68 pessoas (80,9%) do público de 21 a 30 anos, seguidas de 15 (78,95%) entre 41 e 50 anos e três (75%) na faixa de 71 a 80. Os jovens lideram o levantamento pelo fato de apreciarem esse tipo de publicação, mas os dois grupos apontam percentuais próximos da faixa que encabeça o questionamento.

Já entre os que conhecem a seção, a liderança é do grupo de 41 a 50 anos, com 16 (84,2%) pessoas, seguido dos entrevistados da faixa de 71 a 80, com três (75%) respostas afirmativas. Por fim aparece o grupo de 21 a 30 anos, com 70,2%.

A diferença é maior quando se trata da leitura da seção, pois entre 71 e 80 anos todos que conhecem a leem, com 100% da amostra, seguidos de 15 pessoas (93,8%) entre 41 e 50 anos. Na faixa de 21 a 30 anos o percentual é de 40,7%, com 24 respostas afirmativas. Já o maior número de pessoas que leem a seção está na faixa de 41 a 50 anos, com quatro pessoas.

O levantamento transversal aponta a predominância dos grupos de 41 a 50 e de 71 a 80 anos nos questionamentos citados acima. O número revela que as pessoas preocupam-se com a morte em dois momentos da vida: quando integram a chamada “meia idade” e quando pensam estar se aproximando da morte. Por conta disso, esses públicos se voltam aos obituários, pois pensam como a sua morte seria publicada na seção.

O levantamento, através da questão 6 “Em caso afirmativo: você considera os textos de fácil compreensão?”, aponta a maneira como os 69 leitores que afirmam lerem os obituários com frequência percebem o texto, se de fácil ou difícil compreensão. Os dados estão divididos pela faixa etária dos entrevistados.

#### A) Consideram fácil

Tabela 14 – Leitores que consideram o texto dos obituários de fácil compreensão

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	6	100%
21-30	24	100%
31-40	15	93,8%
41-50	15	100%
51-60	5	100%
61-70	0	0%
71-80	3	100%
Total	68	98,6%

Fonte: elaborada pela autora.

#### B) Consideram de difícil compreensão

Tabela 15 – Entrevistados que consideram o texto de difícil compreensão

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	0	0%
21-30	0	0%
31-40	1	6,3%
41-50	0	0%
51-60	0	0%
61-70	0	0%
71-80	0	0%
Total	1	1,5%

Fonte: elaborada pela autora.

Percebe-se que a maioria dos leitores acha o texto de fácil compreensão, já que o levantamento mostra que apenas um entrevistado, que lê a seção apenas uma vez ao mês, discorda disso. Portanto, constata-se que 98,6% da amostra respondeu a pergunta de forma afirmativa. A constatação aponta que o texto do obituário cumpre um dos objetivos fundamentais do texto jornalístico, que é narrar o fato de forma simples, que possibilite a compreensão de todos os leitores.

A pergunta 7 “Em caso afirmativo: O que desperta a sua atenção nos obituários e faz com que leia o texto?”, aponta qual o elemento que desperta a atenção do leitor para a leitura da seção. As opções são título<sup>6</sup>, texto, foto e localização da página. No total, 69 pessoas responderam a questão (as que afirmaram ler os obituários com frequência).

#### A) Título

Tabela 16 – Leitores atraídos para os obituários através do título

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	1	16,7%
21-30	9	37,5%
31-40	3	18,8%
41-50	1	6,7%
51-60	1	20%
61-70	0	0%
71-80	0	0%
Total	15	21,7%

Fonte: elaborada pela autora.

<sup>6</sup> Os obituários de Zero Hora recebem título apenas quando se trata da morte de um famoso. Isso indica que o título só poderá atrair a atenção do leitor quando o jornal publicar um texto sobre o falecimento de um célebre.

Percebe-se que 21,7% da amostra é atraída para o texto a partir do seu título. Entre os entrevistados, a maioria está na faixa de 21 a 30 anos, com 37,5%, segundo o percentual transversal. O levantamento aponta que o título do obituário atende a um padrão jornalístico de produzir chamadas atraentes, atendendo ao principal objetivo do título: convencer o público a ler o texto.

### B) Texto

Tabela 17 – Amostra atraída ao obituário pelo texto

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	0	0%
21-30	5	20,8%
31-40	3	18,8%
41-50	6	40%
51-60	2	40%
61-70	0	0%
71-80	2	66,7%
Total	18	26,1%

Fonte: elaborada pela autora.

O texto atrai a atenção de 26,1% da amostra. Isso quer dizer que algum termo, curiosidade, ou fato empregado no início do texto chama a atenção para a leitura de todo o obituário. O grupo mais atraído pelo texto é o que vai de 71 a 80 anos, com o registro de 66,7% no levantamento transversal, o que aponta a curiosidade da faixa etária em ter mais detalhes sobre o falecimento. A constatação reforça a importância do *Lead*, elemento essencial no texto jornalístico tradicional e que predomina nos textos dos obituários analisados durante a pesquisa.

### C) Foto

Tabela 18 – Leitores atraídos pela foto do morto

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	3	50%
21-30	11	45,8%
31-40	8	50%
41-50	6	40%
51-60	2	40%
61-70	0	0%
71-80	1	33,3%
Total	34	49,3%

Fonte: elaborada pela autora.

Com o levantamento, verifica-se que a maioria da amostra, ou 49,3% dela, sente-se atraída pela foto do falecido. O recurso visual é o mais atrativo para os entrevistados. O percentual transversal aponta que os grupos de 11 a 20 e de 31 a 40 anos são os que mais apresentam respostas para a foto, com 50% cada, constatação que demonstra a valorização da imagem entre os jovens, que estão acostumados a conferir registros fotográficos em redes sociais e aplicativos de celular, e entre as pessoas de 31 a 40 anos, que geralmente utilizam a internet e procuram, através da foto, certificarem-se sobre quem é o falecido.

O jornal prioriza a publicação de obituários com imagens, já que os leitores são atraídos pela imagem do morto. Dessa maneira, Zero Hora oferece o que o leitor deseja, um dos critérios de noticiabilidade tradicionais: algo vira notícia porque o jornalista imagina que é isso que o público quer saber.

#### D) Localização da página

Tabela 19 – Amostra atraída ao obituário pela sua localização no jornal

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	1	16,7%
21-30	0	0%
31-40	1	6,3%
41-50	3	20%
51-60	0	0%
61-70	0	0%
71-80	0	0%
Total	4	5,8%

Fonte: elaborada pela autora.

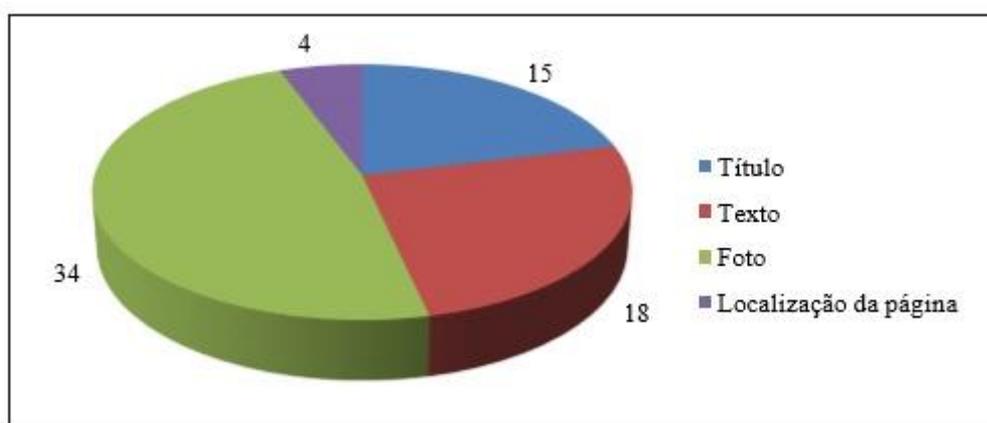
Percebe-se que a localização dos obituários no jornal recebeu o menor índice de indicações, com apenas 5,8% da amostra. O público entre 41 e 50 anos prefere essa opção, o que mostra que eles já sabem onde o obituário está localizado no jornal. O levantamento transversal mostra que 20% desse grupo, o maior número da amostra, identifica a localização da seção em Zero Hora.

A constatação também supõe que o grupo lê materiais de outras editorias, próximas à seção. Ressalta-se que o questionário não é específico na questão, já que não pergunta se os leitores preferem que o obituário esteja no início, no fim ou em uma página fixa da edição, porque a intenção era apenas verificar se a posição

da seção influencia ou é percebida pelos leitores, ou se eles são indiferentes à localização no impresso.

Como a maior parte dos leitores entrevistados (94,2%) aponta outros itens como motivadores à leitura, percebe-se que a localização de fato não é determinante, podendo-se supor que a maioria sequer presta atenção ao local em que os obituários são publicados.

Gráfico 5 – Elemento que desperta a atenção dos leitores da seção



Fonte: elaborado pela autora.

O Gráfico 5 aponta como os leitores são atraídos à seção, e os separa através de números e cores. A partir do levantamento é possível afirmar que a foto atrai o maior número de leitores para os obituários, com 34 respostas, seguido do texto, com 18 pessoas, título, com 15, e localização da página com quatro indicações.

Os números mostram que os leitores procuram, através da foto, imaginar como era o falecido. Semelhante acontece com o título e o texto, que ajudam a idealizar a pessoa que morreu. Já a localização na página, índice com a menor indicação, aponta que a maneira como os obituários estão dispostos no jornal não é um atrativo para o leitor.

A amostra de 170 pessoas participa da simulação proposta na questão 8 “Você já encaminhou algum falecimento para ser anunciado na seção?”, já que não é necessário ler os obituários para ter encaminhado uma morte para ser divulgada

na seção. O objetivo da pergunta é avaliar a participação dos leitores no envio de material a ser publicado na seção.

A) Sim: 7

Tabela 20 – Entrevistados que já encaminharam mortes para serem publicadas na seção

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	1	9,1%
21-30	0	0%
31-40	3	8,1%
41-50	0	0%
51-60	2	16,7%
61-70	0	0%
71-80	1	25%
Total	7	4,1%

Fonte: elaborada pela autora.

B) Não

Tabela 21 – Entrevistados que nunca encaminharam falecimentos à seção

Idade	Número	Percentual transversal
11-20	10	90,9%
21-30	84	100%
31-40	34	91,9%
41-50	19	100%
51-60	10	83,3%
61-70	3	100%
71-80	3	75%
Total	163	95,9%

Fonte: elaborada pela autora.

Percebe-se que, entre os entrevistados, apenas 4,1% já encaminharam falecimentos para serem publicados na seção. Desses, 85,7% têm mais de 30 anos. Conforme o percentual transversal, 25% do grupo entre 71 a 80 anos encaminharam falecimentos para serem noticiados na seção, sendo a maior amostra dessa simulação.

As entrevistas com os editores e as redatoras, bem como a observação da rotina produtiva, apontam que a seção recebe um número pequeno de falecimentos, em vista do grande número de assinantes do jornal, e que praticamente todo o material recebido é publicado. Isso pode ser justificado pelo fato de algumas

peessoas acreditarem que Zero Hora cobra pela publicação dos obituários. Segundo o editor Ticiano Osório:

*Essa é uma confusão que os leitores costumam fazer. O anúncio é o anúncio publicitário, que este tem um preço lá, tem uma tabela de preço. O texto do obituário não é pago, não é cobrado, porque a gente entende que [...] é um conteúdo jornalístico, por ser conteúdo jornalístico não pode ser cobrado.*

A estimativa resultante da questão 9 “Você, que já encaminhou falecimentos à seção, assina Zero Hora?” mostra se as pessoas que encaminharam falecimentos para serem publicados na seção, uma amostra de sete entrevistados, assinam Zero Hora.

A) Sim: 3 – 42,9%

B) Não: 4 – 57,1%

Percebe-se que não há ligação entre o fato de assinar o jornal e encaminhar falecimentos para serem noticiados na seção de obituários, já que 57,1% dos entrevistados que encaminharam mortes, a maioria deles, não assina o veículo. Considerando que assinar a publicação é um indicativo de hábito de leitura, entende-se que não há uma relação direta entre o envio de material para a seção e o hábito de lê-la.

A pergunta 13 “A leitura dos obituários de Zero Hora provoca algum tipo de pensamento ou sentimento? Qual?”, que é aberta, foi aplicada com 69 pessoas, que relataram ler os textos publicados na seção de obituários de Zero Hora. Entende-se que não teria sentido questionar o tema aos que não leem as publicações. O objetivo da questão é identificar quais reações a leitura dos obituários gera nos leitores.

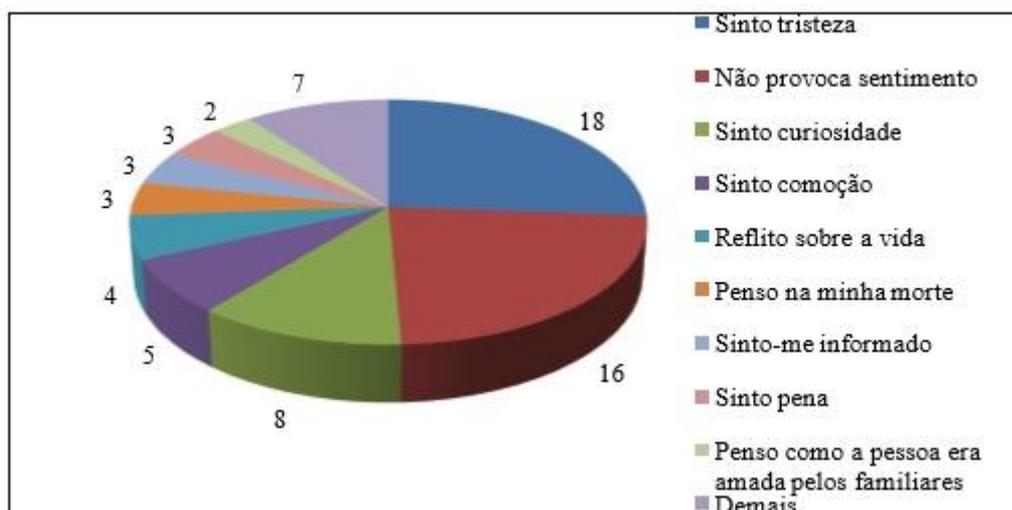
O questionamento recebeu 18 respostas diferentes, sendo que algumas foram mencionadas apenas uma vez, com 10,1% da amostra. Esse é o caso das expressões “Penso na idade do morto”; “Penso que é uma má notícia”; “Penso que pessoas da minha idade estão morrendo”; “Penso que gostaria de ter conhecido a pessoa que morreu”; “Sinto-me chocado”; “Provoca pesar” e “Sinto-me impotente”.

Entre as respostas mais citadas pelos entrevistados está “Sinto tristeza”, que foi proferida por 18 pessoas (26,1%), sendo o termo mais utilizado pela amostra para expressar o que sente ao ler a seção. Em contrapartida, a expressão “Não provoca sentimento” foi dita por 16 pessoas (23,2%), e está na segunda colocação.

O levantamento segue com “Sinto curiosidade”, para oito entrevistados (11,6%); “Sinto comoção”, para cinco pessoas (7,2%); e “Reflico sobre a vida” para quatro (5,8%).

As falas “Penso em como será a minha morte” (4,3), “Sinto-me informado” (4,3) e “Sinto Pena” foram repetidas em três questionários cada (4,3%). Já a expressão “Penso como a pessoa era amada pelos familiares” foi repercutida duas vezes (2,9%).

Gráfico 6 – O que os leitores da seção pensam ou sentem ao lê-la



Fonte: elaborado pela autora.

O Gráfico 6 aponta o que os leitores da seção pensam ou sentem ao ler o material publicado. Os sentimentos estão divididos em cores e número de respostas.

Cada uma das respostas identificadas nos questionários revela um sentimento ou pensamento dos entrevistados quanto à morte, através da leitura da seção de obituários. Como são percepções particulares, faz-se necessário analisar os termos apresentados durante a pesquisa.

A expressão “Sinto tristeza”, que foi a mais utilizada, aponta que a maioria das pessoas se sente triste ao ler os obituários. A tristeza pode estar relacionada com a idade do falecido, a causa da morte, ou até a sua história de vida. Alguns podem se sentir tristes devido ao fato de um jovem ter morrido. Já outros podem se sentir dessa maneira ao perceber, através do texto, que o falecido tinha muitos sonhos a realizar. O motivo pelo qual os entrevistados sentem tristeza é particular e pode variar de acordo com a história contada em cada obituário.

A tristeza dos familiares e amigos do morto também é sentida, em proporções menores, pelos leitores dos obituários, que acabam compartilhando o pesar das pessoas próximas ao morto, mesmo que não as conheçam. Há um sentimento de empatia mesmo com pessoas desconhecidas, algo que é da natureza humana. Em relação ao pesar pela morte de alguém, Parkes (1998, p. 145) diz que “o pesar do luto pode ser forte ou fraco, breve ou prolongado, imediato ou adiado. Seus aspectos podem ser distorcidos e os sintomas que geralmente causam poucos problemas tornam-se grandes fontes de sofrimento”.

Quando as pessoas falam “Sinto comoção”, elas querem dizer que se colocam no lugar da família e dos amigos do falecido, e que se solidarizam com a dor da perda das pessoas, semelhante ao que acontece com o sentimento de tristeza. A comoção também pode ser sentida com relação a alguns dos temas abordados no texto, como a idade, a causa da morte e os hobbies que o morto tinha. Além disso, o termo comoção aponta a existência de emoção nos leitores que leem o obituário, como há de fato quando se trata da morte, o que representa “uma relação do homem com o sentimento diante da morte, assim, considerando que a morte era uma etapa a ser vivida por todos e que havia um espaço para sua compreensão e elaboração” (GUANDALINI, 2010, p. 21).

Quando diz “Penso que é uma má notícia” o leitor admite que, para ele, a morte é uma informação ruim. Com o relato, ele demonstra que não é um leitor assíduo da seção, já que não se sente atraído pela temática. O mesmo acontece com aquele que o obituário “Provoca pesar”. Para ele, o texto provoca sofrimento, um sentimento que pode fazer com que não leia a seção diariamente.

Os que dizem “Sinto pena” podem pensar dessa maneira em relação ao morto e também aos seus familiares. A pena é um sentimento que, assim como a comoção e a tristeza, mostra que o leitor solidariza-se com a morte. As cinco respostas: tristeza, comoção, má notícia, pesar e pena, ditas pelos entrevistados para expressar o que sentem ao ler os obituários, reúnem 28 respostas, o equivalente a 40,5% da amostra de 69 pessoas.

O relato “Não provoca sentimento” mostra que uma parte considerável da amostra lê os obituários sem envolver-se com o ocorrido. Esse grupo não é tocado emocionalmente pelo obituário, pois vê os textos como um material informativo, e o lê como se fossem matérias da editoria de política e economia, por exemplo.

A expressão “Sinto curiosidade” revela um público que é atraído para o obituário através de uma foto, título, ou de algum termo apresentado no texto. Lage (2005, p. 83) destaca que “[...] a tendência dos jornalistas é considerar adequada a divulgação de informação de que se tem certeza, desde que haja ou possa haver interesse público”. Noticiar a morte de alguém desconhecido não torna o passamento algo que passa despercebido, pois a morte chama a atenção das pessoas, que sentem curiosidade por fatos que cercam a morte.

A idade com a qual a pessoa morreu é um dos itens que mais desperta o interesse desse público. O leitor dessa categoria quer saber mais sobre a morte que está sendo contada na seção. O posicionamento aponta a importância de o jornal explorar o termo curiosidade como critério de noticiabilidade, já que alguns leitores sentem isso quando leem a seção.

Para o grupo que diz “Reflico sobre a vida”, a leitura do obituário representa um momento de pausa, em que a morte de alguém, que nesse caso pode ser desconhecido, serve para refletir sobre a própria vida. Ele repensa as suas escolhas, os aspectos positivos e os negativos de sua existência. Geralmente a reflexão auxilia na tomada de decisões, com o objetivo de manter uma vida mais tranquila e feliz.

Os que dizem “Penso em como será a minha morte” veem o obituário como uma homenagem e pensam como os familiares poderão expressar admiração e tristeza assim que ocorrer o seu falecimento.

Refletir em como será a morte também quer dizer que as causas apontadas para os óbitos são analisadas, o que indica receio da morte. Dessa forma, alguém que possui algum vício pode sentir-se impelido a mudar de hábitos caso ele seja o motivo de alguma morte. Morin (1970) destaca que para o ser humano – mais do que às outras criaturas – a morte tem um peso crucial em todas as atividades que exerce. Segundo o autor, não há aquele que, em algum momento da sua vida, não tenha se questionado sobre a morte e com ela se preocupado. Isso acontece, pois “o homem sofre para além do presente, nas dimensões do passado e do futuro, e se pergunta pelo sentido de sua existência - exatamente porque sua única certeza é a de estar destinado a morrer” (GIACOIA, 2005, p. 13).

A expressão “Sinto-me informado” revela que um grupo de leitores identifica caráter informativo no texto dos obituários e não o relaciona com emoções. Esse leitor aparentemente não emprega sentimento na leitura, sendo que confere o material apenas para verificar se há algum conhecido ou famoso entre os falecidos, o que indica distanciamento e falta de empatia, semelhante ao que acontece com o grupo que diz não sentir nada.

Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 278) entendem que, tendo a informação um objeto de diversas definições, “não é fácil dar sobre ele uma boa idéia [sic] geral”. Para os autores, o termo “informação”, que dá origem à conclusão de sentir-se informado, pode ser considerado a partir da psicologia cognitiva, da pragmática e dos gêneros discursivos.

Na psicologia, trata-se das percepções dos seres a partir da entrada e saída de um ambiente, que permite informar-se sobre algum sistema. A programática diz que “trata-se dos meios para descrever o conteúdo dos 'estados mentais'” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 279), enquanto a análise utilizada neste estudo aponta, segundo os autores, a informação como um gênero discursivo. No discurso, a informação leva em consideração a finalidade, identidade e propósito do discurso informativo, e como a sociedade o recebe.

Quando diz “Penso como a pessoa era amada pelos familiares”, o leitor relata que nos textos percebe amor e admiração pelo falecido. O fato de os parentes encaminharem a morte à seção também é identificado como uma homenagem. A

constatação também faz com que ele reflita sobre a sua morte, e questione se será lembrado da mesma maneira.

Os leitores que falam as expressões “Penso na idade do morto” e “Penso que pessoas da minha idade estão morrendo” mostram-se preocupados com a faixa etária. Eles analisam as idades dos mortos para verificar se o seu falecimento pode estar próximo. A idade também chama a atenção quando a morte de um jovem é publicada. A fala atende ao critério de noticiabilidade de improbabilidade, quando a notícia menos provável é mais importante do que a esperada. Não se espera que jovens morram.

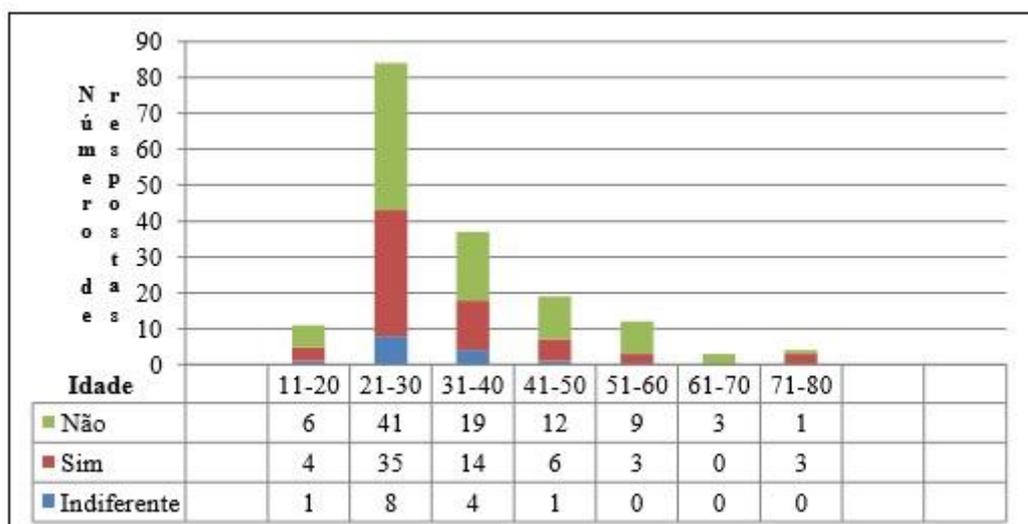
Algo semelhante acontece com aquele que diz “Sinto-me chocado” pode estar fazendo referência a diversos itens do texto: foto, idade, causa da morte, hobbies, entre outros. Isso quer dizer que algum dos termos provoca choque no leitor, assim como acontece com a morte de jovens, mas que esse sentimento pode mudar a cada obituário.

A expressão “Penso que gostaria de ter conhecido a pessoa que morreu” mostra que as histórias contadas na seção de obituários fazem com que o leitor consiga imaginar a personalidade do morto, suas histórias e gostos, o que acaba aguçando a vontade de ter conhecido a pessoa. Como o texto propõe-se a contar os fatos mais importantes da vida de alguém, percebe-se que o objetivo está sendo alcançado, já que as pessoas sentem curiosidade a partir dos relatos.

Já o leitor que diz “Sinto-me impotente” reflete sobre as circunstâncias em que a pessoa morreu, como doença e idade, para dizer que queria fazer algo para salvar aquela vida, mas que não pôde. Esse leitor está ciente da finitude, e de que ela é real para todos os humanos, já que ele compreende a sua impotência perante a morte. Segundo Elias (2001, p. 7), “podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida”.

A questão 14 busca verificar se os leitores gostariam de ter sua morte anunciada na seção. O levantamento leva em consideração a amostra de 170 pessoas entrevistadas, os separando por idade e resposta.

Gráfico 7 – Posicionamento dos entrevistados sobre a publicação de sua morte



Fonte: elaborado pela autora.

O Gráfico 7 aponta a idade dos entrevistados, na amostra de 170 pessoas, e os separa em cores, a partir da resposta à pergunta. Entre eles, 14 (8,2%) são indiferentes à publicação da sua morte. Oito (57,1%) acreditam que se trata de uma decisão da família, e integram a resposta mais utilizada para explicar o posicionamento.

Já 65 (38,2%) pessoas da amostra responderam que gostariam que sua morte fosse publicada na seção. Entre eles, 55,4% justificam a decisão a fim de informar parentes, amigos e pessoas que estão distantes sobre a sua morte, a resposta mais utilizada pelo grupo. Outros 91 (53,5%) entrevistados não querem que sua morte seja informada através da seção. Entre eles, 36 (39,6%) acham desnecessário, e representam a resposta mais comum.

Cada um dos três grupos de resposta – indiferente, sim e não, – possui respostas recorrentes para a publicação da sua morte na seção de obituários de Zero Hora.

Os indiferentes apontam com frequência as expressões “É uma decisão da família, não minha”; “Não tenho opinião formada a respeito”; e “não me importo com isso”.

Quando dizem que se trata de uma decisão da família, não sua, os entrevistados reconhecem que são os familiares que vão decidir sobre a publicação, e por isso preferem não emitir uma opinião. Eles estariam satisfeitos caso o obituário fosse produzido ou não.

A amostra que relata não ter uma opinião formada sobre o tema mostra que ainda não se colocou a pensar sobre a sua morte. O grupo até já pode ter refletido sobre a finitude humana e o falecimento de outras pessoas, mas ainda não reconheceu que também está sujeito à morte. As pessoas que não se importam com a publicação também demonstram que ainda não refletiram sobre a sua morte.

Entre os motivos apontados com frequência para o sim, estão “É uma maneira de informar amigos e parentes sobre o falecimento”; “Para que as pessoas me conhecessem” e “Porque sou conhecido na sociedade”.

A maioria do grupo reconhece que a publicação do obituário ajuda a informar amigos, parentes e pessoas que estão distantes sobre o ocorrido. Eles compreendem a utilidade do texto, e, por isso, desejam que ele seja divulgado.

Aqueles que desejam que as pessoas o conheçam através dos obituários pensam ter uma história de vida que possa atrair o leitor. Eles se sentem orgulhosos de tudo o que conquistaram, e por isso querem que as pessoas leiam sobre a sua morte.

Já os que dizem ser reconhecidos na sociedade desejam a publicação por vaidade. O grupo entende que a sua morte merece receber destaque, já que, para eles, foram pessoas célebres.

A amostra também aponta respostas negativas à publicação. Entre elas, “Acho desnecessário”; “Gostaria que fosse em um jornal local”; “É um momento individual da família”; e “não sou famoso”.

Quando a amostra diz achar a publicação desnecessária, reflete a ideia de que divulgar a sua morte não é algo relevante. Esse público acredita não ser relevante para a sociedade e, por isso, não vê sentido em publicar o seu falecimento.

A amostra que gostaria que sua morte fosse publicada em um jornal local é formada apenas por pessoas entrevistadas no Vale do Taquari. Com a fala, o público revela valorizar mais as publicações locais. Isso também indica que a maioria dos entrevistados na região não acompanha as publicações de Zero Hora. A postura indica que eles acreditam que seria melhor divulgar a morte em um jornal local, por acreditarem que a leitura de Zero Hora não é tão comum em Lajeado quanto os jornais locais.

Já os que justificam não serem famosos acreditam que é necessário ser reconhecido pela sociedade para ter a morte publicada na seção. Um dos entrevistados inclusive diz ser irrelevante para os obituários.

Ao dizer que se trata de um momento da família, não da sociedade, os entrevistados demonstram serem introspectivos. Eles preferem que a sua morte seja somente de conhecimento de pessoas próximas. Assim que a morte acontece, a família é responsável por decisões que envolvem o local e horário do sepultamento, bem como a publicação de um obituário, situações que são vistas por alguns como períodos de dor aos familiares e amigos do morto.

A fim de inibir a dor provocada pelo óbito, as famílias passaram a tratá-lo como algo instantâneo. Diferente do que acontecia em séculos passados, agora o falecimento se tornou um processo súbito, que é dissolvido rapidamente. “A morte é vista apenas no sentido negativo, apenas como um fim do seu corpo físico” (GUANDALINI, 2010, p. 30).

## 7 CONCLUSÃO

Os jornais apresentam diversas temáticas à sociedade, e entre elas está a morte. Assuntos dessa natureza despertam a atenção do leitor e, por isso, os impressos investem nesse tipo de publicação. No caso dos obituários, o tema deixa os leitores curiosos, a ponto de querer saber mais sobre o que o falecido fez em vida.

O jornal Zero Hora, empresa de comunicação na qual a pesquisa foi aplicada, dispõe de uma seção responsável pela elaboração dos obituários. Uma pessoa produz os textos durante a semana, enquanto que uma assistente escreve os materiais a cada 14 dias, aos domingos. A rotina produtiva dos obituários é intensa, já que a redatora trabalha exclusivamente com a preparação dos textos. A cada edição, uma média de quatro materiais é publicada. O trabalho da redatora vai desde o recebimento da morte, até a sua publicação, o que também envolve o arquivamento de uma foto do falecido e a edição do texto na página do jornal, a partir do programa *InDesign*.

Na maioria dos casos, o falecimento é encaminhado à seção através de e-mail e telefone, mas a informação inicial não é o bastante para que a morte seja publicada. Em todos os casos observados, verificou-se a tentativa de confirmar os dados e também adquirir novos relatos, seja a partir de contato com o familiar que encaminhou a morte, ou através da internet, que auxilia na conferência de nomes e locais que foram informados pelo parente. Informações complementares sobre o falecimento sempre são buscadas com os familiares.

A constatação mostra que os familiares são os mais interessados na divulgação do ocorrido aos leitores do jornal, por mais que as pessoas próximas ao falecido sintam pesar pelo ocorrido. Os contatos com os remetentes são fundamentais para a rotina produtiva dos obituários, pois através deles são conhecidas novas histórias e peculiaridades sobre o morto.

Como já foi dito, a seção conta com uma redatora, mas tem dois editores para auxiliar a jovem com a redação do texto. Apesar da presença deles, fica claro que os obituários, em sua grande maioria, são produzidos sem orientação. Acredita-se que a seção não receba a atenção necessária dos editores, já que os materiais produzidos durante o dia são conferidos apenas no fechamento da edição, e, portanto, não são feitas sugestões para o texto enquanto está sendo escrito. Por conta disso, as redadoras o produzem de maneira independente, conforme aquilo que acreditam ser relevante para o material, o que resulta em textos com estruturas diferentes, dependendo de quem redigiu o material. Durante a escrita, as responsáveis pelos obituários não refletem sobre os critérios de noticiabilidade.

Percebe-se que os editores interferem no trabalho somente quando se trata da morte de uma pessoa famosa. O fato aponta a insegurança dos profissionais, pois, em casos de maior visibilidade, eles intervêm pelo receio de que o obituário tenha algum erro. Também ficou claro que há divergências entre as opiniões das redadoras e dos editores, no que tange à produção do material. Um dos editores entrevistados na pesquisa, Ticiano Osório, diz, em vários momentos, não saber responder determinadas questões. Ele inclusive não fala com certeza sobre os critérios que o jornal impõe para que a publicação seja feita. Já o outro editor, Pedro Moreira, afirma que os obituários, assim que prontos, sempre são encaminhados à aprovação do remetente, um relato que não corresponde ao que foi observado.

As redadoras também divergem sobre a confirmação do texto pelos familiares. Enquanto Júlia Burg, que redige os materiais diariamente, não os encaminha para a aprovação dos parentes, Mariana Fritsch, que escreve aos domingos, sempre verifica a opinião do remetente, seja por e-mail ou telefone, o que aponta a insegurança da redatora para com as produções. O envio de texto jornalístico para a aprovação da fonte não é algo comum. O jornalista tem liberdade para redigir e publicar matérias, sem a necessidade de leitura pelos envolvidos no processo.

Percebe-se que Zero Hora não estipula normas para a redação dos textos, apesar de eles apresentarem caráter informativo e conseqüentemente jornalístico, bem como para a inserção dos obituários no impresso. Os editores falam da existência de regras para a ordem de colocação das mortes no impresso. Percebe-se que Júlia segue as indicações, enquanto Mariana não. Mesmo assim, a página de obituários produzida por Mariana, embora receba correções antes do fechamento da edição, não sofre alterações no que tange à organização dos textos na página.

Apesar de perceber que as redatoras não seguem um padrão jornalístico para a redação dos obituários, observa-se que a maioria dos textos responde, no primeiro parágrafo, às perguntas do *Lead*. Além disso, verifica-se que os materiais são escritos em pirâmide invertida, formato que apresenta as informações em ordem decrescente de importância, considerado base do jornalismo informativo. Tanto os editores, como as redatoras, dizem em entrevista que não existem regras para a redação. As obituaristas escrevem os textos de maneira espontânea, já que empregam neles conceitos próprios sobre texto jornalístico.

A maioria dos obituários começa da mesma forma, com o nome do morto, data e local em que morreu e a causa do falecimento. Em alguns casos que envolvem a morte de homens, percebe-se que a profissão é o primeiro item a ser mencionado no texto. Com as mulheres, isso não acontece. Elas são lembradas pelas atividades domésticas e práticas culinárias, além de *hobbies*, como viajar e fazer tricô e crochê. Com os homens acontece diferente, sendo geralmente destacados pelos cargos que ocuparam em vida, com a intenção de demonstrar a sua importância para a sociedade. O posicionamento é um reflexo da família considerada tradicional para alguns círculos da sociedade brasileira, em que o homem se destaca pela profissão e a mulher cuida da casa e dos filhos. A partir das mudanças estruturais que a sociedade tem sofrido, é possível que a abordagem dos obituários mude com o passar do tempo.

O único pré-requisito para a publicação das mortes é que elas tenham ocorrido há, no máximo, um mês. Praticamente todos os falecimentos que se encaixam nesse perfil são publicados na seção, indicando uma preocupação dos jornalistas com a atualidade. Apesar disso, o período de tempo determinado para a publicação dos obituários revela que, na seção, não são obedecidos critérios de

noticiabilidade, no que tange à factualidade, já que o período é estendido. Percebe-se que em jornais os conteúdos geralmente são publicados no dia seguinte ao ocorrido, não com prazo de um mês. Em Zero Hora a publicação só não é feita quando há poucas informações sobre a morte e também quando a redatora não consegue conversar com o familiar que encaminhou o falecimento à Zero Hora. Não há distinção pela profissão, classe social ou idade. Todos os textos recebidos são avaliados, o que desmistifica o que alguns pensam sobre o jornal, que, devido ao grande número de pautas, Zero Hora não aproveitaria todas as sugestões encaminhadas para a redação.

O espaço que a seção tem no jornal é limitado. Por isso, a redatora precisa avaliar o número de caracteres e decidir quantos textos serão produzidos. Como Zero Hora não costuma receber mais de cinco mortes ao dia, os materiais não ficam de fora da publicação. O espaço pode ser reavaliado com a morte de algum famoso. Nesse caso, existe a possibilidade de o célebre ocupar todo o espaço destinado à seção, o que faz com que a publicação dos demais textos seja adiada. Mesmo assim, os materiais não são descartados pela redatora.

A pesquisa verifica que a morte está para o homem assim como a vida, pois o falecimento ocupa “uma posição básica na existência da humanidade. O homem é o único ser vivo que pensa a sua existência, conseqüentemente, na sua morte” (GUANDALINI, 2010, p. 4). Ele sabe que a finitude é real devido às experiências que já teve com a perda de familiares e pessoas próximas. Verifica-se que os obituários têm caráter social. Eles prestam serviço de utilidade pública à comunidade, que é informada sobre o ocorrido através do jornal. A curiosidade pelo tema também desperta a atenção de alguns leitores, que leem a seção ao se sentirem atraídos por algum elemento do obituário.

Ao tratar da inserção da morte nos jornais, conclui-se que Zero Hora utiliza os princípios dos gêneros jornalísticos para escrever os textos. O veículo utiliza o gênero informativo, na categoria de notícias, para escrever os materiais. Por tratar-se de uma notícia, verifica-se que o obituário responde as perguntas do *Lead* no primeiro parágrafo do texto.

No caso da morte de famosos, o obituário pode ser uma reportagem, já que elas pressupõem um nível mais elevado de planejamento e busca de informações, fato que acontece com o falecimento de pessoas conhecidas na sociedade, porque o jornal elabora um histórico sobre a profissão exercida pelo célebre. Isso acontece, pois “não existem fórmulas científicas no jornalismo, especialmente na reportagem: cada história é uma história, e merece um tratamento único” (KOTSCHO, 2004, p. 14). A partir do gênero informativo, a seção ainda pode fazer um perfil do falecido.

O gênero utilitário pode ser confundido com o informativo, mas a sua aplicação nos obituários tem uma função diferente. Como dito anteriormente, o texto do obituário é predominantemente informativo, com a inserção de adjetivos. O utilitário se apresenta na seção quando são mencionados o local, a data da morte e o horário do sepultamento, servindo como um serviço de utilidade pública. Melo e Assis (2010) admitem a possibilidade de o gênero utilitário ser confundido com o informativo, e que isso acontece “porque o serviço pode aparecer como complemento de um material informativo ou embutir algumas características em formatos como a reportagem” (MELO; ASSIS, 2010, p. 139), semelhante ao que acontece com os obituários.

O gênero opinativo também contribui com a elaboração dos textos da seção. Mesmo que os textos não demonstrem a opinião do jornalista, eles expressam o que os familiares, que informaram o falecimento, pensam sobre a pessoa que morreu. A participação e a opinião do remetente são aspectos fundamentais para a redação dos materiais. Em alguns casos, as falas dos parentes são citadas entre aspas, mas em outros não. Considera-se que a seção continua sendo informativa, mesmo que o nome da pessoa que encaminhou o falecimento nem sempre seja mencionado no texto.

Como os textos dos obituários não apresentam mais de uma fonte e são relatos objetivos sobre a vida do falecido, o gênero interpretativo não é identificado na seção. Devido às características de diversão e entretenimento, acredita-se que o gênero diversional não seja aplicado nos textos da seção. Apesar disso, uma declaração de Assis (2009) pode apontar uma ligação entre o gênero e os obituários. O autor acredita que os materiais diversionais sejam escritos a partir de técnicas narrativas literárias. O modelo diversional estaria mais voltado à redação de

materiais jornalísticos a partir da sensibilidade, sem seguir, de maneira categórica, a aplicação de elementos como o *Lead*, o que acontece com alguns dos materiais produzidos pela redatora Mariana, que diz empregar características de jornalismo literário em seus textos.

Conclui-se que os materiais publicados na seção pertencem ao gênero informativo, na categoria de notícias, já que o obituário responde as perguntas do *Lead* no primeiro parágrafo maioria dos textos.

A partir da análise de recepção, percebe-se que, na amostra de 170 pessoas, a maioria, ou 136 (80%) entrevistados, aprova a publicação de notícias de morte em jornais, enquanto que 34 (20%) pessoas não aprovam. O número revela que, apesar de as pessoas temerem o seu falecimento, pois a “morte é vista apenas no sentido negativo, apenas como um fim do seu corpo físico” (GUANDALINI 2010, p. 30), as notícias dessa natureza chamam a atenção do público, fazendo com que grande parte da amostra aprove a sua publicação no impresso.

O levantamento através de questionários também mostra que a seção de obituários é conhecida pela maioria da amostra de 170 pessoas. Conclui-se, a partir das respostas dos entrevistados, que 119 (70%) pessoas conhecem a seção, enquanto que 51 (30%) nunca ouviram falar dos obituários de Zero Hora. O público entre 41 e 50 anos recebe destaque nesse aspecto, já que 84,20% da classe diz conhecer a seção, representando o maior percentual da amostra.

Entre os que conhecem a seção, percebe-se que a leitura dos materiais é comum, já que 69 (58%) pessoas dizem ler os obituários, enquanto que 51 (40%) são negativos ao questionamento. Percebe-se que a amostra de 71 a 80 anos é a que mais lê os obituários, já que 100% da categoria diz ler a seção. O levantamento revela ainda que a maioria dos leitores, 19 (27,5%) pessoas, diz ler a seção pelo menos uma vez ao mês. A resposta mostra que, apesar de a leitura dos obituários ser apresentada como um hábito, não há um dia específico para que ela aconteça, e que ele não acontece todos os dias. A partir da análise de recepção, conclui-se que os públicos de 41 a 50 e 71 a 80 anos são os que mais acompanham a seção.

O levantamento também mostra que, dos 170 entrevistados, apenas 31 (18,2%) assinam o jornal, enquanto que a maioria, 139 (81,8%) não é assinante.

Apesar de não ter vínculo com Zero Hora, esse grupo afirma acessar o jornal de outras maneiras, o que possibilita o acesso à seção. Noventa e uma (65,5%) pessoas têm acesso eventualmente, através de outros meios, que não foram citados no questionário. Outros 32 (23%) compram em banca sem frequência, enquanto que 13 (9,4%) compram com frequência, e outros três (2,2%) leem no trabalho.

Entre os que leem os obituários com frequência, 69 pessoas, somente uma diz achar que os textos não de difícil compreensão. O dado aponta que os obituários de Zero Hora cumprem o seu papel de informar de maneira clara e objetiva. A foto é o item que mais chama a atenção dos leitores, o que explica o fato do jornal priorizar a publicação de uma imagem do morto. Entre os entrevistados, 34 (49,3%) são atraídos pela foto, número que é seguido pelos itens texto, título e localização na página do jornal.

A pesquisa com os receptores revela que, da amostra de 170 pessoas, apenas sete (10,1%) já encaminharam falecimentos para serem publicados na seção. Por mais que 119 entrevistados conheçam a seção e, entre esses, 69 a leiam de maneira regular, o dado mostra que as pessoas não têm o costume de informar o falecimento de alguém próximo ao jornal. Entre os que já enviaram mortes, três pessoas assinam Zero Hora e quatro não. O número mostra que os remetentes não se sentiram intimidados pelo fato de não serem assinantes, e que eles conhecem a seção.

A leitura dos obituários pode provocar sentimentos ou pensamentos nas pessoas. O estudo mostra que, entre a amostra que diz ler a seção, as respostas mais comuns são: “Sinto Tristeza”, “Não provoca sentimento” e “Provoca curiosidade”, expressões que revelam diferentes grupos de leitores, já que um deles solidariza-se com a morte, outro é indiferente a ela e os demais sentem curiosidade, não comoção, pela morte contada na seção. Mesmo assim, a maioria dos entrevistados diz sentir ou pensar algo quando lê a seção. Isso mostra que quase todos os que acompanham os obituários se sentem tocados de alguma maneira pelo material publicado. Dessa forma, a seção emociona e também serve para que os leitores reflitam sobre a sua vida.

Já quanto à publicação da sua morte na seção, percebe-se que a maioria dos entrevistados, na amostra de 170 pessoas, não gostaria de ter o seu falecimento exposto no jornal, já que 91 (53,5%) pessoas disseram não, 65 (38,2%) sim e 14 (8,2%) são indiferentes à publicação.

A morte ocupa diferentes editorias de um jornal. Ela pode receber destaque na categoria de notícias, através de uma tragédia que tenha vitimado muitas pessoas; na política, com o passamento de um líder partidário; no entretenimento, com o falecimento de um artista; na editoria policial, com algum caso de sequestro, roubo ou tráfico de drogas, que tenha culminado em morte, e no esporte, com o falecimento de um atleta famoso. Isso também pode ocorrer em outros cadernos e com diferentes causas de falecimento. A constatação mostra que a morte é valorizada pelos jornais, que compreendem que o tema desperta a atenção do público e, por conta disso, publicam o tema em diferentes editorias.

Apesar de os jornais divulgarem notícias de morte, a pesquisa constata que esse tipo de informação não demanda muita atenção dos editores. Eles compreendem que é necessário noticiar alguns óbitos, mas dedicam-se mais a outras matérias do que a esse texto. Para os profissionais, trata-se de um fato corriqueiro, que irá atingir todos os humanos, e por isso outras notícias recebem mais atenção.

Com os obituários de Zero Hora não é diferente. As redatoras responsáveis pela seção dedicam-se à redação dos textos, mas os editores não os priorizam entre as demais matérias produzidas para a editoria Sua Vida, que abriga a seção. Materiais mais complexos, que apresentam temas atuais e contam com diversas fontes, recebem atenção. Isso acontece pelo fato de o obituário ser um texto fácil de ser produzido, quando comparado aos demais, porque o jornalista não precisa ir a campo, fazer fotos, vídeos e entrevistar diversas pessoas para contrapor opiniões.

Em geral, os receptores pesquisados não demonstram apatia com a publicação de notícias de morte. Eles, inclusive, mostram-se interessados em ler os falecimentos de pessoas célebres. Quando publicados em jornais, os casos de mortes trágicas também chamam a atenção do público. Com os obituários, o falecimento de famosos desperta atenção, pela curiosidade ou admiração que o

leitor sente pelo morto. Já os outros textos são conferidos porque os leitores querem descobrir mais sobre a vida daquele desconhecido.

A pesquisa constata que a maioria das pessoas não pensa no seu falecimento. Elas veem a morte como algo distante de si e geralmente, ao lerem os textos, não percebem que um dia poderão ocupar a página da seção de obituários. Logo, conclui-se que, apesar de saberem que a morte é real, as pessoas não estão preparadas para enfrentá-la. A publicação da morte, mais que saciar a curiosidade dos leitores sobre o tema, colabora para que este acontecimento inevitável se torne mais real na vida dos leitores.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria M. de; MEDEIROS, João B. **Curso de Língua Portuguesa: para a área de humanas: enfoque no uso da linguagem jornalística, literária, publicitária.** São Paulo: Atlas, 1997.
- ARIÉS, Philippe. **História da Morte no Ocidente.** Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ASSIS, Francisco de. **Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos.** 2010. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21\\_2.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2015.
- ASSIS, Francisco de. **Jornalismo com traços de literatura: alguns apontamentos sobre o gênero diversional.** XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/premios/2009/FranciscoAssis.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
- BARTON, E. J.; ASCIONE, F.R. **Crianças e avaliação comportamental: princípios e procedimentos.** New York: Pergamon Press, 1984.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica.** Porto Alegre-RS: Editora Sulina, 1976.
- CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros: vitrines, notícias.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CAPUTO, Rodrigo F. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista Multidisciplinar da Uniesp**, São Paulo, n. 06, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2015.
- CARRASCOZA, João A. **Razão e sensibilidade no texto publicitário.** São Paulo: Futura, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1999.

CESAR, Newton. **Mídia Impressa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHEMIN, Beatris F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 3. ed. Lajeado: Univates, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ-OLIVEIRA, Milena C. B. F. de. Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5566/5053>>. Acesso em: 14 set. 2014.

DEJAVITE, Fabia A. **INFOtenimento: informação + entretenimento no jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática: 2004.

FERREIRA, Fábio G. **Os gêneros diversional e de serviços no UOL: análise de duas capas**. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2284-1.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

FROTA, Ana; ACSELRAD, Márcio. **O júbilo secreto: o interesse do público por notícias sobre morte**. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0185-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0185-1.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2014.

GIACOIA, Oswaldo Jr. **A visão da morte ao longo do tempo**. Simpósio Morte: Valores e dimensões, Ribeirão Preto- SP, 2005. Disponível em: <[http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo.pdf)>. Acesso em 12 abr. 2015.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GUANDALINI, Felipe C. **As transformações da relação do homem com a morte.** Artigo apresentado a título de especialização. Curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná Câmpus Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/monografias/Felipe%20Correa%20Guandalini%20%20AS%20TRANSFORMACOES%20DA%20RELACAO%20DO%20HOMEM%20COM%20A%20MORTE.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

GUERRA, Josenildo L. **O nascimento do jornalismo moderno:** Uma discussão sobre as competências profissionais, a função e os usos da informação jornalística. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/167629680582323974316910221745759002955.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo-SP: Editora Ática, 2004.

KOVÁCS, Maria J. **Morte e Desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo:** Norte e Sul: Manual de Comunicação. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística.** São Paulo: Ática: 1986.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da Notícia.** São Paulo-SP: Editora Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teoria e técnica do texto jornalístico.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LAGE, Cláudia; BENETTI, Marcia L. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

LANZA, Sonia M. **A narrativa jornalística:** dramas da vida real. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 2006. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1144-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

MANCUZO, Carolina Z. **O luto a um clique:** um estudo de caso sobre os acessos do Portal Facopp em uma notícia sobre morte. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1891-1.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2014.

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing.** Ed Atlas. 1996.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda:** a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, Jorge L. B. Gêneros Jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposiu M**. Espírito Santo, 2001. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

MELO, José M. de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MELO, José M. de; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos: teoria e práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Orgs. GALIAZZI. Maria do Carmo. FREITAS, José Vicente de. . Ijuí: Editara Unijuí, 2007.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-America, 1970.

OLIVEIRA, Madalena. **Olhando a morte dos outros**. IV SOPCOM, 2005. Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://zip.net/blpxm2>>. Acesso em: 05 set. 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PARKES, Colin M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

REDE ANGOLA. **Morreu Doudou N'Diaye Rose, mestre da bateria africana**. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/morreu-doudou-ndiaye-rose-mestre-da-bateria-africana/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

REZENDE, Renata; BARBOSA Marialva C. **Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-1.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2014.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, José C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação**. LabCom Books, 2009.

SEIXAS, Lia. **Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos**. São Paulo-SP: Galaxia, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teorias da comunicação**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

VAZ, Tyciane C. V. **Gênero utilitário na internet**: o jornalismo de serviço praticado no Brasil e Portugal. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1652-1.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

VIEIRA, Andressa C.; SILVA, Nathalia A. A. da; VELOSO, Maria S. F. **Jornalismo de opinião no Rio Grande do Norte**: um estudo de caso do periódico O Coyote. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1865-1.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A – Entrevista 1**

**Entrevista realizada em 19 de agosto de 2015, nas dependências da redação do jornal Zero Hora. Duração da entrevista: 25min52seg**

- **Nome:** Júlia dos Santos Burg

- **Idade:** 21 anos

- **Formação profissional:** Ainda não sou formada, sou estudante de Jornalismo. Comecei em 2012, no primeiro semestre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

- **A tua pretensão de término de curso é de qual ano?** Ano que vem, 2016.

- **Função que desempenha no jornal Zero Hora:** O meu cargo é de assistente um, eles chamam. Eu não sei se é isso que tu quer dizer com função. Eu sou obituarista, no caso, mas o cargo é de assistente. Não só, mas a minha principal função mesmo é de realizar os obituários. Mas na função de assistente também às vezes tem outros cargos.

- **O que tu faria nesse cargo?** Eu também eventualmente ajudo a fazer a publicação de matérias para o site e também produzir alguma coisa de conteúdo para a editoria de Sua Vida, mas isso é bem menos. A principal função mesmo é do obituário.

- **Como participação da seção dos obituários?** Produzindo os obituários, recebendo ele e editando, procurando, esse tipo de coisa.

- **Há quanto tempo trabalha na seção?** Trabalho desde o dia 11 de maio de 2015, que foi o dia que entrei na Zero Hora. Essa é a minha primeira função desde que entrei aqui.

- **Qual a importância de publicar a morte em jornais?** Acredito que em termo jornalístico mesmo é algo que talvez não tenha tanta muita força, mas acredito que é um espaço tradicional do jornal, que acredito que talvez no passado isso era uma forma que as pessoas tinham de ficar sabendo muitas vezes. A comunidade mesmo ficar sabendo do falecimento, de comunicar o falecimento das pessoas próximas e que os outros soubessem também, né?. Acho que então foi um espaço que acabou ficando mesmo por tradição e por costume. Acho que as pessoas estranhariam bastante se elas se deparassem com o jornal e não tivesse o obituário. Acho que faz parte da cultura de ler o jornal e ficar sabendo da morte das pessoas. Mas acredito que se não existisse não faria tanta falta, em termos de conteúdo. Acho que faria mais falta para os leitores que estão acostumados com esse espaço, que ficou por tradição. Mas também acho o que é uma forma de homenagem para as pessoas que acompanham o jornal, pois elas encontram ali um espaço para homenagear o parente. Também é uma forma de contar histórias interessantes no meio de pessoas comuns, que a gente não imagina que tenha uma história legal pra contar. Então, às vezes são uma forma de mostrar coisas curiosas, vidas diferentes, que talvez interessem e inspirem outras pessoas. Acho que é um espaço mais literário e interessante.

- **Como os falecimentos chegam até a seção?** Eles chegam principalmente por e-mail. A gente tem na página do obituário um espaço em que fica especificado que a seção é gratuita e que os textos devem ser encaminhados por e-mail. Então a maioria, 90%, ou não vou te dar um número, pois não saberia dizer, mas assim uma grande maioria dos obituários chegam por e-mail. Eventualmente chega alguma coisa por papel impresso, que o pessoal trás aqui. Uma folha escrita que as pessoas deixam na recepção. Já aconteceu algumas vezes disso chegar dessa maneira, mas é bem mais raro. Do tempo que estou aqui foram poucas vezes que isso aconteceu. Eventualmente nós temos obituários de pessoas mais famosas, mais notáveis por algum motivo, que às vezes acabam vindo até de outras editorias de jornal. A gente às vezes acaba utilizando esse espaço, porque não tem muito espaço nas outras editorias para publicar a morte dessas pessoas e a gente acaba utilizando o espaço do obituário mesmo, para dar uma notícia de alguém mais famoso. Às vezes também chega alguma coisa por agência de notícia, quando é uma pessoa mais famosa. Acho que basicamente é isso. Por telefone também, alguém pode nos ligar e passar informações.

- **Como são selecionados?** Na verdade, a gente publica praticamente todos os obituários que recebe. A gente não faz uma distinção, porque ate não teria critério de não publicar um e publicar outro. O único critério é que o falecimento tenha que ter ocorrido até um mês antes da publicação. Se hoje é dia 18 de agosto, por exemplo, o falecimento tem que ter ocorrido até 18 de julho. Antes disso a gente acaba não publicando. A não ser que tenha, por exemplo, uma missa de um mês de falecimento e aí a gente vá trazer por esse aspecto mais atual. Mas em geral é isso, a gente publica todos, a não ser que seja um falecimento muito antigo. Mas eles não têm uma seleção.

- **Como acontece o processo de produção do obituário?** Em geral os textos já vêm em um formato bem próximo do que a gente costuma fazer. Então muitas vezes é só necessário dar uma editada, uma melhorada no texto, tirar alguns excessos da família. Às vezes é só editar. Às vezes o texto está muito inapropriado. Não inapropriado, mas inadequado em relação ao nosso padrão. Ele precisa mexer bastante. Muitas vezes eu tenho que ligar para as pessoas para apurar alguma informação, ou para complementar o texto, para deixar o texto mais completo, conseguir retratar um pouco melhor a vida daquela pessoa. Mas não é algo obrigatório. A gente já publicou obituários bem enxutos, com poucas informações, por não ter conseguido falar com a pessoa. Mas em geral é mais ou menos assim que é feito. Também já teve obituários em que eu tive que fazer do zero, porque não tinha informação, não tinha texto que eu recebi por e-mail, então tive que pegar as informações por telefone e construir todo o texto do zero. Depende da situação, mas em geral os textos eles já vem mais ou menos montados, e aí só precisa fazer uma edição neles.

- **E essa questão de confirmar, por exemplo, o nome do falecido, de familiares, é muito importante para a publicação? É uma coisa que é levada bastante em consideração?** Em geral, como os obituários já vêm por e-mail, com os nomes escritos e tudo mais, ali o familiar já tem a responsabilidade dele, de mandar os dados. Por exemplo, se ele mandou errado por e-mail, e a gente acaba publicando, a responsabilidade é dele. Outro dia um rapaz me passou nomes trocados. Na verdade a gente não tem como saber se estava errado. Em geral, quando eu falo com as famílias, eu tento confirmar, porque muitas vezes eles não se dão conta que

escreveram um nome sem acento. Eu pergunto, “ah, é sem acento mesmo?” e eles “não, é com acento”, entendeu? É óbvio que se sair sem acento a gente não vai retificar, porque foi mandado assim. E acredito que eles também não vão reclamar, porque eles mandaram errado. Mas no geral, quando eu falo com as famílias, eu tento confirmar direitinho o nome, pra ver se está tudo certo. Até para eles verem o texto e estar tudo correto. Para a gente ficar mais seguro.

- **Há alguma regra jornalística para redigir os textos?** Não, a gente não aplica. Pelo menos não foi me dado nenhuma instrução quando eu cheguei aqui, de aplicar um Lead ou seguir alguma regra jornalística. Na verdade o texto é bem livre. Tem bastante liberdade pra mexer nele. Eu acabo seguindo um padrão de falar primeiro da morte, dar os dados principais do falecimento e depois contar um pouco da vida da pessoa.

- **Mas seria um padrão com o qual tu achas que o texto ficaria mais bonito?** É, exatamente. Que fica mais direto e subjetivo. Mas ele não tem um padrão, que precise fazer dessa maneira. Sempre priorizando o nome da pessoa, o falecimento dela, a data, a causa, o local onde faleceu. Depois a gente geralmente fala de onde a pessoa é, onde nasceu. Mas isso não é regra. Se por um acaso eu quiser mudar o texto, isso já aconteceu, começar de outra maneira. Tipo assim, começar por um aspecto mais importante da vida da pessoa também é possível de ser feito e não existe uma regra. Acho que o texto do obituário é um texto mais livre para tu poder trabalhar e brincar com ele. Se quiser, tiver tempo e criatividade.

- **Depois de pronto, o texto passa pela aprovação de algum familiar?** Não. Já mandei algumas situações, quando o familiar pediu “ah, eu quero ver como ficou”, daí eu encaminhei para ele. Mas muitas vezes a gente acaba publicando sem encaminhar para o familiar, até porque muitas vezes os familiares querem mexer, claro, eles querem que o texto saia mais ou menos como eles mandaram, ou da forma como eles querem. Mas acontece deles não terem muita noção de como é o padrão do Jornal e quererem interferir um pouco nisso e falarem que querem de tal maneira. Então muitas vezes a gente evita mostrar o texto antes para não dar esse tipo de problema. Mas já aconteceu, sim. Se o familiar faz questão e diz que quer ver antes de ser publicado, eu sinto mais ou menos como eles são, se uma pessoa mais tranquila, que não se importa muito que o texto seja mexido, seja modificado. Em geral não tem necessidade, mas o familiar é uma pessoa mais exigente e que o texto esteja exatamente da mesma forma que ele mandou, ou queira aprovar, daí eu encaminho para ele dar uma olhada antes.

- **No caso de pessoas famosas, já existem obituários arquivados, aguardando o falecimento?** Não. Se existe esse tipo de arquivo, informações prévias de pessoas famosas não está comigo no obituário. Pode ser que tenha em outras seções do jornal. eu não tenho nenhum arquivo com informações prévias de pessoas famosas. Quando as pessoas falecem, pessoas mais notáveis, mais famosas, em geral a gente pega as informações por agência, ou então outras editorias do Jornal produzem o texto, conforme for a pessoa. Se tiver a ver com a editoria de segundo caderno, ou esporte, e tudo mais, eles acabam fazendo e publicando no site. E a gente geralmente acaba utilizando esse material também para o obituário. Ou então

mesmo pela internet. Informações pela internet. Então é isso basicamente, mas não tem nada arquivado.

- **Há algum tipo de cobrança para a divulgação de mortes na seção?** Os obituários, os textos de obituário, não são cobrados, só os anúncios. Não sei por que não é cobrado, na verdade. Isso é até uma questão interessante. Acredito que porque os anúncios já sejam cobrados, mas não sei por que tem essa diferenciação do texto não ser cobrado e ter o anúncio. É uma questão que eu não sei explicar realmente.

- **Mas tu achas positivo ou não cobrar?** Eu acho positivo. Como já tem o espaço do anúncio, que é cobrado, acho que é um espaço que se abre para homenagear e também para as pessoas que acompanham o jornal e querem fazer uma homenagem para o seu familiar. Acho que é positivo não ser cobrado. Até porque se fosse cobrado, talvez a gente tivesse que abrir mão um pouco de alguns critérios, de texto mesmo. A gente não poderia aplicar muito o nosso padrão nos textos. Então acredito que é positivo, pois a gente faz um filtro aqui. Como não é cobrado, quando a gente recebe tem essa liberdade de mexer, enfim, de adequar ao padrão do Jornal. Por isso eu acho que fica melhor dessa maneira.

- **A seção tem espaço limitado no jornal? Se sim, como é organizada?** Em geral, não tem um padrão. Tudo depende do espaço do jornal, do espaço que eu vou ter com relação ao anúncio, porque isso é bem relativo, de um dia para o outro. Tem dias que a gente recebe muito anúncio, que a página tá bem cheia, e tem dias que a página tá vazia, então tem mais espaço para texto. Então isso é realmente uma questão bem comercial. A gente precisa esperar e se adequar os textos com o espaço que a gente tem que depende de uma questão comercial, não depende de uma questão jornalística. Então é isso. E também depende do que a gente tem em termos de texto, né. Tem muitas histórias que rendem bastante coisa, bastante conteúdo. Tem histórias que não rendem. Às vezes eu falo com o familiar e ele quer um texto pequenininho, não quer escrever muita coisa, só quer uma coisa enxuta. Tudo bem então, a gente respeita essa questão. Então é bem relativo. Não é uma questão, tipo, de regra.

- **Mas no dia em que tu tens vários textos, e acabou tendo bastante anúncio, e daí tu deixas para o dia seguinte, se tem a possibilidade por datas?** Isso. Se tem muito anúncio, ou tem bastante texto, eu tenho que tirar alguns para deixar para outro dia. Às vezes, geralmente eu tento priorizar se tem alguma informação, de missa, de velório, alguma coisa assim, que tá sendo usada ali, que daí é uma coisa mais factual. Daí eu tento priorizar esse tipo de obituário com essas informações a serem publicadas. Mas daí tem que abrir mão de algum texto, ou então fazer cortes no texto também.

- **E acontece bastante de o falecimento ser tão recente que consegue pegar a parte do velório do corpo? Acontece isso?** Sim, acontece às vezes. Eu acho que ontem mesmo teve um obituário que foi, não sei se ontem ou anteontem, mas enfim, que a pessoa tinha morrido no dia e já tinham enviado, a família ou conhecido, já tinham enviado no próprio dia, e aí já tinha o dia seguinte a informação do velório, sepultamento, quando ia ocorrer. Então acontece, mas é mais raro. Geralmente as pessoas mandam com mais uns dias.

- **É que assim fica bem fácil para a família quanto à divulgação, se for tão pertinho? É,** mas não é o mais comum. Mais comum é a gente receber alguns dias depois. Pelo menos para a missa de sétimo dia tem bastante. A gente recebe bastante, que as pessoas querem que seja publicado o texto e também dada a informação sobre a missa. O velório e sepultamento é mais difícil, mas acontece às vezes.

- **Há quanto existe a seção de obituários no jornal Zero Hora?** Não sei te dizer. Não faço ideia, mas acredito... Não sei mesmo se foi desde o início do jornal, mas isso é uma coisa que realmente teria que ser vista com quem é mais antigo.

- **Não tem problema. Como está no roteiro acabo perguntando. Tá.**

- **Com o tempo, houve alguma mudança na forma de selecionar as mortes, escrever os textos ou publicá-los? Mas podemos voltar a pergunta ao teu tempo, desde que estás no Jornal, se houve alguma mudança, se houve alguma nova orientação para fazer diferente, ou se tu sabes que de algum tempo para cá mudou algum padrão.** Então, desde que eu cheguei aqui, eu mantive mais ou menos o padrão e eu já dei uma olhada em obituários mais antigos assim. Olhando nos arquivos que a gente tem no Jornal, já dei uma olhada de alguns anos atrás, de uns dez anos atrás assim, e pelo que eu vi, era mais ou menos a mesma coisa, assim, o mesmo padrão de texto, sabe. Mas eu já conversei com o meu gestor e ele disse que ah, a gente poderia fazer, de vez em quando, uma coisa um pouco diferente, um texto às vezes talvez mais é, um texto mais literário. Enfim, que seria interessante talvez trabalhar nisso, sabe. Mas, não teve que eu saiba não teve nenhuma mudança grande não assim no texto. Só teve mudança no layout da página e tal, a forma como tá disposto ali os textos e as fotos. Mas em termos de texto, pelo que eu vi assim, era mais ou menos o mesmo padrãozinho assim, mesmo uns bons anos atrás, sabe.

- **Como é fazer o contato com as pessoas, com o familiar que encaminhou, porque às vezes são feitas bastantes perguntas e pode ser um pouco difícil. Então eu pergunto: como falar com essa pessoa? Tem alguma coisa que tu utilizas para chegar melhor até ela?** Geralmente o contato ele é tranquilo. Poucos casos que eu tive assim de o familiar ficar mais emocionado e não conseguir falar direito. Acho que, se isso aconteceu, foi uma ou duas vezes, assim. O que eu tento é sempre, não sei, tratar com delicadeza assim as pessoas e também fazer perguntas mais objetivas assim, sabe, porque acho que a minha função mesmo é só de apurar dados e não tentar também falar muito sobre. Enfim, eu falo sobre a pessoa, pergunto sobre ela, sobre o que ela gostava de fazer, ou como era a personalidade dela, mas de uma maneira mais objetiva, assim, com que o familiar não, talvez não fique mais, comece a ficar emocionado, porque é complicado assim de tu tá no telefone com uma pessoa e não sei, daqui a pouco elas começa a chorar. Mas em geral eu acho que, eu acredito que como os familiares já mandam esse texto, em geral eles já tão mais tranquilos assim. Não tão talvez tão abalados quanto poderiam estar. Acho que eles já estão mais tranquilos, porque senão talvez não mandariam, não se atinariam assim de mandar um texto. Mas eu sempre tento, é, fazer perguntas objetivas sobre, de forma objetiva sobre a pessoa, e também respeitar se eles não querem falar alguma coisa, não ficar insistindo “ah não, mas porque você não quer falar isso?”. Respeitar a vontade do familiar do que ele quer divulgar, ou não. Mas, perguntar

assim. Às vezes tu faz pergunta de maneira despretensiosa, tipo “ah, você gostaria de colocar tal coisa, gostaria de acrescentar essa informação. Fica a seu critério”, entendeu? Porque eu acho que o que a família quer divulgar, se ela não quer divulgar alguma coisa ela não tem a obrigação de divulgar nada, entende?. Então eu tento sempre deixar a pessoa livre pra falar o que ela quer. Mas ao mesmo tempo, fazer a pergunta, porque é necessário confirmar.

**- Dessas pessoas que tu fazes contato, e que encaminham os materiais, percebes que ela já encaminhou materiais outras vezes, falecimentos de outros familiares?** Sim, já teve alguns casos em que eu conversei com um familiar e ele me disse “ah, porque não sei quanto tempo atrás eu mandei pra Zero Hora e publicaram. Que legal, não sei o que, tô mandando de novo”. Mas foram alguns casos só assim. Já aconteceu de eu procurar o nome da pessoa ali nos nossos arquivos e aparecer que, tipo assim, ah, ele era marido de uma pessoa que tinha falecido há um tempo atrás. Daí tava ali o obituário daquela pessoa, entende? Então já aconteceu assim de eu identificar que a família já havia mandado, e também da pessoa me falar “ah, eu já mandei da minha mãe, e agora tô mandando do meu pai”, uma coisa assim.

**- Mas em grande parte dos casos eles fazem esse comentário?** Não fazem. Pode ate ser que já tenham mandado, mas a maioria das vezes não. Já teve algumas vezes que eles me falaram, me relataram isso, de ter tido, de ter mandado antes.

**- Legal. Quer falar mais alguma coisa?** Não, não. **Eu não tenho mais nenhuma pergunta. Assim está perfeito. Obrigada.**

Fonte: Entrevista concedida por Júlia dos Santos Burg

## **ANEXO B – Entrevista 2**

**Entrevista realizada em 20 de agosto de 2015, nas dependências da redação do Jornal.  
Duração da entrevista: 20min24seg**

**- Nome:** Ticiano Borges Osório.

- **Idade:** 41 anos.
- **Formação profissional:** Formei na UFRGS, na Fabico, em outubro de 96, em Jornalismo.
- **Função que desempenha no jornal Zero Hora:** Hoje eu sou editor de Sua Vida. Sou editor.
- **E começou aqui em que ano?** Em 95.
- **E desde então já passou por diversas editorias?** Basicamente, eu trabalhei quase toda a minha carreira praticamente entre Esporte e Segundo Caderno. Três passagens no esporte, três passagens no Segundo Caderno.
- **Tem o interesse de voltar para o esporte algum dia?** É que sempre me chamam de volta. Então eu volto quando me chamam de volta, não tem problema. Para o segundo caderno eu voltei menos, né?!
- **Então há uma negociação de necessidade de reposição em alguma editoria, quando já existe um conhecimento?** Sim. Uma das minhas vantagens, é que eu sou versátil. Eu trabalhei no Esporte, trabalhei no Segundo Caderno, e agora estou no Sua Vida. Nunca trabalhei muito em notícias, né, o *hard news* nunca trabalhei tanto com o *hard news*, onde eu não sou chamado, digamos assim. Mas no resto eu costumo trabalhar.
- **Como participação da seção dos obituários?** Ela não é uma participação tão ativa quanto a que o Pedro tem. Talvez vale a pena tu falar com o Pedro, porque eu trabalho de manhã, né. Eu entro de manhã no Jornal, faço mais a produção da editoria do que o fechamento da editoria. Então eu acho que vale a pena tu falar com o Pedro, porque ele participa mais do fechamento do da parte do obituário, entende?. A minha participação no obituário ela é menor, entende? É mais indireta, né. Eu geralmente eu nem leio a página, porque eu já não tô aqui na hora que a Júlia termina a página, né. É o Pedro que lê, então deixa para o Pedro, falar com ele nesse aspecto. O meu papel com o obituário é ajudar a Júlia a organizar quais são as pessoas que precisam, né, ser contempladas nesse obituário, né. Tanto as que chegam pra nós, hã, via leitor, via. Porque a gente, claro, né, o que acontece, muitos familiares procuram no jornal, hã, no jornal aquelas pessoas que são referência pra eles, né. Então pode até não se dar conta que tem o e-mail do obituário, não conhecer quem faz, então manda pra algum editor de outra área, e esse editor de outra área vem passar pra gente, né, ou entra em contato com a própria direção do Jornal, daí a direção do Jornal pede para a gente fazer esse registro, né. Tem também os mortos célebres, né, que daí esse é um acompanhamento ou por agências de notícia ou as áreas que são de quem, aquela celebridade é mais familiar, né, entram em contato com a gente pra pedir espaço ou não.
- **E tu fazes esse encaminhamento, então?** É. Eu digo pra Júlia “oh, Júlia, hoje nós temos que publicar no obituário morreu”, não me lembro exatamente quem, mas ah morreu a Bat Girl, a Yvonne Craig, então dá pra ter um espaçinho, mas não precisa ter. Eu costumo tentar orientar ela em relação a isso, né. Ah, isso é uma matéria, isso não é uma matéria, e se for uma matéria isso é página inteira, é três colunas, é meia página, é duas colunas, é só o que a gente chama de obituário normal, ou é um obituário mais gordinho, assim a gente vai.

- **Mas assim tu dimensionas a importância da morte?** É, é, é... A gente tenta dimensionar a importância. Ela te explicou que existe né um critério lá de tempo, procedência e etc, né? **Sim, explicou.** Mas com os mais célebres isso aí não pesa tanto, né, o que importa é o tamanho da, a importância em si. Não interessa se é internacional, ou estadual, ou nacional, vai depender da importância. E eventualmente, pode acontecer de ter três mortes célebres né, e a gente vai ter que ou conseguir mais espaço, ou fazer uma escolha de oh, vamos valorizar este e esses outros dois ficam menores.

- **Mas nesses casos, essa escolha sempre passa por ti?** Sim, nesses casos nunca é uma decisão tão arbitrária, salvo se fosse às dez da noite que tu tem que tomar uma decisão arbitrária e não dá tempo de tu ter um fórum de discussão, né. Mas eu sempre levo em consideração. Teve um episódio em que eram duas, duas personalidades culturais e eu disse oh Patrícia, ou eram três até, e eu disse oh Patrícia, nós vamos dar bem este aqui, né, e os outros dois a gente vai registrar menor. Teve uma vez que a gente nem pode registrar no obituário no mesmo dia.

- **Deixou para uma próxima oportunidade?** É. E até teve queixas de outras editorias. Acho que foi quando morreu Ornette Coleman. Acho que no dia que morreu Ornette Coleman morreu alguém que era importante também. Não consigo lembrar quem era. Mas o espaço que a gente tinha não era grande, e aí a gente resolveu valorizar um só e deixar para no Jornal enterrar Ornette Coleman no outro dia, né. É uma... bate bastante a discussão online e papel, entende? É aquela coisa, importante o online não pode deixar de dar. Mas no papel, o papel é finito. Não cabe. Não cabe todas as notícias que são publicadas no online não cabem em nenhum jornal do mundo, né. E a regra infelizmente se aplica também para a seção do obituário, né. Tem vezes que não tem como dar conta, tem que fazer uma escolha.

- **Há quanto tempo trabalha na seção?** Sou editor de Sua Vida desde novembro de 2014. Desde então que o obituário passou a fazer parte da minha vida. O obituário só fazia parte da minha vida quando eu tava no Esporte ou no Segundo Caderno. Ou seja, ah, tem alguém importante dessas áreas pra encaminhar ou pra gente fazer o obituário nas próprias editorias, que às vezes acontece isso também.

- **E fora disso, folhando o Jornal, quando trabalhava com outras editorias, a página do obituário chamava a tua atenção? Tu paravas pra ler?** Não. Não costumava ler.

- **E hoje?** Leio mais pelo dever do ofício, né.

- **Qual a importância de publicar a morte em jornais?** Eu reconheço a importância, entende? É uma maneira de tu preservar a memória de alguém, é uma maneira de tu homenagear uma pessoa, né, é uma maneira de, hã, é um documento histórico, não deixa de ser um documento histórico, né. Claro que nós não somos o *New York Times* para fazer os necrológios famosos do *New York Times*, né. Mas a gente procura ter essa visão respeitosa da morte de alguém. Uma opinião pessoal minha, tá. É, que claro né, isso acontece com quase todo mundo, né. A pessoa morre, só as virtudes são enaltecidas, né. Então, de uma certa forma assim, é isso, é uma condição, é uma homenagem que eu vejo o obituário, né. Eu não vejo o obituário como uma matéria sobre a vida daquela pessoa.

- **Mas isso é diferente quando é uma pessoa célebre?** Quando é uma pessoa célebre, aí já tem mais cara de matéria, porque aí as coisas são mais públicas também, né. Digamos assim, os aspectos negativos da vida de uma pessoa já se tornaram públicos, né.

- **Como os falecimentos chegam até a seção?** Tem gente que telefona, tem gente que manda e-mail. Chega de todas as formas, mas quem responde melhor sobre isso é a Júlia. Porque eu só recebo ou indiretamente ou em alguns casos, né. E geralmente os que eu recebo são isso, oh hoje morreu o cantor tal, precisamos dar, ou quando vem um pedido de um advogado importante, um desembargador importante.

- **O pedido vem da direção, de outras editorias?** Uma coisa que o obituário tem ele assim, ele é muito democrático. A gente não... tirando aquela regra lá do um mês, acho que tem essa regra, né, de um mês de intervalo assim, a gente é democrático, a gente publica todo mundo, seja pobre, seja rico, ou seja famoso, ou seja anônimo, né.

- **Como são selecionados?** Se encaixa dentro de uma democracia. É como disse, o que pesa é bom, hoje o espaço tá exímio, vai caber dos textos, três textos. Aí tem os critérios que selecionam isso. Bom, aí o que derruba critérios é a importância de um morto famoso. Aí aqueles que estavam programados podem ter que ser que fiquem para o dia seguinte, né.

- **E no processo de escrita, qualquer dúvida pode ser tirada com vocês?** Sim, deve, né. É ideal que ela tire as dúvidas.

- **Como acontece o processo de produção do obituário? E a tua participação mesmo, no processo de produção, acontece em qual momento? Com frequência?** Como eu disse, eu participo mais da produção do que do processo de produção, entende? Ou da pré-produção digamos, né, do que produção. Por isso que eu digo, acho que o Pedro é alguém que tem que entrevistar porque ele vai fazer um olhar mais crítico, no bom sentido, da entrega da Júlia, da redação e tudo mais.

- **Há alguma regra jornalística para redigir os textos?** O que, não. O que a gente recomenda é que para ela evitar que todos os textos comecem da mesma forma, né. Mas não, não vejo. É isso que eu digo assim, ele é um bom exercício jornalístico pra tu contar uma história, pra tu desenvolver, não digo um estilo, mas pra tu hã hã exercitar maneiras diferentes de construir um texto. Porque no final das contas ele tem uma estrutura, o texto do obituário ele tem que seguir um certo padrão, né. Tem, em tese a gente começa dizendo que a pessoa morreu, e do que que ela morreu. Tu pode inverter um pouco a ordem das coisas ali, mas tu não começa ah, fulano, quando tinha cinco anos, sonhava em ser astronauta e entende?. Tu não começa do fim. E geralmente a gente também deixa pro fim, por uma questão de estrutura, a informação sobre familiares, né, porque acho que é um padrão que as pessoas se habituaram, né, a procurar no fim do texto essa informação.

- **Mas seria qual tipo de informação?** Aquela: fulano deixa a viúva beltrana, três filhos, cinco netos, né. Esse tipo de informação a gente costuma trazer pro final, né.

- **Mas seria uma característica do Jornal? Uma questão editorial?** Sim, sim. Mas volto a dizer, é uma coisa que já tava assim quando eu cheguei, né.

- **Se não há uma regra clara, por mais que a gente saiba como se deve escrever um texto em padrão jornalístico, tu, como profissional, achas que o texto do obituário é um texto jornalístico?** Eu acho que ele é um texto jornalístico com aquela ressalva que eu te fiz, que dificilmente é um texto que vai trazer contraponto, né. Até porque, por uma questão de respeito, né. Eu não imagino qualquer profissional, isso que eu tô dizendo, de pessoas anônimas, né, entre aspas, né, porque com os famosos tu vai repercutir aquilo. E mesmo os famosos, geralmente quando morrem, se tornam santos, né. Mas hã, eu não imagino algum jornalista que vá ter esse desprendimento, ou até um pouco desrespeito de entrevistando o familiar de um morto perguntar: qual eram os defeitos dele?, né. No que que ele deixava a desejar? Não vai fazer essa pergunta, né. Eu digo assim, que é um exercício jornalístico de contar uma história, né. Com a importante ressalva de que é uma história que talvez não tenha conflito. Pode até ter conflito, mas não ter um contraponto.

- **Depois de pronto, o texto passa pela aprovação de algum familiar?** Não, não costumam passar. Volto a dizer, o Pedro é a pessoa mais adequada pra falar do baixamento, até porque ele tem uns meses a mais do que eu aqui no obituário, né. A minha experiência com obituário é muito pequena ainda, e eu não tô no fechamento do obituário. Geralmente eu me envolvo no obituário quando é alguém famoso e não quando são esses textos familiares.

- **No caso de pessoas famosas, já existem obituários arquivados, aguardando o falecimento?** Não, pela seção não. Essa é a questão, as outras editorias é que ficam responsáveis por isso, por esses chamados materiais de adianto, né. A gente faz mais com pessoas muito célebres, né. A gente não gosta de alardear muito, porque pode ser um pouco deselegante, né. Mas é algo que todos os jornais do mundo fazem isso, né.

- **Para estar mais ou menos preparado?** É, porque às vezes é isso, tu não pode esquecer o seguinte, ok, evidentemente que várias mortes importantes surpreendem, né. Ninguém, alguém poderia esperar a morte da Amy Winehouse, mas assim, tu não tá preparado pra aquilo, agora. Vamos dizer, tô tentando me lembrar de alguém assim, o Fidel Castro. O Fidel Castro tem material pronto, né. Algum momento...

- **Há algum tipo de cobrança para a divulgação de mortes na seção?** Não, não há. Essa é uma confusão que os leitores costumam fazer. O anúncio é o anúncio publicitário, né, que este tem um preço lá, tem uma tabela de preço, né. O texto do obituário não é pago, não é cobrado, porque a gente entende que lá, porque primeiro a gente entende que lá é um conteúdo jornalístico, por ser conteúdo jornalístico não pode ser cobrado, né.

- **E sempre foi assim? Ou em algum momento era cobrado?** Que eu saiba, sempre foi assim, porque Zero Hora, desde que eu entrei na Zero Hora pelo menos é isso. O conteúdo jornalístico nunca é cobrado, né. Assim como no roteiro de atrações culturais não cobra do divulgador, ou do artista, pra que saia o tijolinho com o textinho da atração. Agora um anúncio, ah, eu quero botar um anúncio de coisa, daí é cobrado.

- **A seção tem espaço limitado no jornal? Se sim, como é organizada?** É, é Pedro. Porque o espelho do, o espelho de anúncio do obituário ele não, ele não fecha no mesmo horário que o espelho todo do Jornal. Fecha mais ao fim da edição, é.

- **Há quanto existe a seção de obituários no jornal Zero Hora?** Não sei. Não, eu não sei como que é. Eu acho que ela já existiu, deve ter dado uma parada uma época e depois voltou, porque ela não tá, não tá todos esses 51 anos da Zero Hora ininterruptos. Eu acho que houve um período em que parou. Quem pode saber isso melhor, é a Letícia Coimbra, que é da CDI, que é o nosso Centro de Pesquisa. Talvez ela saiba isso.

- **Com o tempo, houve alguma mudança na forma de selecionar as mortes, escrever os textos ou publicá-los? Percebeu alguma alteração desde que trabalha no Jornal ou na editoria?** Eu acho que tá com a mesma cara há um bom tempo, acho.

- **Há a ideia de mudar alguma coisa?** Não. Obituário é uma seção bem clássica do Jornal, né. Nunca chegou nenhuma queixa também, ah é ruim de ler, é difícil, etc. Acho que algumas coisas que, mas que também talvez a Letícia seja uma fonte melhor pra ti, é a questão das fotos, porque eu acho que houve um tempo que não tinha as fotos.

- **Tem mais alguma coisa que tu queira acrescentar?** Não, não. Acho que é isso. E qualquer dúvida, pede. **Então muito obrigada.**

Fonte: Entrevista concedida por Ticiano Borges Osório

### **ANEXO C – Entrevista 3**

**Entrevista realizada em 20 de agosto de 2015, nas dependências da redação do Jornal. Inicialmente, ela não estava prevista. Como o editor Ticiano indicou que falasse com Pedro sobre situações de fechamento do veículo, decidi também entrevistá-lo. Duração da entrevista: 9min53seg.**

- **Nome:** Pedro Wendel Moreira

- **Idade:** 32 anos.

- **Formação profissional:** Jornalista.

- **E onde formou?** PUCRS.

- **Em qual ano?** 2009/2

- **Desde quando trabalhas no Jornal?** 2007.

- **Qual foi a primeira função?** Entrei como estudante e depois fui repórter e agora sou editor.

- **Função que desempenha no jornal Zero Hora:** Editor do Sua Vida.

- **Como participação da seção dos obituários?** Eu faço a revisão final dentro da editoria dos textos que a gente vai publicar.

- **Há quanto tempo trabalha na seção?** Na editoria? Desde agosto do ano passado. Antes eu fui repórter de esporte, repórter de Copa do Mundo, fui repórter de geral, produtor de geral, passei por muito lugar dentro do Jornal.

- **Qual a importância de publicar a morte em jornais?** Eu acho que é um serviço que o jornal faz, presta, que é relevante socialmente. Eu acho que sim, que é importante. Não tem como se ter um, não tem como ter uma peneira pra publicar. É bom porque não tem, praticamente não existe uma peneira de relevância das pessoas enquanto vivas, assim. Então a gente pode publicar tanto a pessoa que foi pedreiro durante a vida inteira e que mesmo assim era uma pessoa muito querida na comunidade, ou que tinha enormes serviços prestados à comunidade, e pessoas que a gente nunca ia notar se não chegasse até a gente.

- **Como os falecimentos chegam até a seção? Algumas pessoas encaminham diretamente para ti?** Eventualmente sim, pra mim, pro Ticiano. Eventualmente pro Nilson Vargas, eventualmente pro Nilson Souza, eventualmente pra qualquer outra pessoa do Jornal. Então o fato de eu ser editor ali não diminui, é. Por eu ter meu nome ali no Jornal que eventualmente alguém encaminha pra mim.

- **E as maneiras mais tradicionais?** Telefone e e-mail.

- **Desde que tu está na editoria há uma atenção ao obituário? Lê ele quando está em casa?** Mas eu leio ele aqui já.

- **Mas quando está no descanso, no domingo, ou em um sábado, tu lê?** Não.

- **E antes de estar na editoria, quando trabalhava com esporte ou geral?** Não lia.

- **Como são selecionados?** Eles são responsabilidade da Júlia, mas eventualmente quando eu tenho algum pedido de uma morte importante ou de uma coisa que passa pela gente, que a gente define, eu e o Ticiano, ou o próprio Jornal define.

- **Como acontece o processo de produção do obituário? Como tu participas dele?** Sobre dúvidas de textos e conteúdos, a Júlia consulta a mim, eu consulto ao Ticiano ou algum outro editor da editoria.

- **E essa é a tua participação na produção do conteúdo?** Na produção do conteúdo? Sim, a produção do conteúdo é toda dela, nós fazemos a edição do conteúdo.

- **Mas se há uma dúvida nesse sentido durante a produção?** Aí ela nos questiona. Claro, ela nos questiona.

- **Há alguma regra jornalística para redigir os textos? Como assim regra jornalística? Lead, pirâmide invertida...** Não. No obituário é o nome da pessoa, quando ela morreu, do que que ela morreu, idade, basicamente isso. Não tem uma, é um padrão, é um estilo, não é uma regra jornalística, nem uma norma jornalística. É um estilo. Óbvio que dependendo, o Lead sempre vai ser fulano de tal, morreu dia tal, tinha tantos anos. Isso varia um pouquinho dentro desse primeiro parágrafo. Sofria de tal coisa e aí se conta a vida dele e depois se coloca onde vai ser a missa, onde é que vai ser o sepultamento.

- **Então segue um padrão?** É um padrão. Que pode ser invertido, dependendo se tem o um conteúdo interessante pra subverter isso, pode subverter.
- **Então há um espaço pra mudanças?** Há um espaço pra mudanças.
- **Depois de pronto, o texto passa pela aprovação de algum familiar?** Sim. Às vezes por telefone, às vezes a obituarista liga pro familiar pra obter a aprovação dele.
- **E isso acontece só quando eles solicitam ou é comum?** É comum.
- **No caso de pessoas famosas, já existem obituários arquivados, aguardando o falecimento?** Como assim? A gente recebe o material. **Mas falo de pessoas famosas...** Ah, o Jornal tem, pré-pronto, é que tem níveis de pessoas famosas, né. Pessoas muito conhecidas o Jornal tem algumas pessoas que têm no seu arquivo, que já têm as páginas desenhadas, os textos prontos pra quando elas morrer.
- **Então no caso de famosos há...?** Não, é que não é bem famosos, é pessoas com relevância. Sim, pode ter. Isso em casos super expoentes do Brasil quanto do estado o Jornal tem.
- **Há algum tipo de cobrança para a divulgação de mortes na seção?** Não há, porque é um espaço jornalístico. Não se mistura jornalismo com comercial.
- **Tu vêes o obituário como um serviço de utilidade pública?** Como eu disse, eu vejo como uma utilidade social. Ou um serviço.
- **A seção tem espaço limitado no jornal? Se sim, como é organizada?** Tem uma ordem pré-estabelecida que é assim: se tem alguma pessoa que é mais relevante que merece receber uma matéria no obituário, óbvio que essa pessoa vai sair numa matéria, que daí já é com título, linha de apoio. Isso acontece quando tem um morto mais importante, digamos assim. Hã, por exemplo, morreu alguém, algum artista, quando morre alguém de mais relevância, tá, um ator famoso, daí recebe ali uma matéria. Não uma matéria muito grande, mas uma matéria. E daí segue os obituários. Quando não ocorre isso, normalmente a ordem das coisas é as pessoas aqui do Rio Grande do Sul e daí deixa pro final pessoas famosas, entre aspas, que não mereceriam uma matéria, entendeu? Tipo a atriz que fez a Batgirl no seriado antigo do Batman. Ela foi lá pro fim, porque o mais importante é o da, se existe uma orientação, que primeiro se dá para as pessoas que entram em contato, as pessoas que são daqui, e tal.
- **Há quanto existe a seção de obituários no jornal Zero Hora?** Ah, não sei te dizer.
- **Com o tempo, houve alguma mudança na forma de selecionar as mortes, escrever os textos ou publicá-los? Podemos voltar essa pergunta ao tempo em que tu estás trabalhando na seção.** Com certeza já houve mudanças nos textos.
- **E qual seria a mudança?** Ah, não sei te dizer. Isso varia de texto para texto. Eventualmente, às vezes é uma coisa de estilo, às vezes de problema de organização de ideias, mas é uma questão mais de estrutura, né.

- **Mas antes se usava um estilo e agora se adota outro?** Não. Existe um estilo básico, existe um estilo básico, que é seguido até hoje. Eventualmente há uma mudança, de acordo com a demanda, ou de acordo com o que é possível fazer.

- **Há mais alguma coisa que tu achas relevante para os obituários?** Não. Acho que é isso. Acho que as perguntas estão corretas. **Então está bem. Agradeço.**

Fonte: entrevista concedida por Pedro Wendel Moreira

#### **ANEXO D – Entrevista 4**

**Entrevista realizada em 23 de agosto de 2015, nas dependências da redação do Jornal.  
Duração da entrevista: 26min45seg**

- **Nome:** Mariana Fritsch

- **Idade:** 21 anos.

- **Formação profissional:** Eu tô cursando Jornalismo.

- **Onde?** Na PUCRS, aqui de Porto Alegre.

- **Desde quando?** Desde há, início de 2013.

- **Qual a tua pretensão de fim de curso?** Então, como eu tô, acabei atrasando várias matérias desde que eu entrei aqui no grupo, pra conseguir dar conta bem. Eu deveria me formar final do próximo ano, mas eu acredito que vá levar ainda mais meio ano pra formar.

- **Função que desempenha no jornal Zero Hora:** Então, há, eu já, eu fui, não sei se quer saber, eu entrei aqui na verdade como estagiária do Grupo RBS, em julho do ano passado. Mas eu, e aí eu, depois de nove meses, surgiu uma vaga na Zero, eu fui indicada pela minha gestora antiga, e daí eu fui contratada na Zero mesmo, como assistente de conteúdo do Bem Estar, que é um site dentro do Caderno Vida, digamos assim. É meio difícil de explicar, é mais fácil de falar que eu sou assistente do Sua Vida, porque eu também faço matérias pro Sua Vida. Às vezes surge uma do dia assim, que é mais *light*, que não necessita não de um repórter, por exemplo, né, que cabe a mim, daí eu posso fazer. Mas eu trabalho basicamente produzindo conteúdo sobre saúde.

*A entrevista é interrompida por Humberto Trezzi, que é jornalista e atua no Grupo como repórter especial. Ele havia desocupado a sala de entrevistas e, por isso, nos avisou que estava liberada, com a intenção de que conversássemos nela. Mariana disse a ele que não era necessário.*

**- Então tu acabas sendo assistente de conteúdo, produzindo essas matérias. E tu chegas a ir para a rua, fazer matérias de rua?** Já fui, já fui. Mas assim, as matérias basicamente na rua a gente vai pra fazer, eu vou, basicamente pra fazer vídeo. Que a Zero tá trabalhando muito com vídeo e então às vezes a gente faz uma matéria assim, muito legal, entrevista por telefone, e ah, vamos fazer vídeo. Daí eu pego e vou com o repórter. Até vídeo de outras repórteres que eu precisam de ajuda eu vou, sabe, eu saio também.

**- Mas tu participas, por exemplo, da tomada de imagem? Faz algo de imagens?** Faço roteiro, coisas, algo bem do tipo. Mas não é nada assim, tipo, tem vídeos mega elaborados. Eu já sou só uma assistente. Mas eu fico basicamente com o site. O site do Bem Estar, Vida, Caderno Vida. Eu já tô fazendo algumas matérias pro Vida também, sabe. Tudo a gente vai crescendo. Comecei só com até mesmo o site, ali, pegar de agência, colocar no site, mas agora daí depois de um tempo comecei a fazer as minhas próprias matérias. Hoje eu acho que, tipo, de matéria própria mesmo, eu já fiz quase 30 assim, desde abril, que eu tô aqui. Mas a gente trabalha muito com agência também e, por exemplo, releases que a gente pega, arruma e coloca, sabe.

**- Então para que eu entenda, no teu estágio, quando tu fez estágio no ano passado, não tinhas ligação com a editoria?** Não. Eu fiz estagio na Comunicação Corporativa do Grupo RBS, que é no prédio do lado. Eu era, eu trabalhava na assessoria. E daí trabalhei, e daí primeiro com assessoria e depois comecei a trabalhar com redes sociais. Então eu fiz de tudo um pouco lá. E depois surgiu essa oportunidade, que era o que eu sempre quis.

**- Como participação da seção dos obituários?** Eu participo um domingo sim e um domingo não, que na verdade eu sou a substituta da Júlia, assim, que é a obituarista mesmo, né. Então um domingo sim e um domingo não eu substituo ela. Porque no domingo geralmente, geralmente não, sempre a gente não trabalha na nossa área mesmo, né. Então, e como a vaga de obituarista é para assistente, fechou uma coisa com a outra.

**- Há quanto tempo trabalha na seção? Auxilia nos obituários?** Olha, na verdade eu entrei antes da Júlia aqui, mais ou menos um mês antes dela. Então, né, nesse tempo que eu entrei, desde o dia que eu entrei até o dia que a Júlia entrou não tinha obituarista. Então eu também fazia obituários, tipo em dia de semana. Mas eu comecei a ajudar ela desde, desde que ela entrou, por volta de maio, mais um menos, um mês depois assim que eu entrei ela entrou. Antes a gente revezava ali.

**- Qual a importância de publicar a morte em jornais? Tanto nos obituários como em outras editorias?** Acho importante. Tu falou em diversas publicações, né. Então eu acho importante, principalmente porque assim, morreu um famoso tu tem que dar a notícia, né, faz parte do jornalismo tu falar que fulano morreu, uma pessoa conhecida principalmente. E aí e geralmente quando é uma pessoa mais famosa, que é mais relevante assim no mercado de

enfim, na mídia, geralmente sai em *hard news*, né. Assim, tem várias matérias sobre sei lá, que morreu aquele sertanejo famoso. Eu acho importante sim, as pessoas precisam saber. Mas, hã, e também indo agora na questão do obituário assim, eu não diria assim que seria fundamental, entendeu, na minha, meu ver. Eu não acho fundamental, tem que ter. Mas eu acho um serviço importante. Porque por exemplo, eu sei de muita gente que ficou sabendo de um colega, um colega antigo, um amigo de muitos anos através do obituário, entendeu. Embora a gente não possa colocar às vezes todo mundo que nos manda, é um serviço importante, eu acho, sabe. Não fundamental, mas importante.

- **Como os falecimentos chegam até a seção?** Então, hã, geralmente eu, chega por feed, como é o caso do irmão da Elba Ramalho. Até tu viu, achei estranho não chegar muitos por *feed*, mas chega nesse caso. Por e-mail, o e-mail do obituário, pra onde as pessoas mandam, é gratuito e, hã, eu também pego às vezes, quando falta espaço, de outros jornais do Grupo, coisa que não saiu no nosso ainda, e também às vezes as pessoas ligam pra redação, “ai, não sei o que, queria botar no obituário fulano de tal. Atah, vou passar para a Mariana que é a obituarista do dia”, e a gente faz a entrevistinha, mas é basicamente isso, as pessoas chegam até nós. Claro que às vezes a gente também vai atrás das pessoas em casos específicos.

- **Com esses falecimentos em mãos, como tu seleciona quais serão publicados?** Então, a gente dá preferência sempre para aqueles que mandam por e-mail, por pessoas mesmo assim, e claro que famosos. Antes de pessoas assim do e-mail, pessoas comuns, a gente dá preferência a pessoas famosas. Por exemplo, morreu esses dias um ditador do Chile, bem famoso, a gente fez até matéria, né, naquele formato que tu já deve conhecer.

*A entrevista é interrompida mais uma vez, com a passagem de um colega, o jornalista Erik Farina. Mariana acha diferente o copo com café que ele segura com as mãos, dá oi e o questiona sobre isso. Depois, segue a entrevista com a resposta da última pergunta.*

E antes de pegar de outros jornais, sair catando, a gente dá sempre preferência para o que mandam por e-mail do que vem até a gente. E desses que a gente tem pronto assim, de e-mail, a gente dá preferência pela data do falecimento. A gente leva em consideração também, que dia vai ser a missa de sétimo dia, ah, tem um que a missa vai ser amanhã tem que ser dado hoje, então. Outro que já passou, tá então não tem importância porque isso vai fazer diferença na vida das pessoas se elas souberem que já passou a missa, entendeu?. Sempre a gente tenta ponderar essas coisas também, e até a relevância da própria pessoa na cidade onde ela morava, enfim.

- **Como acontece o processo de produção do obituário?** Não, então, a minha organização no caso é assim: eu pego, eu dou uma olhada geral, tipo eu começo olhando o *feed*, o *feed*, coloco lá morte, obituário, busco por palavras chave e olho o *feed*. Aí depois eu vou pro e-mail e no momento que vai surgindo mortes, no caso, tipo geralmente a Júlia já deixa em *obit sobra* pra mim o que sobrou, o que não foi usado. Então já, tipo olho primeiro aquilo já pra ter uma ideia. Aí eu vou pro *feed*, aí eu vou até pro site da Zero Hora, que às vezes não sai no *feed*, mas sai outro famoso no site, e por último vou pro e-mail. Por último não. Daí eu vou pro e-mail e por último os jornais. Mas cada etapa eu vou, os mortos que eu vou achando, que eu acho que vão no obituário eu vou pegando e colocando no *obit sobra* com as informações

que eu tiver e separando pra depois organizar. Mas é basicamente isso, eu olho o *obit* sobra, depois vou pro *Feed*, site, pra ver o que entrou, e depois o e-mail e depois assim, nos últimos casos os jornais.

- **Há alguma regra jornalística para redigir os textos?** Então, hã, a gente tem regra, pelo que me ensinaram. A gente tem algumas regras em relação à gramática, por exemplo, eu, eu lembro dos meus primeiros obits (obituários) usava, tipo, eu sou muito adepta do jornalismo literário, tu já deve ter percebido. Sabe uma coisa que me incomoda sempre ter sempre ali morreu tal, dia tal e é isso. Não, eu acho que atrai muito pro texto as pessoas lerem uma historinha, tipo começar com um *Lead* diferente. Por isso, que não me ensinaram nenhuma regra, “não, Mariana, tu não pode começar com jornalismo literário, tu tem que lá começar com morrer e dia tal e tal”. Nunca me ensinaram isso, tanto que eu já usei e já jornalismo, não sei de dá pra falar jornalismo literário, enfim, em várias outras ocasiões e ninguém falou nada. Então pensei tá, tá permitido. Arrisquei, deu certo e foi permitido. Mas o que acontece, quando é pra falar, sei lá, Maria morreu, tu não usa Maria foi pro céu, Maria... Aí eu quero dizer que nesses casos o jornalismo literário não entra, entendeu?. É sempre morre e é isso. Não existe foi pro céu, bateu as botas, fechou o olho, sabe, deu o último suspiro. É morreu. Mas aí tu pode usar vários, é permitido tá usar vários elementos, como tu quiser, mas não, eu, nunca me ensinaram nenhuma regra de estrutura. Mas tem aquela regra das perguntas que precisam tá basicamente respondidas, né, que é tipo quando morreu, onde, missa de sétimo dia, sepultamento. Em muitos casos, não sei se a Júlia já te mostrou ali a listinha que a gente tem? **Não, isso acredito que não.** Assim, eu posso até te falar, a gente tem uma listinha, uma listinha não, um guia que a gente usa pra, por exemplo, pra nos guiar na questão de que perguntas fazer pra um parente de um morto.

- **E também quais informações não podem faltar?** Exatamente. Só que assim, é uma lista que vai até o dia que a pessoa nasceu, que muitas vezes, sabe, não faz diferença. Mas, por exemplo, a gente tem os principais: morte, o obituário da pessoa, o dia que ela morreu, onde, cidade, e daí todas essas informações, tipo de sepultamento, missa de sétimo dia, quando tem, a causa da morte, muitas vezes o parente não revela, não quer revelar, sabe. Mas a gente sempre pede, se quiser colocar. Idade é fundamental, hã, familiares que ela deixa. A gente sempre tenta falar um pouco sobre a profissão dela, a carreira, e sobre os gostos pessoais, atividades e *hobbies*. E o resto é tudo, basicamente é isso, mas o resto é tudo tipo o nome dos pais, dia do nascimento, de onde ela é natural, conhecer um pouco da história dela.

- **Esse guia foi elaborado pelo pessoal da editoria?** Olha, quando eu entrei, a outra obituarista, antes da Júlia, tinha me falado “ah, Mari, a gente pensou numas perguntinhas aqui”. Eu não sei te dizer quem elaborou, mas isso já vem de tempo. Mas, se tu for ver, nem todos seguem assim. Claro, sempre tem nome e sobrenome, idade e dia que morreu e tal, mas tem muita coisa que falta também.

- **E pode surgir algo diferente, alguma curiosidade, antes do contato?** Exatamente. Porque assim, como nunca é seguido todas as informações, também nunca tem só essas informações. Às vezes não tem umas, mas tem outras, tipo assim, uma historinha. Não é uma regra, só um guia.

- **Depois de pronto, o texto passa pela aprovação de algum familiar?** É tipo uma regra tu encaminhar pro familiar.

- **E essa regra foi repassada a ti, assim que começou a fazer os obituários?** Falaram pra mim que é necessário passar. Mas como eu já comentei contigo, às vezes a pessoa não atende, mas daí, tipo, tudo tu tem que levar em consideração. Por exemplo, tem a questão de tá, é um texto que tu modificou bastante, que assim, eu pelo menos nunca, nunca, nunca assim lembro de ter colocado um texto que a pessoa mandou, tipo, dá *control c* (Ctrl + C), *control v* (Ctrl + V) e mudar algumas coisas. Eu sempre refaço todo ele, porque eu gosto de colocar no padrão Zero Hora, sabe. Várias pessoas mandam textos muito bons, dá pra aproveitar, mas, sabe, eu me sinto mais segura. E acho que fica melhor também. Mas tem aqueles casos tipo, tá, a gente não mudou muito, não mudou nada no texto, e o que a pessoa falou a gente não mudou nada, e a pessoa tipo não tá atendendo o telefone, não tá respondendo e-mail, tá, vamos, vai sabe. Mas tem também aqueles casos que ah, a agente mudou bastante coisa, reformulou todo o texto, e a pessoa não atende, não dá sinal de vida, vamos, se tiver mais obituários, deixa pra amanhã, tentar contato de novo com a pessoa. Mas se não tem obituário, tá, vamos arriscar. Mas assim, é inútil, sabe, a gente sempre tenta contato, nem que seja, tipo, ligar pra pessoa e falar “tu não pode abrir e-mail, mas eu vou ler pra ti, tá?”. Eu já, eu já li vários textos. Que nem aquela mulher, a senhora que queria vir aqui ler, sabe. Graças a Deus a máquina dela funcionou.

- **E nesse contato com o familiar, tu usas de alguma forma para tentar não agredir, ir com mais “jeitinho”?** Tu pensas algo antes desse contato? Tipo, como, ah, a pessoa tá de luto, então eu sempre levo em consideração isso. Embora às vezes o familiar tenha morrido há um mês atrás, sempre considero, sabe, a pessoa tá de luto. Então uma coisa que eu tento não fazer, mas às vezes eu faço, é, por exemplo, eu tenho muito a mania de chegar “oi, tudo bem?”, eu tento “Oi”. Que tipo eu tento, não tudo bem, se a pessoa tá de luto não tá tudo bem. Às vezes sabe eu tento cuidar pra não. Mas tipo aquele moço, o Alexandre, que tu acompanhou eu ligando pra ele, que tava mega feliz com a morte da sogra. Parecia, pelo menos. Tipo, eu não me senti constrangida de falar, tipo “Oi, Alexandre”. E eu também tipo não chegar toda feliz, tipo “Oi, tudo bom, e aí?”, eu tento sempre ser “Oi, é a Mariana, da Zero Hora, eu recebi seu contato”. Eu tento sempre ser muito séria. E, mas assim, até na questão de perguntar, eu pergunto tudo o que precisa, mas eu nunca pergunto, por exemplo, “ai, ela morreu de quê?”, eu sempre peço “ah, tu poderia me informar a causa da morte”, sabe. Se não tem problema se a gente divulgar esse dado, eu sempre tento cuidar disso também.

- **E geralmente as pessoas querem que divulgue o motivo da morte, ou tem alguns que não gostariam?** Então, muita, algum é dificilmente as pessoas não divulgam. Tipo, geralmente é quando, é tipo quando ah, foi assassinato, sabe. Nunca me chegou esse momento, de ter que passar por isso, mas eu acredito que nesses casos as pessoas não divulgam. Acho que teve que não foi divulgado, que a pessoa não quis divulgar, porque realmente não sabia, não tinha certeza, que pensou tá, não vou divulgar pra não, melhor não falar nada do que dar a informação errada, sabe.

- **Geralmente as mortes que chegam são de pessoas mais idosas? Já chegou a ter algum de uma pessoa jovem que morreu de uma forma trágica?** Olha, eu já tive, eu já fiz,

obituário já de pessoas mais novas. Não lembro de ter feito de jovem, tipo, até os 30 no máximo. Mais de pessoas assim, de 30 e 40, mas também não lembro se foi de forma trágica. Acho que eu tive sorte, de nunca ter pego alguém assim de, sei lá, caiu de um prédio. Eu acho que é tudo causas naturais, a maioria foi causas naturais, acidente, de acidente não, doença, infarto, câncer também, sabe. Geralmente são coisas que as pessoas já estavam passando por um tratamento, sabe.

- **No caso de pessoas famosas, já existem obituários arquivados, aguardando o falecimento?** Não. Assim, o que eu posso te falar, eu particularmente não tenho nada, assim, sabe. Até porque, como eu não sou obituarista mesmo, tipo, é, por exemplo, eu vou dar o exemplo do Paulo Santana, ele tá muito mal no hospital, não precisa colocar isso, né, mas é um exemplo pra tu entender. Então, e nesses casos, a Zero Hora, eu não sei dizer que editoria, não sei te dizer quem, nem onde, nada, como faz. Mas sei que nesses casos eles já deixam a biografia da vida da pessoa, por exemplo. O obituário, pra dizer. Tá, ele morreu dia tal, horário tal, disso, e daí sempre vai aquele texto de quem era a pessoa. Isso eu sei que as pessoas fazem, de pessoas mais velhas, pessoas que já tão doentes. Ah, sei lá, a Dilma foi internada com o câncer gravíssimo, tá na. Daí as pessoas vão lá e já deixam pronto. É, isso eu sei que tem. Não sei dizer com certeza, mas eu já ouvi falar muito disso.

- **Há algum tipo de cobrança para a divulgação de mortes na seção? Tu diz cobrança? Cobrança para divulgar o obituário...** Ah, entendi. Cobrado tu diz assim, cobrado no sentido pra sair? **De valores...** Ah, entendi. Entendi que fosse o meu chefe me cobrando aqui. Então, hã, sabe que eu vou ser bem sincera, é uma questão que eu ainda não entendi por que. Não sei se sabe, mas quando é nota de falecimento é cobrado, até onde eu sei. Não posso dizer isso com certeza. Talvez, não sei se tu já chegou a conversar com o pessoal sobre o anúncio.

- **Pelo que ouvi falar ele é cobrado.** E o obituário, não. E muitas pessoas, muitas pessoas mesmo, não mandam porque acham que é cobrado, embora tenha lá no rodapé da página “enviar para o e-mail, é gratuito”. Muitas pessoas acham que é cobrado e não mandam por isso. E até assim, eu já peguei vários casos de pessoas que mandaram obituário, geralmente de pessoas mais ricas, mas tipo, de pessoas que pegaram o obituário, mandaram o obituário e na entrevista “Tá e como é que eu faço pra pagar vocês? Quanto é que sai?”. E eu não, imagina, não é cobrado valor nenhum, sabe. E as pessoas “atah, que bom, melhor”. Mas eu não sei te dizer, assim, porque não, mas eu acho, olha, eu acredito que seja porque é um serviço mesmo. É um serviço, que tu dá assim pras pessoas. Porque as pessoas, como eu te falei assim, eu descobri que as pessoas gostam de ler obituários, sabe. Pessoas leem isso. Então por ser um serviço, como todos os outros serviços do Jornal, sabe. Hã, por isso não é cobrado. Eu acredito que seja por isso.

- **A seção tem espaço limitado no jornal? Se sim, como é organizada? Alguma morte tem prioridade?** É, a prioridade é sempre aquela, como eu te falei, de ir pra página de famoso, e-mail, também levo em consideração o dia da missa, que vai ser, quanto tempo a pessoa morreu. Geralmente a gente procura, nos últimos, últimos casos mesmo a gente pega alguém que morreu um mês antes da publicação. Mas tipo é muito difícil. Eles falam, pedem pra não fazer isso. Mas, geralmente até um mês e assim eu seleciono, pra ir pra página assim, eu

sempre tento colocar na ordem da página primeiro, mas tipo, não é nada que me falaram, “ah, Mariana, tem que ser assim”. É tudo coisa que eu fui descobrindo, apreendendo com o tempo, que dá certo. É pegar pessoas, vamos dizer assim, os mais famosinhos, os obituários maiorzinhos, com foto, com os mais relevantes, até com a história mais bonita, sabe. O obituário mais bonito vem primeiro e deixa por fim tipo aquele de lá do Pioneiro, que morreu, sei lá, um motorista de um empresário, que não tem muita história, a família também não quis divulgar muita coisa, tem dois parágrafos, sabe, não tem foto, nada.

- **Sem fotos têm preferência pra ficar pra depois?** É. Até hoje eu tô com o pepino da dona Josephina lá, que eu queria botar primeiro por causa do texto, mas não tem foto da “véia”. Aí não sei o que eu vou fazer, mas tenho que pensar.

- **Há quanto existe a seção de obituários no jornal Zero Hora?** Ah, isso eu não sei.

- **Com o tempo, houve alguma mudança na forma de selecionar as mortes, escrever os textos ou publicá-los?** Não, muita mudança eu notei. Eu entrei assim, muito, a gente quando, eu entrei muito segura e eu sou uma pessoa muito segura logo, assim. Então eu notei que eu fui amadurecendo o meu texto, eu fui aprendendo o que pode e o que não pode. Por exemplo, eu comecei o meu texto bem duro assim sempre, sabe. Tipo como eu te falei, aquela coisa bem tradicional de morreu, deixa familiares e ponto, e a missa de sétimo dia e tal. E no momento que tu vai conhecendo o processo e se conhecendo e organizando o teu tempo, sabe. Tu, eu comecei a testar vários outros formatos e eu fui vendo que foi aceito, foi começando a ser aceito trabalhar assim, tipo, colocar tipo, trocar a ordem, não necessariamente colocar a hora que a mulher morreu em cima, talvez colocar no segundo parágrafo isso e colocar lá em cima se ela era uma pessoa legal ou não, sabe. Eu fui testando e fui vendo que dá certo. Então comecei a, eu amadureci muito o meu texto, a minha forma de escrever, agilidade também agilidade depois que eu aprendi a ordem, como é que tem que ser. Tudo nessa questão de aprender tu te organiza, sabe. O horário também. Os meus primeiros obituários eu fechava em cima, sabe. Até na hora de editar, eu notei que os meus primeiros, que as minhas primeiras páginas eram cheias de erros, assim, e agora tipo até a última que eu fiz, a minha última página tinha tipo três erros. Então isso tudo a gente vai aprendendo, vai crescendo e amadurecendo.

- **Mariana, tem mais alguma coisa que tu acha que é interessante para os obituários?** Deixa eu ver. Eu falei da listinha, né. Eu acho que é praticamente isso. Eu acho que isso é o mais importante, assim. E eu acho que tu perguntou tudo o que tu deveria saber, assim. **Então está bem, muito obrigada.**

Fonte: entrevista concedida por Mariana Fritsch

## Obituário

**Marisa Kley Pezzini**



Morreu em 13 de agosto, aos 70 anos, Marisa Kley Pezzini. Nascida em Santa Maria, em 1945, morava na Capital havia 50 anos.

Ela deixa o marido, Vicente Pezzini, com quem era casada desde 1972, os filhos gêmeos, Tiago e Sabrina, e o genro, Sérgio Pereira.

Marisa se aposentou como auditora fiscal da Receita Federal. Segundo os colegas de trabalho, suas principais características eram a amizade, o coleguismo, a ética e a seriedade. Demonstrava também conhecimento e capacidade.

A aposentada tinha como hobbies fazer tricô e crochê. Também gostava de passear, estar com os amigos, viajar, e veranejar em Balmério Camboriú (SC).

Batalhadora, conseguiu realizar muitos sonhos, segundo os familiares. Deixa diversos amigos e a lembrança de sua alegria e bondade.

Uma missa em homenagem ao sétimo dia de sua morte será realizada amanhã, às 18h, na Igreja Santa Teresinha (Avenida José Bonifácio, 645, Bom Fim, Porto Alegre).

**Paulo Nunes Gomes**



O advogado Paulo Nunes Gomes morreu em 13 de agosto, aos 74 anos, no Hospital Moínhos de Vento, em Porto Alegre. Seu corpo foi sepultado no Cemitério São Miguel e Almas.

Natural de Santiago, Paulo era filho de Pedro Sales Gomes e Anália Nunes Gomes. Em 1963, mudou-se para Bento Gonçalves, na Serra, onde foi sargento da Brigada Militar. Em 1968, fixou residência em Porto Alegre. Trabalhou como sargento na Justiça Militar e se aposentou como oficial judicial.

Formado em Direito pela PUCRS, montou o escritório de advocacia Gomes & Possebom, em Canoas, após a aposentadoria. Paulo trabalhou até dois anos antes de morrer.

A mulher, Remy Terezinha Sartor Gomes, conta que o marido era um homem dinâmico e correto. Gostava de praia e de ter muitos amigos, e fazia parte da maçonaria.

Além da companhia, ele deixa os cunhados, Remy, Dolzir e Vanir, e os sobrinhos, Felipe, Alexandre e Vanderlei Sartor.

**Pedro Menendez Ribeiro**



Em 7 de agosto, morreu Pedro Menendez Ribeiro. Ele estava hospitalizado no Hospital de Caridade de Santa Maria.

Pedro nasceu em 18 de setembro de 1956, em Santana do Livramento, município onde morou durante toda a vida. Casado com Geneci Lemos Ribeiro, teve dois filhos: Leandro e Leonardo.

Iniciado na maçonaria em 1994, na Loja Caridade Santanense, Pedro alcançou o grau de mestre maçom em 1997. Ocupou várias funções na administração da loja. Em 2010 e 2011, foi eleito venerável mestre - cargo de presidente da instituição. Ele ainda alcançou o 33º grau filosófico do Rito Escocês Antigo e Aceito, sequência de estudos da maçonaria.

Era contador na Unimed e professor universitário no curso de Contabilidade da Universidade da Região da Campanha (Urcamp).

Marido amoroso e pai zeloso, tinha como características a dedicação ao trabalho e ao estudo. Segundo familiares, Pedro jamais levantava a voz e estava sempre disposto a ajudar quem precisasse.

**Odette Rosa Skrebsky**



A dona de casa Odette Rosa Skrebsky morreu em 25 de julho, aos 95 anos, por complicações causadas por uma pneumonia. Ela estava internada no Centro de Terapia Intensiva do Hospital de Caridade de Santa Maria.

Odette era viúva havia 39 anos de José Rodolpho Skrebsky, com quem foi casada por mais de 30 anos. O casal teve três filhos: Rejane, José Odelmo e Lenice. Ela também era avó de sete netos e tinha nove bisnetos.

A filha Rejane conta que a mãe adorava fazer tricô.

- Ela fazia tricô sempre que podia. Até dois anos atrás, era mais constante. Depois, foi parando. Além do tricô, ela gostava muito de viajar. Aos 79 anos, viajou sozinha em uma excursão para Jerusalém, para conhecer a Terra Santa. Quando voltou, não parava de contar da viagem. Ela adorou. Na minha adolescência, também viajamos muito juntas, e foram os melhores momentos que passei ao lado dela.

Aos olhos da filha, Odette era uma pessoa que gostava muito de

passear, mas que também tinha gosto por ter a família por perto.

- Ela era uma mãe muito dedicada, companheira mesmo. Ajudou a criar todos os netos e era uma pessoa muito família. A vontade que ela tinha de viver era algo muito perceptível. Uma pessoa independente, que não gostava de ficar pedindo ajuda aos outros. Estávamos sempre juntas. Ela era uma pessoa incrível - finaliza Rejane.

### Anna Leopoldina Faes Peters

Em 12 de agosto, morreu Anna Leopoldina Faes Peters, em decorrência de septicemia, no Hospital Conceição, em Porto Alegre. Ela tinha 92 anos.

Anna nasceu em 22 de agosto de 1922, em Gramado. Viúva de Júlio João Peters, dedicou sua vida à família - após criar os filhos, ajudou a cuidar dos netos.

Era exímia cozinheira e tinha prazer em servir pratos italianos. Com seus irmãos, falava o dialeto de Trento, cidade da Itália de onde veio a família. Também dominava o alemão. Ela contava que havia aprendido o idioma com a avó materna, que a criou até os sete anos.

Anna teve quatro filhos: Olinda Isabel (*in memoriam*), Ana Celeste, Júlio João (*in memoriam*) e Thaís Elisabeth. Deixa também irmãos, genros, netos e bisnetas.

As informações publicadas nesta seção são gratuitas e devem ser enviadas à Redação com nome, endereço, número da identidade do remetente e telefone para contato. E-mail: [obituário@zerohora.com.br](mailto:obituário@zerohora.com.br)

INFORME-SE SOBRE OS PLANOS DE COMPRA ANTECIPADA DO CREMATÓRIO METROPOLITANO. ATENDIMENTO COMPLETO E ESTRUTURA DE ALTO PADRÃO.

LIGUE E INFORME-SE: **0800 5 12624**

[WWW.TUODOSOBRECREMACAO.COM.BR](http://WWW.TUODOSOBRECREMACAO.COM.BR)

[WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR](http://WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR)

**1000 CREMATÓRIO METROPOLITANO**  
SÃO LEI - CAMO IN - SÃO HOVE

### PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO

Jorge, Shanna, Karan, Alexandro, Raíssa, esposo, filhas, genro, neta, pais (*in memoriam*) irmãos, irmãs e demais parentes da

**Maria Conceição Martinewski**

☆ 27/11/1953 † 15/8/2015

comunicam, com tristeza, seu falecimento, e convidam para a missa de 7º dia, a ocorrer na Igreja Santo Antônio, Bairro Partanon, no dia 21 do corrente mês, às 19 horas. Agradecemos aos envolvidos durante a progressão da sua doença: Lar Moni; Dr. Julio Cesar Rigto; Drs. Ana Boscato e Patricia M. Swonok do HSLPUC, enfermeiros e cuidadoras Rosimari G. Pereira e Ana Beatriz dos Santos, pelo carinho e profissionalismo a ela dedicados.

Porto Alegre, 19 de agosto de 2015.

### ORAÇÃO DOS AFLITOS

Aflita se viu a Virgem Maria ao pé da cruz. Aflita se viu. Vai-me minha mãe de Jesus. Confio em Deus com todas as minhas forças por isso peço que ilumine meus caminhos. Conceda-me a graça que tanto desejo. Faça o pedido e mande publicar no 3º dia. Observe o que acontecerá no 4º dia. Agradece

L. M. M.

### PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO E CONVITE PARA MISSA DE SÉTIMO DIA

Rosa e Clávis, Beta e Mírio, Carlos Antônio e Rose, Augusto e Maria Helena, filhos, genros, noras, netos e bisnetos da querida

**Pasqualina Biamonte Rosito**

convidam para a missa de 7º dia, a ser realizada sexta-feira, dia 21/8/2015, às 18h, na Igreja Nossa Senhora da Auxiliadora. Agradecemos as manifestações de carinho recebidas dos familiares e amigos, da equipe do Hospital Moínhos de Vento, dos médicos, Dr. Aloysio Achutti e Dr. Paulo Rasolo, e das suas cuidadoras.

POSTOS DE ANÚNCIOS  
**ZH CLASSIFICADOS**  
ZH classificados

Encontre o lugar  
mais próximo  
para anunciar em  
ZH Classificados

#### LITORAL

Posto Capão da Canoa  
51 3325-7628 | Av. Paraguassu, 2501 - Loja 3

#### Tramandaí

51 36843252 | R. Pernambuco, 1187

## Obituário



**Pasqualina Biamonte Rosito**

Em 15 de agosto, morreu Pasqualina Biamonte Rosito, aos 95 anos, no Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre.

Natural da cidade italiana de Torano Castello, passou a infância e a juventude em Morano Calabro, também na Itália. Chegando ao Brasil no final da década de 1930, fugida da II Guerra, radicou-se em Porto Alegre.

Em 1944, casou-se com o italiano Antonio Rosito (*in memoriam*), com quem teve quatro filhos: Rosa Madalena, Elizabeth, Carlos Antonio e Augusto. Ela tinha ainda oito netos – Mário Antônio, Fabiana, Tônia, Carla, Elisa, Bruna, Rosana e Bianca – e seis bisnetos – Ana Paula, Antônio, Lorenzo, Maria Julia, Marina e Ângelo.

Pasqualina é definida pelo neto Mário Antônio como uma pessoa bondosa, meiga e carinhosa. Convivia com os familiares diariamente, para quem dedicava amor incondicional e orientação. Sua maior felicidade era ver os familiares reunidos. Até alguns anos atrás, enquanto a saúde permitia, tinha o costume de preparar comida italiana para recebê-los em sua casa.

Segundo o neto, a avó era devota da religião católica – orou para si e para a família até os últimos momentos de vida. Ele conta ainda que ela estava sempre de bem com a vida e que deixa um exemplo de dignidade e perseverança.

A missa de sétimo dia de Pasqualina será realizada amanhã, às 18h, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, em Porto Alegre.



**Frei Zeferino Rossetti**

Foi sepultado ontem, no Memorial dos Capuchinhos, em Caxias do Sul, o frei Zeferino Rossetti, após a celebração de despedida na Casa São Frei Pio, no Convento Imaculada Conceição. Ele morreu aos 90 anos, de falência de múltiplos órgãos, após cerca de três meses internado no Hospital Unimed, em Caxias. Frei Zeferino era irmão da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos havia 66 anos.

Filho de João Rossetti e Herminia Didoné Rossetti, o religioso nasceu com o nome de Augusto Rossetti, em Caxias, em uma família de 16 irmãos. Aos 22 anos, ingressou no convento dos Capuchinhos em Flores da Cunha, onde fez o noviciado. Em 1949, professor os votos religiosos, e assumiu o nome de Frei Zeferino de Caxias.

A vida do religioso foi dedicada aos serviços na cozinha dos seminários – onde preparava refeições para quase 300 seminaristas –, nas hortas dos conventos, no cuidado de parreiras – onde também ensinava aos seminaristas o trato com as uvas – e nas cantinas, como elaborador de vinhos.

Frei Zeferino viveu e trabalhou em seminários nos municípios de Ipê e Veranópolis durante a maior parte da vida. Em Veranópolis, onde atuou por 49 anos, dedicou-se também à música e ao canto pastoral. Tocava teclado e dirigiu um coral de crianças. Na década de 1970, apresentou-se no programa *Missa pelo 10*, da então TV Difusora, na Capital.

Ele também viveu e trabalhou

em conventos nos municípios de Garibaldi, Flores da Cunha e Ijuí, além da granja São José, em André da Rocha.

Em 2005, passou a residir na Fraternidade São Maximiliano Kolbe, em Caxias. Desde 2012, cuidava da saúde na Casa São Frei Pio.

Em 1999, celebrou o jubileu de ouro de vida religiosa. Segundo o frei Moacir Molon, Zeferino foi um religioso dedicado ao trabalho, e que tinha como características o carinho, a alegria e o bom humor. Dotado de simplicidade, também era conhecido pelo silêncio e pela oração.



**Ledy Goelzer Hercolani**

A aposentada Ledy Goelzer Hercolani morreu em 9 de agosto, aos 87 anos, no Hospital de Caridade de Santa Maria, na região central do Estado. Ela foi vítima de falência de múltiplos órgãos.

Nascida em Santa Maria, em 1927, mudou-se ainda na infância para o município de Jaguari.

Ao lado do marido, Ademar Hercolani, com quem se casou em 1949, Ledy trabalhou como comerciante em uma loja de tecidos e confecções.

Segundo o filho Newton, a mãe gostava de fazer crochê e era muito dedicada à família.

Viúva desde 2005, ela deixa cinco filhos – Maria Inês, Eloisa, Newton, Nilacir e Flávio – e cinco netos – André, Caroline, Camila, Carla e Emily.

O sepultamento de Ledy ocorreu em 10 de agosto, no Cemitério Municipal de Jaguari.



**Rubem Buss**

O médico Rubem Buss morreu em 17 de agosto, aos 89 anos, em Porto Alegre.

Natural de Santa Maria, Rubem se formou na UFRGS e iniciou a carreira atuando como clínico-geral no município de Nova Bassano.

Ao fixar residência em Porto Alegre, foi cirurgião-geral no Hospital de Pronto Socorro (HPS). Especializou-se em ginecologia e obstetria e trabalhou a maior parte da vida no Grupo Hospitalar Conceição e no Hospital Moinhos de Vento. Rubem ainda foi coordenador e secretário da Saúde de Porto Alegre no final dos anos 1970. Aposentou-se aos 75 anos.

Ele será lembrado pela competência, sensibilidade, humildade, dedicação e carinho com que exercia a profissão. Deixa ensinamentos a todos que o conectam.



**Yvonne Craig**

A atriz Yvonne Craig morreu na segunda-feira, aos 78 anos, na Califórnia (EUA), após anos de tratamento contra um câncer.

Seu papel mais marcante foi o de Batgirl na série de TV *Batman* (1966 - 1968), um dos seriados de maior sucesso do mundo. A versão feminina do herói foi introduzida na terceira temporada.

Craig tinha 30 anos quando

ingressou na série. Nascida nos EUA, começou a carreira como bailarina e chegou a fazer parte do Balé Russo de Montecarlo.

A partir dos 20 anos, passou a interpretar pequenos papéis no cinema. Atuou ao lado de Elvis Presley nos filmes *Loiras, Morenas e Ruivas* (1963) e *Com Caipira Não se Brinca* (1964).

A partir de 1972, ela deixou de atuar, enveredou para o ramo imobiliário e passou a viver longe da imprensa.

### Doudou N'diaye Rose

O músico e percussionista senegalês Doudou N'diaye Rose, classificado pela Unesco em 2006 como "tesouro humano vivo", morreu ontem, em Dacar, no Senegal, aos 85 anos, informaram sua família e uma associação senegalesa.

Segundo a imprensa local, Doudou N'diaye Rose apareceu saudável na terça-feira, no funeral de outro percussionista senegalês, Vieux Sing Faye.

Nascido em 28 de julho de 1930, em Dacar, o músico veio de uma família grão e por muito tempo liderou uma orquestra de dezenas de percussionistas, incluindo vários de seus parentes.

Em 2010, em entrevista, ele contou que precisou lutar contra seu pai, um contador, que rejeitava a ideia de ter um filho músico, e que levou muito "a sério" a sua arte.

– Eu nunca quis tocar cegamente. Procurei os mais velhos para que eles me ensinassem a língua muito específica da percussão: como anunciar que há um incêndio florestal, quando uma cobra morde alguém, que a esposa que acaba de se casar entra na residência marital e que seu marido é satisfeito com ela – explicou na época.

As informações publicadas nesta seção são gratuitas e devem ser enviadas à Redação com nome, endereço, número da identidade do remetente e telefone para contato. E-mail: [obituario@zerohora.com.br](mailto:obituario@zerohora.com.br)

INFORME-SE SOBRE OS PLANOS DE COMPRA ANTECIPADA DO CREMATÓRIO METROPOLITANO. ATENDIMENTO COMPLETO E ESTRUTURA DE ALTO PADRÃO.

LIGUE E INFORME-SE:

**0800 512624**

[WWW.TUODOSOBRECREMACAO.COM.BR](http://WWW.TUODOSOBRECREMACAO.COM.BR)

[WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR](http://WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR)

**7000 CREMATÓRIO METROPOLITANO**  
R. João de Deus, 1347 - São Paulo

### PALESTRA NO JARDIM DA PAZ

GRUPO DE REFLEXÃO ALÉM DA VIDA  
TEMA:  
**Espiritualidade e ciência: explicações para a morte e o luto.**

**Sábado, 22/08 às 11h**

CEMITÉRIO PARQUE JARDIM DA PAZ  
O mais belo Cemitério Parque do Brasil

Av. João O. Remião, 1347 (51) **3319.1312** [www.jardimdapaz.com.br](http://www.jardimdapaz.com.br)

### ORAÇÃO DOS AFLITOS

Alta se viu a Virgem Maria ao pé da cruz. Alta se vejo. Valei-me minha mãe de Jesus. Conto em Deus com todas as minhas forças por isso peço que ilumine meus caminhos. Conceda-me a graça que tanto desejo. Faça o pedido e mande publicar no 3º dia. Observe o que acontecerá no 4º dia. Agradece

L. M. M.

### ORAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, Vós que esclareceis tudo, que iluminais todos os caminhos para que eu atinja o meu ideal. Vós que nos dais o dom divino de perdoar e esquecer o mal que me fazem e que todos instantes da minha vida estais comigo, au quero neste curto diálogo agradecer por tudo, uma vez que eu nunca quero separar de vós, por maiores que sejam as tentações materiais. Pelo contrário, quero tudo fazer em prol da humanidade para que possa merecer a glória perpétua na Vossa Companhia. A pessoa deverá fazer essa oração 3 dias seguidos, sem dizer o pedido. Dentro de 3 dias será alcançada a graça por mais difícil que seja. Publicar assim que receber a graça.

A. F. P.

## Obituário



**Fortunato  
Brum Oliveira**

Em 9 de agosto, Dia dos Pais, Fortunato Brum Oliveira, 65 anos, ia para a casa da filha, Gisele Oliveira, e do genro, Marcelo Oliveira, em Pelotas, quando sofreu um infarto. Ele chegou a ser socorrido no Hospital de Pronto Socorro do município, mas não resistiu. Seu corpo foi sepultado no Cemitério da Boa Vista, junto à camiseta que a filha havia comprado para presentear-lo.

Filho de Theresa Oliveira e Ernesto Brum, Fortunato trabalhou como mecânico e, desde a década 1990, era taxista. Havia se aposentado há quatro meses.

O genro Marcelo, 42 anos, conta que trabalhou durante cinco anos com o sogro e que ele foi fundamental para sua formação no curso de Direito. Em 2012, quando Marcelo precisou abandonar o emprego para concluir os estudos, Fortunato o ajudou com os custos da mensalidade da faculdade, dos materiais, e com suas despesas domésticas.

Natural de Pelotas, Fortunato foi presidente da Sociedade Es-

portiva Cultural Juventus, clube de futebol do município. Amante do esporte, jogava em campeonatos de futebol amador.

Segundo Marcelo, o sogro deixa um legado de honestidade, bondade e perseverança, e a lembrança de seu bom humor. Ficam entuladas também as netas, Carolina Oliveira e Camila Oliveira.

Um culto em lembrança a Fortunato foi realizado no último dia 16, na Igreja Universal, em Pelotas.



**Armindo  
Birk**

Conhecido pelo espírito de liderança, o empresário Armindo Birk morreu em 13 de agosto, aos 80 anos. Ele sofria de Parkinson desde 2006 e estava internado no Hospital Regina, em Novo Hamburgo, desde janeiro.

Nascido no município de Dois Irmãos, Armindo se mudou para Novo Hamburgo aos 5 anos. Durante 48 anos, dedicou-se à Comercial Birk, empresa em que era sócio-fundador.

Atuante na comunidade, o empresário ocupou diversos cargos

em paróquias locais. Na Paróquia Nossa Senhora da Piedade, onde exerceu o diaconato permanentemente por 11 anos, foi ministro extraordinário da Comunhão Eucarística, presidente dos conselhos econômico e deliberativo, além de ter participado da Comissão de Ministérios e Liturgia e do coral da igreja, no qual cantou por 40 anos. Ele ainda foi administrador da Paróquia Nossa Senhora das Graças, em 2004, e coordenador dos ministros extraordinários da região de Novo Hamburgo.

Armindo também presidiu o Esporte Clube Novo Hamburgo, a Liga Hamburguesa de Futebol Amador, a Associação de Árbitros de Novo Hamburgo, a Associação de Pais e Mestres do Colégio Marista Pio XII e o Instituto dos Meninos Cantores de Novo Hamburgo - instituição que também ajudou a fundar.

Casado havia 58 anos com Villeda Birk, ele deixa o único filho, Gerson Luis Birk, e a neta, Giovana. Ficarão na lembrança da família a fé inabalável, o espírito de liderança, a bondade, a dedicação, a integridade e a disposição em ajudar.

A missa de sétimo dia de falecimento de Armindo está marcada para amanhã, às 17h, na Igreja Nossa Senhora da Piedade, em Novo Hamburgo.



**Haroldo  
Pereira Santos**

Natural de Caxias do Sul, o agricultor Haroldo Pereira Santos admirava o canto dos pássaros e adorava trabalhar na horta.

Aos 60 anos, ele morreu vítima de um infarto, em 14 de agosto, em Balneário Camboriú (SC). Haroldo havia se aposentado recentemente e morava no município catarinense.

Segundo o neto Francisco, o avô era uma pessoa batalhadora e atenciosa, que não media esforços para ajudar quem precisasse de auxílio. O neto afirma que ele deixará muita saudade.

A família e os amigos convidam para a missa em lembrança ao sétimo dia de falecimento de Haroldo, que será realizada hoje, às 21h, na Igreja da Luz, em Balneário Camboriú.



**Rosa Bortolini  
Cristofoli**

Morreu em 13 de agosto, no Hospital Tacchini, em Bento Gonçalves, a dona de casa Rosa Bortolini Cristofoli. Seu corpo foi sepultado no Cemitério Municipal de São Roque.

Nascida em 17 de novembro de 1927, em Bento, ela tinha 87 anos. Rosa trabalhou como agricultora no distrito de Linha Alcântara e dedicava-se ao lar havia 42 anos.

Viúva de Delvino Cristofoli, ela deixa três filhos - Odair, Nilvo e Elvo -, seis netos - Silvana, Alexandre, Samuel, Adriane, André e Rafael - e quatro bisnetos - Lorenzo, Maria Luisa, Maria Clara e Caterine.

Em 26 de agosto, será rezada uma missa em sua homenagem na Igreja Nossa Senhora de Caravaggio, em Bento Gonçalves.

As informações publicadas nesta seção são gratuitas e devem ser enviadas à Redação com nome, endereço, número da identidade do remetente e telefone para contato. E-mail: [obituario@zerohora.com.br](mailto:obituario@zerohora.com.br)

PLANOS DE COMPRA ANTECIPADA  
DO CREMATÓRIO METROPOLITANO.

LIGUE E INFORME-SE:  
**0800 5 12624**

**CREMATÓRIO  
METROPOLITANO**  
SÃO JOÃO - CENTRO III - 90071-150

[WWW.TUODOSBRECREMACAO.COM.BR](http://WWW.TUODOSBRECREMACAO.COM.BR)

[WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR](http://WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR)



### NOTA DE FALECIMENTO

A Sociedade Brasileira de Angiologia e de Cirurgia Vasculares - Regional Rio Grande do Sul, com pesar comunica o trigésimo dia do falecimento do

## Dr. Mário Hortêncio da Silva

ocorrido no dia 21 de julho de 2015. Sócio emérito, fundador da regional e presidente da gestão 1958-1959, além de inúmeras atividades na sociedade.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2015.



### 1º Ano de Falecimento

Walter Otto Cybis (esposo), filhas e filhos, nora e genros, netos, netas, bisneto, cunhada e irmã da nossa muito querida e inesquecível

## THERESINHA DE JESUS DE ABREU CYBIS

11.03.1930 - 23.08.2014

convidam para a missa em sufrágio de sua alma, a ser celebrada no dia 23/8/2015 (domingo próximo), às 10h, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Aos que conheceram e amaram o anjo de ternura e bondade que foi Theresinha, gratos pelas orações e conforto.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2015.



**SBACVRS**  
Sociedade Brasileira de Angiologia  
e de Cirurgia Vasculares  
Regional Rio Grande do Sul

### COMUNICADO 30 DIAS DE FALECIMENTO

## Dr. Mário Hortêncio da Silva

A Sociedade Brasileira de Angiologia e de Cirurgia Vasculares - Regional Rio Grande do Sul, com pesar, comunica o falecimento de nosso sócio emérito, Fundador da Regional/RS e Presidente da Gestão 1958-1959, ocorrido no dia 21 de julho de 2015.

**CONVITE PARA MISSA DE SÉTIMO DIA**  
Pais, Maria Luiza L. V. Gobbi, Pedro José Gobbi, Maria Helena G. F. Vianna (in memoriam), Paulo Augusto Lima Vianna, irmãos Marcos, Lísia, Daniel, Igor, Rodrigo, e amigos da nossa querida e sempre amada



## Jéssica Darliz Frantz Vianna

convidam para a missa de 7º dia, a ser celebrada na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Rua Gen. Caldwell, 1022, Azenha, Porto Alegre/RS, no dia 22/8/2015 (sábado), às 19h30min. Antecipam agradecimentos.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2015.

## Obituário

### Cleiton Geovani Kurtz



Uma camiseta que lembra o uniforme da Seleção Brasileira era uma das características do figurino de Cleiton Geovani Kurtz, o Willmutt – nome dado ao seu personagem alemão –, que morreu em 21 de agosto. O humorista paranaense de 39 anos foi vítima de um acidente no município de Aporé, em Goiás, quando voltava de um show.

Cleiton era natural e morador de Marechal Cândido Rondon, no oeste do Paraná – cidade citada com frequência nos trotes telefônicos que Willmutt aplicava em centrais de atendimento. Cônsul do Inter em sua cidade natal, ele deixa a mulher e um filho.

O personagem de sotaque alemão carregado nasceu de uma brincadeira entre amigos. Mas, somente dois anos depois, a gravação do primeiro trote se tornou conhecida por meio da internet. O resultado foi um site próprio que já havia sido alimentado com mais de 200 trotes.

O sucesso de Willmutt fez com que Cleiton apostasse na carreira humorística também nos palcos, realizando shows em todo o país com piadas, brincadeiras e interações com o público. O personagem também já participou de diversos programas de televisão de emissoras regionais e nacionais.

### Sônia Etalaine Souto da Silva



Morreu ontem, às 5h, Sônia Etalaine Souto da Silva, aos 77 anos. Vítima de insuficiência cardíaca, a contadora aposentada estava internada havia cerca de um mês no Hospital Militar de Área de Porto Alegre.

Natural de São Gabriel, Sônia trocou a região da campanha pela Capital após a morte do marido, Nelci Romero da Silva, para poder viver mais perto dos filhos – Clever Souto da Silva, Clauto Souto da Silva e Claudia Souto da Silva Herter.

De acordo com o genro Alexandre Herter, a dona de casa gostava de passear com a família e ir ao shopping. No entanto, as atividades que mais lhe davam alegria eram realizadas dentro de casa: Sônia adorava cozinhar e se dedicar às tarefas do lar.

– Ela era caseira e também muito ligada à família. A Sônia também tinha uma vastidão de amigos, tanto em São Gabriel quanto em Porto Alegre. Era uma mulher muito querida e admirada por todos – conta Alexandre.

Além dos três filhos, Sônia deixa os irmãos Edson e Tânia e três netos: Eduardo, Pedro e Ricardo.

O velório ocorreu ontem, no Crematório Metropolitano São José, em Porto Alegre, onde também foi cremada.

### Josephina Margarida Reckziegel

A cantiga popular *Alecrim Dourado* foi cantada pelos 12 sobrinhos de Josephina Margarida Reckziegel antes de seu sepultamento, que ocorreu em 20 de agosto, no Cemitério São João, em Porto Alegre. Solteira, Tia Marga – como era conhecida por familiares – cuidava dos filhos de seus irmãos e ensinava às crianças músicas e versos que foram lembrados com carinho durante a missa de corpo presente.

Josephina morreu em 19 de agosto, um dia após ter completado 89 anos. Ela estava internada na Santa Casa de Porto Alegre e não resistiu a complicações devido a uma septicemia e a uma pneumonia bacteriana.

Filha de Rodolfo Reckziegel e Alzira Monteiro Reckziegel (ambos *in memoriam*), ela era natural de Venâncio Aires, no Vale do Rio Pardo. De acordo com a irmã Isabel Reckziegel – a única que ainda vive entre os 12 filhos do casal –, Josephina passou por problemas de depressão após a morte da mãe, com a qual tinha uma relação muito íntima e afetuosa. No entanto, o apoio da família e a fé foram fundamentais para que ela conseguisse seguir em frente.

– Ela sempre conseguia se levantar e enfrentar os problemas. Era uma pessoa inteligente e perspicaz que amava a vida – conta Isabel.

Graduada em Serviço Social pela PUCRS, Josephina trabalhou como assistente social em Porto Alegre e como professora em cidades do interior do Esta-

do. Segundo Isabel, Josephina gostava de trabalhar rodeada de pessoas e se dedicava à carreira com entusiasmo.

A irmã conta ainda que a música era uma das atividades preferidas de Josephina, que cantava e tocava instrumentos como violão, piano e gaita de boca. Além disso, a casa de praia de Tia Marga também proporcionava a ela bons momentos.

Em Rondinha, no Litoral Norte, um detalhe projetado pelos sobrinhos em homenagem ao apelido de Josephina dava boas-vindas a quem visitasse a residência. “A casa da Vêia Fuca” foi escrito na porta de entrada.

– Vêia Fuca foi uma personagem inventada por ela para assustar as crianças quando elas não se comportavam. Se eles não ficassem quietos, ela chamaria a Vêia Fuca. Isso marcou a infância deles – diverte-se Isabel, ao lembrar da história.

Além da irmã e dos sobrinhos, Josephina deixa 24 sobrinhos-netos e cinco sobrinhos-bisnetos.

A missa de sétimo dia será realizada em 26 de agosto, às 18h30min, na Paróquia da Pompeia (Rua Barros Cassal, 220, Floresta), em Porto Alegre.



### Olga Dias Barreto

Olga Dias Barreto morreu, em 13 de agosto, aos 80 anos.

A aposentada foi vítima de um infarto em casa, em Veranópolis. Natural de Caxias do Sul, Olga era viúva de Darcy Barreto havia 10 anos. Juntos, construíram mais de cinco décadas de história, da qual nasceram as filhas Ana e Beatriz e os netos Ricardo e Paulo.

Médica, aposentou-se por motivos de doença. Os pais, Valter e Angélica (ambos *in memoriam*), valorizavam os investimentos feitos na educação da filha e sempre tiveram muito orgulho da profissão que Olga escolheu.

A missa de sétimo dia ocorreu em 20 de agosto.

### Eracliton Nunes Ramalho

“Te amo, ‘doutorzinho’, e vou te amar sempre. Só não me peça pra não chorar”, escreveu Elba Ramalho na legenda de uma foto publicada em sua conta no Instagram, após a morte do irmão Eracliton Nunes Ramalho. “Acabo de perder um irmão, esse jovem da foto, com esse sorriso estampado no rosto e o coração do tamanho do mundo”, disse a cantora.

Em 21 de agosto, por volta das 20h, Eracliton foi internado no Hospital Estadual de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa, na Paraíba. Vítima de atropelamento, o cirurgião dentista de 62 anos passou por um procedimento cirúrgico, mas não resistiu.

Segundo a funerária São João Batista, de João Pessoa, o corpo de Eracliton foi velado na tarde de sábado.

As informações publicadas nesta seção são gratuitas e devem ser enviadas à Redação com nome, endereço, número da identidade do remetente e telefone para contato. E-mail: [obituario@zerohora.com.br](mailto:obituario@zerohora.com.br)

INFORME-SE SOBRE OS PLANOS DE COMPRA ANTECIPADA DO CREMATÓRIO METROPOLITANO. ATENDIMENTO COMPLETO E ESTRUTURA DE ALTO PADRÃO.

LIGUE E INFORME-SE: **0800 512624**

[WWW.TUDOSOBRECREMACAO.COM.BR](http://WWW.TUDOSOBRECREMACAO.COM.BR)

[WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR](http://WWW.CREMATORIOMETROPOLITANO.COM.BR)

**CREMATÓRIO METROPOLITANO**  
São José - Campo 10 - São Paulo

### ORAÇÃO A SANTO EXPEDITO

Oração - Que a intercessão do glorioso mártir Santo Expedito nos recomende, ó Deus, junto a Vossa Bondade, a fim de que com sua proteção obtenhamos o que as nossas próprias méritos são impotentes para alcançar. Assim seja. Nós vos suplicamos, Senhor que nos inspireis com Vossa graça, todos os nossos pensamentos e ações, para que eles encontrem em Vós, seu princípio e sejam por intercessão de Santo Expedito, lavados com coragem, fidelidade e prontidão, o tempo próprio e favorável a om e feliz fim. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, assim seja.

SUPLICA - Santa Expedito, honrados pela reconhecimentos daqueles vos invocaram a última hora e para negócios urgentes, nós vos suplicamos que nos obtenhais da bondade misericordiosa de Deus, por intercessão de Maria Imaculada (hoje ou em tal dia), a graça de... que com toda submissão solicitamos graça Divina. Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai.

Agradeco por muitas graças alcançadas.

### ORAÇÃO

Vós, Santa Edwige, que fostes na terra amparo dos pobres e desvalidos e socorro dos endividados, no céu onde gozais o eterno prêmio da caridade que praticastes, confiante peço, sede a minha advogada para que de Deus eu obtenha a graça de... (dize-se a graça que se pretende) e por fim a graça suprema da salvação eterna. Agradeço por graças recebidas. M. A. F.

**QUERIDA mãe Nossa Senhora Aparecida, Vós que nos amais e nos guiais todos os dias, vós que sois a mãe bela das mães, a quem eu amo de todo coração. Eu vos peço mais uma vez, que me ajudeis a alcançar esta graça, por mais dura que ela seja. Sei que vós me ajudareis, sempre até a hora da minha morte. Amém.**

**Rezar 1 Pai Nosso, 1 Ave Maria. Fazer 3 dias seguidos esta oração que alcançará por mais difícil que ela seja.**

**Mandar publicar no 3º dia. Em caso extremo fazer esta oração em 3 horas.**

**Agradecer por várias graças alcançadas.**

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – Questionário**

Idade:

- Você aprova ou desaprova a publicação de morte em jornais?

Sim  Não

Você já ouviu falar da seção de obituários do jornal Zero Hora?

Sim  Não

- Em caso afirmativo: Você lê a seção com certa frequência?

Sim  Não

- Em caso afirmativo: Com qual frequência?

Todos os dias  Somente quando morre algum famoso

Pelo menos três vezes por semana  Pelo menos uma vez por semana

Pelo menos uma vez ao mês  Somente ao fim de semana

Somente aos domingos

- Em caso afirmativo: Você considera os textos de fácil compreensão?

Sim  Não

- Em caso afirmativo: O que desperta a sua atenção nos obituários e faz com que leia o texto?

Título  Texto  Foto  Localização na página

- Você já encaminhou algum falecimento para ser anunciado na seção?

Sim  Não

- Você é assinante do jornal Zero Hora?

Sim  Não

Não, mas compro em banca com frequência

Não, mas compro em banca sem frequência

- A leitura dos obituários de Zero Hora provoca algum tipo de pensamento ou sentimento? Qual?

- Gostaria que sua morte fosse anunciada na seção? Por quê?